





CAIRO





*F. Rocha del.*

*Pinna sc.*

N<sup>o</sup>

Estante *P*  
Prateleira *3*



Victor Perez

Apeso 6

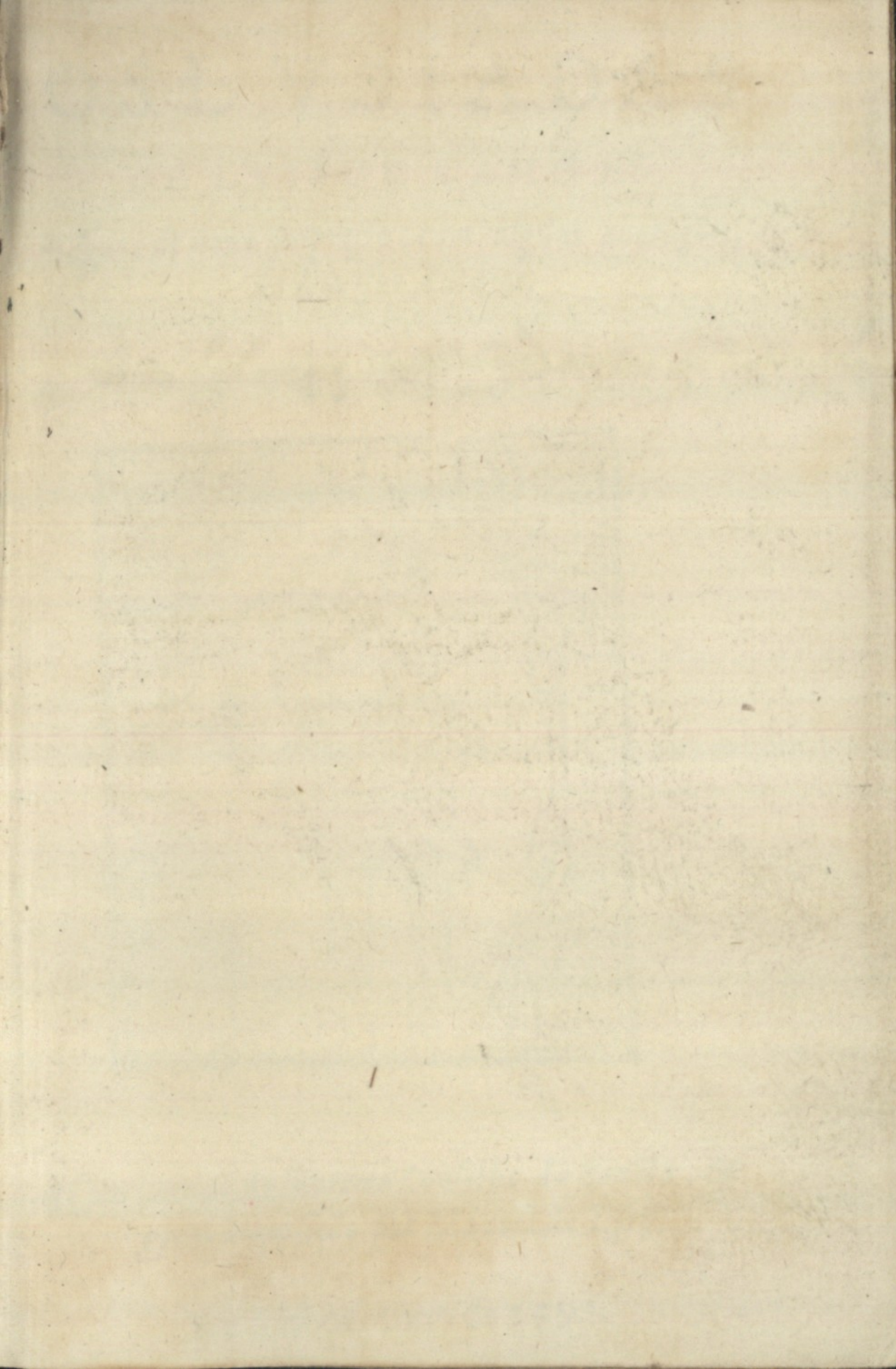
Cam  
1163

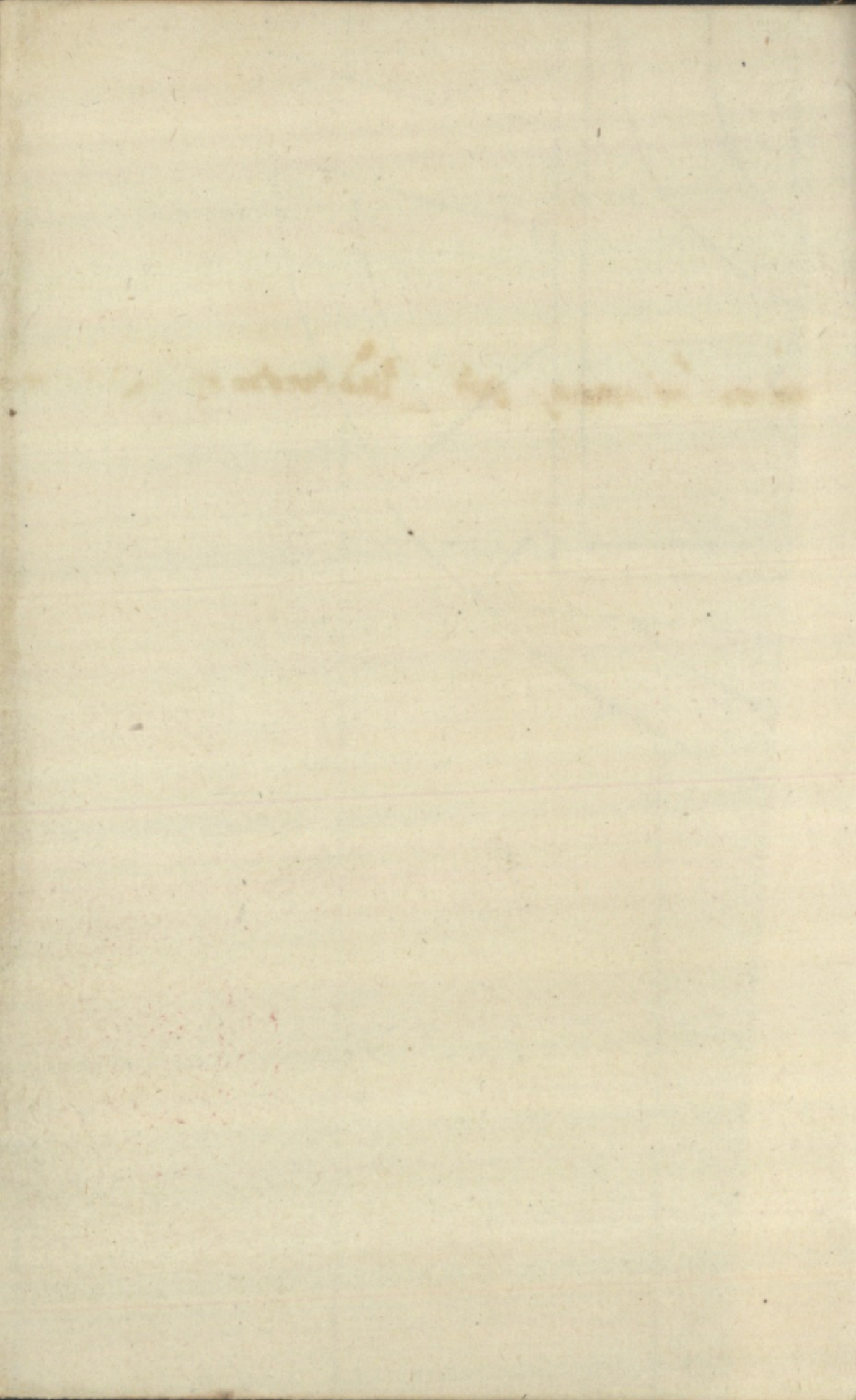
MICROFILMADO

F.R. 744

5-7-01

MICROFILMADO





# OS LUSIADAS

DE LUIS DE CAMOES.

Agora de nouo impresso, com algũas anotações,  
de diuersos Autores.

*Em Lisboa, na Typographia da Regia*



Com licença do subremo Conselho da Sancta, e  
geral Inquisição por Manoel de Lyra.

Em Lisboa. Anno de 1591.

COMPRA

237179

Cam  
1163

Agora de novo impreso con algunas adiciones de algunos autores.

~~...~~



Emilio...  
...



Y por mandado do Illustrissimo, & reuerendissimo senhor Arcebispo de Lisboa, Inquisidor geral destes reynos, os Lusíadas de Luis de Camões, cõ algũas glosas, o qual liuro assi emmendado como agora vay, não tem cousa contra a fee, & bõs costumes, & pode se imprimir. E o autor mostrou nelle muito engenho & erudição.

Fr. Bertolameu  
Ferreira.

Vista a informação, pode se imprimir, & depois de impresso tornarà a esta mesa com o original emmendado. pera se conferir com elle, & se lhe dar licença pera correr. Em Lisboa. 15 de Mayo. de 84.

Manoel de Coadros. Paulo Afonso.  
Iorge Sarrão.

por mandado do Illustre  
mo. & venerabilissimo senhor  
Arcebispo de Lisboa, e  
dono de certos bens nos  
lidas de Lisboa de certos  
alios, e qualis  
e mandado como se  
e ocaz. & dos  
em. E o autor  
e mandado

João Berthelmen  
Arcebispo

Vista informacio  
de  
com  
de  
de

Manuel de  
João Afonso  
João Sardo

# OS LUSIADAS

## DE LVIS DE

*Camões.*

¶ Embarcado Vasco da Gáma, & seguindo  
do sua derrota: fingese neste inter poetica  
méte cêselhõ entre Iupiter, & outros fal-  
sõs Deoses. Chega a Moçábique. onde el  
Rey lhe dá falso piloto. Parte-se de  
qui, & profegue sua  
viagem.

### CANTO PRIMEIRO.



S A R M A S & os va-  
rões assinalados,  
Que da Ocídétal praya  
Lusitana,  
Por mares nunca de an-  
tes nauiegados

Passarão ainda alem da Taprobána:  
Em perigos & guerras esforçados  
Mais do q̄ prometia a força humana:  
Entre gente remota edificarão  
Nouo Reyno, que tanto sublimarão.

A

E tãma



## Os Lusíadas de L. de Camões

2 E também as memorias gloriosas  
Daquelles Reis que foram dilatando  
A fee, o Imperio, & as terras viciosas  
De Africa, e de Asia andarã deuastãdo:  
E aquelles que por obras valerosas  
Se vão da lei da morte libertando.  
Cantando espalharey por toda parte,  
Se a tãto me ajudar o engenho & arte.

3 Cessem do sabio Grego, & do Troyano  
As nauegações grandes que fizerão,  
Callese de Alexandro, & de Trajano  
A fama das victorias que tiuerão:  
Que eu canto o peito illustre Lusitano  
A qué Neptuno & Marte obedecerão,  
Cesse tudo o que Musa antiga canta,  
Que outro valor mais alto se aluanta

4 E vos Tagides minhas, pois criado  
Têdes em mi hũ nouo engenho ardête  
Se sêpre em verso humilde celebrado,  
Foy de mi vosso rio alegremente:  
Daime agora hũ som alto & sublimado  
Hum estillo grandiloco & corrente,  
Porque de vossas agoas Phebo ordene,  
q̃ não tenhá enueja às de Hypocrene.

Daime

*Canto primeiro.* 2

5 **D**aime hũa furia grande & sonora  
E nã de agreste auena, ou frauta ruda,  
Mas de tuba canora & belicosa,  
q̃ o peito acêde, e a cor ao gesto muda:  
Daime igual cãto aos feitos da famosa  
Gente vossa que Marte tanto ajuda,  
Que se espalhe & se cante no vniuerso,  
Se tam sublime preço cabe em verso.

6 **E** vos ò bem nascida segurança  
Da Lusitana antiga liberdade,  
E não menos certissima esperança,  
De aumêto da piquena Christandade:  
Vos ò nouo temor da Maura lança,  
Marauilha fatal da nossa idade, (de  
Dada ao mũdo por Deosq̃ todo o m̃do  
Pera do mũdo a Deosdar parte grãde.

7 **V**os tenro, & nouo ramo florecente,  
De hũa aruore de Christo mais amada  
Que nenhũa nascida no Occidente,  
Cesarea, ou Christianissima chamada:  
Vedeo no vosso escudo, que presente  
Vos amostra a victoria ja passada  
Na qual vos deu por armas. & deixou  
As que elle pera sina Cruz tomou.

*Os Lusíadas de L. de Camões.*

8 Vos poderoso Rey, cujo alto Imperio,  
O Sol logo em nascendo ve primeiro,  
veo tãbem no meyo do Hemispherio  
E quando deçe o deixa derradeiro:  
Vos que esperamos jugo & vituperio,  
Do torpe Ismaelita caualleiro:  
Do Turco Oriental, & do Gentio  
Que inda bebe o licor do sancto rio.

9 Inclina y por hum pouco a Magestade,  
Quen esse tenro gesto vos contemplo,  
Que jase mostra, qual na inteira idade  
Quando subindo ireis ao eterno tẽplo  
Os olhos da real benignidade  
Põde no chão: vereis hũ nouo exẽplo,  
De amor, dos patreos feitos valerosos,  
Em versos deuulgados numerosos.

10 Vereis amor da patria, não mouido  
De premio vil, mas alto, & casi eterno  
Quenão he premio vil ser conhecido  
Por hũ pregã do ninho meu paterno  
Ouui vereis o nome engrandecido  
Daquelles de quẽ sois senhor superno:  
E julgareis qual he mais excellẽte,  
Se ser do mũdo Rei, se de tal gente.

Canto primeiro 2

Ouui que não vereis com vãs façanhas,  
Fantásticas, fingidas, mentiroſas,  
Louuar os voſſos, como nas eſtranhas  
Mulas, de engrandecer deſejoſas:  
As verdadeiras voſſas ſão tamanhas  
Que excedem as ſonhadas fabuloſas:  
q̃ excedê Rodamôte, & o vão Rugeiro  
E Orlando, inda q̃ fora verdadeiro.

12 Por eſtes vos darey hũ Nuno fero,  
Que fez ao Rei, & ao Reino tal ſeruiço  
Hũ Egas, & hũ dõ Fuas, q̃ de Homero  
A Citara parelles ſo cobiço  
Pois polos doze Pares daruos quero  
Os doze d'Inglaterra, & o ſeu Magriço  
Douuos tâbem aquelle illuſtre Gama  
Que para ſi de Eneas toma a fama.

13 Pois ſe a troco de Carlos Rey de França  
Ou de Cæſar quereis igual memoria,  
Vede o primeiro Afonſo, cuja lança  
Eſcura faz qualquer eſtranha gloria:  
E aquelle que a ſeu Reyno a ſegurança  
Deixou, cõ a grãde & preſpera vitoria,  
Outro Ioane, inuictõ caualleiro  
O quarto, & quinto Afõſo, e o terceiro.

*Os Lusíadas de L. de Camões.*

14 Nem deixarão meus versos esquecidos  
Aquelle que nos Reynos la da Aurora  
Se fizerão por armas tão subidos,  
Vossa bandeira sempre vencedora:  
Hú Pacheco fortíssimo, & os temidos  
Almeidas, por qué sêpre o Tejo chora  
Alburquerque terrível, Castro forte  
E outros é qué poder ná teue a morte.

15 E é quáto eu estes cáto, & a vos ná passo  
Sublime Rei, q̄ não me atreuo a tanto  
Tomay as redeas vos do Reino vosso  
Dareis materia a nunca ouuido cantos:  
Comecem a sentir o peso grosso,  
(Que pelo múdo todo faça espanto)  
De exercitos, & feitos singulares,  
De Africa as terras, & do Oriête os ma  
(rea

16 Em vos os olhos tem o Mouro frio,  
Em quem vê seu exício afigurado,  
So com vos ver o barbaro Gentio  
Mostra o pescoço ao jugo ja inclinado  
Thetis todo o ceruleo senhorio  
Tem pera vos por dote aparelhado,  
Que affeiçãoada ao gesto bello, & tẽro.  
Deseja de compraruos para genro.

Canto primeiro. 4

- 17 Em vos se vem da Olimpica morada,  
Dos dous auôs, as almas ca famosas  
Húa na paz angelica dourada,  
Outra polas batalhas sanguinosas:  
Em vos esperão, ver se renouada  
Sua memoria, & obras valerosas,  
E la vos tem lugar no fim da idade,  
No templo da suprema eternidade,
- 18 Mas em quãto este tempo passa léto,  
De regerdes os pouos, que o desejão,  
Day vos fauor ao nouo atreuimento,  
Para q̃ estes meus versos vossos sejão:  
E vereis ir cortando o falso argento  
Os vossos Argonautas, porq̃ vejão  
Que sam vistos de vos no mar irado.  
E costumaiuos ja a ser inuocado.
- 19 Ia no largo Oceano nauegauão,  
As inquietas ondas apartando  
Os ventos brandamente respirauão,  
Das naos as vellas concauas inchando:  
Da bráca escuma os mares se mostrauã  
Cubertos, onde as proas vão cortando  
As maritimas agoas consagradas,  
Que do gado de Proteo sam cortadas.

*Os Lusíadas de L. de Camões.*

- 20 Quando Iupiter, no Olimpo luminoso  
Onde o governo está da humana gēte  
Se ajunta em consilio glorioso,  
Sobre as cousas futuras do Oriente:  
Pisando o cristalino Ceo fermoso,  
Vem pela via Lactea, juntamente,  
Conuocados os da parte de Tonante,  
Pelo Neto gentil do velho Atlante.
- 21 Deixão dos sete Ceos o aposento  
Que do poder mais alto lhe foy dado,  
Alto poder, que so co pensamento  
Gouerna o ceo, a terra, & o mar irado:  
Ali se acharão juntos num momento  
Os que habitão o Arcturo congelado,  
E os q̃ o Austro tē, & as partes onde  
A Aurora nasce, & o claro Sol se escōde
- 22 Estaua o Padre ali sublime & dino,  
Que vibra os feros rayos de Vulcano,  
Num assento de estrellas cristalino,  
Com gesto alto, seuero & soberano:  
Do rosto respiraua hum ar contino  
Que diuino tornara hū corpo humano  
Com hūa coroa, & ceptro rutilante,  
De outra pedra mais clara q̃ diamante.

23 Em luzentes assentos marchetados  
De ouro è de perlas, mais abaixo estauã  
Os outros Idolos todos assentados,  
Como a razão, & ordẽ concertauauão:  
Precedem os antigos mais honrados,  
Mais abaixo os menores se assentauão  
Quando Iupiter alto assi dizendo,  
Co tó da voz começa, graue e horrêdo.

24 Eternos moradores do luzente  
Estelifero polo, & claro assento,  
Se do grande valor da forte gente,  
Do Luso, não perdeis o pensamento:  
Deueis de ter sabido claramente  
Como he dos fados grãdes certo intêto  
Que por ella esqueção os humanos,  
De Afsirios, Persas, Gregos, e Romanos.

25 Ia lhe foy (bem o vistes) concedido  
Cum puder tão singelo, & tã piqueno  
Tomar ao Mouro forte & goarnecido  
Toda a terra q̃ rega o Tejo ameno:  
Pois contra o Castelhana tão temido,  
Sempre alcançou fauor do ceo sereno,  
Assi q̃ sempre em fim cõ fama & gloria  
Teue ostropheos pédêtes da victoria.

## Os Lusíadas de L. de Camões

26 Deixo senhores atrás a fama antiga,  
Que coa gente de Romulo alcançarão  
Quando com Variato, na inimiga  
Guerra Romana tanto se affamarão:  
Tambê deixo a memoria q̃ os obriga  
A grande nome, quando alevantarão  
Hum por seu capitão, que peregrino  
Fingio na Cerua espirito diuino.

27 Agora vedes bem, que cometendo,  
O duuidoso mar, num lenho leue  
Por vias nũca vsadas, não temêdo (ue:  
De Africo e Noto a força a mais satre-  
Que auendo tanto ja q̃ as partes vêdo,  
Onde o dia he cõprido & onde breue,  
Inclinão seu proposito & perfia,  
A ver os berços, onde nasce o dia.

28 Prometido lhe está do fado eterno,  
Cuja alta ley não pode ser quebrada,  
Que tenham longos tempos o gouerno  
Do mar, q̃ vê do Sol a roxa entrada,  
Nas agoas tem passado o duro inuerno  
A gente vem perdida & trabalhada,  
Ia parece bem feito, que lhe seja  
Mostrada a noua terra que deseja.

Canto primeiro. 7

29 E porque, como vistes, tem passados  
Na viagem tão asperos perigos,  
Tantos clymas, & ceos exprimétados  
Tanto furor de ventos, inimigos:  
Que sejam, determino agosalhados  
Nesta costa Africana, como amigos,  
E tendo guarnecido a lassa frota,  
Começarão a seguir sua longa rota.

30 Estas palauras Iupiter dezia,  
Quando todos por ordé respondêdo  
Na sentença hum do outro defferia,  
Razões diuersas dando & recebendo:  
O Padre Bacho, ali nam consentia  
No que Iupiter disse, conhecendo  
Que esquecerão seus feitos no Oriête,  
Se la passar a Lusitana gente.

31 Ouuido tinha aos Fados que viria  
Hũa gente fortíssima de Espanha  
Pello mar alto, a qual sogeitaria  
Da India, tudo quanto Doris banha:  
E com nouas vitorias venceria  
A fama antiga, ou sua, ou fosse estranha  
Altamente lhe doe perder a gloria  
De q̃ Nisa celebra inda a memoria.

Ve que

*Os Lusíadas de L. de Camões.*

32 Ve que ja teue o Indo sojugado  
E nunca lhe tirou fortuna ou caso  
Por vencedor da India ser cantado  
De quantos bebem a agoa de Parnaso:  
Teme agora que seja sepultado  
Seu tá celebre nome, em negro vaso  
Dagoa do esquecimento, se la chegão.  
Os fortes Portugueses que nauegão.

33 Sustentaua contra Bacho Venus bella,  
Affeiçãoada à gente Lusitana,  
Por quantas qualidades via nella,  
Da antiga tão amada íua Romana:  
Nos fortes corações, na grande estrellã  
Que mostrarão na terra Tingitana,  
& na lingua, na qual quãdo a imagina,  
Cõ pouca corrupção cre q̃ he a Latina.

34 Estas cousas mouião Cytherea,  
E mais, porq̃ das Parcas clara entende  
Que ha de ser celebrada a nunca fea,  
Onde a gente beligera se estende:  
Assi que hũ pella infamia que arrecea  
E o outro pellas honras que pretende,  
Debatein, & na porfia permanecem,  
A qualquer seus amigos fauorecem.

Qual

Canto primeiro 7

35 Qual Austro fero, ou Boreas na espessura  
De syluestre aruoredo abastecida,  
Rôp do os ramos vão da mata escura  
Com impeto & braueza desmedida:  
Brama toda môtanha, o som murmura  
Rôpêse as folhas, ferue a serra erguida  
Tal andaua o tumulto levantado,  
Entre Venus & Bacho apaixonado.

36 Mas Marte que de Venus sustentaua  
Entre todos as parte em porfia,  
Ou porque o amor antigo o abrigaua,  
Ou porque a gente forte o merecia:  
De entre todos em pee se levantaua,  
Merencorio no gesto parecia,  
O forte escudo ao collo pendurado,  
Deitâdo pera tras medonho, & irado.

37 A viseira do elmo de diamante,  
Aleuantando hũ pouco, muy seguro,  
Por dar seu parecer se pos diante  
De Iupiter, armado, forte & duro:  
E dando hũa pancada penetrante,  
Co conto do bastão, no folio puro,  
O ceo tremeo, & Apolo de tornado,  
Hũ pouco a luz perdeo, como inflado  
E disse

*Os Lusíadas de L. de Camões.*

38 E disse assi, ò Prdre a cujo Imperio,  
Tudo aquillo obe lece que criaſte,  
Se eſta gête q̃ buſca outro Emiſpherio  
Cuja valia, & obras tanto amaſte:  
Não queres q̃ padeçam vituperio  
Como ha ja tanto tẽpo que ordenaſte,  
Não ouças mais, pois es juyz direito,  
Razões de quem parece q̃ he ſoſpeito

39 Que ſe aqui a razão não ſe moſtraſſe  
Vencida do temor demaſiado,  
Bem fora que aqui Bacho os ſuſtẽtaſſe  
Pois que de Luſo vê, ſeu tão privado:  
Mas eſta tenção ſua, agora paſſe,  
Porq̃ em fim vê de eſtamago danado,  
Que nunca tirará alhea enueja,  
O bê q̃ outrẽ merece, & o ceo deſeja.

40 E tu Padre de grande fortaleza,  
Da determinaçam q̃ tens tomada,  
Nã tornes por detras, pois he fraqueza  
Deſiſtirſe da couſa começada:  
Mercurio pois excede em ligeireza  
Ao vento leue, & à ſeta bem talhada,  
Lhe va moſtrar a terra òde ſe informe  
Da India, & onde a gente ſe reforme.

Como

Canto primeiro. 8

- 41 Como isto disse Marte riguroso,  
Iupiter com rosto ledo, - consentio  
No que disse Mauorte valeroso,  
E Nectar sobre todos esparzio:  
Pelo caminho Lacteo glorioso,  
Logo cada hum delles se partio,  
Fazendo seus reaes acatamentos,  
Pera os determinados aposentos.
- 42 Em quanto isto se passa, na fermosa  
Casa Eterea do Olimpo omnipotente  
Cortaua o mar a gente belicosa,  
Ia la da banda do Austro, & do Oriete:  
Entre a costa Ethiopia, & a famosa  
Ilha de sam Lourenço, & Sol ardente  
Queimaua o Sol aquelles que Tifeo  
Co temor grãde em peixes conuerteo.
- 43 Tão brandamente os ventos os leuauão,  
Como quem o ceo tinha por amigo,  
Serenos o ar, & os tempos se mostrauão  
Sem nuués, sem receio de perigo:  
O promontorio prasso ja passauão,  
Na costa de Ethiopia nome antigo,  
Quãdo o mar descobrindo lhe mostraua  
Nouas ilhas q̃ em torno cerca, & laua.
- Vasco

*Os Lusíadas de L. de camões*

44 Vasco da Gama o forte Capitão  
Que a tamanhas empresas se offrece,  
De soberbo, & altiuo coração,  
Aquem fortuna sempre fauorece  
Pera se aqui deter não ve rezão,  
Que inhabitada a terra lhe parece:  
Por diante passar determinaua:  
Mas não lhe sócedeo como cuidaua.

45 Eis logo aparecem em companhia,  
Húspiquenos bateis, q̄ vem daquella  
Que mais chegada à terra parecia,  
Cortando o longo mar cō larga vella:  
A gente se aluoroça, & de alegria  
Não sabe mais que olhar a causa della,  
Que gente sera esta em si dezião,  
Que costumes, q̄ ley, q̄ Rey terião.

46 As embarcações erão na maneira  
Mui veloces, estreitas & compridas,  
As vellas com q̄ vem erão de esteira,  
Duas folhas de Palma bem tecidas:  
A gente da cor era verdadeira,  
Que Phaeton nas terras acendidas  
Ao mūdo deu, de ousado, & nã prudēte  
O Pado o sabe, & Lampetusa o sente.

## Canto primeiro

47 De panos de algodão vinhão vestidos,  
De varias cores, brancos, & listrados,  
Hús trazem derredor de si cingidos,  
Outros em modo ayroso sobraçados:  
Da cinta para cima vem despídos,  
Por armas tem adagas & traçados:  
Com toucas na cabeça, & nauegando, ]  
Anafis sonoros vão tocando.

48 Cos panos, & cos braços acenauão,  
Aas gentes Lusitanas, que esperassem:  
Mas ja as proas, ligeiras se inclinauão  
Pera q̃ junto às Ilhas amainassem:  
A gente, & marinheiros trabalhauão  
Como se aquí os trabalhos facabassem:  
Tomão vellas, amainase a verga alta  
Da ancora o mar ferido, encima salta.

49 Nam eram ancorados, quando a gente  
Estranha, pelas cordas ja sobia,  
No gesto ledos vem, & humanamente  
O Capitão sublime os recebia.  
As meías manda por em continente:  
Do licor que Lico prantado auia:  
Enchem vasos de vidro, & do q̃ deitão  
Os de Phaetõ queimados nada engeitã.

*Os Lusíadas de L. de Camões*

50 Comendo alegremente preguntauão  
Pela Arabica lingua, donde vinhão,  
Quem erão de que terra. q̄ buscauão:  
Ou que partes do mar corrido tinhão?  
Os fortes Lusitanos lhe tornauão,  
As discretas repostas que conuinhão:  
**N**os Portuguezes somos do Occidente,  
Himos bulcando as terras do Oriente.

51 Do mar temos corrido & nauegado  
Toda a parte do Antartico, & Calisto  
Toda costa Africana rodeado,  
Diuerfos Ceos, & Terras temos visto:  
Dum Rei potente somos, tão amado,  
Tam querido de todos, & bem quisto,  
Que não no largo mar, cõ leda fronte:  
Mas no lago entraremos de Acherôte,

52 E por mandado seu buscando andamos  
A terra Oriental, que o Indo rega,  
Por elle o mar remoto nauegamos,  
Que so dos feos Focas se nauega:  
Mas ja razão parece que saibamos  
Se entre vos a verdade se não nega,  
Quem sois q̄ terra he esta q̄ habitais,  
Ou se tendes da India algũs finais.

*Canto primeiro.* IO

53 Somos, hum dos das ilhas lhe tornou,  
Estrangeiros na terra, Lei, & nação  
Que os proprios, sam aquelles q̄ criou  
A Natura sem Lei, & sem Razão:  
Nos temos a Lei certa que ensinou,  
O claro descende de Abrahão:  
Que agora tem do Mundo o senhorio  
A mãe Hebreia teue, & opae Gentio.

54 Esta Ilha pequena que habitamos,  
He em toda esta terra certa escala,  
De todos os que as ondas nauegamos,  
De Quiloa de Mombaça, & de Sofala:  
E por ser necessaria procuramos,  
Como proprios da terra, de habitala,  
E porque todo em fim vos notefique,  
Chame a pequena ilha Moçambique.

55 E ja que de tão longe nauegais  
Buscado o Indo Idaspe, & terra ardête,  
Piloto aqui tereis por quem sejais  
Guiados pelas ondas sabiamente:  
Tambem sera bem feito que tenhaís  
Da terra algum refresco & q̄ o Regête,  
Que esta terra gouerna, que vos veja,  
E do mais necessario vos prouja,

*Os Lusíadas de L. de camões*

- 56 Isto dizendo, o Mouro se tornou  
A seus bateis com toda a companhia,  
Do Capitão & gente se apartou,  
Com mostras de deuida cortesia:  
Nisto Febo nas agoas encerrou,  
Co carro de Christal, o claro dia,  
Dando cargo aa Irmaã que alumiasse,  
O largo múdo, em quãto repoufasse
- 57 A noyte se passou na lassa frota,  
Com estranha alegria, & não cuydada,  
Por acharem da terra tão remota,  
Noua de tanto tempo desejada:  
Qualquer entãõ cõfigo cuyda, & nota,  
Na gente, & na maneira desusada  
E como os que na errada Seita crerãõ,  
Tanto por todo o múdo se estêderãõ.
- 58 Da Lúa os claros rayos rutilauãõ,  
Polas argenteas ondas Neptuninas  
As Estrellas os Ceos acompanhauãõ,  
Qual campo reueftido de boninas,  
Os furiosos ventos repoufauãõ,  
Polas couas escuras peregrinas,  
Porem da armada a gente vigiaua  
Como por longo tempo costumaua.

*Canto primeiro.* II

59 Mas assí como a Aurora marchetada,  
Os fermosos cabellos espalhou,  
No ceo sereno, abrindo a roxa entrada  
Ao claro Hiperonío que acordou:  
Começa a embádeirarse toda a armada  
E de toldos alegres se adornou,  
Por receber con festa & alegria  
O Regedor das ilhas que partia.

60 Partia alegremente nauegando,  
A ver as naos ligeiras Lusitanas,  
Com refresco da terra, em si cuidando,  
Que sam aquellas gentes inhumanas:  
Que os aposentos Caspios habitando  
A conquistar as terras Afianas,  
Vierão: & por ordem do destino  
O Imperio tomarão a Costantino.

61 Recebe o Capitão alegremente,  
O Mouro, & toda sua companhia,  
Dalhe de ricas peças hum presente,  
Que so pera este effeito ja trazia:  
Dalhe conserua doce, & dalhe o ardête  
Não vsado licor, que dá alegria,  
Tudo o Mouro contente bem recebe;  
E muito mais contente come & bebe.

*Os Lusíadas de L. de Camões*

62 Està a gente marítima de Luso,  
Subida pella exarcia, de admirada  
Notando o estrangeiro modo & vfo,  
E a lingoagem tão barbara, & enleada:  
Tambem o mouro astuto está confuso  
Olhando a cor, o trajo, a forte armada  
E preguntando tudo lhe dizia,  
Se por ventura vinhão de Turquia.

63 E mais lhe diz tambem, que ver deseja  
Os liuros de sua ley, preceito. ou fee,  
Pera ver se conforme a sua seja  
Ou se sam dos de Christo como cre:  
E porque tudo note & tudo veja,  
Ao Capitão pedia, que lhe dè  
Mostra das fortes armas de q̃ vsauão,  
Quando cos inimigos pelejauão.

64 Respondeo o valeroso Capitão,  
Por hum q̃ a lingua escura bem sabia:  
Darte ey senhor illustre relação,  
De mi, da ley, das armas que trazia:  
Nem sou da terra nem de geração,  
Das gentes enojosas de Turquia,  
Mas sou da forte Europa belicosa,  
Busco as terras da India tam famosa.

65 A ley tenho daquelle, a cujo imperio  
Obedece o visibil, & inuisibil,  
Aquelle que criou todo o Emispherio,  
Tudo o que sente, & todo o insensibil  
Que padeceo deshonra, & vituperio,  
Sofrendo morte injusta, & infufribil,  
E que do Ceo à terra em fim deceo  
Por subir os mortaes da terra ao ceo.

66 Deste Deos homem alto, & infinito,  
Os liuros que tu pedes não trazia  
Que bem posso escusar trazer escripto  
Em papel o que na alma andar deuia:  
Se as armas queres ver, como tês dito,  
Comprido esse desejo te seria (go,  
Como amigo as veras porq̃ eu me obri  
Que nũca as quiras ver como enemigo

67 Isto dizendo manda os diligentes  
Ministros, amoltrar as armaduras,  
Vem arneses, & peitos reluzentes,  
Malhas finas: & laminas feçuras:  
Escudos de pinturas diferentes,  
Pilouros, espingardas de aço puras,  
Arcos, & sagitiferas aljauas,  
Partafanas agudas, chuças brauas.

*Os Lusíadas de L. de Camões.*

- 68 As bombas vem do fogo, & juntamente  
As panellas sulfereas, tão dannofas,  
Porem os de Vulcano nam consente  
Que dem fogo às bôbardas temerosas:  
Porque o generoso animo, & valente  
Entre gentes tam poucas, & medrosas,  
Náo mostra quanto pode, & cõ razáo,  
Que he fraqueza étre ouelhas fer liáo.
- 69 Porem disto que o Mouro aqui notou,  
E de tudo o que viu, com olho atento,  
Hum odio certo na alma lhe ficou,  
Húa vontade má de pensamento:  
Nas mostras, & no gesto não mostrou  
Mas com risonho, & ledõ fingimento,  
Tratallos brandamente determina,  
Atè que mostrar possa o que imagina.
- 70 Pilotos lhe pedia o Capitão,  
Por quem podesse à India ser leuado,  
Dizlhe, que o largo premio leuaráo,  
Do trabalho que nisso for tomado:  
Prometelhe o Mouro com tenção  
De peito venenoso, & tão dannado  
Que a morte se podesse, neste dia,  
Em lugar de pilotos lhe daria.

- 71 Tamanho o odio foy , & a mã vonta de,  
Que aos estrangeiros supito tomou,  
Sabendo ser sequaces da verdade,  
Que o filho de David nos ensinou:  
Oo segredos daquella Eternidade  
A quem juyzo algum não alcançou.  
Quenunca falte hum perfido inimigo,  
A aquelles de quem foste tão amigo?
- 72 Partio se nisto em fim co a companhia,  
Das naos o falso Mouro despedido,  
Com enganosa & grande cortesia,  
Com gesto ledo a todos, & fingido:  
Cortarão os bateis a curta via  
Das agoas de Neptuno, & recebido  
Na terra do obsequente ajuntamento  
Se foy o Mouro ao cognito aposento
- 73 Do claro assento Etereo, o grão Tebano  
Que da paternal coxa foy nascido,  
Olhando o ajuntamento Lusitano,  
Ao Mouro ser molesto, & auorrecido:  
No pensamento cuida hũ falso engano  
Com que seja de todo destruido.  
E quanto se isto na alma imaginava  
Comsigo estas palauras praticava.

*Os Lusíadas de L. de Camões.*

74 Está do fado ja determinado,  
Que tamanhas victorias tão famosas,  
Ajam os Portugueses alcançado,  
Das Indianas gentes belicosas:  
E eu so filho do Padre sublimado,  
Com tantas qualidades generosas,  
Ey de soffrer que o Fado fauoreça  
Outré, por qué meu nome se escureça?

75 Ia quizerão os fados que tiuesse,  
O filho de Filipo nesta parte,  
Tanto poder, que tudo somettesse,  
Debaixo de seu jugo, o fero Marte,  
Mas asse de soffrer que o Fado desse  
A tão poucos tamanho esforço, & arte  
Que co grá Macedonio, & Romano,  
Demos lugar ao nome Lusitano?

76 Não sera as i, porque antes que chegado  
Seja este Capitão, astutamente  
Lhe sera tanto engano fabricado  
Que nunca veja as partes do Oriente,  
Eu decerey aa terra & o indignado  
Peito reuoluerey da Maura gente.  
Porque sempre por via yra direita,  
Quê do oportuno tempo se aproueita

77 Isto dezendo irado, & quasi infano,  
Sobre a terra Affricana descendeo,  
Onde vestindo a forma & gesto huma-  
Pera o Prasso sabido se moueo. (no,  
E por melhor tecer o astuto engano,  
No gesto natural se conuerteo,  
Dú Mouro, em Moçábique conhecido  
Velho sabio, & co Xaque muy valido.

78 E entrádo assí a falarlhe a tēpo, & horas,  
A sua falsidade acomodadas,  
Lhe diz como erão gentes roubadoras,  
Estas que ora de nouo sam chegadas,  
Que das nações na costa moradoras,  
Correndo a fama veyo que roubadas  
Foráo por estes homês que passauáo,  
Que cõ pacto de paz sempre ancorauáo.

79 E sabe mais, lhe diz, como entendido  
Tenho destes Christãos senguinolētos  
Que quasi todo o mar tem destruido,  
Com roubos, com incendios violētos  
E trazem ja de longe engano vrdido,  
Contra nos & q̃ todos seus intentos  
Sam para nos matarem, & roubarem,  
E molheres, & filhos captiuarem.

E tambem

*Os Lusíadas de L. de Camões.*

80 E tambem sey que tem determinado  
De vir por agoa à terra muito cedo,  
O Capitão dos seus acompanhado  
Que da tenção dannada nasce o medo:  
Tu deues de ir tãbem cos teus armado  
Esperallo em cilada, occulto & quedo,  
Porque saindo a gente descuidada,  
Cairão facilmente na cilada.

81 E se índa nam ficarem deste geito,  
Destruídos, ou mortos totalmente,  
Eu tenho imaginada no conceito,  
Outra manha & ardíl que te contente:  
Mandalhe dar Piloto, que de geito  
Seja astuto no engano, & tão prudête  
Que os leue aonde se jáo destruídos,  
Desbaratados, mortos, ou perdidos.

82 Tanto que estas palauras acabou,  
O Mouro nos taes casos, sabio & velho  
Os braços pello colo lhe lançou,  
Agradecendo muito o tal conselho:  
E logo nesse instante concertou,  
Pera a guerra o beligero aparelho:  
Pera que ao Portugues se lhe tornasse  
Em roxo sangue a agoa que buscasse.

E busca

83 E busca mais para o cuidado engano,  
Mouro q̄ por Piloto à nao lhe mande,  
Sagaz, astuto, & sabio em todo danno,  
De qué fiar se possa hum feito grande:  
Dizlhe q̄ acõpanhando o Lusitano  
Por tais costas, & mares co elle ande,  
Que se daqui escapar, que la diãte  
Va cair onde nunca se aleuante.

84 Ia o rayo Apolíneo visitaua,  
Os Montes Nabatheos accendido,  
Quando Gama cos seus determinaua  
De vir por agoa a terra apercebido:  
A gente nos bateis se concertaua,  
Como se fosse o engano ja sabido,  
Mas pode solpeitar se facilmente,  
Que o coração presago nunca mente.

85 E mais tambem mandado tinha a terra  
De antes pelo Piloto necessario,  
E foilhe respõdido em som de guerra,  
Caso de que cuidaua muy contrario:  
Por isto, & porque sabe quanto erra  
Quem se crê de seu perfido aduersario,  
Apercebido vay como podia,  
Em tres bateis samente que trazia.

*Os Lusíadas de L. de Camões.*

86 Mas os mouros q̄ andauão pella praya  
Por lhe defender a agua desejada,  
Hũ elcudo abraçado, & de azagaya,  
Outro ã arco encuruado & seta eruada  
Esperão que aguerreira gente laya,  
Outros muytos ja postos em cillada.  
E porquê o caso leue se lhe faça,  
Poem hũs poucos diante por negaça.

87 Andão pella ribeira alua arenosa,  
Os belicosos Mouros acenando,  
Com a darga & co a altea perigoã.  
Os fortes Portugueses incitando  
Não soffre muito a gente generosa,  
Andarlhe os cães os dentes amostrado  
Qualquer em terra salta, tam ligeiro.  
Que nenhũ dizer pode q̄ he primeiro.

88 Qual no corro sanguino, o le do amante,  
Vendo a fermosa dama desejada,  
O Touro busca, & pondose diante,  
Salta, corre, sibila, acena, & brada:  
Mas o animal atroce nesse instante  
Com a fronte cornigera inclinada,  
Bramado duro corre, & os olhos cerra  
Derriba, fere, & mata, & poé por terra.

Eis

- 89 Eis nos bateis o fogo se levanta,  
Na furiosa & dura artilheria,  
A plumbea pella mata, o brado espáta,  
Ferido o ar retumba, & assouia:  
O coração dos Mouros se quebranta,  
O temor grande o sangue lhe resfria,  
Ia foge o escondido de medroso,  
E morre o descuberto auenturoso
- 90 Não se contenta a gente Portuguesa,  
Mas seguindo a vitoria, estrue & mata  
A pouoação sem muro, & sem defesa  
Esbombardea acende, & de barata:  
Da caualgada ao Mouro ja lhe pesa,  
Que bem cuidou cóprala mais barata:  
Ia blasphema da guerra, & maldezia,  
O velho inerte, & a mãe q̃ o filho cria.
- 91 Fugindo, a seta o Mouro vay tirando,  
Sem força de couarde, & de apressado,  
A pedra o pao, o canto arremessando,  
Dalhe arinas o furor desatinado:  
Ia a Ilha, & todo o mais desamparado  
Aa terra firme foge amedrentado,  
Passa, & corta do mar o estreito braço  
q̃ a Ilha é torno cerca, é pouco espaço.  
Hús

*Os Lusíadas de L. de Camões.*

92 Hús vão em almandias carregados,  
Hum corta o mar a nado diligente,  
Quem se afoga nas ondas encuruadas,  
Quê bebe o mar, & o deita jútamête:  
Arrombão as meudas bombardas  
Ospangayos subtis da bruta gente,  
Destá arte o Purtugues em fim castiga  
A vil malícia perfida, inimiga.

93 Tornão victoriosos pera a armada,  
Co despojo da guerra, & rica presa,  
E vão a seu prazer fazer agoada,  
Sem achar resistencia, nem defesa,  
Ficaua a Maura gente magoada,  
No odio antigo, mais que nunca acesa.  
E vendo sem vingança tanto dano  
Somente estriba no segundo engano.

93 Pazes cometer manda arrependido,  
O Regedor daquella iníca terra,  
Sem ser dos Lusitanos entendido,  
Que em figura de paz lhe máda guerra  
Porque o Pílogo falso prometido,  
Que toda a mã têção no peito encerra  
Pera os guiar aa morte lhe mandaua,  
Como em final das pazes q̄ trataua.

O Capitão,

95 O Capitão, q̃ ja lhe então conuinha,  
Tornar a seu caminho acostumado,  
Que tépo concertado, & ventos tinha,  
Para ir buscar o Indo desejado:  
Recebendo o Piloto que lhe vinha,  
Foy delle alegremente agasalhado,  
E respondeo ao mensageiro, attento  
As vellas manda dar ao largo vento.

96 Desta arte despedida a forte armada,  
As ondas de Amphitrite diuidia,  
Das filhas de Nereò acompanhada,  
Fiel, alegre, & doce companhia:  
O Capitão que nam cahia em nada,  
Do enganoso ardil q̃ o Mouro vrdia,  
Delle mui largamente se informaua,  
Da India toda, & das costas q̃ passaua.

97 Mas o Mouro instruido nos enganós,  
Que o mactiolo Bacho lhe ensinara,  
De morte, catiueiro, nouos dannos,  
Antes que à India chegue lhe prepara:  
Dando razão dos portos Indianos,  
Tambem tudo o que pede lhe declara,  
Quando por verdade o que dezia,  
De nada a forte gente se temia.

*Os Lusíadas de L. de Camões*

98 E dizlhe mais co falso pensamento  
Com que Sinon os Phrígios enganou  
Que perto está hũa Ilha, cujo assento  
Pouo antigo Christão sempre habitou:  
O Capitão que a tudo estaua a tento  
Tanto com estas nouas se alegrou,  
Que com dadiuas grandes lhe rogaua,  
Que o leue à terra óde esta gête estaua.

99 O mesmo o falso Mouro determina,  
Que o seguro Christão lhe máda & pe-  
Que a Ilha he pessuyda da malina, (de  
Gente que segue o torpe Mahamede:  
Aqui o engano & morte lhe imagina,  
Porq̃ em poder & forças muito excede  
A Moçambique, esta ilha que se chama  
Quíloa, muy conhecida pola fama.

100 Pera la se inclinaua a leda frota,  
Mas a nimpha ja em Cythere celebrada  
Vendo como deyxaua a certa rota,  
Por yr a bulcar a morte não cuydada,  
Não consente q̃ em terra tam remota,  
Se perca a gente della tanto amada,  
E com ventos contrarios a desuía,  
Donde o piloto falso a leua & guia.

Mas.

101 Mas o maluado Mouro, não podendo  
Tal determinação levar auante,  
Outra maldade iníca cometendo,  
Ainda em seu proposito constante:  
Lhe diz, que pois as agoas discorrendo,  
Os leuaram por força por diante,  
Que outra Ilha tem perto, cuja gente  
Erão Christãos cõ Mouros juntamête.

102 Tambem nestas palauras lhe mentia  
Como por regimento em fim leuaua,  
Que aqui gente de Christo não auia:  
Mas a que a Mahamede celebraua:  
O Capitão que em tudo o Mouro cria  
Virando as vellas, as Ilhas demandaua,  
Mas não querendo Venus guardadora,  
Nio entra pella barra, & surge fora.

103 Estaua a Ilha à terra tam chegada,  
Que hum estreito pequeno a diuidia,  
Hũa cidade nella situada,  
Que na frente do mar aparecia:  
De nobres edificios fabricada,  
Como por fora ao longe descubria  
Regida por hum rey de antiga idade,  
Môbaca he nome da Ilha, & da cidade.

*Os Lusíadas de L. de Camões.*

104 E sendo a ella o Capitão chegado  
Estranhamente ledó, porque esjsera  
De poder ver o pouo baptizado  
Como o falso piloto lhe dissera:  
Eis vem bateis de terra com recado  
Do Rey, que ja sabia a gente que era,  
Que Baco muito de antes o auisara,  
Na forma doutro Mouro que tomara

105 O recado que trazem he de amigos,  
Mas debaxo o veneno vem cuberto  
Que os pensamêtos erão de ene migos  
Segundo foy o engano descubierto:  
O grandes & grauíssimos perigos,  
O caminho de vida nuaca certo,  
Que aonde a gente poem esperança,  
Tenha a vida tão pouca segurança!

106 No mar tanta tormenta, & tanto dano,  
Tantas vezes a morte apercebida,  
Na terra, tanta guerra, tanto engano,  
Tanta necessidade auorrecida:  
Onde pode acolherse húfraco humano  
Onde tera segura a curta vida? (no  
Que não se arme, & se indine o ceo fere  
Côtra hú bicho da terra tam pequeno.

Canto primeiro 19

OS PORTUGUESES CHE  
gão a Mõbaça donde el Rey manda visi-  
tar ao Capitão Vasco da Gama. Saltão  
dous Portugueses em terra a tomar co-  
nhecimento della, & assegurala. Acome-  
tem a entrada, confiados no seguro del  
Rey, & não podem, por estranho  
caso. Conhecem atreyção ordena  
da por el Rey: retiranse, &  
chegão a Melinde, onde  
sam bem rece-  
bidos.

CANTO SEGUNDO.



IA NESTE TEMPO  
o lucido Planeta,  
Que as horas vay do  
dia distinguindo,  
Chegaua à desejada &  
lenta Meta,

A luz celeste às gentes descobrindo:  
E da casa maritima secreta, (brindo  
Lhe estaua o nocturno Erebo a porta a  
Quando as infidas gentes se chegarão  
As naos que pouco auia q̃ ancorarão.

*Os Lusíadas de L. de Camões.*

- 2 Dantre elles hñm q̃ tras encomendado  
O mortifero engano, assi dezia:  
Capitão valeroso, que cortado  
Tens de Neptuno o reyno. & falsa via:  
O Rey q̃ manda esta Ilha aluorçado  
Da vinda tua tem tanta alegria,  
Que não deseja mais que agasalharte,  
Verte, & do necessário reformarte.
- 3 E porque está em extremo deseioso  
De te ver, como couza nomeada,  
Te roga que de nada receoso,  
Entres abarra, tu com toda armada:  
E porque do caminho trabalhoso,  
Traras a gente debíl, & cansada,  
Diz que na terra podes reformala,  
Que a natureza obriga a desejala.
- 4 E se buscando vas mercadoría,  
Que produz aurífero Leuante,  
Canela, Crauo, ardente especiaria,  
Ou Droga salutifera, & prestante:  
Ou se queres luzente pedraria,  
O Rubi fino, o rigido diamante:  
Daqui leuaras tudo tam sobejo,  
Com que faças o fim a teu desejo!

- 5 Ao mensageiro o Capitão responde,  
As palauras ao Rey agradecendo,  
E diz, q̃ porque o Sol no mar se escõde  
Nam entra pera dentro obedecendo,  
Porem q̃ como a luz mostrar por õde  
Va sem perigo a frota nam temendo,  
Comprirà sem receyo seu mandado,  
Que a mais por tal senhor està obrigado.
- 6 Preguntalhe despois, se estão na terra  
Christãos como o Piloto lhe dizia,  
O mensageiro astuto que nam erra  
Lhe diz, q̃ a mais da gête é Christo cria  
Desta sorte do peito lhe desterra  
Toda a sospeita, & cauta fantasia:  
Por onde o Capitam seguramente,  
Se fia da infiel, & falsa gente.
- 7 E de algũs que trazia condenados  
Por culpas, & por feitos vergonhosos,  
Porque podessem ser auenturados  
Em casos desta sorte duuidosos:  
Manda dous mais sagazes, ensayados,  
Porque notem dos Mouros enganosos  
A Cidade, & poder, & porque vejam,  
Os Christãos, q̃ so tanto ver desejam.

*Os Lusíadas de L. de Camões.*

8 E por estes ao Rey presentes manda,  
Porque a boa vontade que mostrava,  
Tenha firme, segura, limpa, & branda,  
Aqual bem ao côtrario em tudo estava  
Ia a companhia perfida, & nefanda  
Das naos se despedia, & o mar cortava  
Foram com gestos ledos, & fingidos,  
Os dous da frota em terra recebidos.

9 E despois que ao Rey apresentarão  
Co recado os presentes que trazião,  
A Cidade correram, & notarão  
Muito menos daquillo que querião  
Que os Mouros cautelosos se guadarã  
De lhe mostrarem tudo o que pedião,  
Que onde reina a malicia, está o receio  
Que a faz imaginar no peito alheo.

Mas aquelle que sempre a mocidade,  
Tem no rosto perpetua, & foi nacido  
De duas mães: que vrdia a falsidade,  
Por ver o naegante destruydo:  
Estava nua casa da cidade,  
Cõ rostro humano, & habito fingido,  
Mostrandose Christão & fabricava,  
Hum altar sumptuoso que adorava.

- 11 Ali tinha em retrato affigurada  
Do alto & sancto Spiritu a pintura  
A candida Pombinha debuxada,  
Sobre a vnica Fenix Virgem pura  
A companhia santa està pintada,  
Dos doze tam toruados na figura,  
Como os q̃ sò das linguas que cayrao,  
De fogo, varias linguas referirao.
- 12 Aqui os dous companheiros conduzidos  
Onde com este engano Baco estaua,  
Poê em terra os giolhos, & os sentidos  
Naquelle Deos, q̃ o mundo governaua  
Os cheiros excelentes, produzidos  
Na Panchaia odorifera queimada  
O Thineu, & assi por derradeiro  
O falso Deos adora o Verdadeiro.
- 13 Aqui forao denoite agasalhados,  
Com todo o bõ, & honesto tratamêto  
Os dous Christãos nã vêdo q̃ enganado  
Os tinha o falso, & sancto fingimento:  
Mas assi como os rayos espalhados  
Do Sol forao no mudo, & nũ momêto  
Apareceo no rubido Orizonte,  
Na moça de Titão a roxa fronte.

*Os Lusíadas de L. de Camões*

- 14 Tornão da terra os Mouros co recado,  
Do Rey pera q̃ entrassem, & consigo  
Os dous q̃ o Capitam tinha mandado,  
Aquê se o Rey mostrou sincero amigo  
E sendo o Portugues certificado,  
De nam auer receyo de perigo,  
E que gente de Christo em terra auia,  
Dentro no falso rio entrar queria.
- 15 Dizê lhe os q̃ mandou, q̃ em terra virão,  
Sacras, aras, & sacerdote sancto,  
Que alli se agasalharão, & dormirão  
Em quanto a luz cubrio o escuro máto  
E que no Rey, & gentes não sentirão  
Se não contentamento, & gosto tanto,  
Que não auia certo auer sospeita  
Nua mostra tam clara, & tam perfeita.
- 16 Co isto o nobre Gama recebia  
Alegremente os Mouros que subíam,  
Que leuemente hum animo se fia,  
De mostras que tam certas pareciam:  
A nao da gente perfida se enchia,  
Deixando abordo os barcos q̃ traziam  
Alegres vinhão todos, porque crem  
Que apresã desejada certa tem.

*Canto segundo.* 22

17 Na terra cautamente aparelhaão  
Armas, & munições q̃ como vissem  
Que no Rio os nauios ancorauam  
Nelles ousadamente se lobissem:  
E nesta treyçam determinauam,  
Que os de Luso de todo destruissem,  
E que incautos pagassem deste geito  
O mal que em Moçábique tinhão feito.

18 As ancoras tenaces vam leuando,  
Com a nautica grita costumada,  
Da proa as vellas sos ao uêto dando,  
Inclinam pera a barra abalisada:  
Mas a linda Ericina, que guardando  
Andaua sempre a gente alsinalada,  
Vendo a cilada grande, & tam secreta,  
Voado Ceo ao mar como hũa seta.

19 Conuoca as aluas filhas de Nerêo  
Com toda a mais cerulea companhia,  
Que porque no salgado mar nasceo,  
Das agoas o poder lhe obedecia  
E propondo-lhe a causa a que deceo,  
Com todas juntamente se partia:  
Pera estoruar q̃ a armada não chegasse  
Aonde pera sempre se acabasse.

## *Os Lusíadas de L. de Camões*

- 20 Ia na agoa erguêdo vão cõ grande pressa,  
Cõ as argentes caudas branca escuma,  
Cloto co peito corta, & atraueffa  
Cõ mais furor o mar do que costuma:  
Salta Nise, Nerine se arremessa,  
Por cima da agoa crespa, é forçafuma,  
Abrem caminho as ondas encuruadas,  
De temor das Nereidas apressadas.
- 21 Nos hõbros de hũ Tritão, cõ gesto acerso,  
Vay a linda Dione furiosa,  
Não sente quem a leua o doce peso,  
De soberbo com carga tão fermosa:  
Ia chegam por donde o vento teso  
Enche as vellas da frota belicosa,  
Repartemse, & rodeam nesse instante  
As naos ligeiras que hão por diante.
- 22 Poêse alli Venus, com outras em dereito  
Da proa capitaina, & alli fechando  
O caminho da barra estã de geito, (do  
Que é vã assopra o vëto a vela inchã-  
Põe no madeiro duro, o brando peito,  
Pera detras a farte nao forçando  
Outras em derredor leuandoa estauão  
E da barra inimiga a desuiauão.

23 Quaes pera a coua as prouidas formigas,  
Leuando o peso grande acomodado  
As forças exercitam, de inimigas,  
Do inimigo inuerno congelado:  
Ali sam seus trabalhos & fadigas  
Ali mostram vigor nunca esperado,  
Taes andauão as Nymphas estoruando  
Aa gente Portuguesa o fim nefando.

24 Torna pera detras a nao forçada,  
A pesar dos que leua, que gritando  
Mareão velas, ferue a gête irada, (dó:  
O leme a hũ bordo, e a outro atrauesã  
O mestre astuto em vão da popa brada  
Vendo como diante ameaçando  
Os estaua hum maritimo penedo,  
Que de q̄brarlhe a nao lhe mete medo

25 A celeuma medonha se leuanta  
No rudo Marinheiro que trabalha,  
O grande estrôdo, a Maura gête espãta  
Como se vissem horrída batalha:  
Nam sabem a razam de furia tanta,  
Nam sabem nesta pressa quẽ lhe valha,  
Cuidão que seus enganos sam sabidos,  
E q̄ hão de ser por isso aqui punidos.

*Os Lusíadas de L. de Camões.*

- 26) Eilos subitamente se lançauão,  
A seus bateis veloces que trazião,  
Outros encima o mar alevantauão  
Saltando na agoa, a nado se acolhião:  
De hũ berdo, & doutro subito saltauão  
Que o medo os compelia do q̃ vião:  
Que antes querem ao mar auenturar-se  
Que nas mãos inimigas entregar-se.
- 27) Assim como em seluatica alagoa,  
As raás no tempo antigo Lycia gente,  
Se sintem por ventura vîr pessoa  
Estando fora da agoa incautamente,  
Daqui & dali saltando o charco soa,  
Por fugir do perigo que se sente,  
E acolhendose ao couto que conhecem  
Sossas cabeças na agoa lhe aparecem.
- 28) Assim fogem os Mouros, & o piloto  
Que ao perigo grande as naos guiara,  
Crendo que seu engano estaua noto  
Tambem foge, saltando na agoa amara  
Mas por nã darẽ no penedo immoto.  
Onde percam a vida doce & cara:  
A ancora solta loga a capitaina,  
Qualq̃r das outras junto della amaina  
Vende

29 Vendo o Gama, atentado a estranheza,  
Dos Mouros não cuidada, & jútaméte  
O piloto fugirlhe com presteza  
Entende o q̄ ordenaua a bruta gente,  
E vendo sem contraste & sem braueza  
Dos ventos, ou das agoas sem corréte,  
Que a nao passar auante nam podia,  
Auendo por milagre así dezia.

30 O caso grande, estranho, & não cuidado,  
O milagro claríssimo, & euidente,  
O descuberto engano inopinado,  
O perfida enemiga, & falsa gente:  
Quem poderá do mal aparelhado  
Liurar-se sem perigo sabiamente,  
Se la decima aguarda soberana  
Não acudir à fraca força humana?

31 Bem nos mostra a diuina prouidencia,  
Destes porros a pouca segurança,  
Bem claro temos visto na apparencia  
Que era enganada a nossa confiança,  
Mas pois saber humano, né prudencia  
Enganos nam fingidos não alcança,  
O tu guarda diuina tem cuidado  
De qué sem ti não pode ser guardada.

*Os Lusíadas de L. de Camões.*

32 E se te móue tanto a piedade  
Desta mísera gente peregrina  
Que fo por tua altíssima bondade  
Da gente a faluas perfida & malina,  
Nalgum porto seguro de verdade,  
Conduzirnos ja agora determina,  
Ou nos amostra a terra que buscamos,  
Pois fo por teu seruiço nauegamos,

33 Oraua o illustre Gama desta sorte,  
Quãdo hũa voz ouuio q̃ do alto vinha,  
Dizendolhe, Não temas ver a morte,  
Tam propinqua ati, & tam vezinha:  
Animate, & esforça varam forte,  
Que tal empresa, a tal varão conuinha,  
Ouuindo isto o Gama a tento estaua,  
E a voz que bem se ouuia assi soaua.

34 Famosos Portugueses não temais  
Perigo algum ja mais em Lusitanos  
Nem que nenhum que elles possa mais  
Em quãtas gerações ouuer de humanos:  
Que eu vos fico amigos que vejais  
E esquecerense Gregos & Romanos  
Pellos illustres feitos que essa gente  
Ha de fazer nas partes de Oriente.

Que

- 35 Que se o facundo Vlyffes escapou  
 Da ser na Ogigia Ilha eterno escrauo,  
 E se Antenor os seios penetrou,  
 Illiricos, & a fonte de Timauo,  
 E se o piedoso Eneas nauegou,  
 De Sicilia, & de Caribdes o mar brauo  
 Os vossos mōres cousas atentando  
 Nouos mūdos ao mūdo vão mostrãdo
- 36 Fortalezas, Cidades, & altos muros,  
 Por elles vereis inda edificados,  
 Os Turcos belacissimos & duros,  
 Delle sempre vereis desbaratados:  
 Os Reis da India liures, & seguros,  
 Vereis ao Rey potente sojugados,  
 E por elles de tudo em fim senhores  
 Seram dadas na terra leis melhores.
- 37 De vos tambem que agora presuroso  
 Por tantos medos o Indo ides buscãdo  
 Vereis tremer Neptuno de medroso,  
 Sem vento suas agoas encrespando,  
 O caso nunca visto, & milagroso, (dó!  
 Que trema, & furtiva o mar é calma está  
 O gente forte, & de altos penfamētos,  
 Que tãbé della hão medo os elemētos.

## Os Lusíadas de L. de Camões

- 38 Vereis a terra que a agoa vos tolhia,  
Que inda hà de ser hũ porto muí decẽ  
Em q̃ vão descansar da longa via, (te  
As naos que nauegarem do Occidẽte:  
Toda esta costa em fim q̃ agora vrdia  
O mortifero engano,obediente,  
Vos pagara tributos,conhecẽdo,  
Não poder risistir ao Luso horrendo.
- 39 E vereis o mar roxo tam famoso  
Tornarse lhe amarello enfiado  
Vereis de Ormuz o reino poderoso  
Duas vezes tomado, & sojugado,  
Alli vereis o Mouro furioso,  
De suas mesmas setas traspassado.  
Que quẽ vaycõtra os vossos, claro veja  
Que se resistr, contra si peleja.
- 40 Vereis a inexpugnabil Dão forte,  
Que dous cercos tera dos vossos sendo  
Alli se mostrara seu preço & sorte,  
Feitos de armas grandíssimos fazẽdo:  
Enuejoso vereis o gram Mauorte,  
Do peito Lusitano, fero, & horrendo,  
Do Mouro ali verá o q̃ a voz extrema  
Do falso Mahamede, o ceo blasphema.

- 41 Goa vereis aos Mouros ser tomada,  
A qual vira despois a ser senhora,  
De todo o Oriente, & sublimada,  
Cos triumphos da gente vencedora:  
Ali soberba, altiua, & exalçada,  
Ao Genticio que os Idolos adora,  
Duro freo porá, & a toda a terra.  
Que cuidar de fazer aos vossos guerra.
- 42 Vereis a fortaleza sustentar-se,  
De Cananor com pouca força & gente,  
E vereis Calecu desbaratar-se,  
Cidade populosa, & tam potente:  
E vereis em Cochim assinalar-se,  
Tanto hum peito soberbo, & insolête,  
Que Cithara jamais cantou victoria,  
Que así mereça eterno nome è gloria.
- 43 Nunca com Marte instructo & furioso,  
Se vio feruer Leucate, quando Augusto  
Nas ciuís Actias guerra animoso,  
O Capitão venceo, Romano injusto:  
q̃ dos pouos de Aurora, & do famoso  
Nilo, & do Baetra, Scitico, & rubusto  
A victoria trazia, & presa rica.  
{ Preso da Egypcia linda, & não pudica.

*Os Lusíadas de L. de Camões.*

- 44 Como vereis o mar feruendo aceso  
Com incendios dos vossos pelejando,  
Leuando o Idolatra, & o Mouro preso,  
De nações diferentes triumphando:  
E fogeita a rica Aurea Chersoneso,  
Ate o longico China nauegando,  
E as Ilhas mais remotas do Oriente,  
Serlhe a todo o Oceano obediente.
- 45 De modo meus amigos que de geito.  
Amostrarão esforço mais q̃ humano,  
Que nunca se vera tão forte peito,  
Do Gangetico mar ao Gaditano:  
Nem das Boreais ondas, ao Estreito,  
Que mostrou o agrauado Lusitano,  
Posto q̃ em todo o mūdo de afrótados  
Refucitassem todos os passados.
- 46 Como isto disse, dece o mui amado  
Filho de Maia à terra, porque tenha,  
Hum pacifico porto, & sossegado,  
Pera onde sem receio a frota venha:  
E pera que em Mõbaça, auenturado  
O forte capitão se nam detenha  
Lhe máda o pay q̃ é sonhos lhe mostraf  
A terra onde quieto repouásse. (se  
la

- 47 Ia pello ar o Cyleneo voaua,  
Com as aſas nos pès aa terra dece,  
Sua vara fatal na mão leuaua,  
Com que os olhos cãſados adormece:  
Com eſta, as triftes almas reuocaua,  
Do inferno, & o vèto lhe obedece,  
Na cabeça o galèro coſtumado,  
E deſta arte a Melinde foy chegado.
- 48 Conſigo a Fama leua, porque diga,  
Do Luſitano, o preço grande & raro  
Que o neme illuſtre a hũ certo amor  
E faz a quẽ o tẽ, amado e caro (obriga  
Deſta arte vay fazendo a gente amiga,  
Co rumor famoſiſſimo, & preclaro,  
Ia Melinde em deſejos arde todo,  
De ver da gente forte o geſto & modo
- 49 Dali pera Mombaça logo parte  
Aonde as naos eſtauam temeroſas  
Pera q̃ a gente mande que ſe aparte,  
Da barra imiga, & terras ſoſpeitoſas:  
Porq̃ muy pouco val eſforço & arte,  
Contra infernaes vontades enganofas,  
Pouco val coração, aſtucia, & fiſo,  
Se la dos Ceos não vem ceſte auíſo.

*Os Lusíadas de L. de Camões*

50 Meyo caminho a noite tinha andado,  
E as estrellas no ceo coa luz alhea  
Tinham o largo mundo alumiado,  
E se co sono a gente se recreia  
O Capitão illustre ja cansado,  
De vigiar a noite que arreceya,  
Breue repouso então aos olhos daua,  
A outra gente a quartos vigiaua.

51 Quádo hũa visam em sonhos lhe aparece  
Dizendo, fuge, fuge Lusitano,  
Da cilada que o Rey maluado tece,  
Por te trazer ao fim & extremo dâno:  
Fuge, que o vento, & ceo te fauorece:  
Seren o tempo tês, & o Oceano,  
E outro Rey mais amigo noutra parte,  
Onde podes seguro agasalharte.

52 Não tens aqui senam aparelhado  
O hospicio que o cru Diomedes daua,  
Fazendo ser manjar acostumado  
De cauallos, a gente que hospedaua:  
As Aras de Busiris infamado,  
Onde os hospedes tristes imolaua,  
Teras certas aqui, se muito esperas,  
Fuges das gentes perfidas, & feras,

53 Vaite ao longo da costa discurrendo  
E outra terra acharás de mais verdade;  
La quasi junto donde o Sol ardendo,  
Iguala o dia & a noite em quantidade:  
Ali tua frota alegre recebendo  
Hum Rey, cõ muitas obras de amizade  
Gafalhado seguro te daria,  
E pera a India, certa & sabia guia.

54 Isto Mercurio disse, & o sono leua  
Ao Capitão, que cõ muy grande espáto  
Acorda, & ve ferida a escura treua,  
De hũa subita luz, & rayo sancto:  
E vendo claro quanto lhe releua,  
Não se deter na terra iniqua tanto,  
Cõ nouo spiritu ao mestre seu mãdaua  
Que as vellas desse ao vèto q̃ assopraua

54 Day vellas, disse, <sup>Di</sup> ao largo vento,  
q̃ o ceo nos fauorece, & Deos o mãda,  
Que hũ mensageiro vi do claro assento  
Que so em fauor d̃ nossos passos anda:  
Aleuantasse nisto o mouimento  
Dos marinheiros, d'hũa e d'outra báda,  
Leuão gritando as ancoras acima,  
Mostrando a ruda força que se estima.

*Os Lusíadas de L. de Camões,*

56 Neste tempo, que as ancoras leuauão  
Na sombra escura os Mouros escôdidos  
Manfamente as amarras lhe cortauão  
Por serem, dando à costa destruydos:  
Mas com vista de Lincez vigiauaõ,  
Os Portugueses sempre apercebidos,  
Elles como a cordados os sentirão  
Voando, & não remando lhe fogirão.

57 Mas ja as agudas proas apartando,  
Hião as vias humidas de argento,  
Assopralhe galerno o vento, & brando,  
Com suaue & seguro mouimento:  
Nos perigos passados vão falando,  
Que mal se perderam do pensamêto,  
Os casos grandes dôde em tâto aperto  
A vida em saluo escapa por acerto.

58 Tinha húa volta dado o Sol ardente,  
E noutra começaua, quando virão  
Ao longe dous nauios, brandamente  
Cos ventos nauegando, que respirão,  
Porque auiam de ser da maura gente,  
Pera elles arribando, as vellas virão,  
Hum de temor do mal que arreceaua,  
Por se saluar a gente aa costa daua.

59 Não he o outro que fica tão manhoso:  
Mas nas mãos vay cair do Lusitano,  
Sem o rigor de Marte furioso,  
E sem a furia horrenda de Vulcano:  
Que como fosse debil & medroso,  
Da pouca gente o fraco peito humano  
Não teue resistencia, & se a tiuera  
Mais d'ano resistindo recebera.

60 E como o Gama muito desejasse,  
Piloto pera a India que buscava,  
Cuidou q̃ être estes mouros o tomasse  
Mas não lhe focedeo como cuidava.  
Que nenhum delles ha q̃ lhe insinasse  
A que parte dos Ceos a India estava,  
Porem dizem lhe todos, que tem perto  
Melinde onde acharão pilo certo.

61 Louuão do Rey os Mouros a bondade,  
Condição liberal, syncero peito,  
Magnificencia grande, & humanidade,  
Com partes de grandissimo respeito:  
O Capitão o assella por verdade,  
Porque ja lho dissera deste geito.  
O Cyleneo em sonhos, & partia,  
Pera onde o sonho e o mouro lhe dezia  
Era

*Os Lusíadas de L. de Camões.*

- 62 Era no tépo alegre, quando entraua  
No roubador da Eüropa a luz Phebea,  
Quádo hũ e outro corno le aquentaua:  
E Flora derramaua o de Almathea,  
A memoria do dia renouaua,  
O presuroso Sol, que o ceo rodea,  
Em q̄ aquelle a qué tudo está fogeito,  
O fello posa quanto tinha feito.
- 63 Quando chegaua a frota àquella parte  
Ondè o Reyno Melinde ja se via,  
De toldos adornada, & leda da arte  
Que bem mostra estimar o sancto dia:  
Treme a bandeira, voa o estandarte,  
A cor purpurea ao longe parecia,  
Soáo os atambores & pandeiros  
E así entrauáo ledos & guerreiros.
- 64 Enchese toda a praya Melindana,  
Da gente que vem ver a leda armada.  
Gête mais verdadeira, & mais humana  
Que toda a doutra terra atras deixada:  
Surge diante a frota Lusitana,  
Pega no fundo a ancora pesada,  
Mádão fora hũ dos Mouros q̄ tomaráo,  
Por qué sua vinda ao rey manifestaráo  
O Rey

65 O Rey que ja sabia da nobreza  
que tanto os portuguezes engrandece,  
Tomarem o seu porto tanto preza,  
Quanto a gente fortissima merece:  
E com verdadeiro animo, & pureza  
Que os peitos generosos ennobrece,  
Lhe manda rogar muyto q̃ saysssem,  
Pera q̃ de seus Reinos se seruissem.

66 São offercimentos verdadeiros,  
E palauras sinceras, não dobradas,  
As q̃ o Reí máda aos nobres caualleiros  
Que tanto mar & terras tem passadas  
Mandalhe mais lanigeros carneiros,  
E galinhas domesticas ceuadas,  
Com as fructas q̃ então na terra auia,  
E a vontade à dadiua excedia.

67 Recebeo o capitão alegremente  
O mensageiro ledo, & seu recado,  
E logo máda ao Rey outro presente,  
Que de longe trazia aparelhado,  
Escarlata purpurea, cor ardente,  
O ramoso coral fino, & prezado:  
Que debaxo das agoas mole crece,  
E como he fora dellas se endurece.

*Os Lusíadas de L. de Camões*

- 68 Manda mais hum na pratica elegante,  
Que co Rey nobre as pazes côcertasse  
E que de não sair naquelle instante  
De suas naos em terra o desculpasse:  
Partido assi o embaxador prestante,  
Como na terra ao Rey se apresentasse,  
Com estillo que Pallas lhe ensinava,  
Estas palauras tais fallando orava.
- 69 Sublime Rey, a quem do Olimpo puro,  
Foy da summa justiça concedido,  
Refrear o soberbo pouo duro,  
Não menos d'elle amado que temido:  
Como porto muy forte e muy seguro,  
De todo Oriente conhecido,  
Te vimos a buscar para que achemos  
Em ti o remedio certo que queremos.
- 70 Não somos roubadores que passando  
Pellas fracas cidades descuidadas,  
A ferro, & fogo, as gentes vão matádo,  
Por roubarlhe as fazendas cobiçadas:  
Mas da soberba Europa nauegando,  
Himos buscando as terras apartadas  
Da india, grande, & rica, por mandado  
De hum Rey, alto, sublimado.

Que

71 Que geração tão dura ahí de gente?  
Que barbaro costume, & vfança fea,  
Que não vendê os portos tam somête:  
Mas inda o hospicio da deserta area:  
Que mã tējaõ, q̃ peito em nos se sente?  
Que de tam pouca gente se arrecea,  
Que com laços armados tão fingidos,  
Nos ordenassem vernos destruidos.

72 Mas tu, em quem muy certo confiamos  
Acharse mais verdade, ô Rey benino,  
E aquella certa ajuda em ti esperamos,  
Que teue o perdido Itaco em Alcino:  
A teu porto seguros nauegamos,  
Conduzidos do Interprete diuino,  
Que pois a ti nos máda está mui claro,  
Que esde peito sincero, humano, e raro.

73 E não cuydes, ô Rey que nam fuisse,  
O nosso Capitão elclarecido,  
A verte, ou a seruirte, porque visse,  
Ou sospeitasse em ti peito fingido  
Mas saberas que o faz porque cõprisse,  
O regimento em ti obedecido,  
De seu Rey, que lhe manda q̃ não saia,  
deixádo a frota é nenhũ porto, ou praia  
E por

*Os Lusíadas de L. de Camões.*

74 E porque he de vassallos, o exercicio,  
Que os mêmbrs té regidos da cabeça  
Não quereras, poistês de Rey o officio  
Que ninguem a seu Rey desobedeça:  
Mas as merces, & o grande beneficio  
Que ora acha é ti, promete q̄ conheça  
Em tudo aquillo q̄ elle e os seus poderẽ  
Em quanto os rios para o mar correrẽ

75 Assim dizia, & todos juntamente,  
Hũs com outros em praticas falando,  
Louuauão muito o estamago da gente,  
Que tãtos Ceos & mares vai passando  
E o Rey illustre, o peito obediente,  
Dos Portugeses, na alma imaginando,  
Tinha por valor grande, & mui subido  
O do Rei q̄ he tam longe obedecido.

76 E com risonha vista, & ledo aspeito,  
Respõde ao embaixador, q̄ tãto estima  
Toda a sospeitamã tiray do peito  
Nenhũ frio temor em vos se imprima:  
Que vosso preço, e obras sam de geito  
Pera vos ter o mũdo é muita estima,  
E qué vos fez molesto tratamento,  
Não pode ter sobido pensamento.

77 De não sair em terra toda a gente,  
Por observar a usada preminencia,  
Ainda que me pese estranhamente  
Em muito tenho a muita obediencia:  
Mas se lho o regimento não consente,  
Nem eu consentirey que a excelencia,  
De peitostam leaes em si desfaça,  
So porque a meu desejo satisfaça.

78 Porem como a luz craftina chegada.  
Ao mundo for, em minhas alinadias,  
Eu irey visitar a forte armada,  
Que ver tão desejo, ha tantos dias:  
E se vier do mar desbaratada,  
Do furioso vento, & longas vias,  
Aqui tera, de limpos pensamentos  
Piloto, munições, & mantimentos,

79 Isto disse, & nas agoas se escondia,  
O filho de Latona, & o mensageiro,  
Coa embaxada alegre se partia  
Pera a frota, no seu batel ligeiro:  
Enchemse os peitos todos de alegria  
Por terem o remedio verdadeiro,  
Pera acharem a terra que buscavão,  
E así ledos a noite festejavão.

*Os Lusíadas de L. de Camões.*

80 Não faltão ali os rayos de artificio,  
Os tremulos Cometas imitando,  
Fazem os bombardeiros seu officio,  
O ceo, & a terra, & as ondas atroando:  
Mostráse dos Cyclopas o exercicio,  
Nas bôbas q̃ de fogo estão queimádo,  
Outros cõ vozes, cõ que o ceo ferião,  
Instrumentos altissonos tangião.

81 Respondemlhe da terra juntamente,  
Co rayo volteando, com zonido,  
Anda em giros no ar a roda ardente,  
Estoura o po sultifero escondido:  
A grita se aleuanta ao ceo, da gente,  
O mar se via em fogos acendido,  
E nam menos a terra, & así festeja  
Hum ao outro, a maneira de peleja.

82 Mas ja o Ceo inquieto reuoluendo  
As gentes incitaua a seu trabalho,  
E ja a mãy de Menon a luz trazendo,  
Ao sono longo punha certo atalho:  
Hiãose as sombras lentas desfazendo,  
Sobre as flores da terra, é frio orualho  
Quando o Rey Melindano se ébarcaua  
A ver a frota que no mar estaua.

Viãose

- 83 Viãose em derredor feruer as prayas  
Da gente, que a ver so concorre leda,  
Luzem da fina púrpura as cabaías,  
Lustram os panos da tecida seda:  
Em lugar de guerreiras azagaias,  
E do arco que os cornos arremeda  
Da Lúa, trazem ramos de palmeira,  
Das que vencem coroa verdadeira.
- 84 Hú batel grande & largo, que toldado  
Vinha de sedas de diuerfas cores,  
Traz o Rey de Melinde acompanhado  
De nobres de seu Reino, e de senhores:  
Vem de ricos vestidos adornado,  
Segundo seus costumes, & primores,  
Na cabeça hũa fota guarnecida,  
De ouro, e de seda, & de algodão tecida.
- 85 Cabaia de Dâmasco rico, & dino,  
Da Tiria cor, entre elles estimada,  
Hum colar ao pescoço de ouro fino,  
Onde a materia da obra he superada:  
Cum resplendor reluze Adamantino,  
Na cinta a rica adaga bem laurada,  
Nas alparcas dos pés, em fim de tudo,  
Cobrem, ouro & aljofar ao veludo.

*Os Lusíadas de L. de Camões.*

86 Com hum redondo emparo alto de seda,  
Nũa alta & dourada astea enxerido,  
Hum ministro aa solar quentura veda,  
Que nã offenda e queime o rey subido;  
Musica traz na proa, estranha & leda,  
De aspero som, horriíssimo ao ouuido,  
De trombetas arcadas em redondo  
Que sem concerto fazem rudo estrôdo

87 Não menos guarnecido o Lusitano,  
Nos seus bateis da frota se partia,  
A receber no mar o Melendino,  
Com lustrosa & hõnrada companhia:  
Vestido o Gama vê ao modo Hispano  
Mas Francesa hera a roupa que vestia,  
De cetim da Adriatica Veneza,  
Carmesi que agente tanto preza.

88 De botões douro as mangas vê tomadas  
Onde o Sol reluzindo a vista cega,  
As calças soldadescas recamadas,  
Do metal que Fortuna tanto nega:  
E com pontas do mesmo delicadas,  
Os golpes do gibão ajunta, & achega:  
Ao Italico modo a aurea espada,  
Pruma na gorra, hum pouco declinada.

Nos

- 89 Nos de sua companhia se mostrava,  
 Da tinta que da o Múrice excelente,  
 A varia cor, que os olhos alegrava,  
 E a maneira do trajo diferente:  
 Tal o fermoso esmalte se notava,  
 Dos vestidos olhados juntamente,  
 Qual appareceo o arco rutilante,  
 Da bella Nímpha filha de Thamante.
- 90 Sonoras trombetas incitauão,  
 Os animos alegres resonando  
 Cos Mouros os bateis o mar coalhauão,  
 Os toldos pellas agoas arrojando:  
 As bombardas horriſſonas bramauão,  
 Com as nuuês de fumo o Sol tomádo,  
 Ameudam se os brados acendidos,  
 Tapáo cõ as mãos os mouros os ouui-  
 dos.
- 91 Ia no batel entrou do Capitão  
 O Rey, q̃ nos seus braços o leuava,  
 Elle co a cortesia, que a rezão  
 (Por ser Rey) requeria, lhe falava:  
 Cúas mostras de espanto, & admiraçã,  
 O Mouro o gesto, e o modo lhe notava  
 Como qué em mui grãde estima tinha  
 Gente q̃ de tam longe à India vinha.

*Os Lusíadas de L. de Camões.*

92 E com grandes palauras lhe offerece  
Tudo q̄ dos seus Reinos lhe comprisse  
E que se mantimento lhe falece  
Como se proprio fosse lho pedisse  
Dizlhe mais, que por fama bê conhece  
A gente Lusitana, sem que a visse,  
Que ja ouuio dizer, que noutra terra  
Com gente de sua ley tiuesse guerra.

93 E como por toda Africa se soa  
Lhe diz, os grandes feitos que fizerão,  
Quando nella ganharam a coroa  
Do Reino, onde as Hesperidas viuerão  
E com muitas palauras apregoa  
O menos que de Luso merecerão:  
E o mais que pella fama o Rei sabia,  
Mas desta sorte o Gama respondia.

94 O tu que so tiueste piedade  
Rei benigno, da gente Lusitana.  
Que com tanta miseria, & aduersidade  
Dos mares experimenta a furia insana,  
Aquella alta, & diuina eternidade,  
Que o ceo reuolue, & rege agête huma  
Pois q̄ de ti tais obras recebemos, (na  
Te pague o q̄ nos outros nã podemos.

- 95 Tu so de todos quantos queima Apolo,  
Nos recebes em paz do mar profundo,  
Em ti dos ventos horridos de Eolo,  
Refugio achemos bom, fido, & jocūdo:  
Em quanto apacentar o largo Polo,  
As estrellas & o Sol der lume ao mūdo  
Onde quer q̄ eu viuer, cō fama e gloria  
Viui. ão teus lououres em memoria.
- 96 Isto dizendo os braços vam remando,  
Pera a frota que o Mouro ver deseja,  
Vão as naos hũa & outra rodeando,  
Porque de todas tudo note & veja:  
Mas pera o Ceo Vulcano fuzilando,  
A frota co as bombardas o festeja,  
E as trombetas canoras lhe tangião,  
Cos anafis os Mouros respondião.
- 97 Mas despois de ser tudo ja notado  
Do generoso Mouro que pasmaua,  
Ouuindo o instrumento inusitado  
Que tamanho terror em si mostraua,  
Mandaua estar quieto & ancorado  
Na agoa o batel ligeiro que as leuaua,  
Por falar de vagar co forte Gama,  
Nas cousas de q̄ tem noticia & fama.

## Os Lusíadas de L. de Camões

98 Em praticas o Mouro differentes,  
Se deleitaua, preguntando agora  
Pelas guerras famosas & excellentes,  
Co pouo auidas que a Mahoma adora:  
Agora lhe pergunta pellas gentes  
De toda a Hispheria vltima, onde mora  
Agora pellos pouos seus vezinhos,  
Agora pelos humidos caminhos.

99 Mas antes valeroso Capitão  
Nos conta lhe dezia, diligente,  
Da terra tua, o clyma, & região  
Do mundo onde morais distintamête,  
E assi da vossa antiga geração  
E o principio do Reyno tam potente,  
Cos successos das guerras do começo,  
Que sem fabellas, sei que sam de preço.

100 E assi tambem nos conta dos rodeios  
Longos, em que te traz o mar irado,  
Vendo os custumes barbaros alheios,  
Que a nossa Africa ruda tem criado:  
Conta, que agora vê cos aureos freios,  
Os cauallos que o carro marchetado,  
Do nouo Sol, da fria Aurora trazem,  
O vento dorme, o mar & as onda jazê.

E nam

101 E nam menos co tempo se parece,  
O desejo de ouirte o que contares,  
Que quem ha, q̃ por fama não conhece  
As obras Portuguezas singulares?  
Não tanto deluíado resplandece,  
De nos o claro Sol, pera julgares,  
Que os Melindanos tẽ tam rudo peito  
Que nam estinẽ muito hũ grãde feito.

102 Cometerão soberbos os Gigantes,  
Cõ guerra vão o Olimpo claro, & puro  
Tentou Peritho, & Thesen, de ignorátes  
O Reino de Plutão, horrêdo & escuro:  
Se ouue feitos no múdo tam possantes  
Não menos he trabalho illustre, & duro  
Quanto foi cometer inferno &, ceo,  
Que outrem cometa a furia de Nereo.

103 Queimou o insigne templo de Diana,  
Do subtil Tesifonio fabricado,  
Horostrato, por ser da gente humana  
Conhecido no mundo, & nomeado:  
Se tambem cõ tais obras nos engana,  
O desejo de hum nome auentajado,  
Mais razão ha q̃ queira eterna gloria.  
Quẽ faz obras tam dinas de memoria.

Capitulo de la vida de San Juan

301 E para que no se pierda el tiempo de la vida  
O de los dias de la vida que son contados  
Que para el alma son como el viento  
Que pasa y no se puede volver  
Y para que no se pierda el tiempo de la vida  
Que para el alma son como el viento  
Que pasa y no se puede volver

302 O para que no se pierda el tiempo de la vida  
Que para el alma son como el viento  
Que pasa y no se puede volver  
Y para que no se pierda el tiempo de la vida  
Que para el alma son como el viento  
Que pasa y no se puede volver

303 O para que no se pierda el tiempo de la vida  
Que para el alma son como el viento  
Que pasa y no se puede volver  
Y para que no se pierda el tiempo de la vida  
Que para el alma son como el viento  
Que pasa y no se puede volver

**O CAPITAM DA CONTA**  
 a el Rey de sua patria. Recitase a descrip-  
 ção de toda Europa, & seus contornos.  
 Contale o principio dos Reys de Portu-  
 gal, & todas as guerras que tiuerão Bata-  
 lha do câpo D'ourique: O principio das  
 cinco quinas: Feitos de Dõ Afonso Enri-  
 quez, & sua morte. Victoria cõtra el Rey  
 de Marrocos em Tarifa. Morte de  
 dona Ines de Crasto. Morte  
 del Rey Dom Fer-  
 nando.

**CANTO TERCEIRO.**



**G O R A** tu Caliope  
 me ensina,  
 O que contou ao Rey  
 o illustre Gama,  
 Inspira immortal canto  
 & vos diuina,

Neste peito mortal que tanto te ama:  
 Assim o claro inuentor da Medicina,  
 De que Orpheo parifte, ô linda dama  
 Nũca por Daphne, Clicie, ou Loucothõe  
 Te negue o amor diuido como soe.

## Os Lusíadas de L. de Camões

Põe tu Nympha em efeito meu desejo  
Como merece a gente Lusitana,  
Que veja & faiba o mundo, q̄ do Tejo  
O licor de Aganipe corre & mana.  
Deixa as flores de Pindo, que ja vejo  
Banhar-me Apolo na agoa soberana,  
Senam direy, que tens algum receyo,  
Que se escureça o teu querido Orphea

Promptos estauão todos escuitando  
O que o sublime Gama contaria,  
Quãdo despois de hũ pouco estar cuidã  
Aleuantando o rosto, assi dezia: (do,  
Mandas-me, ô Rey, q̄ conte declarãdo,  
De minha gente a gram genealogia,  
Não me mandas cõtar estranha historia  
Mas mãdas-me louuar dos meus agloria

Que outrem possa louuer esforço alheio  
Cousa he que se costuma & se deseja,  
Mas lauuar os meus proprios arreceio,  
Que louuor tã sospeito mal me esteja:  
E pera dizer tudo, temo & creyo,  
Que qualquer longo tempo curto seja,  
Mas pois o mandas, tudo se te deue,  
Irei contra o que deuo, & serey breue.

Alem

- 5 Alem disso, o q̃ a tudo em fim me obriga  
He nam poder mentir no que differ,  
Porque de feitos tais, por mais quediga  
Mais me ha de ficar inda por dizer:  
Mas porque nisto a ordem leue & siga,  
Segundo o que desejas de saber,  
Primeiro tratarey da larga terra,  
Despois direi da sanguinosa guerra,
- 6 Entre a Zona que o Cancro senhorea,  
Meta Septentrional do Sol luzente,  
E aquella, que por fria se arrecea  
Tanto, como a do meyo por ardente,  
Iaz a soberba Europa a quem rodea,  
Pela parte do Arcturo, & do Occidete,  
Com suas falsas ondas o Oceano,  
E pela Austral o mar Mediterraneo.
- 7 Da parte donde o dia vem nascendo,  
Com Azia se auezinha, mas o Rio  
Que dos montes Rifeios vai correndo,  
Na alagoa Mectis, curuo & frio:  
As diuide: o mar que fero & horrendo  
Vio dos Gregos o irado senhorio,  
Onde agora de Troia triumphante,  
Nao yè mais q̃ a memoria o nauegate.

*Os Lusíadas de L. de Camões.*

8 Laonde mais debaixo está do Polo,  
Dos montes Hyperboreos apparecem,  
E aquelles onde sempre sopra Eolo,  
Eco nome do sopro se ennobrecem:  
Aqui tam pouca força tem de Apolo,  
Os rayos que no mundo resplandecem,  
Que a neve está contino pelos montes  
Gelado o mar, geladas sêpre as fontes.

9 Aqui dos Scytas grande quantidade  
Viue que antigamente grande guerra  
Tiueram sobre a humana antiguidade  
Cos tinhamo entam a Egyptcia terra:  
Mas quem tam fora estava da verdade,  
(Ia que o juizo humano tanto erra)  
Pera que do mais certo se informara,  
Ao campo Damasceno o preguntara.

10 Agora nestas partes se nomea,  
A Lapia fria, a inculta Noruega,  
Escandinauia ilha, que se arrea,  
Das victorias que Italia nam lhe nega:  
Aqui, em quanto as agoas nam refrea,  
O congelado inuerno, se nauega,  
Hum braço do Sarmatico Oceano,  
Pelo Brusio, Succio, & frio Dano.

Entre

11 Entre este mar, & o Tanais viue estranha  
Gente, Ruthenos, Moscos, & Liunionos  
Sarmatas outro tépo, & na montanha  
Hircinia, os Marcomanos fá Polonios:  
Sugeitos ao Imperio de Alemanha,  
São Saxones, Boemios, & Panonios,  
E outras varias nações, q̃ o Reno frio,  
Laua, & o Danubio, Amasis, e Albisrio:

12 Entre o remoto Istro, & o claro estreito  
Aonde Hele deixou, co nome a vida,  
Estam os Traces de robusto peito,  
Do fero Marte, patria tam querida:  
Onde co Hemo, o Rodope fogeito  
Ao Otomano esta, que sometida,  
Bizancio tem o seu seruiço indino,  
Boa injuria do grande Costantino.

13 Logo de Macedonia estão as gentes,  
Aquem laua do Axio a agoa fria,  
E vos tambem ô terras excellentes,  
Nos costumes, & engenhos, & ousadia:  
Que criastes os peitos eloquentes,  
E os juizos de alta fantasia,  
Có qué tu clara Grecia o ceo penetras,  
E nam menos por armas q̃ por letras.

*Os Lusíadas de L. de Camões.*

14 Logo os Damlatas viuem , & no seio,  
Onde Antenor ja muros leuantou,  
A soberba Veneza está no meyo  
Das agoas, que tam baxa começou:  
Da terra, hú braço vé ao mar, q̄ cheio  
De esforço , nações varias fogueitou,  
Braço forte, de gente sublimada,  
Não menos nos engenhos q̄ na espada.

15 Em torno o cerca o Reino Neptunino,  
Cos muros naturaes , por outra parte,  
Pello meyo o diuide o Apenino  
Que tam illustre fez o patrio Marte?  
Mas despois que o porteiro té diuino,  
Perdêdo o esforço veio, & bellica arte,  
Pobre está ja de antiga potestade,  
Tanto Deos se contêta de humildade.

16 Galia ali se vera, que nomeada  
Cos Cesareos triũphos foi no mundo,  
Que do Sequâna, & Ródano he regada  
E do Garnua frio, & Reno fundo:  
Logo os môtes da Nympha sepultada  
Pyrene se leuantão , que segundo,  
Antiguidades contão, quando arderão,  
Rios de ouro, è de prata entã correrão.

**Eis**

- 17 Eis aqui se descobre a nobre Espanha,  
 Como cabeça ali de Europa toda  
 Em cujo senhorio & gloria estranha,  
 Muitas voltas té dado a fatal roda:  
 Mas nunca poderà, cõ força, ou manha  
 A fortuna inquieta por lhe nodar:  
 Que lha não tire o esforço & ousadia,  
 Dos belicosos peitos, que em si cria,
- 18 Com Tingitania entesta, & ali parece,  
 Que quer fechar o mar Mediterraneo,  
 Onde o sabido estreito se ennobrece,  
 Co extremo trabalho do Thebano:  
 Com nações diferentes se engrandece  
 Cercadas com as ondas do Oceano,  
 Todas de tal nobreza, & tal valor,  
 Que qualquer dellas cuida q̃ he melhor
- 19 Tem o Tarragones, que se faz claro,  
 Sujeytando Partênope inquieta  
 O Nauarro, as Asturias, que reparo  
 Ia forão contra a gente Mahometa:  
 Té o Galego cauto, & o grãde & claro  
 Castellano, quem fez o seu Planeta,  
 Restituidor de Espanha, & senhor delle  
 Bethis, Lião, Granada, com Castella.

*Os Lusíadas de L. de Camões.*

- 20 Eis aqui quasi cume da cabeça,  
De Europa toda, o Reyno Lusitano,  
Onde a terra se acaba, è o mar começa,  
E onde Phebo repouza no Oceano:  
Este quis o ceo justo, que florea,  
Nas armas, contra o torpe Mauritano,  
Deitando de sí fora, & la na ardente  
Africa, estar quieto o nam consente.
- 21 Esta he a ditosa patria minha amada,  
Aa qual se o ceo me dà, q̃ eu sem perigo  
Torne com esta empreza ja acabada,  
Acabese esta luz ali comigo:  
Esta foy Lusitania, diriuada  
De Lusó; ou Lyfa, que de Bacho antigo  
Filhos foram parece, ou companheiros  
E nella então os íncolas primeiros.
- 22 Desta o pastor naceo, que no seu nome  
Se ve, q̃ de homé forte os feitos teue,  
Cuja fama ninguem vira que dome,  
Pois a grande Roma não se atreue:  
Esta o velho, q̃ os fillios proprios come  
Por decreto do ceo, ligeiro, & leue,  
Veo a fazer no mundo tanta parte,  
Criádo a Reino illustre, è foi da sta arte.

- 23 Hú Rey por nome Affonso foi na Espanha  
Que fez aos Sarrazenos tanta guerra,  
Que por armas faguinas, força e manha  
A muitos fez perder a vida, & terra:  
Voando deste Rey a fama estranha  
Do Herculano Calpe, à Caspia ferra,  
Muitos pera na terra esclarecerse  
Vinhã a elle, & a morte offerecerse.
- 24 E com hum amor intrinseco acendidos  
Da Fê, mais q̃ das honras populares,  
Eram de varias terras conduzidos,  
Dexádo a patria amada, e proprios lares  
Despois q̃ em feitos altos & subidos,  
Se mostram nas armas singulares  
quis o famoso Affonso que obras taes  
Leuassem premios dinos, e dões iguaes.
- 25 Destes Anrique dizem que segundo,  
Filho q̃ hú Rei de Vngria exprimétado  
Portugal ouue em sorte que no múdo  
Então não era illustre, nem prezado:  
E pera mais final da amor profundo,  
Quis o Rei Castelhana, que casado  
Com Teresa sua filha o Conde fosse,  
E com ella das terras tomou posse.

## Os Lusíadas de L. de Camões.

- 26 Este despois que contra os decendentes,  
Da escrava Agar, vitorias grâdes teue,  
Ganhando muitas terras adjacentes,  
Fazendo o q̃ a seu forte peito deue:  
Em premio destes feitos excellentes,  
Deulhe o supremo Deos, é tẽpo breue  
Hum filho, q̃ illustrasse o nome ṽfano  
Do belicoso Reino Lusitano.
- 27 Ia tinha vindo Anrique da conquista,  
Da cidade Hierosolyma sagrada,  
E do Iordão a area tinha vista,  
Que vio de Deos a carne em si lauada:  
Que não tẽdo Gothfredo a qué resista,  
Depois de ter Iudea sojugada:  
Muitos que nesta guerra o ajudarão,  
Pera seus senhorios se tornarão.
- 28 Quando chegado ao fim de sua idade,  
O forte & famoso Vngaro estremado,  
Forçado da fatal necessidade,  
O spiritu deu, a quem lho tinha dado:  
Ficaua o filho em tenra mocidade,  
Em quem opay deixaua seu traslado:  
Que do mudo os mais fortes igualaua  
Que de tal pay, tal filho se esperaua.

29 Mas o velho rumor, nam sey se errado,  
Que en tãta antiguedade nã ha certeza  
Conta, q̃ a mãe tomãdo todo o estado  
Do segundo Hymeneo, nã se despreza  
O filho orfam deixaua deserddado,  
Dizendo, que nas terras a grandeza,  
Do senhorio todo, sua era,  
Porque pera casar seu pãe lha dera.

30 Mas o Principe Affonso, que desta arte,  
Se chamaua, do auô tomando o nome,  
Vendose em suas terras nam ter parte,  
q̃ a mãe cõ seu marido as mãda e come  
Feruendolhe no peito o duro Marte,  
Imagina consigo como as tome,  
Reuoluídas as causas no conceito,  
Ao proposito firme, segue o effeito.

31 De Guimarães o campo se tinguia,  
Co sangue proprio da intestina guerra  
Onde a mãe q̃ tam Pouco o parecia,  
A seu filho negaua, o amor, & a terra,  
Co elle posta em campo ja se via  
Enão ve a soberba, o muito que erra.  
Contra Deos, contra o maternal amor  
Mas nella o sensual era mayor.

*Os Lusíadas de L. de Camões.*

32 O Progne cruza, o magica Medea,  
Se é vossos proprios filhos vos vingais  
Da maldade dos pais, da culpa alhea,  
Olhay que inda Teresa pecca mais:  
Incontienncia mã, cobiça fea,  
Sam as coufas deste erro principais,  
Sylla por hũa mata o velho pai,  
Esta por ambas contra o filho vai.

33 Mas ja o Principe claro, o vencimento  
Do padrasto, & iniqua mãi leuaua,  
Ia lhe obedece a terra num momento,  
Que primeiro contra elle pelejaua:  
Porem vencido da ira o entendimento  
A mãi em ferros asperos ataua,  
Mas de Deos foy vingada é tẽpo breue  
Tanta veneração aos pais se deue.

34 Eis se ajunta o valente Castelhana  
Pera vingar a injuria de Teresa,  
Contra o tam raro em gente Lusitano  
Aquem nenhũ trabalho agrava ou pesa  
Em batalha cruel, o peito humano,  
Ajudado de Angelica defesa,  
Nam so contra tal furia se sustenta,  
Mas o inimigo asperrimo affugenta.

35 Não passa muito tempo, quando o forte  
 Príncipe em Guimarães esta cercado,  
 De infinito poder, que desta sorte  
 Foi fazerse o inimigo magoado:  
 Mas com se offerecer a dura morte,  
 O fiel Egas amo, foy liurado,  
 Que de outra arte podera ser perdido,  
 Segundo estaua mal apercebido.

36 Mas o leal vassollo conhecendo  
 Que seu senhor nam tinha resistencia,  
 Se vay ao Castelhana, prometendo,  
 Que elle fariá darlhe obediencia:  
 Leuanta o inimigo o cerco horrendo,  
 Fiado na promessa & consciencia,  
 De Egas Monis, mas não cõfete o peito  
 Do moço illustre, a outrem ser sogeito.

37 Chegado tinha o prazo prometido,  
 Em q̃ o Rey Castelhana ja aguardaua,  
 Que o Príncipe a seu mádo sometido,  
 Lhe desse a obediencia que esperaua:  
 Vendo Egas que ficaua fementido,  
 O que delle Castella nam cuidaua,  
 Determina de dar a doce vida,  
 A troco da palaura mal comprida.

## Os Lusíadas de L. de Camões

38 E Com seus filhos & molher se parte,  
A aleuantar co elles a fiança,  
Descalços & despedidos, de tal arte,  
Que mais moue a piedade q̃ a vingança  
Se pretendes Rey alto de vingarte,  
De minha temeraria confiança,  
Dezia, eis aqui venho offerecido,  
Ate pagar co a vida o prometido.

39 Ves aqui trago as vidas innocentes,  
Dos filhos sem peccado, & da consorte,  
Se a peitos generosos, & excellentes,  
Dos fracos satisfaz a fera morte  
Ves aqui asmãos, e alingoa delinquêtes  
Nellas sos exprimenta, toda sorte  
De tormentos, de mortes, pello estillo  
De Scines, & do touro de Perillo.

40 Qual diante do algoz o condenado,  
Que ja na vida a morte tem bebido,  
Põe no cepo a gargáta: & ja entregado,  
Espera pello golpe tam temido:  
Tal diante do príncipe indinado,  
Egas estaua a tudo offrecido,  
Mas o Rey vendo a estranha lealdade:  
Mais pode em fim que a ira a piedade.

O gran

- 41 O grão fidelidade Portuguesa.  
De vassallo que a tanto se obrigaua  
Que mais o Persa fez naq̃lla empresa  
Onde o rostro & narizes se cortaua,  
Do que ao grande Dario tanto pesa  
Que mil vezes dizendo sospiraua.  
Que mais o seu Zopiro sam prezara,  
Que vinte Babilonias que tomara,
- 42 Mas ja o Principe Affonso aparelhaua,  
O Lusitano exercito ditoso,  
Contra o Mouro, q̃ as terras habitaua  
Dalem do claro Tejo deleitoso,  
Ia no campo d'Ourique se assentaua,  
O arrayal soberbo, & belicoso,  
Defronte do inimigo Sarraceno,  
Posto q̃ em força & gēte tão pequeno
- 43 Em nenhũa cousa outra confiado,  
Se não no summo Deos q̃ o Ceo regia  
Que tão pouco era o pouo baptizado,  
Que pera hũ so cem mouros aueria  
Iulga qualquer juizo sossegado,  
Por mais temeridade que ousadia,  
Cometer hum tamanho ajuntamento  
Que pera hũ caualleiro ouvesse ceto.

*Os Lusíadas de L. de Camões*

44 Cinco reis Mouros sam os inimigos,  
Dos quaes o principal Ismar se chama,  
Todos experimentados nos perigos  
Da guerra, onde se alcáça a illustre fama  
Seguem guerreiras damas seus amigos  
Imitando a fermosa & forte dama,  
De qué tanto os Troyanos se ajudarão  
E as que o Termodonte ja passarão.

45 A mätutina luz, serena & fria,  
As estrellas do Pollo ja apartaua  
Quando na Cruz o filho de Maria  
Amostrandose a Affonso o animaua:  
Elle adorando quem lhe apparecia  
Na Fè todo inflamado assí gritaua,  
Aos ínfieis senhor, aos ínfieis,  
E nam a mi que creio o que podeis.

46 Com tal milagre, os animos da gente  
Portuguesa, inflamados leuantauão,  
Por seu Rey nataral, este excelente  
Principe, que do peito tanto amauão:  
E diante do exercito potente,  
Dos inimigos, gritando o ceo tocauão,  
Dizendo em alta vos, Real, Real,  
Por Affonso, alto Rey de Portugal.

Qual

- 47 Qual cos gritos & vozes incitando,  
Pola montanha o rabido Moloso,  
Contra o touro remete, que fiado  
Na força está do corno temeroso:  
Ora pega na orelha, ora no lado,  
Latindo mais ligeiro que forçoso,  
Ate q̃ em fim rompendolhe agargãta,  
Do brauo, a força horrêda se quebrãta.
- 48 Tal do Rey nouo, o estamago acendido,  
Por Deos, & pelo pouo juntamente,  
O barbaro comete apercebido,  
Co animoso exercito rompente:  
Leuam tam nisto os perros o larido  
Dos gritos, tocão a arma ferue a gente,  
As lanças & arcos tomão, tubas foão,  
Instrumentos de guerra tudo atroão.
- 49 Bem como quando a flama que ateadã  
Foy nos aridos campos (aloprando  
O silibante Boreas) animada  
Co vento, o seco mato vay queimãdo:  
A pastoral companhia, que deitada  
Co doce sono estãua, despertando,  
Ao estridor do fogo que se atea,  
Recolhe o fato, & foge pera a aldeã.

*Os Lusíadas de L. de Camões.*

50 Desta arte o Mouro atonito & toruado,  
Toma sem tétto as armas mui de pressa  
Não foge, mas espera confiado,  
E o ginete belligero arremessa:  
O Portugues o encontra denodado  
Pellos peitos as lanças lhe atraueffa,  
Hús caem meos martos, & outros vão  
A ajuda conuocando do Alcoráo.

51 Ali se vem encontros temerosos,  
Pera se desfazer húa alta serra,  
E os animais correndo furiosos,  
Que Neptuno amostrou ferindo a terra:  
Golpes se dam medonhos & forçosos,  
Por toda a parte andaua acesa a guerra,  
Mas o de Luso, arnes, couraça, & malha,  
Rompe, corta desfaz, abola, & talha,

52 Cabeças pelo campo vam faltando,  
Braços, pernas, se dono, & sem sentido  
E doutros as entranhas palpitando,  
Palida a cor, o gesto amortecido:  
Ia perde o campo o exercito nefando,  
Correm rios de sangue esparzidos  
Có que també do campo a cor se perde  
Tornando carmesi de branco & verde.

Ia fice

- 53 **I**a fica vencedor o Lusitano  
Recolhendo os tropheos & presa rica,  
Desbaratado & roto o Mouro Hispano  
Tres dias o gram Rey no campo fica,  
Aqui pinta no branco escudo v'fano:  
Que agora esta victoria certifica,  
Cinco escudos azues esclarecidos,  
Em final destes cinco Reis vencidos:
- 54 **E** nestes cinco escudos pinta os trinta  
Dinheiros, porque Deos fora vendido  
Escreuendo a memoria em varia tinta  
Daquelle de quem foy fauorecido:  
Em cada hum dos cinco, cinco pinta,  
Porque assi fica o numero comprido  
Contando duas vezes o do meyo.  
Dos cinco azues q̃ é cruz pintado veio.
- 55 **P**assado ja algum tempo, que passada  
Era esta gram victoria, o Rey subido  
A tomar vay Leiria que tomada  
Fora muy pouco auia do vencido:  
Com esta a forte Arronches fojugada,  
Foi jútamête: & o sempre ennobrecido  
Scabelicastro, cujo campo ameno.  
Tu claro Tejo regas tam sereno.

*Os Lusíadas de L. de Camões.*

- 56 A estas nobres villas fometidas  
Ajunta também Mafra em pouco espaço,  
E nas terras da Lúa conhecidas,  
Sujugaa dura Sintra o duro braço:  
Sintra, onde as Naiades escondidas  
Nas fontes, vam fugindo ao doce laço,  
Onde amor as enreda brandamente,  
Nas agoas acendendo fogo ardente.
- 57 E tu nobre Lisboa que no mundo  
Facilmente das outras es Princeza,  
Que edificada foste do facundo,  
Por cujo engano foy Dardania acesa:  
Tu a quem obedece o mar profundo,  
Obedeceste força Portuguesa,  
Ajudada também da forte armada  
Que das Boreais partes foy mandada.
- 58 La do Germanico Albis, & Reno,  
E da fria Bretanha conduzidos  
A destruir o pouo Sarraceno,  
Muitos cõ tenção sancta erão partidos:  
Entrando a boca ja do Tejo ameno,  
Co arrayal do grande Afonso vnidos,  
Cuja alta fama então subia aos ceos,  
Foy posto cerco aos muros Vlysseos.

- 59 Cinco vezes a Lúa se escondêra,  
E outras tantas mostrâra cheo o rosto,  
Quando a cidade entrada se rendêra,  
Ao duro cerco que lhe estava posto:  
Foy a batalha tam sanguina & fera,  
Quanto obrigaua o firme presuposto:  
De vencedores asperos, & ousados,  
E de vencidos, ja desesperados.
- 60 Desta arte em fim tomada se rendeo,  
Aquella que nos tempos ja passados  
Aa grande força nunca obedeceo,  
Dos frios pouos Scyticos ousados:  
Cujo poder a tanto se estendeo, (dos  
Que o Ibero o vio, & o tejo amedrôta  
E em fim có Bethis tâto algũ poderão,  
Que à terra de Vandalia nome dêrão.
- 61 Que cidade tam forte, por ventura  
Auera que resista, se Lisboa  
Não pode resistir à força dura  
Da gente, cuja fama tanto voa:  
Ia lhe obedece todo a Estremadura  
Obido:, Alanquer, por onde soa  
O tó das frescas agoas, entre as pedras  
Que murmurádo lava, è Torres vedras

*Os Lusíadas de L. de Camões.*

- 62 E vos também, ô terras Transtaganas  
Afamadas com dom da flaua Ceres,  
Obedeceis ás forças mais que humanas  
Entregandolhe os muros, & poderes:  
E tu laurador Mouro, que te enganas  
Se sustentar a fertil terra queres,  
q̃ Eluas, e Moura, & Serpa, conhecidas  
E Alcacere do sal estam rendidas.
- 63 Eis a nobre cidade, certo assento,  
Do rebelde Sertorio antiguamente  
Onde ora as agoas nitidas de argento,  
Vê sustentar de longe a terra & a gête:  
Pelos arcos reaes que cento & cento  
Nos ares se leuantão nobremente,  
Obedeceo por meio & ousadia  
De Giraldo, que medos nam temia.
- 64 Ia na cidade Beja vay tomar,  
Vingança de Trancoso destruída,  
Affonso que nam sabe sossegar,  
Por estender coa fama a curta vida:  
Não se lhe pode muito sustentar  
A cidade, mas sendo ja rendida,  
Em toda a cousa viua: a gente yrada,  
Prouando os fios vay da dura espada.

- 55 Com esta sujugada foy Palmella,  
E a Píscosa Cizimbra, & juntamente  
Sendo ajudado mais de sua estrella  
Desbarata hum exercito potente:  
Sentio o a villa, & vio o a serra della,  
Que a socorrella vinha diligente:  
Pella fralda da serra descuidado  
Do temeroso encontro inopinado.
- 66 O Rey de Badajoz era alto Mouro,  
Com coatro mil cauалlos furiosos,  
Innumeros piões, darinas & de ouro  
Guarnecidos guerreiros & lustrosos:  
Masqual no mes de Maio obrauo touro  
Cos ceumes da vaca arrecofos,  
Sentindo gente o bruto, & cego amato  
Saltea o descuidado caminhante.
- 67 Desta arte Affonso subito mostrado,  
Na gente dá, que passa bem segura,  
Fere, mata, derriba denodado,  
Foge o Rei Mouro, & so da vida cura:  
Dum Panico terror todo affombrado,  
So de seguillo o exercito procura,  
Sendo estes que fizeráo tanto aballo.  
Nó mais que so sessente de cauалlo.

*Os Lusíadas de L. de Camões.*

- 68 Logo seguiu a vitória sem tardança  
O gram Rey incansabil, ajuntando  
Gentes de todo o Reino, cuja usança  
Era andar sempre terras conquistando  
Cercar vay Badajoz, & logo alcança  
O fim de seu desejo pelejando  
Cõ tanto esforço & arte, & valentia,  
Que a fez fazer ás outras companhia.
- 69 Mas o alto Deos, que pera longe guarda,  
O castigo daquelle que o merece,  
Ou pera q̃ se emmende às vezes tarda,  
Ou por segredo: q̃ homẽ não conhece  
Seate qui sempre o forte Rei resguarda  
Dos perigos a que elle se offerrece.  
Agora lhe não deixa ter defesa,  
Da maldição da mãy q̃ estaua presa.
- 70 Que estando na cidade que cercara  
Cercado nella foy dos Lioneses,  
Porque a conquista della lhe tomara  
De Lião sendo, & não dos Portugueses  
Apertinacia aqui lhe custa cara,  
Assi como acontece muitas vezes.  
Que é ferros q̃bra as pernas, indo aceso  
Aa batalha onde foy vencido & preso.

- 71 O famoso Pompeyo não te pene,  
 De teus feitos illustres a ruyna,  
 Nem ver que a justa Nensis ordene,  
 Ter seu sogro de ti vitoria dina  
 Posto que o frio Fasis, ou Syene  
 Que pera nenhũ cabo a sombra inclina  
 O Bootes gellado, & a linha ardente,  
 Temessem o teu nome geralmente.
- 72 Posto que a rica Arabia, & q̃ os feroces  
 Eniocos: & Colcos, cuja fama  
 O veo dourado estêde, e os Capadoces  
 Iudea, q̃ hum Deos adora & ama,  
 E q̃ os molles Sofenos, & os Atroces  
 Silicios, com a Armenia, que derrama,  
 As agoas dos dous Rios cuja fonte  
 Està noutro mais alto e santo Monte.
- 73 E posto em fim q̃ desdo mar de Athlate  
 A te o Scitico Tauro, monte erguido,  
 Ia vencedor te vissem não, te espante,  
 Se o campo Emathio lo te vio vécido:  
 Porq̃ Affonso veras soberbo, & ouante  
 Tudo render, & ser despois rendido,  
 Assim o quis o conselho alto celeste,  
 Que vêça o sogro a ti, & o gero a este.

# Os Lusíadas de L. de Camões

74. Tornado o Rei sublime finalmente,  
Do diuino juyzo castigado,  
Depois q̃ em Santarem soberbamête,  
Em vão dos Sarracenos foy cercado:  
E depois que do Martyre Vicente,  
O sanctíssimo corpo venerado  
Do sacro promontorio conhecido  
Aa cidade Vlysea foy trazido.

75 Porque leuasse auante seu desejo,  
Ao forte filho manda o lasso velho,  
Que às terras se passasse dalentejo,  
Com gente, & co beligero aparelho:  
Sancho, desforço & daniño sobejo.  
Auante passa, & faz correr vermelho,  
O rio que Seuilha vay regando,  
Co sangue Mauro, barbaro & nefando.

76 E com esta victoria cobiçoso,  
Ia não descança o moço ate que veja,  
Outro estrago como este temeroso  
No barbaro que tem cercado Beja:  
Não tarda muito o principe ditoso,  
Sem ver o fim daquillo que deseja  
Assi estragado o Mouro, na vingança  
De tantas perdas poem sua esperança.

*Canto terceiro.* 50

77 Ia se ajuntáo do monte, a quem Medusa  
O Corpo fez perder, que teue o Ceo:  
Ia vem do promontorio de Ampelusa  
E do Tyngue que assento foy de Anteo  
O morador de Abila não se escusa,  
Que tambem cõ suas armas se moueo  
Ao som da Maurítana & ronca tuba,  
Todo o Reino q̃ foy do nobre Iuba.

78 Entraua com toda esta companhia  
O Miramamolini em Portugal  
Treze Reis Mouros leua de valia  
Entre os quaes tem o ceptro Imperial:  
E assi fazendo quanto mal podia,  
O que em partes podia fazer mal,  
Dom Sancho vay cercar em Santarem  
Porem não lhe succede muito bem.

79 Dalhe combates asperos, fazendo  
Ardis de guerra mil, o Mouro iroso  
Não lhe aproueita ja trabuco horrendo  
Mina secreta, Ariete forçoso,  
Porq̃ o filho de Affonso, não perdendo  
Nada do esforço, & a cordo generoso,  
Tudo puè cõ animo & prudêcia  
Que é toda a parte ha esforço e resistê-

*Os Lusíadas de L. de Camões*

- 89 Mas o velho a quem tinham ja obrigado  
Os trabalhosos annos ao sossego  
Estando na cidade, cujo prado  
Enuerdacam as agoas do Mondego:  
Sabendo como o filho está cercado,  
Em Santarem, do Mouro pouo cego  
Se parte diligente da cidade,  
Que nam perde a presteza coa idade.
- 81 E coa famosa gente à guerra vsada,  
Vay focorrer o filho, & así juntados,  
A Portuguesa furir costumada,  
Em breue os Mouros té desbaratados:  
A campina que toda está coalhada  
De marlotas, cupuzes variados,  
De cauallos jaezes presa rica,  
De seus senhores mortos chea fica.
- 82 Logo todo o restante se partio  
De Lusitania, postos em fugida,  
O miramamolini so nam fugio,  
Porque antes de fugir lhe foga a vida:  
A quem lhe esta victoria permitio,  
D m lououres & graças sem medida:  
Que em casos tão estranhos claramête  
Mais peleja o fauor de Deos, q̃ a gête.

83 De tamanhas victorias triumphaua  
 O velho Affonso, Príncipe subido,  
 Quãodo quê tudo em fim vécêdo adaua  
 Da larga & muita idade foy vencido:  
 A pallida doença lhe tocava,  
 Com fría mão o corpo enfraquecido,  
 E pagarão seus annos deste geito,  
 Aa triste Libitina feu dereito.

84 Os altos promontórios o chorarão,  
 E dos rios as agoas faudosas,  
 Os semeados campos alagarão,  
 Com lagrimas correndo piadosas:  
 Mas tanto pelo mundo se alargarão  
 Com fama suas obras valerosas,  
 Que sêpre no seu Reyno o chamarão,  
 Affonso, Affonso os eckos, mas em vão.

85 Sancho forte mancebo, que ficàra  
 Imitando seu pay na valentia,  
 E que em sua vida ja se exprimentàra,  
 Quando o Betis de sangue se tingia:  
 E o barbaro poder desbaratàra  
 Do Ismaelita Rey de Andaluzia,  
 E mais quãodo os q̃ Beja é vã cercarão,  
 Os golpes de seu braço em si prouarão.

*Os Lusíadas de L. de Camões.*

- 86 Depois que foy por Rey aleuantado,  
Auendo poucos annos que reinaua,  
A cidade de Siluis tem cercado,  
Cujos campos o barbaro lauraua:  
Foy das valentes gentes ajudado,  
Da Germanica armada que passaua,  
De armas fortes & gente apercebida  
A recobrar Iudea ja perdida.
- 87 Passauam a ajudar na sancta empresa  
O roxo Federico, que moueo  
O poderoso exercito, em defesa  
Da cidade onde Christo padeceo,  
Quãdo Guido co a gête em sede acesa,  
Ao grande Saladino se rendeo,  
No lugar onde aos Mouros sobejauão,  
As agoas que os de Guido desejavão.
- 88 Mas a fermosa armada, que viera  
Por contraste de vento, aaquella parte  
Sancho quis ajudar na guerra fera,  
Ia que em seruiço vay do santo Marte  
Assi como a seu pae acontecera,  
Quãdo tomou Lisbo, da mesma arte,  
Do Germano ajudado Silues toma,  
E o brauo morador destrue & doma,

- 89 E setantos tropheos do Mahometa,  
Aleuantando vay tambem do forte  
Liones, nam consente estar quieta  
A terra vsada aos casos de Mauorte:  
Ate que na ceruiz seu jugo meta  
Da soberba Tui que a mesma sorte.  
Vio ter a muitas villas suas vizinhas  
q̃ por armas tu sãcho humildes tinhas.
- 90 Mas entre tantas palmas salteado  
Da temerosa morte, fica erdeiro,  
Hum filho seu de todos estimado,  
Que foi segũdo Affonso & rei terceiro  
No tẽpo deste, aos Mouros fõo tomado  
Alcacere do sal por derradeiro,  
Porq̃ dantes os Mouros o tomarão,  
Mas agora destruidos o pagarão.
- 91 Morto despois Affonso lhe succede  
Sanho segundo, manso & descuidado  
Que tãto ẽ seus descuidos se desmede,  
Que d'outrẽ que mãdaua era mãdado  
De gouernar o Reino q̃ outro pede,  
Por causa dos priuados foy priuado,  
Porque como por elles se regia,  
Em todos os seus vicios consentia

*Os Lusíadas de L. de Camões.*

92 Não era Sancho não tam desonesto,  
Como Nero, q̃ hum moço recebia  
Por molher, & despois horrêdo incesto  
Com a máy Agripina cometia:  
Nem tam cruel ás gentes & molesto,  
Que a cidade queimasse onde viuia,  
Nem tam mao como foi Heliogabalo,  
Nem como o mole Rey Sardanapalo.

93 Nem era o pouo seutiranizado,  
Como Sicilia foy de seus tiranos,  
Nem tinha como Phalaris achado,  
Genero de tormentos inhumanos  
Mas o Reino de altiuo, & costumado  
A senhores em tudo soberanos,  
A Rey nam obedece nem consente,  
Que não for mais q̃ todos excellête,

94 Por esta causa o Reino governou,  
O Conde Bolonhes, despois alçado  
Por Rey quando da vida se apartou  
Seu irmão Sâcho, sempre ao ocio dado  
Este que Affonso obrauo se chamou:  
Despois de ter o Reino segurado:  
Em dilatalo cuida que em terreno  
Não cabe o altiuo peito tão pequeno.

- 95 Da terra dos Algarues, que lhe fora  
 Em casamento dada grande parte,  
 Recuperà co braço, & deita fora  
 O Mouro mal querido ja de Marte:  
 Este de todo fez liure & senhora  
 Lusitania, com força & bellica arte,  
 E acabou de oprimir a nação forte  
 Na terra q̃ aos de Luso coube em sorte
- 48 Eis despois vem Dinis: q̃ bem parece,  
 Do brauo Affonso stirpe nobre & dina  
 Com quem a fama grande se escurece,  
 Da liberdade Alexandrina:  
 Co este o Reino prospero florece,  
 (Alcançada ja a paz aurea diuina)  
 Em constituições, leis & costumes,  
 Na terra ja tranquila claros lumes.
- 49 Fez primeiro em Coimbra exercitar-se,  
 O valeroso officio de Minerua,  
 E de Heliconas Musas fez passar-se,  
 A pisar de Mondago a fertil erua  
 Quanto pode de Athenas desejar-se,  
 Tudo o soberbo Apolo aqui reserva.  
 Aquí as capellas da tecidas de ouro,  
 Do Bacaro, & do sempre verde louro.
- Nobres

*Os Lusíadas de L. de Camões.*

98 Nobres villas de nouo edificou,  
Fortalezas, castellos muy seguros,  
E quasi o Reyno todo reformou  
Com edificios grandes & altos muros:  
Mas despois q̃ a dura Atropos cortou  
O fio de seus dias ja maduros,  
Ficoulhe o filho pouco obediente,  
Quarto Affonso, mas forte & excellête,

99 Este sempre as hostes Castelhanas  
Co peito desprezou firme & sereno  
Porque nam ha das forças Lusitanas,  
Temer poder mayor, por mais peq̃no  
Mas poré quando as gêtes Mauritanas  
A possuir o Esperico terreno,  
Entraram pellas terras de Castella  
Foy o soberbo Affonso a socorrella.

100 Nunca com Semirâmis, gente tanta.  
Veio os campos Ydaipicos enchêdo,  
Nem Alita, que Italia toda espanta  
Chamandose de Deos açoute horrêdo:  
Gotica gente trouxe tanta, quanta  
Do Sarraceno barbaro estupendo,  
Co poder excessiuo de Granada  
Foy nos campos Tartesios ajuntada.

E védo

101 E vendo o Rey sublime Castelhana,  
 A força inexpugnabil, grande & forte,  
 Temêdo mais o fim do pouo Hispano  
 Ia perdida hũa vez, q̃ a propria morte  
 Pedindo ajuda ao forte Lusitano,  
 Lhe mandaua a caríssima consorte,  
 Molher de qué a mãda, & filha amada,  
 Daquelle a cujo Reyno foy mandada.

102 Entraua a fermosíssima Maria,  
 Pellos paternais paços sublimados,  
 Lindo o gesto, mas fora de alegria,  
 E seus olhos em lagrimas banhados:  
 Os cabellos riquíssimos trazia,  
 Pellos eburneos hombros esparzidos,  
 Diante do pay ledó, que a agalalha,  
 Estas palauras taes fallando espalha.

103 Quantos pouos a terra pruduzio  
 De Africa toda gente fera & estranha,  
 O gram Rey de Marrocos conduzio  
 Pera vir possuir a nobre Espanha:  
 Poder tanho junto não se vio,  
 Despois que o falso mar a terra banha,  
 Trazem ferocidade, furor tanto,  
 Q̃ a viuos medo, e a mortos faz espáto.  
 Aquelle

*Os Lusíadas de L. de Camões.*

104 Aquelle que me deste por marido,  
Por defender sua terra a medrontada:  
Copiqueno poder, offerecido  
Ao duro golpe está da Maura espada:  
E se nam for contigo socorrido,  
Verme as delle & do Reino ser priuada  
Viua triste, & posta em vida escura  
Sé marido, sem Reyno, & sem vêtura.

105 Por tãto, ô Rey de quem cõ puro medo,  
O corrente Mulucha se cõgella,  
Rompetoda a tardança, acude cedo,  
Aa miseranda gente de Castella:  
Se esse gesto que mostras claro & le do,  
De pay o verdadeiro amor affella,  
Acude & corre pay, que se nam corres,  
Pode ser que nam aches quẽ socorres.

106 Não de outra sorte a tímida Maria  
Fallando está, q̃ a triste Venus, quãdo  
A Iupiter seu pay fauor pedia,  
Pera Eneas seu filho, nauegando:  
Que a tanta piedade o comouia,  
Que caido das mãos o rayo infando  
Tudo o clemente Padre lhe concede,  
Pesandolhe do pouco que lhe pe de.

Mas

107 Mas ja cos esquadrões da gente armada,  
 Os Eborenses campos vão qualhados,  
 Lustra co Solo arnes, a lança, a espada,  
 Vam rinchando os cauallos jaezados:  
 Acanora trombeta embandeirada  
 Os corações à paz a costumados,  
 Vay às fulgent es armas incitando  
 Pellas concauidades retumbando.

108 Entre todos no meyo se <sup>f</sup>ublima,  
 Das insignias reaes acompanhado,  
 O valeroso Affonso, que por cima  
 De todos leua o collo alleuantado:  
 E samente co gesto esforça & anima,  
 A qualquer coração amedrontrdo,  
 Así entra nas terras de Castella,  
 Coa filha gentil Raynha della.

109 Juntos os dous Affonsos finalmente,  
 Nos campos de Tarifa estão de frente  
 Da grande multidam da ceg<sup>a</sup> gente,  
 Para qué sam piquenos câpo & môte:  
 Nam ha peito tam alto & tam potête,  
 Que de desconfiança nam se afronte  
 Em quanto nam conheça & claro veja,  
 Que co braço dos seus Christo peleja.  
 Estão

## Os Lusíadas de L. de Camões

- 110 Estão de Agar os netos casi rindo,  
Do poder dos Christãos fraco e piqno  
As terras como suas repartindo  
Ante mão, ante o exercito Agareno:  
Que com título falso possuindo  
Està o famoso nome Sarraceno,  
Afsi tambem com falsa conta & nua,  
Aa nobre terra alhea chamam sua.
- 111 Qual o membrudo & barbaro Gigante,  
Do Rey Saul com causa tam temido,  
Vendo o pastor inerme estar diante  
So de pedras & esforço apercebido:  
Com palauras soberbas & arrogante,  
Despreza o fraco moço mal vestido,  
Que rodeando a funda o desengana,  
Quáto mais pode a fê q aforça humana
- 112 Desta arte o Mouro perfido despreza  
O poder dos Christãos, & não entende  
Que esta ajudado da alta fortaleza  
Aquem o inferno horrífico se rende:  
Coella o Castelhana, & com destreza  
De Marrocos o Rey comete & offende,  
O Portugues que tudo estima em nada  
Se faz temer ao Reyno de Granada.

- 113 Eis as lanças & espadas retinião  
Por cima dos arneses, brauo estrago,  
Chamão (segundo as leis q̄ alli seguião)  
Hús Mafamede, & outros Santiago,  
Os feridos com gríta o ceo ferião,  
Fazendo de feu sangue bruto lago,  
Onde outros meos mortos se afogauão  
Quando do ferro as vidas escapauão.
- 114 Com esforço tamanho estrue & mata,  
O Lusõ ao Granadil, q̄ é pouco espaço  
Totalmente o poder lhe desbarata  
Sem lhe valer defesa, ou peito de aço:  
De alcançar tal victória, tam barata,  
Indo nam bem contente o forte braço  
vay ajudar ao brauo Castelhano,  
Que pelejando està co Mauritano.
- 115 Ia se hia o sol ardente recolhendo,  
Pera a casa de Thetis, & inclinado  
Pera o Ponente, o Vespero trazendo,  
Estaua o claro dia memorado: (rêdo  
Quãdo o poder do Mauro, grãde e hor  
Foy pellos fortes Reys desbaratado,  
Com tanta mortandade, q̄ a memoria,  
Nunca no mûdo viu tam gramvictória.
- Não

*Os Lusíadas de L. de Camões.*

117 Não matou a quarta parte o forte Mário  
Dos que morrerão neste vencimento,  
Quão do as agoas co sangue do aduersa-  
Fez beber ao exercito sedento, (rio  
Nem o Peno asperíssimo contrario,  
Do Romano poder de nascimento,  
Quão do tãtos motou da illustre Roma  
Que alqueires tresde aneis dos mortos  
(toma.

118 E se tu tantas almas fo podeste,  
Mandar ao Reyno escuro de Cócito,  
Quando a sancta cidade desfizeste.  
Do pouo pertinaz no antigo rito:  
Permissam & vingança foy celeste,  
E não força de braço, ô nobre Tito,  
Que alsí dos Vates foy profetizado,  
E despois por Iesu certificado.

119 Passada esta tam prospera victoria,  
Tornado Affonso à Lusitana terra,  
A se lograr da paz com tanta gloria,  
Quanta soube ganhar na dura guerra,  
O caso triste, & digno de memoria  
Que do sepulchro os homés desêterra  
Aconteceo da mísera & mezquinha,  
Que despois de ser morta foy Rainha.  
Tu

129 Tu so tu puro amor com força crua.  
Que os corações humanos tão obriga  
Desta causa à molesta morte sua,  
Como se for perfida enemiga:  
Se dizem fero Amor, que a sede tua  
Nem com lagrimas tristes se mitiga,  
E porque queres aspero & tirano  
Tuas aras banhar em sangue humano?

126 Estavas linda Ines posta em sossego  
De teus annos, colhendo doce fructo,  
Naquelle engano da alma, ledo & cego  
Que a fortuna não deixa durar muito  
Nos saudosos campos do Mondego,  
De teus fermosos olhos nũca enxuto,  
Aos montes ensinando, & as eruinhas.  
O nome que no peito escripto tinhas

211 Do teu príncipe ali te respondião  
As lembranças q̃ na alma lhe morauã  
Que sempre ante seus olhos te trazião  
Quãdo dosteus fermosos se apartauão  
Denoite em doces sonhos, q̃ mentiãõ,  
De dia em pensamentos que voauão,  
E quãto em fim cuidaua, & quãto via,  
Eram tudo memorias de alegria.

*Os Lusíadas de L. de Camões.*

122 De outras bellas senhoras, & Princesas,  
Os desejados thalamos engeita,  
Que tudo é fim tu puro amor despre-  
Quãodo hũ gesto suaue te fogeita: (zas  
Vendo estas namoradas estranhezas,  
O velho pay sesudo, que respeita  
O murmurar do pouo & a fantasia  
Do filho que casar se não queria.

123 Tirar Ines ao mundo determina,  
Por lhe tirar o filho que tem preso,  
Crendo co sangue sô da morte indigna  
Matar do firme amor o fogo aceso,  
Que furor consentio, que a espada fina  
Que pode sustentar o ggrande peso  
Do furor Mauro fosse aleuantada,  
Contra hũa fraca dama delicada.

124 Traziaos os horriferos algozes,  
Ante o Rey ja mouido a piedade:  
Mas o pouo com falsas & ferozes  
Razões, à morte crua o persuade:  
Ella com tristes & piedosas vozes,  
Saidas sô da magoa, & faudade  
Do seu Principe & filhos que deixaria  
Que mais q̃ a ppria morte a magoava.

Pera

125 Perao Ceo cristalino aleuantando  
 Com lagrimas os olhos piadosos.  
 Os olhos porq̃ as mãos lhe estauá atã-  
 Hú dos duros ministros rigurosos (do  
 E despois nos mininos atentando,  
 Queráo queridos tinha, & tá mimosos  
 Cuja orfindade como máy temía,  
 Pera o auô cruel afsi dizia.

126 Se ja nas brutas feras, cujamente  
 Natura fez cruel de nascimento,  
 E nas aues agrestes que samente  
 Nas rapinas aereas tem o intento,  
 Com pequenas crianças vio a gente,  
 Terem tam piadoso sentimento,  
 Como co a máy de Nino ja mostraráo  
 Ecos irmãos que Roma edificaráo.

127 Otu q̃ tés de humano o gesto & o peito,  
 ( Se de humano he, matar húa dözella  
 Fraca & sem força, so por ter sujeito  
 O coração a quem soube vencella )  
 A estas criancinhas tem respeito.  
 Pois o não tés à morte escura della  
 Mouate a piedade sua & minha,  
 Poiste não moue a culpa q̃ não tinha.

*Os Lusíadas de L. de Camões.*

128 E se vencendo a Maura resistencia,  
A morte sabes dar com fogo & ferro,  
Sabetambem dar vida com clemencia,  
A quem pera perdella não fez erro:  
Mas se to así me rece esta innocencia,  
Poẽ me em perpetuo e misero desterro,  
Na Scitia fria ou la na Lybia ardente,  
Onde em lagrimas viua eternamente.

129 Poẽme onde se vŕe toda a feridade,  
Entre Liões, & Tigres, & verey  
Se nelles achar posso a piedade  
Que entre peitos humanos não achey:  
Ali co amor intrínseco & vontade,  
Naquelle por quem mouro, criarey  
Estas reliquas suas que aqui viste,  
Que refrigerio seião da máy triste.

130 Queria perdoarlhe o Rey benigno,  
Mouido das palauras que o magoão  
Mas o pertinaz pouo, & seu destino  
(Que desta sorte o quis) lhe náperdoã  
Arrancão das espadas de aço fino,  
Os q̃ por bom tal feito ali apregoão,  
Contra hũa dama ô p. ito. carniceros  
Feros vos mostrais, & caualleiros?

Qual

131 Qual contra a linda moça Policena  
Consolação extrema da máy velha,  
Porq̃ a sombra de Achilesa condena,  
Co ferro o duro Pírrro se aparelha:  
Mas ella os olhos com que o ar serena  
(Bem como paciête, & mansa ouelha)  
Na mísera máy posto que endoudece  
Ao duro sacrificio se offerece.

132 Tais contra Ines os brutos matadores,  
No colo de alabastro que fostinha  
As obras cõ q̃ amor matou de amores  
Aquelle que despois a fez Rainha:  
As espadas banhâdo, & as brâcas flores  
Que ella dos olhoe seus regadas tinha,  
Se encarniçauão feruidos & yrosos,  
No futuro castigo não cuidadosos.

133 Bem poderas, ô Sol da villa destes  
Teus rayos apartar aquelle dia  
Como da seua mesa de Tyeftes,  
quâdo os filhos por mão d'Atreu comia:  
Vos ô concauos valles, que podestes  
A vos extrema ouuir da boca fria,  
O nome do seu Pedro q̃ lhe ouuistes,  
Por muito grande espaço repetistes.

*Os Lusíadas de L. de Camões.*

334 Assim como a bonina que cortada,  
Antes do tempo foy candida & bella  
Sendo das mãos laçiuas mal tratada,  
Da minina que a trouxe na capella:  
O cheiro traz perdido, & a cor murcha  
Tal está morta a palida dōzella, (da  
Secas do rosto as rosas, & perdida  
A branca & viua cor, co a doce vida.

335 As filhas do Mondego, a morte escura  
Longo tempo chorando memorarão,  
E por memoria eterna em fonte pura  
As lagrimas choradas tran formarão:  
O nome lhe puserão, que inda dura,  
Dos amores de Ines q ali passarão,  
Vede que fresca fonte rega as flores  
Que lagrimas sam a agoa, & nome a-  
(mores

336 Não correo muito tempo que a vingança  
Não viffe Pedro das mortais feridas,  
Que em tomádo do Reino a governança  
A tomou dos fugidos homicidas:  
Do outro Pedro cruissimo os alcanca,  
Que ambos inimigos dashumanas vidas  
O concerto fizerão duro & injusto,  
Que cō Lepido, e Antonio fez Augusto

Este

137 Este castigador foy rigoroso,  
De latrocínios, mortes & adulterios,  
Fazer nos maos cruezas fero & yroso,  
Erão os seus mais certos refrigerios:  
As cidades guardando justicofo  
De todos os soberbos vituperios,  
Mais ladrões castigando á morte deu  
Que o vagabundo Alcides, ou Theseu.

138 Do justo & duro Pedro nasce o brando  
(Vede da natureza o desconcerto)  
Remisso, & sem cuidado algũ Fernãdo,  
Que todo o Reino pos é muito aperto  
Que vindo o Castelhana deuaftando  
As terras sem defesa. esteue perto  
De destruirse o Reino totalmente  
Que hũ fraco Rei faz fraca a forte gête

139 Ou foy castigo claro do peccado.  
De tirar Lianor a seu marido,  
E casarse com ella de enleuado,  
Num falso parecer mal antendido,  
Ou foy o coração fogeito, & dado  
Ao vicio vil de quem se vio rendido  
Molle se fez, & fraco, & bem parece  
Que hũ baxo amor os fortes enfraqca

*Os Lusíadas de L. de Camões*

140 Do peccado tiuerão sempre a pena  
Muitos que Deos o quis & permittio:  
Os que foram a roubar a bella Helena,  
E com Apio tambem Tarquino o vio:  
Fois por quẽ Dauid sancto se condena  
Ou quem o tribu illustre destruiu  
De Benjamin, bem claro no lo ensina  
Por Sarra Parao, Sichem por Dina.

141 E pois se os peitos fortes enfraquece,  
Hum inconcesso amor defatinado,  
Bem no filho de Almena se parece,  
Quãdo ã Onfale andaua trãformado:  
De Marco Antonio a fama se escurece,  
Com ser tanto a Cleopatra afeiçado,  
Tu tambem Peno prospero o sentiste,  
Despois q̃ hũa moça vil na Apulia viste.

142 Mas quem pode liurarse por ventura  
Dos laços q̃ amor arma brandamête,  
Entre as rosas, & a neuê humana pura,  
O ouro, & o alabastro transparente,  
Quem de hũa peregrina fermosura  
De hum vulto de Medusa propriamête,  
Que o coração conuerte q̃ tem preso,  
Em pedranam, mas em desejo aceso.

Canto quarto. 61

PROSEGVINDO O GAMA  
sua pratica, dà conta como succede el Rey  
Dom Ioão primeiro. Encarece a lealda-  
de de Dom Nuno Alvarez Pereira. Refe-  
remse algũas victorias del Rey Dõ Ioão.  
Da conta como el Rey Dom Ioão o segú-  
do, intentou o descubrimento da India,  
& o que dahí rufultou. E como foy ele-  
cto por el Rey Dom Manoel para  
esta empresa. E como se em-  
barcou em Beth-  
lem, &c.

CANTO QVARTO.



ESPOIS DE  
procelosa tépestade  
Nocturna sombra,  
& sibiláte vëto.  
Traz a manhaã fere  
na claridade,  
Esperáça de porto,

& saluamento:  
Aparta o Sol a negra escuridade,  
Remouendo o temor ao pensamento:  
Assi no Reyno forte aconteceo,  
Despois q̃ o Rey Fernando faleceo.

Porque

## Os Lusíadas de L. de Camões

- 2 Porque se muito os nossos de sejarão  
Quem os danos & offensas va vingado  
Naquelles q̄ tambem se aproueitarão,  
Do descuido remisso de Fernando  
Despois em pouco tempo o alcáçarão,  
Ioâne sempre illustre aleuantado  
Por Rei, como de Pedro vnico erdeiro  
( Ainda que bastardo ) verdadeiro.
- 3 Ser isto ordenação dos ceos diuina  
Por finais muito claros se mostrou  
Quádo em Euora ayos de hũa minina  
Antetempo falando o nomeou.  
E como cousa em fim q̄ o Ceo destina  
No berço o corpo, & a voz aleuantou.  
Portugal, Portugal, alçando a mão  
Disse, polo Rey nouo Dom Ioão.
- 4 Alteradas entáo do Reino as gentes  
Co o dio que occupado os peitos tinha,  
Absolutas cruezas & euidentes  
Faz do pouo o furor por onde vinha,  
Matando vão amigos & parentes,  
Do adultero Conde, & da Rainha,  
Cõ quem sua incontinnencia desonesta  
Mais ( despois de viua ) manifesta.

5 Mas elle em fim com causa defonrado:  
 Diante della a ferro frio morre (do  
 De outros mnitos na morte acõpanha-  
 Que tudo o fogo erguido quima e cor  
 Quê como Astianas precipitado (re  
 (Sem lhe valerê ordês) de alta torre  
 A quê ordês, nem aras nem respeito,  
 quê nũ por ruas & em pedalos feito.

6 Podense por em longo esquecimento  
 As cruezas mortais q̃ Roma vio  
 Feitas do feroz Mario, & do cruento  
 Sylva, quando o contrario lhe fogio:  
 Por isso Lianor que o sentimento  
 Do morto Conde ao mũdo descobrio,  
 Faz contra Lusitania vir Castella,  
 Dizendo ser sua filha herdeira della.

7 Breatiz era a filha que casada  
 Co Castelhana està, q̃ o Reino pede,  
 Por filha de Fernando reputada  
 Se a corrompida fama lho concede.  
 Com esta voz Castella aleuantada,  
 Dizendo q̃ esta filha ao pay succede,  
 Suas forças ajunta pera as guerras  
 De varias regiões & varias terras.

*Os Lusíadas de L. de Camões.*

- 8 Vem de toda a prouíncia q̄ de hū brigo,  
(Se foy) ja teue o nome dirauado  
Das terras q̄ Fernando, & q̄ Rodrigo  
Ganbaram do tyranø & Mouro estado:  
Não estimam das armas o perigo,  
Os que cortando vam co duro arado  
Os campos Lionefes, cuja gente,  
Cos Mouros foy nas armas excellēte.
- 9 Os Vandalos na antiga valentia  
Ainda confiados, se ajuntauão  
Da cabeça de toda Andaluzia,  
Que do Goadalquibir as agoas lauão:  
A nobre ilha tambem se apercebia,  
Que antiguamēte os Tiros habitauão  
Trazendo por insignias verdadeiras  
As Herculeas culunas nas banderas.
- 10 Tambem vem la do Reyno de Toledo,  
Cidade nobre & antiga, a quē cercãdo  
O Tejo em torno vay suaue & ledo,  
Que das ferras de Conca vé manando:  
Auosoutros tambē nam tolhe o medo  
O sordidos Galegos, duro bando,  
Que pera resistirdes, vos armastes,  
Aaquelles, cujos go'pes ja prouastes

11 Também mouê da guerra as negras furias  
A gente Bizcainha, que carece  
De polidas razões, & que as injurias  
Muito mal dos estranhos compadece:  
A terra de Guipuscoa, & das Asturias  
Que com minas de ferro se ennobrece  
Arrou delle os soberbos matadores,  
Pera ajudar na guerra a seus senhores.

12 Ioane, a quem do peito o esforço crece,  
Como a Sansam Hebreo da Guedelha,  
Posto que tudo pouco lhe parece  
Cos poucos de seu Reyno se aparelha:  
E nam porque conselho lhe falece,  
Cos principaes senhores se aconselha,  
Mas so por ver das gentes as sentenças,  
Que sêpre ouue être muitos differêças.

13 Não falta cõ razões quê desconcerte.  
Da opinião de todos, na vontade,  
Em quem o esforço antigo se conuerte  
Em desusada & ma deslealdade:  
Podendo o temor mais, gelado, inerte  
Que a propria & natural fidelidade,  
Negão o Rey & a patria, & se conuê  
Negarão (como Pedro) a Deos que tê.

*Os Lusíadas de L. de Camões*

- 14 Mas nunca foi que este erro se sentisse,  
No forte dõ Nuno Aluarez: mas antes,  
Posto q̃ é seus Irmãos tão claro ovisse  
Reprouando as vontades inconstantes:  
A aquellas duuidosas gentes disse,  
Com palauras mais duras que alegâtes  
A mão na espada irado, & não facundo,  
Ameaçando a terra, o mar, & o mundo.
- 15 Como, da gente illustre Portuguesa,  
Ha de auer quem refuse o patrio Marte  
Como, desta prouincia que princesa  
Foy das gentes na guerra em toda parte  
Ha de sair quem negue ter defesa,  
Quê negue a fe, o amor, o esforço e arte,  
De portugues, & por nenhum respeito  
O proprio Reino queira ver fogeito?
- 16 Como, não sois vos inda os descendentes  
Daquelles, que debaixo da bandeira,  
Do grande Enriquez feros & valentes  
Vencestes esta gente tão guerreira?  
Quando tantas bandeiras, tantas gentes  
Põeão em fugida de maneira.  
Que tere illustres condes lhe trouxerão  
Presos, afora a presa que tiuerão?

- 17 Com quem foram contino sopeados  
Estes, de quem o estais agora vos,  
Por Dinis & seus filhos sublimados  
Senam cos vossos fortes pais & auôs?  
Poís se com seus descuidos, ou peccados,  
Fernando em tal fraqueza así vos pos,  
Tornevos vossas forças o Reino nouo,  
Se he certo que co Rei se muda o pouo.
- 18 Rey tendes tal, que se o valor tiuerdes  
Igual ao Rey que agora aleuantastes,  
Desbaratareis tudo o que quizerdes,  
Quanto mais a quem ja desbaratastes:  
E se cõ isto em fim vos não mouerdes,  
Do penetrante medo que tomastes,  
A tai as mãos a vosso vão receio,  
Que eu so resistirey ao jugo alheio.
- 19 Eu so com meus vassallos, & com esta,  
(E dizendo isto aranca mea espada)  
Defenderei da força dura & infesta  
A terra nunca de outrem sujugada:  
Em virtude do Rey, da patria mesta,  
Da lealdade ja por vos negada,  
Vencerey (não so estes aduersarios)  
Mas quantos a meu Rey forẽ cõtrarios.  
Ben

## Os Lusíadas de L. de Camões.

- 21 Bem como entre os inácebos recolhidos  
Em Camisio reliquias sos de Canas,  
Ia pera se entregar quasi mouidos  
A fortuna das forças Affricanas:  
Cornelio moço os faz, que compelidos  
Da sua espada, jurem que as Romanas  
Armas, não deixarão em quanto a vida  
Os não deixar ou nellas for perdida.
- 22 Desta arte a gente força, & esforça Nuno  
Que com lhe ouir as vltimas razões  
Remouem o temor frio importuno,  
Que gelados lhestinha os corações:  
Nos animais caualgão de Neptuno,  
Brandindo & volteando arremessões,  
Vão corrêdo, & gritando a boca aberta  
Viua o famoso Rey que nos liberta.
- 23 Das gentes populares hús aprovão  
A guerra com que a patria se sostinha,  
Hús as armas alimpão & renouão,  
Que a ferrugem da paz gastadas tinha:  
Capacetes estofoam, peitos prouão,  
Arma se cada hum como conuinha.  
Outros fazem vestidos de mil cores,  
Com letras & tenções de seus amores.

- 24 Com toda esta lustrôsa companhia  
Ioane forte fae da fresca Abrantes,  
Abrantes, que tambem da fonte fria  
Do Tejo logra as agoas abundantes,  
Os primeiros armigeros regia,  
Quem pera reger era os mui possantes  
Orientaes exercitos, sem conto,  
Com q̃ passaua Xerxes o Helesponto.
- 25 Dom Nuno aluares digo verdadeiro  
Exemplo de valentes Castelhanos,  
Como ja o fero Nuno o foy primeiro  
Pera Frances, pera Italianos.  
Outro tambem famoso caualleiro,  
Que a ala direita tem dos Lusitanos,  
Apto pera mandalos & regelos,  
Mê Rodriguez se diz de Vasconcelos.
- 26 E da outra ala que a esta corresponde  
Antão vazquez de Almeida he Capitã  
Que d̃spois foi d̃ Abrâches nobre Cõde  
Das gentes vay regendo a seftra mão,  
Logo na reta guarda não se esconde,  
Das quinas & castellos o pendão.  
Com Ione Rey forte em toda parte  
Que escurecêdo o preço vay, de Marte
- I Estauão

*Os Lusíadas de L. de Camões*

26 Estauam pellos muros temerosas,  
E de hum alegre medo quasi frías,  
Rezâdo as mãis irmãs, damas, & esposas  
Prometendo jejús, & romarias,  
Ia chegão as elquadras bellicosas,  
Defronte das imigas companhias,  
Que com grita grandíssima os recebem,  
E todas grande duuida concebem.

27 Respondem as trombetas mensageiras,  
Pifaros sibilantes: & atambores,  
Alferez volteam as bandeiras,  
Que variadas sam de muitas cores:  
Era no seco tempo, que nas eiras  
Ceres o fructo deixa aos lauradores,  
Entra em Astrea o Sol no mes de Agosto  
Baco das uvas tira o doce mosto.

28 Deu final a trombeta Castelhana,  
Horrendo, fero ingente, & temeroso  
Ouuiu o monte, Artabro, & Guadiana,  
A tras tornou as ondas de medroso:  
Ouuiu o Douro, & a terra Trastagana  
Correo ao mar o Tejo duuidoso,  
E as mãis que o som terrível escuítarão.  
Aos peito, os filhinhos apertarão

Quan-

- 29 Quantos rostros ali se vem sem cor,  
 Que ao coração acode o sangue amigo,  
 Que nos perigos grandes o temor,  
 He mayor muitas vezes que o perigo,  
 E se o não he pareceo, que o furor  
 De offender, ou vencer o duro inimigo,  
 faz nam sentir, q̄ he perda grande & rara  
 Dos membros corporaes da vida cara.
- 30 Começase a trauar a incerta guerra  
 De ambas partes se moue a primeira ala  
 Hús leua a defensam da propria terra  
 Outros as esperanças de ganhala:  
 Logo o grãde Pereira em qué se encerra  
 Todo o valor, primeiro se asinala  
 Derriba, & encôtra, e a terra é fimsmea  
 Dos que a tanto desejam, sendo alhea.
- 31 Ia pelo espesso ar, os estridentes  
 Farpões, setas, & varios tiros voam  
 De baixo dos pès duros dos ardeentes  
 Cauallos treme a terra os vales foam:  
 Espedação se as lanças & as frequente:  
 Quedas, co as duras armas tudo atroam  
 Recreem os inimigos sobre a pouca  
 Gente, do fero Nuno que os apouca.

## Os Lusíadas de L. de Camões

- 32 Eis ali seus irmãos contra elle vão,  
(Caso feo & cruel) mas nam se espanta,  
Que menos & querer matar o irmão  
Quê contra o Rey & a patria se aleuata:  
Destes inconstantes muitos sam,  
No primeiro esquadram, que se adiata  
Côtra irmãos & parêtes (caso estranho)  
Quaes nas guerras ciuis de Iulio Magno.
- 33 O tu Sertorio, ô nobre Coriolano  
Catilina, & vos outros dos antigos,  
Que contra vossas patrias, com profano  
Coração, vos fizestes inimigos:  
Selâno Reyno escuro de Sumano,  
Receberdes grauíssimos castigos,  
Dizeilhe q̃tambem dos Portugueses.  
Algús treedores ouue algúas vezes.
- 34 Rompemse aqui dos nossos os primeiaos,  
Tantos dos inimigos a elles vão,  
Està ali Nuno, qual pellos outeiros  
De Ceita està o fortissimo leão,  
Que cercado se ve dos caualleiros  
Que os campos vão correr de Tetuão,  
Perleguemno cõ as lanças, & elle iroso  
Toruado hũ pouco està, mas nã medroso  
Com

35 Com torua vïsta os ve, mas a natura  
 Ferina, & ira, nam lhe compadecem  
 Que as costas dè, mas antes na espessura  
 Das lanças se arremessa, que recrecem:  
 Tal està o caualleiro que a verdura  
 Tinge co sangue alheio: ali perecem  
 Alguns dos seus, que o animo valente  
 Perde a virtude contra tanta gente.

36 Sentio Ioanne a afronta que passaua  
 Nuno, que como sabio Capitão,  
 Tudo corria, & via, & a todos daua  
 Compresença & palauras coração:  
 Qual paridalio a fera & braua,  
 Que os filhos que no ninho fôs estão  
 Sentio, q̄ em quanto pasto lhe buscara  
 O postor de Massilia lhos furtara.

37 Corre raiuosa, & frema, & cõ bramidos,  
 Os montes sete irmãos atroa & abala  
 Tal Ioanne, com outros escolhidos  
 Dos seus, corrêdo acode à primeira ala:  
 O fortes companheiros, ô subilos  
 Caualleiros, a quem nenhum se iguala,  
 Defendei vossas terras, q̄ a esperança.  
 Da liberdade, està na vossa lança.

*Os Lusíadas de L. de Camões*

38 Vedesme aqui Rei vosso & companheyro  
Que entre as lanças, & setas, e os arneses  
Dos inimigos corro & vou primeiro:  
Pelejay verdadeiros Portugueses:  
Isto disse o magnanimo guerreiro  
E sopessando a lança quatro vezes  
Com força tira, & deste vnico tiro  
Muitos lançarão o vltimo suspiro.

39 Porque eis os seus acesos nouamente  
D'hũa nobre vergonha, & honroso fogo  
Sobre qual mais com animo valente,  
Perigos vencerà do Marcio jogo,  
Porfião: tinge o ferro o fogo ardente,  
Rompê malhas primeiro, & peitos logo  
Afsi recebem junto & dão feridas  
Como a quẽ ja não doe perder as vidas.

40 A muitos mãdão ver o Stigio lago (ua  
Em cujo corpo a morte, & o ferro entra  
O mestre morre ali de Sanctiago,  
Que fortissimamente pelejava,  
Morre tambem, fazendo grande estrago  
Outro mestre cruel de Calatraua,  
Os Pereiras, que tambem sam rebelados  
Finalmente sam aqui desbaratados

Muito

41 Muitos tambem do vulgo vil sem nome,  
Vão, & também dos nobres ao profundo,  
Onde o Trífauce cão perpetua fome  
Tem, das almas que passam deste mundo.  
E porque mais aqui se amanse & dom e  
A soberba do imigo furibundo  
A sublime bandeira Castellana,  
Foi derribada aos pés da Lusitana.

42 Aqui a fera batalha se encrucece,  
Cõ mortes, gritos, & sangue & cutiladas  
A multidão da gente que perece,  
Tem as flores da propria cor mudadas:  
Ia as costas dam & as vidas, ja falece  
O furor, & sobejam as lanças,  
Ia de Castella o Rey desbaratado.  
Se vee, & de feu proposito mudado.

43 O campo vay deixando ao vencedor,  
Contente de lhe não deixar a vida,  
Seguemno os q̃ ficarão, & o temor  
Lhe da não pés, mas alas a fugida:  
Encobrem no profundo peito a dor  
Da morte, da fazenda despendida,  
Da magoa, da desonra, & triste nojo.  
De ver outré triumphar de feu despojo.

*Os Lusíadas de L. de Camões.*

- 44 Algũs vão maldizendo & blasfemando  
Do primeiro que guerra fez no mundo  
Outros a sede dura vão culpando  
Do peito cobiçoso & fitibundo:  
Que por tomar o alheo, miserando  
Pouo aventura às penas do profundo,  
Deixando tantas mães tantas esposas  
Sem filhos, sem maridos desditosas.
- 45 O vencedor Ioane esteue os dias  
Costumados no campo em grãde gloria  
Com offertas despois & romarias  
As graças deu a quem lhe deu victoria:  
Mas Nuno q̃ não quer por outras vias,  
Entre as gentes deixar de si memoria,  
Se não por armas sempre soberanas,  
Pera as terras se passa Transtaganas.
- 46 Ajudaõ seu destino de maneira  
Que fez igual effeito ao ao pensamento,  
Porque a terra dos Vandalos fronteira  
Lhe concede o despojo, & o vencimêto  
Ia de Seuilha a Betica bandeira  
E de varios senhores nũ momento,  
Se lhe derriba aos pès sem ter defesa,  
Obrigados da força Portuguesa.

- 47 Destas & outras victorias longamente  
Erão os Castellanos opprimidos  
Quando a paz desejada ja da gente  
Derão os vencedores aos vencidos:  
Depois q̄ quis o padre omnipotente,  
Dar os Reis inimigos por mar illos  
Aas duas illustrissimas Ingresas,  
Gentis, fermosas, inclytas princezas.
- 48 Não soffre o peito forte vsado à guerra  
Não ter imigo ja a quem faça dano,  
E assi não tendo a quem vencer na terra  
Vay cometer as ondas do Oceano:  
Este he o primeito Rey que se desterra  
Da patria por fazer que o Africano  
Conheça pollas armas, quanto excede  
A ley de Christo à ley de Mafamede.
- 49 Eis mil nadantes aues pello argento  
Da furiosa Tetis inquieta,  
Abrindo pandas asas vaim ao vento  
Pera o onde Alcides pos a extrema meta  
O monte Abila & o nobre fundamêto  
De Ceita toma & o torpe Mahometa,  
Deita fora, & segura toda espanha  
Da Iuliana, má & desleal manha.

*Os Lusíadas de L. de Camões.*

- 50 Nam consentio a morte tantos annos  
Que de Heroe tam ditoso se lograsse  
Portugal, mas os coros soberanos  
Do ceo supremo, quis que pouoasse:  
Mas pera defensam dos Lusitanos  
Deixou quem o leuou, que governasse  
E aumentasse a terra mais que dantes,  
Inclita geraçam, altos Iffantes.
- 51 Nam foy do Rey Duarte tam ditoso,  
O tempo que ficou na summa altez a  
Que así vay alternando o tempo iroso,  
O bem co mal, o gosto coa tristeza:  
Quem vio sempre hũ estado deleitoso?  
Ou quem vio em fortuna auer firmeza?  
Pois inda neste Reyno, & neste Rey  
Nam vsou ella tanto desta ley?
- 52 Vio ser captiuo o sancto irmão Fernando  
Que a tam altas empresas aspiraua,  
Que por saluar o pouo miserando  
Cercado, ao Sarraceno se entregaua:  
Sô por amor da patria está passando  
A vida de senhora feita escraua,  
Por nam se dar por elle a forte Seita  
Mais o publico bem que o seu respeitã.

- 53 Codro porque o inimigo nam venceffe,  
 Deixou antes vencer da morte a vida  
 Regulo porque a patria nam perdeffe,  
 Quis mais a liberdade ver perdida:  
 Este porque se Espanha nam temesse  
 A captiueiro eterno se conuida,  
 Codro, nem Curcio, ouuido por espáto  
 Nem os Decios leais fizeram tanto,
- 54 Mas Affonso do Reyno vnico herdeiro,  
 Nome em armas ditoso, é nossa Hesperia  
 Que a soberba do barbaro fronteiro,  
 Tornou em baxa & humilima miseria:  
 Fora por certo inuicto caualleiro,  
 Senam quísera ir ver a terra Iberia  
 Mas Africa dira ser impossibil,  
 Poder ninguem vencer o Rey terribil.
- 55 Este pode colher as maçaás de ouro,  
 Que samente o Tirintio colher pode  
 Do jugo que lhe pos o brauo Mouro,  
 A ceruiz inda agora nam facode:  
 Na fronte a palma leua, & o verde louro  
 das victorias do barbaro, que a code  
 A defender Alcacer forte villa,  
 Tangere populoso, & a dura Arzilla.

*Os Lusíadas de L. de Camões.*

56 Porem ellas em fim por força entradas,  
Os muros abaixaram de diamante,  
Aas Portuguezas forças costumadas  
A derribarem quanto achão diante,  
Marauilhas em armas estremadas,  
E de escriptura dinas elegante,  
Fizerão caualleiros nesta empresa  
Mais, affinando a fama Portugueza.

57 Porem despoistocado de ambiçam,  
E gloria de mandar amara & bella,  
Vay cometer Fernando de Aragão  
Sobre o potente Reyno de Castella:  
Ajuntase a inimiga multidão,  
Das soberbas & varias gentes della,  
Desde Caliz ao alto Perineo,  
Que tudo ao Rey Fernando obedeceo.

58 Não quis ficar nos Reinos ocioso,  
O mancebo Ioanne, & logo ordena  
De ir ajudar ao pay ambicioso,  
Que entam lhe foi ajuda nam piquena,  
Saiose em fim do trance perigoso:  
Com fronte nam toruada, mas serena  
Desbaratado o pay sanguinolento,  
Mas ficou duuidoso o vencimento.

- 59 Porque o filho sublime & soberano,  
Gentil, forte, animoso cavalleiro,  
Nos contrarios fazendo immenso dano,  
Todo hũ dia ficou no campo inteiro:  
Desta arte foy vencido Octauiano.  
E Antonio vencedor seu cõpanheiro,  
Quando daquelles que Cesar matarão  
Nos Philipicos campos se vingarão.
- 60 Porem despois que a escura noite eterna,  
Affonso apofentou no Ceo sereno,  
O Principe que o Reino então governa,  
Foy Ioane sigundo, & Rey trezeno:  
Este por auer fama sempiterna,  
Mais do q̃ tentar pode homem terreno  
Tentou que fcy buscar da roxa Aurora  
Os terminos, q̃ eu vou buscando agora.
- 61 Manda seus mensageiros que passaram  
Espanha, França, Italia celebrada,  
E la no illustre porto se embarcaram  
Onde ja foy Partenope enterrada  
Napoles onde os fados se mostraram  
Fazendo a varias gentes subjugada,  
Poilo illustrar no fim de tantos annos,  
Co senhorio de inclitos Hispanos.

*Os Lusíadas de L. de Camões.*

62 Polo mar alto Siculo navegauão,  
Vamse às prayas de Rodes arenosas,  
E dali às ribeiras altas chegão,  
Que cõ morte de Magno sam famosas:  
Vão a Menfis, & às terras que se regão,  
Das enchentes Niloticas vndosas,  
Sobem à Ethíopia, sobre Egypto,  
Que de Christo la guarda o sancto rito.

63 Passam tambem as ondas Erithreas,  
Que o pouo de Israel sem nao passou,  
Ficamlhe atras as ondas Nabatheas,  
Que o filho de Ismael co nome ornou:  
As costas odoríferas Sabeas,  
Que a mãy do bello Adoni. tão hórou  
Cercam, com toda a Arabia descuberta  
Felix, deixando a Petrea, & a deserta.

64 Entram no estreito Perfico, onde dura  
Da confusa Babel, inda a memoria,  
Ali o Tigris & Eufrates se mistura  
Que as fontes onde nasce tẽ por gloria:  
Dali vão em demanda da agoa pura,  
Que cauã inda sera de larga historia  
Do Indo, pellas ondas do Oceano,  
Onde nam se atreueo passar Trajano.

- 65 Virão gentes incognitas estranhas  
 Da India, de Carmania, & Gedrosia,  
 Vendo varios costumes, varias manhas  
 Que cada Região produz & cria:  
 Mas de vias tam asperas, tamanhas  
 Tornarse facilmente nam podia,  
 La morreram em fim, & la ficaram  
 Que à desejada patria nam tornarão.
- 66 Parece que guardava o claro ceo  
 A Manoel & seus merecimentos,  
 Esta empresa tam ardua, q̃ o moueo  
 A subidos & illustres mouimentos:  
 Manoel que a Ioanne succedeo,  
 No Reino, & nos altiuos pensamentos,  
 Logo como tomou do Reyno cargo,  
 Tomou mais a conquista do mar largo.
- 67 O qual como do nobre pensamento  
 Daquella obrigaçam que lhe ficara,  
 De seus antepassados (cujo intento,  
 Foy sempre acrecentar a terra clara:)  
 Nam deixasse de ser hum so momento  
 Conquistado: No tempo que a luz clara  
 Foge, & as estrellas nitidas, que facem  
 A repouso conuidam quando caem,  
 Estando

*Os Lusíadas de L. de Camões.*

- 68 Estando ja deitado no aureo leito,  
Onde as imaginações mais certas sam,  
Reuolueno contínuo no conceito  
De seu ofício & sangue a obrigação  
Os olhos lhe occupou o sonno aceito,  
Sem lhe desoccupar o coração:  
Porque tanto que laço se adormece  
Morfeo em varias formas lhe aparece.
- 69 Aqui se lhe apresenta que subia  
Tam alto que tocáua a prima esphera,  
Donde diante varios mundos via  
Nações de muita gente, estranha, & fera,  
E laa bem unto donde nasce o dia  
Despois que os olhos longos estendera,  
Vio de antigos lóginquos & altos môtos  
Nacerem duas claras & altas fontes.
- 70 Aues agrestes, feras & alimarias  
Pello monte seluatico habitauão  
Mil aruores syluestres, & eruas varias  
O passo & o trato às gentes atalhauão:  
Estas duras montanhas aduersarias,  
De mais conuerção por si mostrauão  
Que desque Adão peou aos nossos anos  
Não as romperão nunca pés humanos.

- 71 Das agoas se lhe antolha que saião  
 Por elle os largos passos inclináo,  
 Dous homês, q̃ muy velhos pareciao  
 De aspeito inda q̃ agreste, veneráo:  
 Das pontas dos cabellos lhe saião  
 Gotas, q̃ o corpo todo vão banháo,  
 A cor da pelle baça & denegrída  
 A barba hírsuta, intonía, mas cóprida.
- 72 Dambos & dous a fronte coroadá  
 Ramos nam conhecidos, & eruas tinha,  
 Hum delles a presença traz cansada,  
 Como quam de mais lóge alli caminha:  
 E así a agoa com impetu alterada  
 Parecia que doutra parte vinha,  
 Bé como Alfeo de Arcadia em Syracusa  
 Vay buscar os braços de Aretusa.
- 73 Este que era o mais graue na pessão  
 Destarte para o Rey de longe brada,  
 O tu a cujos Reynos & coroa  
 Grande parte do mundo está guardada:  
 Nos outros, cuja fama tanto voa  
 Cujá ceruiz bem nunca foy domada,  
 Te auisamos, q̃ he tempo q̃ ja mandas  
 A receber de nos tributos grandes.

*Os Lusíadas de L. de Camões.*

- 74 Eu sou o illustre Ganges, que na terra  
Celeste, tenho o berço verdadeiro,  
Estoutro he o Indo Rey, que nesta terra  
Que vês, seu nascimento tem primeiro:  
Custartemos com tudo dura guerra,  
Mas insistindo tu por derradeiro,  
Com não vistas victorias, sem receyo,  
A quantas gentes vês poràs o freyo.
- 75 Não disse mais o rio illustre & sancto,  
Mas ambos desaparecem num momêto,  
Acorda Emanuel cum nouo espanto,  
E grande alteração de pensamento:  
Estendeo nisto Phebo o claro manto  
Pello escuro Emisperio somnolento,  
Veyo a manhãa no ceo pintãdo as cores  
De pudibunda rosa, & roxas flores.
- 76 Chama o Rey os senhores a conselho,  
E propôelhes as figuras da visam,  
As palauras lhe diz do sancto velho,  
Que a todos forão grande admiração:  
Determinão o nautico aparelho,  
Pera que com sublime coração  
Vã a gête q̃ mandar cortando os mares,  
A buscar nouos climas, nouos ares.

77 Eu que bem mal cuidaua q̄ em effeito  
 Se pofesse o que o peito me pedia.  
 Que sempre grandes 'cousas deste geito,  
 Presago o coração me prometia:  
 Não sey porque razão, porque respeito,  
 Ou porque bom final que em mi se via,  
 Me põe o enclyto Rey nas mãos a chaue  
 Deste cometimento grande, & graue.

78 E com rogo & palauras amorosas (ga  
 Que he hũ mádo nos Reis q̄ a mais obri  
 Me disse: As cousas arduas & lustrosas  
 Se alcanção com trabalho, & cõ fadiga:  
 Faz as pessoas altas & famosas.  
 A vida que se perde & que periga  
 Que quãdo ao medo infame não se réde  
 Então se menos dura mais se estende.

73 Eu vos tenho entre todos escolhido  
 Para hũa empresa qual a vos se deue,  
 Trabalho illustre, duro & esclarescido,  
 O que eu sey que por mi vos sera leue:  
 Não sofri mais, mas logo, O rey subido  
 Auenturarme a ferro, a fogo, a neue,  
 He tão pouco por vos, q̄ mais me pena  
 Ser esta vida cousa tam pequena.

*Os Lusíadas de L. de Camões.*

80 Imaginey tamanhas aventuras  
Quaes Eurísteo a Alcides inuentaua,  
O lião Cleonèò, Arpias duras,  
O porco de Erimanto, a Ydra braua:  
Decer em fim às sombras vans & escuras  
Onde os campos de Dite a Estige laua,  
Porque a mayor perigo, e mor affronta  
Porvos ô Rey, o spíritu è carne he prôta

81 Com merces sumptuosas me agradece,  
E com razões me louua esta vontade,  
Que a virtude louuada viue & crece,  
E o louuor altos casos persuade:  
A acompanhar-me logo se offerece  
Obrigado da mor, & da mizade,  
Nam menos cobiçoso de honra & fama,  
O charo meu irmão Paulo da Gama.

82 Mâis se me ajuntâ Nicolao Coelho  
De trabalhos muy grande soffredor,  
Ambos de valia, & de conselho,  
De experiencia em armas & furor:  
Ia de manceba gente me aparelho,  
Em que crece o desejo do valor.  
Todos de grande esforço, & assi parece  
Quem a tamanhas couzas se offerece.

83 Forão de Emanoel remunerados,  
Porq̃ com mais amor se apercebessem  
E com palauras altas animados,  
Para quantos trabalhos succedessem:  
Assi foram os Mynias ajuntados  
Para que o veo dourado combatessem,  
Na Fatidica nao, que ousou primeira  
Tentar o mar Euxinio aventureira.

84 E ja no porto da inclita Vlyssæa,  
Cum aluoroço nobre, & cum desejo  
(Onde o licor mistura, & branca areia  
Co salgado Neptuno o doce Tejo)  
As naos prestes estam, & nam refrea  
Temor nenhum o juvenil despejo,  
Porque a gente marítima & a de Marte  
Estam para seguirme a toda parte.

85 Pellas prayas vestidos os soldados,  
De varias cores vem, & varias artes  
E nam menos de esforço aparelhados  
Para buscar do mundo novas partes:  
Nas fortes naos os ventos sossegados,  
Ondeão os acrios estandartes,  
Ellas prometem vendo os mares largos  
de ser no Olípo estrelas como a de Argos

*Os Lusíadas de L. de Camões.*

86 Despois de aparelhados desta sorte  
De quanto viagem pede & manda,  
Aparelhamos a alma para a morte,  
Que sepre aos nautas ante os olhos áda:  
Para o summo poder q̃ a Etherea corte  
Sostenta so coa vista veneranda,  
Imploramos fauor que nos guiasse,  
E que nossos começos aspirasse.

87 Partimos así do sancto templo,  
Que nas prayas do mar está assentado,  
Que o nome tem da terra, para exêplo,  
Dóde Deos foi e carne ao mûdo dado:  
Certificote ô Rey, que se contemplo  
Como fuy destas prayas apartado,  
Cheyo dentro de duuida & receyo,  
q̃ apenas nos meus olhos ponho o freyo.

88 A gente da cidade aquelle dia  
Huns por amigos outros por parentes,  
Outros por ver fomento concorria,  
Saudosos na vista, & descontentes:  
Enos coa virtuosa companhia  
De mil religiosos diligentes,  
Em precissam solenne a Deos orando,  
Para os bateis viemos caminhando.

Em

Em tão longo caminho, & duuidoso,  
 Por perdidos as gentes nos julgauão.  
 As molheres cum choro piadoso,  
 Os homês cõ sospiros que arrancauão  
 Mães, esposas, irmaás, que o temeroso  
 Amor mais desconfia, acrescentauão  
 A desesperação, & frio medo  
 De ja nos nam tornar a ver tam cedo.

Qual vay dizendo, O filho a qué eu tinha  
 So para refrigerio & doce emparo  
 Desta cansada ja velhice minha,  
 Que é choro acabara, penoso, e amaro  
 Porque me deixas misera & mezquinha  
 Porque de mi te vas, ô filho charo,  
 A fazer o funero enterramento,  
 Onde sejas de peixes mantimento.

Qual em cabelle, O doce & amado esposo  
 Sem quem nam quis amor q̃ viuer possa  
 Porque is aventurar ao mar iroso  
 Essa vida, q̃ he minha, & nam he vossa?  
 Como por hum caminho duuidoso  
 Vos esquece a afeição tam doce nossa?  
 Nosso amor, nosso vão contentamento,  
 Quereis q̃ com as vellas leue o vento.

*Os Lusíadas de L. de Camoës.*

92 Nestas & outras palauras que deziã  
De amor, & de piadosa humanidade,  
Os velhos & os mininos os seguiã  
Em quem menos esforço poê a ydade:  
Os montes de mais perto respondiam  
Quasi mouidos de alta piedade,  
A branca areã as, lagrimas banhauão  
Que em multidão co ellas se igoalauão.

93 Nos outros sem a vista aleuantarmos,  
Nem a mãy, nem a esposa, neste estado,  
Por nos não magoarmos, ou mudarmos  
Do proposito firme começado:  
Determiney de así nos embarcarmos.  
Sem o despedimento costumado,  
Que posto que he de amor v'sança boa  
A quem se aparta, ou fica mais magoa.

94 Mas hum velho daspeito venerando,  
Que ficaua nas prayas entre a gente,  
Postos em nos os olhos, meneando  
Tres vezes a cabeça descontente,  
A vos pelada hum pouco aleuantando,  
Que nos no mar ouuimos claramente,  
Cùm saber so desperiencias feyto  
Tais palauras tirou do experto peito.

95 O gloria de mandar, o vaã cobiça  
Deſta vaidade, a quem chamamos fama,  
O fraudulento goſto, que ſe atiça  
Cũa aura popular, que honra ſe chama  
Que caſtigo tamanho & que juſtiça  
Fazes no peito vão que muito te aina,  
Que mortes que perigos, que tormêtas  
Que crueldades nelles eſprimentas

96 Dura inquietação dalmas & da vida  
Fonte de deſemparos & adulterios,  
Sagaz conſumidora conhecida  
De fazendas de reinos, & de imperios  
Chamaute illuſtre, chamante ſubida,  
Sendo dîna de infames vituperios,  
Chamante Fama, & Gloria ſoberana  
No mes cõ que ſe o pouo neſcio engana.

97 A que nouos deſaſtres determinas  
De leuar eſtes reinos & eſta gente?  
Que perigos, que mortes lhe deſtinias  
Debaixo dalgum nome preminente?  
Que promeſſas de reinos, & de minas  
Douro, que lhe faras tão facilmentes  
Que famas lhes prometeras, q̃ hiſtorias?  
Que triumphos, q̃ palmas, q̃ yitorias?

*Os Lusíadas de L. de Camões.*

98 Mas ô tu geração daquelle insano  
Cujõ peccado & desobediencia  
Mão fõmente do Reino soberano  
Te pos neste desterro & triste ausêcia:  
Mas inda doutro estado mais q̃ humano  
Da quieta & da simpres innocêcia,  
Idade douro tanto te priuou  
Que na de ferro & darmas te deitou.

96 Ia que nesta gostosa vaidade  
Tanto enleuas a leue fantasia,  
Ia que aa bruta crueza & feridade  
Poseste nome, esforço & valentia:  
Ia que prezas em tanta quantidade  
O desprezo da vida que deuia  
De ser sempre estimada, pois que ja  
Temeo tanto perdella quem a dá.

100 Não tês junto contigo o Ismaelita  
Com qué sempre teràs guerras fobejas?  
Não segue elle do Arabio a ley maldita,  
Se tu polla de Christo so pelejas?  
Não tem cidades mil, terra infinita  
Se terras & riquezas mais desejas?  
Não he elle por armas esforçado?  
Se queres por victorias ser louuado  
deixas

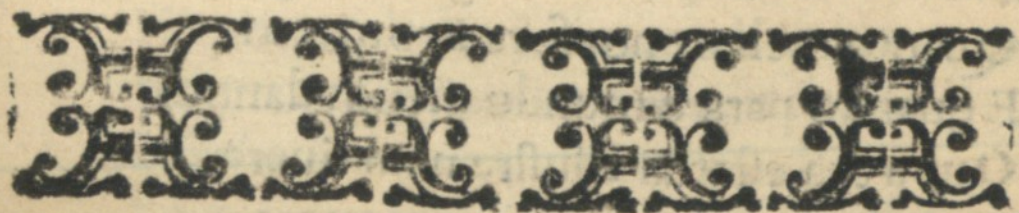
101 Deixas criar às portas o inimigo  
Por ires buscar outro de tam longe,  
por quem se despouoe o Reyno antigo  
Se enfraqueça & se vâ deitando a longe:  
Buscas o incerto & incognito perigo  
Porque a fama te exalte & te lilonge,  
Chamandote senhor com larga copia  
Da India, Persia, Arabia, & de Ethiopia.

102 O maldito o primeiro que no mundo  
Nas ondas vellas pos em seco lenho,  
Dino de eterna pena do profundo,  
Se he justa a justa lei que figo & tenho:  
Nunca juizo algum alto & profundo,  
Nem cythara sonora, ou viuo engenho,  
Te dê por isso fama, nem memoria,  
Mas cõtigo se acabe o nome & gloria.]

103 Trouxe o filho de Iapeto do Ceo  
O fogo que ajuntou ao peito humano,  
Fogo que o mundo em armas acendeo  
Em mortes, em desôras (grãde engano:)  
Quanto melhor nos fora Prometeo,  
E quando para o mundo menos danno,  
Que a tua estatua Illustre nam tiuera  
Fogo de altos desejos, que a mouera.

*Os Lusíadas de L. de Camões.*

104 Não cometera o moço miserando  
O carro alto do pay, nem o ar vazio  
O grande Achictor co filho dando  
Hũ, nome ao mar è o outro fama ao rios  
Nenhum cometimento alto & nefando  
Por fogo, ferro, agoa, calma, & frio,  
Deixa intentado a humana geração,  
Miseria sorte, estranha condição!



PROSEGVE SUA PRACTICA, dando conta como partito de Portugal, onno de mil quatrocentos nouenta & sete. Recitase Poeticamente o descobrimento do cabo de Boaesperança, & conta por extenso toda sua derrota referindo todos os casos que lhe succederam até chegar à India, onde ora  
estaa.

CANTO QUINTO.



ISTAS sentenças tais  
o velho honrado  
Vociferando estaua,  
quãdo abrimos  
As asas ao sereno &  
fosssegado  
Vento, & do porto

amado nos partimos:

E como he ja no mar costume vsado  
A vella desfraldando o ceo ferimos,  
Dizendo, Boa viagem logo o vento  
Nos troncos fez o vsado mouimento.

*Os Lusíadas de L. de Camões.*

2 **E**ntraua neste tempo o eterno lume,  
No animal Nemeyo truculento,  
E o mundo q̄ com tempo se consume  
Ná seísta idade andaua enfermo & léto:  
Nella ve, como tinha por costume,  
Cursos do Sol quatorze veze: cento,  
Com mais nouenta & sete, em q̄ corria,  
Quando no mar a armada se estendia.

3 **I**a a vista pouco & pouco se desterra,  
Daquelles patrios montes que ficauão,  
Ficaua o charo Tejo, & fresca serra  
De Sintra, & nella os olhos se alógauão:  
Ficauanos tambem na amada terra  
O coração que as magoas la deixauão,  
E ja despois que toda se escondo  
Nam vimos mais em fim, q̄ mar & ceo,

4 **A**ssí fomos abrindo aquelles mares  
Que geração algũa nam abrio,  
As nouas ilhas vendo, & os nouos ares,  
Que o generoso Enrique descobrio:  
De Mauritania os montes & lugares,  
Terra que Anteo num tempo possuyou,  
Deixando à mão ezquerda, q̄ a direita  
Nam ha certeza doutra, mas sospeita.

- 5 Passamos a grande ilha da Madeira,  
 Que do muito aruoredo assi se chama  
 Das que nos pouoamos, a primeira,  
 Mais celebre por nome que por fama:  
 Mas nem por ser do mundo a derradeira  
 Se lhe auentajam quantas Venus ama,  
 Antes sendo esta sua, se esquecera  
 D Cypro, Guido, Pafos, & Cythera.
- 6 Deixamos de Malsilia a esteril costa,  
 Onde seu pasto os Azenegues pastão,  
 Gente que as frescas agoas nunca gosta,  
 Nem as eruas do câpo bem lhe abastão:  
 A terra a nenhũ fructo em fim disposta,  
 Onde as aues no ventre o ferro gastão,  
 Padecendo de tudo extrema inopia,  
 Que aparta a Barbaria de Ethiopia.
- 7 Passamos o limite aonde chega  
 O Sol, que para o Norte os carros guia,  
 Onde jazem os pouos a quem nega  
 O filho de Climene a cor do dia:  
 Aquí gentes estranhas lava & rega  
 Do negro Sanagà a corrente fria,  
 Onde o cabo Arsinario o nome perde  
 Chamandose dos nossos Caboverde.

*Os Lusíadas de L. de Camões.*

8 Passadas tẽdo ja as Canarias ilhas  
Que tiuerão por nome Fortunadas  
Entramos nauegando pollas filhas  
Do velho Hesperio Hesperidas chama-  
Terras por onde nouas marauilhas (das  
Andarão vendo já nossas armadas,  
Ali tomamos porto com bom vento  
Por tomarmos da terra mantimento.

9 A aquella ilha aportamos que tomou  
O nome do guereiro Sanctiago,  
Sancto q̃ os espanhoes tanto ajudou  
A fazerem nos Mouros brauo estrago:  
Da qui tanto que Borea nos ventou  
Tornamos a cortar o immenso lago,  
Do salgado Oceano, & assi deixamos  
A terra onde o refresco doce achamos.

10 Por aqui rodeando a larga parte  
De Africa, que ficaua ao Oriente  
A Prouincia Ialoso, que repárte  
Por diuersas nações a negra gente  
A muy grande Mandiga por cuja arte,  
Logramos o metalrico & luzente,  
Que do curuo Ganbea as agoas bebe  
As quaes o largo Atlantico recebe.

- 11 As Dorcadas passamos pouoadas.  
 Das irmaãs, q̄ outro tẽpo ali viuião,  
 Que de vista total sendo priuadas  
 Todas tres dhum so olho se seruião;  
 Tu so, tu cujas tranças enrespadas  
 Neptuno la nas agoas acendião,  
 Tornada ja de todas a mais fea,  
 De biuoras encheſte a ardente area.
- 12 Sẽpre em fim para o Austro a aguda proa  
 No grandissimo golfão nos metemos  
 Deixando a ferra asperrima Lyoa  
 Co cabo a quẽ das palmas nome damos;  
 O grande rio, onde batendo soa  
 O mar nas prayas notas, q̄ ali temos,  
 Ficou, coa ilha illustre que tomou  
 O nome d'hum q̄ o lado a Deos tocou,
- 13 Ali o muy grande Reyno estã de Congo  
 Por nos ja conuertido à fẽ de Christo,  
 Por onde o Zaire poisa claro & longo  
 Rio polos antigos nunca visto:  
 Por este largo mar em fim me alongo  
 Do conhecido polo de Calisto,  
 Tendo o termino ardente ja passado,  
 Onde o meyo do mundo he limitado,

*Os Lusíadas de L. de Camões.*

14 Ia descuberto tínhamos diante,  
La no nouo Hemispherio noua estrella,  
Nam vista de outra gente, q̄ ignoráte  
Alguns tempos esteue incerta della:  
Vimos a parte menos rutilante  
E por faltas destrellas menos bella,  
Do Polo fixo, onde inda se nam sabe  
Que outra terra comece, ou mar acabe.

15 Afsi passando aquellas regiões  
Por onde duas vezes passa Apolo,  
Dous inuernos fazendo & dous verões  
Em quanto corre dum a outro Polo:  
Por calmas, por tormentas & apressões  
Que sempre faz no mar o irado Eolo,  
Vimos as Vrfas a pesar de Iuno  
Banharemse nas agoas de Neptuno.

16 Contarte longamente as perigosas  
Cousas do mar q̄ os homés não entēde,  
Subitastrouoadas, temerosas,  
Relampados que o ar em fogo acēdem:  
Negros chuueiros noites temerosas,  
Bramidos de trouões, q̄ o mūdo fendē.  
Nam menos he trabalho, q̄ grande erro  
Ainda que tiuesse a voz de ferro.

- 17 Os casos vi, que os rudos marinheiros  
Que té por mestra a longa experiencia  
Côtão por certos sempre & verdadeiros  
Iulgando as cousas fo pola apparencia:  
E que os que tem juizos mais inteiros  
Que fo por puro engenho & por ciência,  
Ven do mundo, os segredos escondidos  
Iulgam por falsos, ou mal entendidos.
- 18 Vi claramente visto o lume viuo  
Que a marítima gente tem por sancto  
Em tēpo de tormenta, & vëto esquiuo.  
De tempestade escura, & triste pranto,  
Nam menos foy a todos excelsiuo  
Milagre, & cousa certo de alto espanto,  
Ver as nuuens do mar com largo cano,  
Soruer as altas agoas do Oceano.
- 21 Qual roxa sanguesfuga se veria  
Nos beijos da alimaria (que imprudēte  
Bebendo a recolheo na fonte fria)  
Partar co sangue alheo a sede ardente:  
Chupádo mais & mais se engrossa e cria  
Alli se enche & se alarga grandemente  
Tal a grande coluna, enchêdo aumenta  
A si, & a nuuem negra que sustenta.

*Os Lusíadas de L. de Camões.*

- 22 Mas despois que de todo se fartou  
O pè que tem no mar así recolhe,  
E pello ceo chouendo em fim voou  
Porq̃ cõa agoa jacente agoa molhe:  
Aas ondas torna as ondas que tomou  
Mas o sabor do sal lhe tira & tolhe,  
Vejão agora os sabios na escriptura  
Que segredos sam estes de natura.
- 23 Se os antigos Philosophos, que andarão  
Tantas terras, por ver segredos dellas,  
As maravilhas que eu passey passarão  
A tão diuerfos ventos dando as vellas:  
Que grandes escripturas que deixarão,  
Que influçãõ<sup>d</sup> de signos, & de estrella,  
Que estranhezas, que grandes calidades  
E tudo sem mentir, puras verdades.
- 24 Mas ja o planeta que no ceo primeiro  
Habita, cinco vezes apressada,  
Agora meyo rosto, agora inteiro (da:  
Mostrara: é quãto o mar cortaua a arma  
Quãdo da Etherea gauea hũ marinheiro  
Prompto coa vista, terra . terra, brada,  
Salta no bordo aluoroçada a gente  
Cos olhos no Orizonte de Oriente.

25 A maneira de nuuês se começáo  
A descubrir os mōtes q̄ enxergamos,  
As ancoras pesadas se adereção,  
As vellas ja chegados amainamos:  
E para que mais certas se conheção,  
As partes tã remotas onde estamos  
Pello nouo instrumento do Astrolabio  
Inuenção de gentil juyzo, & sabio.

26 Desembarcamos logo na espaçosa  
Parte, por onde a gente se espalhou,  
De ver cousas estranhas deseiosa,  
Da terra que outro pouo não pisou:  
Porem eu cos pilotos na arenosa  
Praia, por vermos em que parte estou,  
Me detenho em tomar do Sol a altura,  
E compassar a vniuersal pintura.

27 Achamos ter de todo ja passado  
Do Semicapro peixe a grande Meta,  
Estando antre elle, & o circulo gelado  
Austral, parte do mundo mais secreta:  
Eis de meus companheiros rodeado  
Vejo hum estranho vir de pelle preta,  
Que tomraão por força, é quãto apanha  
De mel os doces fauos na môtanha.

*Os Lusíadas de L. de Camões.*

28 Toruado vem na vista, como aquelle  
Que nam se vira nunca em tal extremo  
Nem elle entende a nos, nem nos a elle,  
Saluagem mais que o bruto Polifemo:  
Começolhe a mostrar da rica pelle  
De Colcos, o gentil metal supremo,  
A prata fina, a quente especiaria,  
A nada disto o bruto se mouia.

29 Mando mostrarlhe peças mais fomenos,  
Contas de cristalino transparente,  
Algús foantes calcaueis pequenos,  
Humbarrete vermelho, cor contente:  
Vi logo por finais & por acenos  
Que com isto se alegra grandemente,  
Mádoosoltar cõ tudo, & assi caminha  
Para a pouoação, que tem vezinha.

30 Mas logo ao outro dia seus parceiros  
Todos nús, & da cor da escura treua,  
Decendo pelos asperos outeiros  
As peças vem buscar, que estoutro leua:  
Domesticos ja tanto, & companheiros  
Se nos mostrão, que fazé q se atreua,  
Fernão Veloso a ir ver da terra o trato,  
E partirse coelles para o mato.

- 31 He Veloso no braço confiado,  
E de arrogante cre que vay seguro,  
Mas sendo hum grãde espaço ja passado  
Em que algum bom final saber procuro:  
Estando a vista alçada, co cuidado  
No aventureiro, eis pelo monte duro  
Aparece, & segundo ao mar caminha,  
Mais apressado do que fora vinha.
- 32 O batel de Coelho foi de pressa  
Pello tomar, mas antes que chegasse  
Hum Ethyope ousado se arremessa  
A elle, porque nam se lhe escapasse:  
Outro, & outro lhe saem, vese em pressa  
Veloso, sem que alguê lhe allí ajudasse,  
Acudo eulogo, e é quãto o remo aperto  
Se mostra hum bãdo negro descuberto.
- 33 Da espessa nuuem setas & pedradas  
Chouem sobre nos outros sem medida,  
E nam foram ao vento em vão deitadas  
Que esta perna trouxe eu dali ferida:  
Mas nos como pessoas magoadas  
A reposta lhe demos tam crecida,  
Que em mais q̃ nos barretes se sospeita  
Que a cor vermelha leuam desta feita.

*Os Lusíadas de L. de Camões.*

34 E sendo ja Velloso em saluamento,  
Logo nos recolhemos pera a armada  
Vendo a malícia feia, & rudo intentõ  
Da gente bestial bruta, & maluada:  
De quem nenhũ melhor conhecimento  
Podemos ter da India desejada  
Que estarmos inda muito longe della  
E así torney a dar ao vento a vella.

35 Disse então a Velloso hum companheiro,  
(Começandose todos a sorrir)  
Oula Velloso amigo aquelle outeiro  
He melhor de decer, que de subir:  
Si he, responde o ousado aaventureiro:  
Mas quando eu pera ca vi tantos vir,  
Daquelles cães, depressa hum pouco vim  
Por me lembrar q̃ estaueis ca sem mim.

36 Contou entam, que tanto que passarão  
Aquelle monte, os negros de quê fallo  
Auante mais passar o não deixarão  
Querendo (se não torna) alli matallo,  
E tornandose, logo se emboscarão  
Porque saindo nos pera tomallo,  
Nós podessem mandar ao reino escuro  
Por nos roubarem mais a seu seguro.

Porem

37 Porem ja cinco Soes erão passados  
Que dali nos partíramos, cortando  
Os mares nunca doutrem nauegados,  
Prosperamente os ventos asloprando:  
Quando hũa noite estãdo descuidados  
Na cortadora proa vigiando,  
Hũa nuvem que os ares escurece  
Sobre nossas cabeças aparece.

38 Tão temerosa vinha & carregada,  
Que pos nos coraçõeshum grãde medo  
Bramindo o negro mar de lóge brada,  
Como se desse em vão nalgũ rochedo,  
O potestade, disse, sublimada.  
Que ameaço diuino, ou que segredo.  
Este clima, & este mar nos apresenta,  
Que môr coufa parece que tormenta?

39 Não acabaua, quando hũa figura  
Se nos mostra no ar, robusta & valida, 1  
De disforme & grandíssima estatura,  
O rosto carregado, a barba esqualida:  
Os olhos encoruaados, & a postura  
Medonha e mã, e a cor terrena, e palida  
Cheos de terra, & crespos os cabellos.  
A boca negra, os dentes amarellos.

*Os Lusíadas de L. de Camões.*

40 Tão grande era de membros, q̃ bẽ posso  
Certificarte, que este era o segundo  
De Rhodes estranhissimo Colosso,  
Que hũ dos sete milagres foi do mũdo:  
Cũ tã de voz nos fala horrẽdo & grosso  
Que pareceo sair do mar profundo  
Arrepiamse as carnes & o cabelo  
A mi, & a todos, so de ouuilo & vello.

41 E disse: O gente ousada mais que quantas  
No mundo cometeram grandes cousas,  
Tu que por guerras cruas, taes & tantas  
E por trabalhos vãos nunca repousas:  
Pois os vedados terminos quebrantas,  
E nauegar meus longos mares ousas,  
Q̃ eu tãto tẽpo ha ja q̃ guardo & tenho,  
Nunca arados d'ftranho ou pprio lenho

42 Pois vês ver os segredos escondidos  
Da natureza, & do humido elemento,  
A nenhum grande humano cõcedidos,  
De nobre, ou de immortal merecimẽto:  
Ouue os danos de mi, que apercebidos  
Estão, a teu sobejo atreuimento,  
Por todo o largo mar, & polla terra,  
Que iuda has de sojugar cõ dura guerra:  
Sabe

- 43 Sabe que quantas naos esta viagem  
Que tu fazes, fizerem de atreuidas,  
Inimiga teram esta paragem,  
Com ventos & tormentas desmedidas,  
E da primeira armada que passagem  
Fizer, por estas ondas insufridas,  
Eu farey d'improuiso tal castigo,  
Que seja mor o dano que o perigo.
- 44 Aqui espero tomar, se não me engano,  
De quem me descubrio suma vingança,  
E nam se acabará so nisto o dano  
Da vossa pertinace confiança:  
Antes em vossas naos vereis cada anno  
Se he verdade o q̄ meu juyzo alcança,  
Naufragios, perdições de toda sorte,  
Que o menor mal de todos seja morte.
- 45 E do primeiro illustre que a ventura  
Com fama alta fizer tocar o Ceos:  
Serey eterna & noua sepultura,  
Por juyzos incognitos de Deos:  
Aqui porá da Turca armada dura  
Os soberbos & prosperos tropheos,  
Comigo de seus danos o ameaça  
A destruyda Quiloa com Mombeça.

*Os Lusíadas de L. de Camões.*

- 46 Outro também virá de honrada fama  
Liberal, caualleiro, enamorado,  
E consigo trará a fermosa dama.  
Que amor porgrá merce lhe terá dado:  
triste ventura, & negro fado os chama,  
Neste terreno meu, que duro & yrado,  
Os deixará dhum crú naufragio viuos,  
Pera verem trabalhos excessiuos.
- 47 Verão morrer com fome os filhos charos,  
Em tanto amor gerados & nacidos  
Verão os Cafres asperos & avaros,  
Tírar à linda dama seus vestidos.  
Os cristalinos membros & preclaros,  
Aa calma, ao frio, ao ar verão delpidos,  
Despois deter pisada longamente  
Cos delicados pès a area ardente.
- 48 E verão mais os olhos que escaparem  
De tanto mal, de tanta desventura  
Os dous amantes míseros ficarem  
Na feruida, & implacabil espesura:  
Alli despois q̃ as pedras abrandarem  
Com lagrimas de dor, de magoa pura  
Abraçados as almas soltarão  
Da fermosa & miserrima prisão.

49 Mais hia por diante o monstro horrendo,  
Dizendo nossos fados, quando alçado  
Lhe disse eu, Qué es tu? q̃ esse stupendo  
corpo, certo me tem marauilhado:  
A boca, & os olhos negros retorcendo,  
E dando hã espantoso & grande brado,  
Me respõdeo, com voz pesada & amara,  
Como que m da pergunta lhe pesara.

50 Eu sou aquelle occulto & grande Cabo,  
A qué chamais vos outros tormétorio,  
Que nũca a Ptolomeu, Põponio, Strabo,  
Plinio, & quãtos passaram fuy notorio:  
Aqui toda a Africana costa acabo,  
Neste meu nunca visto Promontorio,  
Que para o polo Antartico se estende,  
A quem vossa ousadia tanto offende.

51 Fuy dos filhos asperrimos da terra,  
Qual Encelado Egeo, & o Centimano  
Chameime Adamastor, & fuy na guerra  
Cõtra o q̃ vibra os rayos de Vulcano:  
Nãoque possesse terra sobre ferra,  
Mas conquistando as ondas do Occeano  
Fuy capitão do mar, por onde andaua.  
A armada de Neptuno, que buscaua.

*Os Lusíadas de L. de Camões*

- 52 Amores da alta esposa de Peleo,  
Me fizeram tomar tam alta empresa  
Nem Venus a mais bella me venceo,  
So por amar das agoas a princesa,  
Hum dia a vi coas filhas de Nereo  
Sayr na fresca praya, & logo presa,  
A voutade senti de tal maneira,  
Que inda não sinto cousa q̃ mais queira!
- 53 Como fosse impossiuel alcançalla,  
Polla grandeza fea de meu gesto  
Determinei por armas de toinalla,  
E a Doris este caso manifesto:  
Flla de medo entam por mi lhe falla,  
Mas Tethis cum fermoso riso honesto,  
Responde, Qual sera o amor bastante,  
De Nimpha, q̃ sustente o d'hum Gigáte?
- 54 Com tudo por liurarmos o Oceano  
De tanta guerra, eu buscarey maneira  
Com q̃ cõ minha honra escuse o dano,  
Tal reposta torna a mensageira:  
Eu que cair nam pude neste engano  
(Que he grande dos amâtes a cegueira)  
Encherãome com grandes abundanças  
O peito de desejos & esperanças.

- 55 O que nam sey de nojo como o conte,  
 Que crendo ter diante quem amaua,  
 Abraçado me achey cum duro monte,  
 De aspero mato, & de espessura braua:  
 Estando cum penedo fronte a fronte  
 Que eu pollo rosto angelico apertaua,  
 Não fiquei homé não, mas mudo & q̃do  
 E junto d'hum penedo, outro penedo.
- 56 O Nimpha mais fermosa do Oceano,  
 Ia que minha presença te não agrada,  
 Que te custaua terme neste engano,  
 Ou fosse monte, nuuem, sonho, ou nada?  
 Daqui me parto irado, & quasi insano  
 Da magoa & da desonra allí passada,  
 A buscar outro mundo, onde não visse  
 Que de meu prato, è de meu mal se risse.
- 57 Eráo ja neste tempo meu irmãos  
 Vencidos, & em miséria estrema postos  
 E por segurar-se os Deoses váos  
 Algús à varios montes sottopostos:  
 E como contra o Ceo não valem mãos,  
 Eu q̃ chorando andaua meus desgostos,  
 Comecey a sentir do fado inimigo  
 Por meus atreuimentos o castigo.

*Os Lusíadas de L. de Camões.*

- 58 Conuertefeme a carne em terra dura,  
Em pene los os ossos se fizeram  
Estes membros que vees, & esta figura  
Por estas longas agoas se estenderam:  
Em fim minha grandíssima estatura  
Neste remoto cabo conuerteram  
Os fados, & por mais dobradas magoas  
Me anda Thetis cercando destas agoas.
- 59 Afsi contaua, & cum medonho choro,  
Subito dante os olhos se apartou,  
Desfezse a nuuem negra, & cū sonoro  
Bramido muito longe o mar soou:  
Eu, leuando as mãos ao santo Coro  
Dos Anjos, que tão longe nos guiou,  
A Deos pedi que remouesse os duros  
Casos, que Adamastor. contou futuros.
- 60 Ia Phlegon & Pyrois vinham tirando  
Cos outros dous, o carro radiante  
Quão a terra alta se nos foy mostrádo  
Em que foy conuertido o grã Gygante;  
Ao longo desta costa, começando  
Ia de cortar as ondas do Levante,  
Por ella abaixo hum pouco nauegamos  
Onde segunda vez terra tomamos.

A gente

- 61 A gente que esta terra possuya  
Posto que todos Ethyopes erão,  
mais humana no trato parecia  
Que os outros, q̃ tão mal nos receberão  
Com bailos & com festas de alegria  
Pella praya arenosa a nos vierão,  
As molheres consigo & o manso gado  
Que apacêtauão, gordo, & bê criado.
- 62 As molheres queimadas vem encima  
Dos vagarosos bois, alli sentadas  
Animais que elles tem em mais estima  
Que todo o outro gado das manadas:  
Cantigas pastoris, ou prosa, ou rima:  
Na sua lingua cantam concertadas.  
Co doce som das rusticas auenas  
Imitando de Titiro as Camenas.
- 63 Estes como na vista presenteiros  
Fossem, humanamente nos tratarão,  
Trazendonos galinhas & carneiros  
A troco dontras peças que leuauão,  
Mas como nunca é fim meus cõpanheiros  
Palaura sua algũa lhe alcançarão  
Que dessem algũ final do que buscamos  
As yellas dando, as ancoras leuamos.

*Os Lusíadas de L. de Camões.*

64 Ia aqui tínhamos dado hum gram rodeyo  
A costa negra de Africa, & tornaua  
A proa a demandar o ardente meyo  
Do ceo, & o polo Antartico ficaua:  
Aquelle ilheo deixamos, onde veyo.  
Outra armada primeira, que buscaua  
O tormentorio Cabo, & descuberto  
Naquelle ilheo fez seu limite certo.

65 Daquí fomos cortando muitos dias  
Entre tormentas tristes & bonanças,  
No largo mar fazendo nouas vias,  
So conduzidos de arduas esperanças:  
Co mar hum tēpo andamos em porfias,  
Que como tudo nelle sam mudanças,  
Corrente nelle achamos tão possante  
Que passar nam deixaua por diante.

66 Era mayor a força em demasia  
Segundo pera tras nos abrigaua  
Do mar, que contra nos allí corria  
Que por nos a do vento que assopraua:  
Injuriado Noto da profia  
Em que co mar (parece) tanto estaua,  
Os assopros esforça iradamente  
Com q̄ nos fez vencer a gram corrente,

Trazia

- 67 Trazia o Sol o dia celebrado  
Em que tres Reis da parte do Oriente,  
Forão buscar hum Rey de pouco nado,  
Rey mayor, mais alto, & mais potente,  
Neste dia outro porto foy tomado  
Por nos, da mesma ja contada gente,  
Num largo rio, ao qual o nome demos  
Do dia em que por elle nos metemos;
- 68 Desta gente refresco algum tomamos,  
E do rio fresca agoa, mas com tudo  
Nenhum sinal da india aqui achamos  
No pouo com nos outros casi mudo.  
Ora vê Rey quamanha terra andamos  
Sem fayr nunca deste pouo rudo,  
Sem vermos nunca noua nem sinal,  
Da desejada parte Oriental.
- 69 Ora imagina agora quam coitados  
Andariamos todos, quam perdidos,  
De fomes, de tormentas quebrantados,  
Por climas & por mares não sabidos:  
E do esperar comprido tam cansados,  
Quanto a desesperar ja compelidos,  
Por ceos não naturaes, de qualidade  
Inimiga de nossa humanidade.

*Os Lusíadas de L. de Camões.*

- 70 Corrupto & danado ja o mantimento  
Danoso & mau ao fraco corpo humano  
E alem disso nenhum contentamento  
Que sequer da esperança fosse engano,  
Cres tu que se este nosso ajuntamento  
De soldados, não fora Lusitano,  
Que durara elle tanto obediente  
Por ventura a seu Rey, & a seu regente?
- 71 Cres tu, que ja não forão leuandados  
Contra seu capitão se os resistira,  
Fazendose Piratas, obrigados  
De desesperação, de fome, de ira?  
Grandeméte por certo estão prouados  
Pois que nenhũ trabalho grande os tira  
Da quella Portuguesa alta excelencia  
De lealdade firme, & obediencia.
- 72 Deixando o porto em fim do doce rio,  
E tornando a cortar a agoa salgada,  
Fizemos desta costa algum deluio,  
Deirando pera o pego toda a armada:  
Porque ventando Noto manso & frio,  
Não nos apanhasse a agoa da enseada,  
Que a costa faz alli de aquella banda  
Donde a rica Sofala o ouro manda.

- 73 Esta passada, logo o leue leme  
Encomendando ao sacro Nicolao.  
Pera onde mar na costa brada & geme  
A proa inclina de hũa & de outra nao:  
Quãdo indo o coração q̃ espera & teme  
E quetanto fiou de hum fraco pao,  
Do que esperaua ja desesperado,  
Foy de hũa nouidade aluoraçado.
- 74 E foy, que estando ja da costa perto  
Onde as praias, & valles bem se vião,  
Num rio, que allisae ao mar aberto  
Bateis à vella entrauão & saião:  
Alegria muy grande foy por certo  
Acharmos ja pessoas que sabião  
Nauegar: porque entre ellas esperamos  
Achar nouas algúas, como achamos.
- 75 Ethiopes sam todos, mas parece  
Que com gente melhor comunicauão,  
Palaura nenhũa Arabia se conhece  
Entre a lingoagem sua que falauão:  
E com pano delgado, que se tece  
De algodão, as cabeças apertauão,  
Com outro que de tinta azul se tinge  
Cada hum as vergonhosas partes cinge.

*Os Lusíadas de L. de Camões.*

- 76 Pella Arabica lingua que mal falão  
E q̃ Fernão martiz mui bem entende,  
Dizem, q̃ por naos q̃ em grãdeza igoalão  
As nossas, o seu mar se corta & fende,  
Mas que la donde nace o Sol se abalão  
Pera onde a costa ao Sul se alarga & estê  
E do Sul pera o Sol, terra onde auia (de  
Gente así como nos, da cor do dia.
- 77 Mui grandemente aquí nos alegramos  
Co a gente, & com as nouas muito mais  
Pellos sinaes que neste río achamos  
O nome lhe ficou dos boós finais  
Hum padram nesta terra leuamos  
Que pera assinalar lugares tais  
Trazia algús, o nome tem do bello  
Guiador de Thobias a Gabello.
- 78 Aquí de limos, cascas, & dostrinhos,  
Nojosa criação das agoas fundas,  
Alimpamos as naos, que dos caminhos  
Lôgos do mar, vê fordidas & immúdas:  
Dos hospedes que tinhamos vezinhos  
Com mostras apraziueis & jocundas,  
Ouemos sempre o vsado mantimêto,  
Limpos de todo o falso pensamento.

Mas

79 Mas não foy, da esperãça grãde & immêsa  
 Que nesta terra ouuemos, limpa & pura  
 A alegria: mas logo a recompensa  
 A Rainnusia com noua deluentura:  
 Assim no ceo sereno se dispensa,  
 Coesta condição pesada & dura,  
 Nacemos: o pesar terá firmeza,  
 Mas o bem logo muda a natureza.

80 E foy que de doença crua & feya  
 A mais que eu nunca vi desemparrão.  
 Muitos avida, & é terra estranha è alheia  
 Os ossos pera sempre sepultarão:  
 Quem auerá que sem o ver o creya?  
 Que tão disformemête alli lhe incharão  
 As gingiuas na boca, que crecia  
 A carne, & juutamente apodrecia.

81 Apodrecia cum fetido & bruto  
 Cheiro que o ar vezinho inficionaua  
 Não tinhamos alli medico astuto,  
 Cyrurgiam sutil menos se achaua,  
 Mas qualq̃r, neste officio pouco instruto  
 Pella carne ja podre assi cortaua,  
 Como se fora morta, & bem cõuinha,  
 Pois que morto ficaua quem a tinha.

*Os Lusíadas de L. de Camões.*

- 82 Em fim que nesta incognita espessura  
Deixamos pera sempre os cõpanheiros,  
Que em talcaminho, & étãta desuétura  
Forão sempre com nosco aventureiros:  
Quam facil he ao corpo a sepultura  
Quaesq̃r ondasdo mar, quaesq̃r outeiros  
Estranhos, a si mesmo como aos nossos,  
Receberão de todo o illustre os ossos.
- 83 Assim que deste porto nós partimos  
Com maior esperança, & môr tristeza,  
E pella costa abaixo o mar abrimos,  
Buscando algum final de mais firmeza,  
Na dura Moçambique em fim surgimos  
De cūja falsidade, & mã vileza  
Ia seras sabedor, & dos enganõs  
Dos pouos de Mõbaça pouco humanos.
- 84 Ate que aqui no teu seguro porto  
Cuja brandura, & doce tratamento,  
Darà faude a hũ viuo, & vida a hũ morto  
Nos trouxe a piedade do alto assento,  
Aqui repouso, aqui doce conforto,  
Nõna quietação do pensamento  
Nos deste, & vès aqui se atento ouuiste,  
Te contei tudo quanto me pediste.

85 Julgas agora Rey se ouue no mundo  
Gentes que tais caminhos cometessem?  
Crès tu que tanto Eneas, & o facundo  
Vlyffes, pello mundo se estendessem?  
Ousou algum a ver do mar profundo  
Por mais versos que delle se escreuefse  
Do que eu vi, a pòder desforço & darte  
E do que inda ey de ver a oytava parte?

86 Esse que bebeo tanto da agoa Aonia  
Sobre quem tem contenda peregrina  
Entre si Rhodes, Smirna, & Colofonia,  
Athenas, Yos, Argos, & Salamina:  
Essoutro que esclarece toda Ausonia,  
A cuja voz altiffona, & diuina  
Ouuindo o patrio Mincio se adormece,  
Mas o Tibre com som se ensoberuece.

87 Cantê, louuê, & escreuão sempre estremos  
Desses seus Semideoses, & encareção  
Fingindo Magas, Circes, Polifemos,  
Syrenas, que co canto os adormeção:  
Demlhe mais nauegar à vella & remos  
Os Cicones, & a terra onde se esqueção  
Os companheiros em gostando o Loto,  
Demlhe perder nas agoas o Piloto.

*Os Lusíadas de L. de Camões.*

88 Ventos soltos lhe finjão, & imaginem  
Dos odres, & Calipfos enamoradas,  
Harpías, que o manjar lhe contaminem,  
Decer às sombras nuas ja passadas:  
Que por muito & por muito q se afiné,  
Nestas fabulas vaás tambem fonhadas,  
A verdade que eu conto nua & pura  
Vence to ja grandiloca escriptura.

89 Da boca do facundo capitão,  
Pendendo estauão todos embebidos,  
Quando deu fim à longa narração  
Dos altos feitos grandes & subidos:  
Louua o Rey o sublime coração  
Dos Reys em táticas guerras conhecidos  
Da gente louua a antiga fortaleza,  
A lealdade d'animo & a nobreza.

90 Vay recontando o pouo que se admira  
O caso cada qual que mais notou,  
Nenhum delles das gentes os olhos tira,  
Que tam longos caminhos rodeou:  
Mas ja o mancebo Delio as redeas vira,  
Que o irmão de Lampecía mal guiou  
Por vir a descansar nos Tethios braços,  
E el Rei se vai do mar aos nobres paços.

Quama

- 91 Quam doce he o louuor, & a justa gloria  
Dos proprios feitos quando sam loados  
Qualquer nobre trabalha q̄ em memoria  
Vença, ou igoale os grandes japassados:  
As enuejas da illustre & alheia historia  
Fazem mil vezes feitos sublimados,  
Quem valerosas obras exercita  
Louuor alheio muito o esperta è incita.
- 92 Não tinha em tanto os feitos gloriosos  
De Achilles, Alexandro na peleja,  
Quanto de quem o canta: os numerosos  
Versos, isso so louua, isso deseja:  
Os tropheos de Melciades famosos  
Temistocles despertam so de enueja,  
E diz que nada tanto o deleitaua  
Como a vez que seus feitos celebraua.
- 93 Trabalha por mostrar Vasco da Gama  
Que essas nauegações q̄ o mundo canta,  
Não merecem tamanha gloria & fama,  
Como a sua que o ceo & terra espanta:  
Si, mas aquelle Heroe q̄ estima & ama  
Com dões, merces, fauores & honra tãta  
A lyra Mantuana faz que soe  
Eneas, & a Romana faz que voe.

*Os Lusíadas de L. de Camões.*

94 Dà a terra Lusitana Scipiões  
Cesares, Alexandros, & dà Augustos,  
Mas nam lhe dà com tudo aquelles dões  
Cuja falta os faz duros & robustos:  
Oçtauiio, entre as mayores opressões  
Compunha versos doutos & venustos,  
Nam dira Fuluía certo que he mentira  
Quando a deixaua Antonio por Glafira.

95 Vay Cesar sojugando toda França  
E as armas nam lhe empedê a sciencia,  
Mas nũa mão a pena, noutra a lança  
Igualaua de Cicero a eloquencia:  
O que de Scipião se sabe & alcança,  
He nas comedias grande experiencia,  
Lia Alexandro, & Homero de maneira  
Que sempre se lhe sabe à cabeceira.

96 Em fim nam ouue forte Capitão  
Que nam fosse tambem douto & sciête,  
Da Lacia, Grega, ou Barbara nação  
Senam da Portuguesatam samente:  
Sem vergonha o nam digo, que a razão  
Dalgum nam ser por versos excellente,  
He nam se ver prezado o verso & rima,  
Porq̃ qué nam sabe a arte nam a estima.

Por

- 97 Por isso & não por falta de natura,  
Não ha também Virgílios nem Homeros,  
Nem auerá se este costume dura  
Píos, Eneas, nem Achiles feros:  
Mas o pior de tudo he, que a ventura  
Tam ásperos os fez, & tam austeros,  
Tam rudos, & de engenho tam remisso  
q̃ a muitos lhe da pouco, ou nada disso.
- 98 Aas Musas agradeça o nosso Gama  
O muito amor da patria. q̃ as obriga  
A dar na lyra aos seus nome & fama,  
De toda a illustre & belica tadiga:  
Que elle, nem qué na stirpe seu se chama  
Caliope nam tem por tam amiga  
Nem as filhas do Tejo, que deixassem  
As tellas douro fino, & q̃ o cantassem.
- 99 Porque o amor faterno, & puro gosto  
De dar a todo o Lusitano feito  
Seu louuor, he sòmente o profuposto  
Das Tagides gentis, & seu respeito:  
Poré não deixe em fim de ter desposto  
Ninguem a grédes obras sempre o peito  
Que por esta ou por outra qualquer via  
Não perdera seu preço, & sua valia.

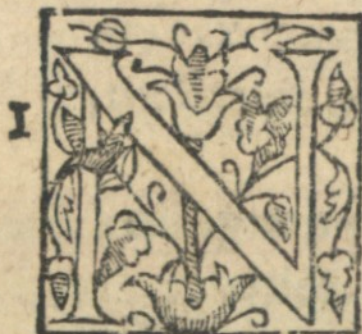
Despedese

*Os Lusíadas de L. de Camões*



DESPEDESE GAMA DE EL  
Rey de Melinde, & profegue sua derrota.  
Referese a historia dos doze de Ingla-  
terra. Sobreuêmlhe forte  
tormenta

CANTO SEISTO.



A M SABIA EM  
que modo festejasse  
O Rey pagão os fortes na  
uegantes,  
Para que as amízades al-  
cançasse.

Do Rei Christão das gêtes tão possâtes:  
Pefalhe que tam longe o aposentasse  
Das Europeas terras abundantes,  
A ventura, que nam o fez vezinho,  
Dôde Hercules ao mar abriu caminho.  
Com

2 Com jogos, danças, & outras alegrias  
Asegundo as policias Melindanas,  
Com vsadas & ledas pescarias  
Cõ q̃ a Lageia Antonio alegre & engana:  
Este famoso Rey todos os dias  
Festeja a companhia Lusitana,  
Com banquetes manjares defusados,  
Com frutas, aues, carnes, & pescados.

3 Mas vendo o Capitão que se detinha  
Ia mais do que deuia, & o fresco vento  
O conuida, que parta, & tome asinha  
Os pilotos da terra, & mantimento:  
Não se quer mais deter, que ainda tinha  
Muito para cortar do falso argento,  
Ia do Pagão benigno se despede  
Que a todos amizade longa pede.

4 Pedelhe mais, que aquelle porto seja  
Sempre com suas frotas visitado,  
Que nenhum outro bem mayor deseja  
Que dar a taís varões seu Reino e estado:  
E q̃ em quanto seu corpo o spirito reja  
Estará de continuo aparelhado,  
A pôr a vida & Reyno totalmente  
Por tão bõ Rey, & por tão sublime gête.

*Os Lusíadas de L. de Camões.*

- 5 Outras palauras taes lhe respondia  
O capitão, & logo ás vellas dando,  
Pera as terras da Aurora se partia,  
Que tanto tépo ha ja que vai buscando  
No piloto que leua não auia  
Falsidade, mas antes vay mostrando  
A nauegação certa, & así caminha  
Ia mais seguro do q̄ dantes vinha.
- 6 As ondas nauegaúão do Oriente  
Ia nos mares d'India, & enxergaúão  
Os thalamos do sol, que nace ardente,  
Ia quasi seus desejos se acabauão:  
Mas o mao de Tyoneo, q̄ na alma sente  
As venturas, que então se aparelhaúão  
A gente Lusitana dellas dina,  
Arde, morre, blasphema, & desatina.
- 7 Via estar todo o Ceo determinado  
De fazer de Lisboa noua Roma,  
Não no pode estoruar que destinado  
Està doutro poder que tudo doma,  
Do Olímpo dece em fim desesperado,  
Nouo remedio em terra busca, & tom  
Entra no humedo reyno & vaíse a tor  
Daquelle, a quem o mar cayó em

- 8 No mais interno fundo das profundas  
Cavernas altas, onde o mar se eiconde,  
Ca donde as ondas saem furibundas,  
Quádo as iras do vento o mar respõde,  
Neptuno mora, & morão as jocundas  
Nereidas, & os Incolas do mar, onde  
As agoas campo deixão às cidades,  
Que habitam estas humidas deidades.
- 9 Descobre o fundo nunca descuberto  
As areas alli de prata fina,  
Tores altas se vem no campo aberto  
Da transparente massa cristalina:  
Quanto se chegam mais os olhos perto  
Tanto menos a vista determina  
Se he cristal o que vê, se diamante,  
Que assi se mostra claro & radiante.
- 10 As portas douro fino, & marchetadas  
Do rico aljofre que nas conchas nasce,  
De esculptura fermosa estão lauradas,  
Na qual do irado Bacco a vista paze:  
E vê primeiro em cores variadas  
Do velho Caos a tam confusa face,  
Vem se os quatro elemétos trasladados  
Em diuerfos officios occupados.

*Os Lsiadas de L. de Camões.*

11 Alli sublime o fogo estaua encima,  
Que em nenhũa materia se sustinha,  
Daqui as cousas viuas sempre anima  
Despois que Promoteo furtado o tinha.  
Logo apos elle leue se sublima  
O inuisibil ar, que mais afinha  
Tomou lugar, & nê por quête, ou frio  
Algum deixa no mundo estar vazio.

12 Estaua a terra em montes reueftida  
De verdes eruas, & aruores floridas,  
Dando, pasto diuerso, & dando vida  
Aas alimarias nella produzidas:  
A clara forma alli estaua esculpida  
Das agoas entre a terra desparzidas,  
De peçcados criando varios modos,  
Cõ seu humor matádo os corpostodos.

13 Noutra parte esculpida estaua a guerra,  
Que tiueram os decima cos Gigantes,  
Està Tifeo debaixo da alta serra  
De Etna, que as flammias lâça crepitâtes:  
Esculpido se vê ferindo a terra  
Neptuno, quando as gentes ignorantes  
Delle o cauallo ouuerão, & a primeira,  
De Minerua pacifica Ouliueira.

14 Pouca tardança faz Lyeo irado  
Na vista destas cousas, mas entrando  
Nos paços de Neptuno, que auí fado  
Da vinda sua, o estava ja aguardando:  
Aas portas o recebe, acompanhado  
Das Nymphas, que se estão marauilhâdo,  
De ver que cometem tal caminho  
Entre no reyno d'agoa o rey do vinho.

15 O Neptuno, lhe disse, não te espantes  
De Baconos teus reynos receberes,  
Porq̃ tambem cos grandes & possantes  
Mostra a fortuna injusta seus poderes:  
Manda chamar os Reis das agoas  
Que fale mais, se ouvirme o mais quise-  
Verão da desuêrura grãdes modos (res  
Ouçam todos o mal que toca a todos.

16 Julgando ja Neptuno que seria  
Estranho caso aquelle logo manda  
Tritão, que chame aquelles q̃ a agoa fria  
Do mar, habitão d'hũa & d'outra bãda,  
Tritão que de ser filhos se gloria  
Do Rey, & de Salacia veneranda,  
Era mancebo grande, negro & feyo  
Trombeta de seu pay, & seu correo.

*Os Lusíadas de L. de Camões.*

17 Os cabellos da barba, & os que decem  
Da cabeça, nos ombros, to dos erão,  
Hús limos prenhes d'agoa, & bé parecê  
Que uunca brando pentem conhecerão:  
Nas pontas pendurados não falecem  
Os negros mífilhões, que alli se gerão,  
Na cabeça por horra tinha posta  
Húa mui grande casca de Lagofta.

18 O corpo nú, & os membros desiguaes,  
Por não ter ao andar impedimento,  
Mas porem de pequenos animaes  
Do mar, todos cubertos cento & cento,  
Camarões & cangrejos, & outros mais  
Que recebem de Phebe crescimento  
Ostras & camarões de musco çujos  
As costas cõa casca os caramujos.

19 Na mão a grande concha retorcida  
Que trazia, com força ja tocava,  
A vos grande canora foy ouuída  
Por todo o mar, q̄ longe retumbaua:  
Ia toda a companhia apercebida  
Dos grandes pera os paços caminhaua,  
Daquelle q̄ fez os muros de Dardania,  
Destruídos despois da Grega infania.

Vinha

20 Vinha o Padre Oceano acompanhado  
 Dos filhos, & das filhas que gerara,  
 Vem Nereo, que com Doris foy casado,  
 Que todo o mar de Nimphas pouoara:  
 O antigo Protheo deixa o gado  
 Marítimo, pacer pella agoa amara,  
 Tambem de pressa vem, mas ja sabia,  
 O qua o padre Lyeo no mar queria.

21 Vinha por outra parte a linda esposa  
 De Neptuno, de Celo & Vesta filha,  
 Graue, & leda no gesto, & tam fermosa  
 Que se amansaua o mar de marauilha:  
 Vestida húa camisa preciosa  
 Trazia de delgada beatilha,  
 Trabalha quanto pode de esconderse  
 Por mais honestamente deixar verse.

22 Amphitrite fermosa como as flores,  
 Neste caso não quis que falecesse,  
 O Delfim traz consigo, que aos amores  
 Do Rey lhe aconselhou que obedecesse:  
 Cos olhos que de tudo sam senhores,  
 Qualquer parecera que o Sol venceesse,  
 Ambas vem pella mão, igual partido,  
 Pois ambas sam esposas d'hum marido.

Aquella

*Os Lusíadas de L. de Camões.*

- 23 Aquella que das furias de Atamante  
Eugindo veyo a ter sublime estado,  
Configo traz o filho bello infante,  
No numero dos grandes relatado:  
Pella praya brincando vem diante  
Com as lindas conchinhas, q̃ o salgado  
Mar sempre cria, & as vezes pella area  
No collo otoma a bella Panopea.
- 24 E aquelle q̃ foy num tēpo corpo humano  
E por virtude da erua poderosa  
Foy conuertido em peixe, & deste dano  
Resultou dignidade gloriosa,  
Inda vinha chorando o feyo engano,  
Que Circes tinha vñado coa fermosa  
Scylla, que elle ama, desta sendo amado,  
Que a mais obriga amor mal é pregado.
- 25 Ia finalmente todos assentados  
Naquella sala grande & principal,  
As nimphas em riquissimos estrados,  
Elles em cadeiras de cristal:  
Foram todos do Padre agasalhados,  
Que co Thebano tinha assento igual,  
De fumos enche a casa a rica massa  
q̃ no mar nasce, & Arabia em cheiro passa  
Estando

26 Estando fofsegado ja o tumulto  
Dos grandes, & dos feus recebimentos,  
Começa a defcubrir do peito occulto  
A caufa Tyonea de feus tormentos. ]  
Hum pouco carregandose no vulto  
Dando mostra de grandes sentimentos,  
So por dar aos de Lulo trifte morte  
Coferro alheyo, falla desta forte.

27 Príncipe, que de juro fenhoreas  
D'hũ polo, ao outro polo o mar irado  
Tu que as gentes da terra toda enfreas  
Que nam passem o termo limitado,  
E tu padre Oceano, que rodeas  
O mundo vniuerfal, & o tês cercado,  
E com jufto decreto afi permites,  
Que dentro viuam fo de feus limites.

27 E vos encolas do mar, que não fofreis  
Injuria algũa em voffo reino grande,  
Que cõ castigo igoal vos não vingueia,  
De quêquer q por elle corra & ande:  
Que defcuydo foy este em que viueis?  
Quem pode fer que tanto vos abrande  
Os peitos com razão endurecidos,  
Cõtra os humanos, fracos, & atreuidos?

*Os Lusíadas de L. de Camões.*

- 29 Vistes que com grandíssima ousadia  
Foram ja cometer o ceo supremo,  
Vistes aquella infinia ousadia  
De tentarem o mar com vella & remo:  
Vistes, & ainda vemos cada dia,  
Soberbas & insolencias taes, que temo  
Que do mar & do ceo em poucos annos  
Venhão a diuinos ser, & nos humanos.
- 30 Vedes agora a fraca geeração  
Que d'hum vassallo meu o nome toma  
Com soberbo & altiuo coração,  
A vos, & a mi, & o mundo doma:  
Vedes o vosso mar cortando vão,  
Mais do que faz a gente alta de Roma,  
Vedes o vosso Reyno deuassando  
Os vossos estatutos vam quebrando.
- 31 Eu vi que contra os Mynias, que primeiro  
No vosso Reyno este caminho abrirão,  
Boreas injuriado, & o companheiro  
Aquillo, & os outros todos resistirão:  
Pois se do ajuntamento aventureiro  
Os ventos esta injuria assi sentirão,  
Vos quem mais compete esta vingança  
Que esperais, porq̃ a pôdes em tardança.

E não

- 32 E não quero senhores que cuideis  
Que por amor de vós do ceo deci,  
Nem da magoa da injuria que sofreis,  
Mas daque se me faz tambem a mi:  
Que aquellas grandes hōras, que sabeis  
Que no mundo ganhey, quando venci  
As terras Indianas do Oriente,  
Todas as vejo abatidas desta gente.
- 33 Que o gram Senhor & fados q̄ destinão,  
Como lhe bem parece, o baixo mūdo,  
Famas mōres que nunca determinão  
De dar a estes varões no mar profundo:  
E aqui claro vereis como ensinão  
O mal tambem a nos, porque segundo  
Se vè ninguem ja tem menos valia  
Que quem com mais razão valer deuia.
- 34 E por isso do Olimpo ja fugi,  
Buscando algũ remedio a meus pesares,  
Por ver o preço, que no ceo perdi,  
Se por dita acharey nos vossos mares:  
Mais quis dizer, & nam passou daqui,  
Porque as lagrimas ja correndo a pares  
Lhe saltarão dos olhos, com que logo  
Se acēdem as Deidades dagoa em fogo.



*Os Lusíadas de L. de Camões.*

35 A Ira com que subito alterado  
O coração de todos foy num ponto,  
Não soffre mais conselho bem cuidado,  
Nem dilação, nem outro algum descoto:  
Ao grande Eolo mandam ja recado  
Da parte de Neptuno, que sem conto  
Solte as furias dos ventos repugnantes,  
Que não aja no mar mais nauegantes.

36 Bem quísera primeyro alli Protheo  
Dizer neste negocio o que sentia,  
E segundo o que a todos pareceo  
Era algũa profuuda prophécia  
Porem tanto o tumulto se moueo  
Em toda aquella illustre companhia,  
Que Thetis indínada lhe bradou,  
Neptuno sabe bem o que mandou.

37 Ia la o soberbo Hypotades soltaua  
Do carcere fechado os furiosos  
Ventos, que com palauras animaua.  
Contra os varões audaces & animosos:  
Subito o ceo sereno se obumbrava,  
Que os vêtos mais q̃ nunca impetuofos  
Começam nouas forças a yr tomondo,  
Torres, montes, & casas derribado.

38 Em quanto este conselho se fazia  
 No fundo aquoso, a leda lassa Frota  
 Com vento sossegado proseguia  
 Pello tranquillo mar, a longa rota:  
 Era no tempo quando a luz do dia  
 Do Eoo Emisperio está remota,  
 Os do quarto da prima se deitauão  
 Pera o segundo os outros despertauão.

39 Vencidos vem do sono, & mal despertos  
 Bocijando a meude se encoftauão,  
 Pellas antenas, todos mal cubertos,  
 Contra os agudos ares que assoprauam:  
 Os olhos contra seu querer abertos  
 Mas estregando os membros estirauão,  
 Remedios contra o sonno buscar querê,  
 Historias contão, casos mil referem.

40 Com que melhor podemos, hum dezia  
 Este tempo passar, que he tam pesado,  
 Se não com algum conto de alegria  
 Com q̄ nos deixe o sono carregado?  
 Responde Leonardo, que trazia  
 Pensamentos de firme namorado  
 Que contos poderemos ter melhores  
 Pera passar o tempo que de amores?

*Os Lusíadas de L. de Camões.*

- 41 Não he, disse Veloso, cousa justa  
Tratar branduras em tanta aspereza,  
Que o trabalho do mar, que tanto custa,  
Não soffre amores, nem delicadeza:  
Antes de guerra feruida & robusta  
A nossa historia seja, pois dureza,  
Nossa vida ha de ser, segundo entendo,  
Que o trabalho por vir, mo está dizêdo.
- 42 Consentem nisto todos & encomendam  
A veloso, que conte isto que aproua,  
Contarei disse, sem que me reprimam  
De contar cousa fabulosa, ou noua:  
E porq̃ os que me ouirẽ daqui aprêdão  
A fazer feitos grandes de alta proua,  
Dos nacidos direy na nossa terra,  
E estes sejam os doze de Inglaterra,
- 53 No tempo que do reino a redea leue  
Ioão filho de Pedro moderaua,  
Despois que sossegado & liure o teue  
Do vizinho poder que o molestaua:  
La na grande Inglaterra, que da neue  
Boreal sempre abunda semeaua  
A fera Erinis dura & mã cizania  
Que lustre fosse a nossa Lusitania.

44 Entre as damas gentis da corte Inglesa,  
E nobres cortesaõs, a caso hum dia  
Se leuantou discordia em ira acesa,  
Ou foy opinião, ou foy porfia:  
Os Cortesaõs a fiuem tão pouco pesa *Squa*  
Soltar palauras graues de ousadia  
Dizem que prouarão, q̃ hõras & famas  
Em tais damas não ha, pera ser damas:

45 E que se ouuer alguem cõ lança, & espada  
Que queira sustentar a parte sua,  
Que elles em campo raõ, ou estacada :  
Lhe daram fea infamia, ou morte crua  
A femenil fraqueza pouco ysada  
Ou nunca a oprobrios tais, vendose nua  
De forças naturais conuenientes  
Socorro pede a amigos & parentes.

46 Mas como fossem grandes & possantes  
No reino os inimigos, nam se atreuem  
Nem parentes, nem feruidos amantes  
A sustentar as damas como deuem.  
Com lagrimas fermosas & bastantes  
A fazer que em seu socorro o poder leuê  
De todo o mûdo, por rostos de alabastro  
Se vam todas ao Duque de Alencastro.

*Os Lusíadas de L. de Camões.*

47 Era este lugres potente, & militara  
Cos Portuguezes já contra Castella,  
Onde as forças magnanimas prouara  
Dos companheiros, & benigna estrella:  
Náo menos nesta terra esperimentara  
Namorados effeitos, quando nella  
A filha vio, que tanto o peito doma  
Do forte Rey, que por molher a toma.

48 Este que socorrer lhe nam queria  
Por nam caular discordias intestinas  
Lhe diz, quando o derecho pretendia,  
Do Reyno la das terras Iberinas:  
Nos Lusitanos vi tanta ousadia  
Tanto primor, & partes tam diuinas,  
Que delles vos poderião, senam erro,  
Suttentar vossa parte a fogo & ferro.

49 E se agrauadas damas sois seruidas  
Por vos lhe mandarey embaxadores,  
Que por cartas discretas & polidas,  
De vosso agrauo os fação sabedores:  
Tambem por vossa parte encarecidas  
Com palauras da fagos & damores,  
Lhe se jão vossas lagrimas, que eu creyo  
Que a'li tereis socorro, & forte esteyo  
Destarte

50 Destarte as aconselha o Duque experto,  
E logo lhe nomea doze fortes  
E porque cada dama hum tenha certo,  
Lhe manda que sobrelles lancem sortes:  
Que ellas so doze sam, & descuberto  
Qual a qual tem caído das confortes,  
Cadhũa elcreue ao seu por varios modos  
E todas a seu Rey, & o Duque a todos.

51 Ia chega a Portugal o mensageiro,  
Toda a Corte aluoroça a novidade,  
Quisera o Rey sublime ser primeiro,  
Mas nam lho soffre a Regia Magestade:  
Qualquer dos cortezaõs a ventureiro,  
Deseja ser, com feruida vontade,  
E so fica por bem aventurado,  
Quem ja vem pelo Duque nomeado:

52 La na leal cidade, donde teue  
Origem (como he fama) o nome eterno  
Deportugal, armar madeiro leue  
Manda o que tem o leme do gouerno:  
Apercebem se os doze em tẽpo breue  
Darmas, & roupas d' vso mais moderno  
De elmos, cimeras, letras, & primores  
Caualos, & Concertos de mil cores.

*Os Lusíadas de L. de Camões.*

53 Ia do seu Rey tomado tem licença  
Pera partir do Douro celebrado  
Aqnelles, que escolhidos por sentença  
Forão do Duque Ingles esperimentado:  
Nam ha na companhia differença  
De caualleiro, destro, ou esforçado,  
Mas hum so que Magriço se dezia  
desta arte falla à forte companhia.

54 Fortísimos confocios, eu desejo  
Hr muito ja de andar terras estrenhas,  
Por ver mais agoas q̄ do Douro, & Tejo  
Varias gentes & leis, & varias manhas:  
Agora que oparelho certo vejo,  
Pois q̄ do mūdo as coulas são tamanhas  
Quero se me deixeis ir so por terra,  
Porq̄ eu ferey comuolco em Inglaterra.

55 E quando caso for que eu impedido  
Por quem das coulas he vltima linha,  
Náo for conuolco ao prazo instituido,  
Pouca falta vos faz a falta minha,  
Todos por mi fareis o que he diuida,  
Mas se a verdade o spiritu me adeuinha  
Rios montes, fortuna, ou sua enueja,  
Nam faram que eu conuolco la não seja

Aísi

56 Assim diz, & abraçados os amigos,  
 Et tomada licença, em fim se parte  
 Passa Lião, Castella, vendo antigos  
 Lugares, que ganhara o patrio Marte:  
 Nauarra, cos altíssimos perigos  
 Do Períneo que espanha & Galia parte  
 Vista em fim de França as cousas grâdes  
 No grande imperio foy parar de Frâdes.

57 Alli chegado, ou fosse caso, ou manha,  
 Sem passar se deteuue muitos dias,  
 Mas dos onze a illustríssima companhia  
 Cortão do mar do Norte as ondas frias  
 Chegados de Inglaterra à costa estranha  
 Pera Londres ja fazem todos vias,  
 Do Duque sam com festa agasalhados  
 E das damas seruidos & a mimados.

58 Chegase o prazo & dia finalado,  
 D'entrar em campo ja cos doze Ingleses  
 Que pello Rey ja tinha segurado,  
 Armãose delmos, greuas, & de arneses:  
 Ia as damas té por si fulgente & armado  
 O Mauorte feroz dos Portugueles,  
 Vestemse ellas de cores, & de sedas  
 De ouro, & de joyas mil, ricas, & ledas.

## Os Lusíadas de L. de Camões.

60 Ia num sublime & publico theatro  
Se assenta o Rei Ingles com toda a corte  
Estauão tres & tres & quatro & quatro  
Bé como a cada qual coubera em forte:  
Não sam vistos do Sol do Tejo ao Batro  
De força, esforço, & d'animos mais forte,  
Outros doze sayr como os Ingleses  
No campo, contra os onze Portugueses.

61 Mastigão os cauallos escumando  
Os aureos freos, com feroz semblante  
Estaua o Sol nas armas rutilando:  
Como em crystal, ou rigido diamante:  
Mas enxerga se num & noutro bando  
Partido desigual & dissonante,  
Dos onze contra os doze: quádo a gente  
Começa a aluoroçar se geralmente.

62 Virão todos o rosto a onde auia  
A causa principal do reboiço,  
Eis entra hum caualeiro que trazia  
Armas cauallo, ao bellico seruiço:  
Ao Rei & às damas fala, & logo se hia  
Pera os onze, que este era o grã Magriço  
Abraça os companheiros como amigos,  
A quem não falta certo nos perigos.

A dama

Canto sexto.

63 A dama como ouuio, q̃ este era aquelle  
Que vinha a defender seu nome & fama  
Se alegra, & veste do animal de Hele  
Que a gēte bruta mais que virtude ama  
Ja dão final, & o som da tuba impelle  
Os belicosos animos, que inflama,  
Picão de esporas, largão redeas logo  
Abaxão lanças, fere a terra fogo.

64 Dos cauallos o estrepito parece  
Que faz, q̃ o chão debaixo todo treme  
O coração no peito, que estremece  
De quem os olha se aluoroça, & teme:  
Qual do caualo voa, que não dece,  
Qual do cauallo em terra dando, geme,  
Qual vermelhas as armas faz de brâças,  
Q̃l cos penhachos do elmo açouta as âças

65 Algum dali tomou perpetuo sono,  
E fez da vida ao fim breue interuallo,  
Correndo algũ cauallo vay sem dono,  
E noutra parte o dono sem cauallo:  
Cae a soberba Ingressa de seu trono,  
Que dous ou tres ja fora vão do vallo,  
Os que de espada vem fazer batalha  
Mais achão ja q̃ arnes, escudo, & malha.

*Os Lusíadas de L. de Camões.*

- 66 Gastar palauras em contar estremos  
De golpes feros, cruas estocadas  
He de sses gastadores que sabemos  
Maos do tempo, com fabulas sonhadas:  
Basta por fim do caso, que entendemos  
Que com finezas altas & affamadas,  
Cos nossos fica a palma da victoria  
E as damas vencedoras, & cõ gloria.
- 67 Recolhe o Duque os doze vencedores  
Nos seus paços, com festas & alegria,  
Cozinheiros occupa, & caçadores  
Das damas a formosa companhia,  
Que querem dar aos seus libertadores  
Banquetes mil, cada hora, & cada dia,  
Em quanto se detem em Inglaterra,  
Ate tornar a doce & chara terra.
- 68 Mas dizem q̃ com tudo o gram magriço  
Desejoso de ver as cousas grandes,  
La se deixou ficar, onde hum seruiço  
Notauel à Condeffa fez de Frandes:  
E como quem não era ja nouiço  
Em todo trance, onde tu Marte mandes  
Hum Frâces mata em câpo, q̃ o destino  
La teue de Torcato, & de Coruino.

- 69 Outro tambem dos doze em Alemanha  
 Se lança, & teue hum fero desafío  
 Cum Germano enganoso, q̃ cõ manha  
 Não deuida, o quis por no extremo fio  
 Contando assi Veloso, ja acompanya  
 Lhe pede que não faça tal desuiuo  
 Do caso do Magriço, & vencimento,  
 Né deixe o de Alemanha é esquecimêto.
- 70 Mas neste passo assi promptos estando,  
 Eis o mestre que olhando os arês anda  
 O apito toca, acordão despertando  
 Os marinheiros d'hũa & d'outra banda:  
 Porque o vento vinha refrescando,  
 Os traquetes das ganeas tomar manda,  
 Alerta, disse, estay, que o vento crece  
 Daquella nuuem negra que aparece.
- 71 Não eram os traquetes bem tomados,  
 Quando dà a grande & subita procella,  
 Amaina, disse o mestre a grandes brados  
 Amaina, disse, amaina a grande vella,  
 Não esperão os ventos indignados  
 Que amainassem, mas juntos dão nella  
 Em pedaços a fazem, cum ruydo  
 Que o mundo pareceo ser destruydo.

*Os Lusíadas de L. de Camões.*

72 O ceo fere com gritos nisto a gente  
Cum subido temor, & desacordo,  
Que no romper da vella a nao pendente  
Toma gram somma dagoa pelo bordo:  
Alija, disse o mestre, rijamente,  
Alija, tude ao mar, nam falte acordo,  
Vão outros dar à bomba nam cessando,  
Aa bomba, que nos imos alagando.

73 Correm logo os soldados animosos  
A dar à bomba, & tanto que chegaram  
Os balanços, que os mares temerosos  
Deram à nao, num bordo os derribarão:  
Tres marinheiros duros & forçosos,  
A menear o leme nam bastarão,  
Talhas lhe punhão d'húa e doutra parte,  
Sem aprouceitar dos homés força e arte.

74 Os ventos eram tais, que nam poderão  
Mostrar mais força d'impetu cruel,  
Se pera derribar entam vierão  
A fortíssima torre de Babel:  
Nos altíssimos mares que crecerão  
A pequena grandura de hum batel,  
Mostra a possante nao, que moue espáto  
Vendo que se fostem nas ondas tanto.

Canto sexto 8

75 A nao grande, em que vay Paulo da Gama  
Quebrado leua o masto pelo meyo,  
Quasi toda alagada, a gente chama,  
Aquelle que a saluar o mundo veyo:  
Nam menos gritos vãos ao ar derrama  
Toda a nao de Coelho, com receyo,  
Com quanto teue o mestre tanto tento  
Que primeiro amainou, q̃ desse o veto.

76 Agora sobre as nuuens os subião  
As ondas de Neptuno furibundos  
Agora ver parece que decião  
Aas intimas entranhas do profundo:  
Noto, Austro, Boreas, Aquilo querião  
Arruinar a machina do mundo,  
A noite negra & feya se alumia,  
Cos rayos, em que o Polo todo ardia.

77 As Alcyones aues triste canto  
Iunto da costa braua leuantarão  
Lembrando se do seu passado pranto  
Que as furiosas agoas lhe causarão:  
Os Delfins namorados entretanto  
La nas couas marítimas entrarão,  
Fugindo à tempestade, & ventos duros  
Que nã no fundo os deixa estar seguros.

*Os Lusíadas de L. de Camões*

- 79 Nunca tam viuos rayos fabricou  
Contra a fera soberba dos Gigantes,  
O grão ferreiro fordido, que obrôu  
Do enteado as armas radiantes:  
Nem tanto o gram Tonante arremessou  
Relâmpados ao mundo fulminantes,  
No grã diluúio onde sos viuerão  
Os douis q̄ em gête as pedras cõuerterão
- 80 Quantos montes então, que derribarão  
As ondas que batiam denodadas,  
Quantas aruores velhas arrancarão  
Do vento brauo as furias inclinadas:  
As forçosas raizes não cuidarão  
Que nunca pera o ceo fossem viradas  
Nem as fundas areas que podessem  
Tãto os mares, q̄ encima as reuoluessem
- 81 Vendo vasco da Gama que tam perto  
Do fim de seu desejo se perdia,  
Vendo ora o mar ate o inferno aberto  
Ora com noua fúria ao ceo subia:  
Confusão de temor, da vida incerto,  
Onde nenhum remedio lhe valia,  
Chama aquelle remedio sancto & forte,  
Que o impossibil pode, desta sorte.

- 82 Diuina guarda, angelica celeste,  
Que os ceos, o mar, & a terra senhoreas  
Tu que a todo Israel refugio deste,  
Por metade das agoas Erytreas  
Tu que liuraste Paulo, & defendeste  
Das Syrtes arenosas, & ondas feas,  
E guardaste cos filhos o segundo  
Pouoador do alagado & vacuo mundo.
- 83 Se tenho nouos medos perigosos,  
Doutra Scylla & Carybdis ja passados,  
Outras Syrtes, & baixos arenosos,  
Outros Acroceraunios infamados,  
No fim de tantos casos trabalhosos,  
Porque somos de ti desemparedados,  
Se este nosso trabalho não te offende  
Mas antes teu seruiço so pretende?
- 84 O ditosos aquelles que puderão  
Entre as agudas lanças Affricanas  
Morrer, em quanto fortes fostiuerão  
A sancta Fè, nas terras Mauritanas:  
De quem feitos illustres se soberão  
De que ficão memorias soberanas,  
De quem se ganha a vida com perdella,  
Doce fazendo a morte as honras della.

*Os Lsiadas de L. de Camões.*

85 Assim dizendo os ventos que lutauão,  
Como touros indomitos bramando,  
Mais & mais atormenta acrescentauão,  
Pella meuda enxarcea aq̃uuiando,  
Ralampados medonhos não cessauão,  
Feros trouões, que vem representando  
Cair o ceo dos eixos sobre a terra,  
Configo os elementos terem guerra.

86 Mas ja a amorosa estrella scintillaua  
Diante do Sol claro do Orizonte,  
Mensageira do dia, & visitaua  
A terra, & o largo mar com leda fronte,  
Venus que nos ceos a governaua,  
De quem foge o enfifero Oriente,  
Táto que o mar, & a chara armada vira  
Tocada junto foy de medo & de ira.

87 Estas obras de Baeo sam por certo,  
Disse, mas não lerà que auante leu  
Tam danada tenção que descuberto  
Me fera sempre o mal a que se atreue,  
Isto dizendo, dece ao mar aberto,  
No caminho gastando espaço breue,  
Em quanto mãda às nimp̃has amorosas  
Guirnaldas nas cabeças por de rosas.

Guirnaldas

88 Guiraldas manda por de varias cores  
 Sobre cabellos louros a porfia,  
 Quem não dirá, que nace[m] roxas flores  
 Sobre ouro natural, que amorenfia,  
 Abrandar determina por amores  
 Dos ventos a nojosa companhia,  
 Mostrandolhe as amadas nimphas bellas  
 Que mais fermosas vinhão q̃ as estrellas,

89 Assim foy, porq̃ tanto que chegarão  
 A vista dellas, logo lhe falecem  
 As forças com que dante pelejarão,  
 E ja como rendidos lhe obedecem:  
 Os pés & mão, parece que lhe atarão  
 Os cabellos que os rayos escurecem,  
 A Boreas, que do peito mas queria,  
 Assim disse a bellissima Orithia.

90 Não creas fero Boreas, que te creyo  
 Que me tiueste nunca amor constante,  
 q̃bradura he de amor mais certo arreio,  
 E não conuem furor a firme amante:  
 Se ja não pões a tanta infania freyo,  
 Não esperes de mi daqui em diante,  
 Que possa mais amarte, mas temerte,  
 Que amor cõtigo em medo se cõuerte,

Assi

## *Os Lusíadas de L. de Camões.*

- 91 Assim mesmo a fermosa Galathea  
Dezia ao fero Noto, que bem sabe  
Que dias ha, que em vella se recrea,  
E bem creê que com elle tudo acabe:  
Nam sabe o brauo tanto bem se o crea,  
Que o coração no peito lhe nam cabe,  
De cõtente de ver que a dama o manda  
Pouco cuida que faz se logo abranda.
- 92 Desta maneira as outras amansauão  
Subitamente os outros amadores,  
E logo à linda Venus se entregauão,  
Amanfadas as iras, & os furores:  
Ella lhe prometeo, vendo que amauão,  
Sempiterno fauor em seus amores,  
Nas bellas mãos tomandolhe omenagé  
De lhe serem leaes esta viagem.
- 93 Ia a menhaam clara daua nos outeiros,  
Por onde o Ganges murmurando soa,  
Quando da celsa gauea os marinheiros  
Enxergaram terra alta pela proa:  
Ia fora de tormenta, & dos primeiros  
Mares, o temor vão, do peito voa,  
Disse alegre o Piloto Melindano,  
Terra he de Calecut, senam me engano.

Canto sexto. III

94 Esta he por certo a terra que buscais  
Da verdadeira India, que apparece,  
E se do mundo mais nam desejaes  
Vosso trabalho longo aqui fenece:  
Soffrer aqui nam pode o Gama mais  
De ledos, em ver que a terra se conhece,  
Os joelhos no chão, as mãos ao ceo,  
A merce grande a Deos agradeceo.

95 As graças a Deos daua, & razão tinha,  
Que nam samente a terra lhe mostraua  
Que com tanto amor buscando vinha,  
Por quem tanto trabalho esperimentaua:  
Mas via se liurado tam asinha,  
Da morte, que no mar lhe aparelhaua,  
O vento duro, feruido, & medonho,  
Como qué despertou de horrêdo sonho

96 Por meyo destes horridos perigos,  
Destes trabalhos graues & temores,  
Alcanção os que sam de fama amigos  
As honras immortaes, & graos maiores:  
Não encostados sempre nos antigos  
Troncos nobres de seus antecessores  
Não nos leitos nobres, entre os finos  
Animais de Moscouia Zebelinos.

*Os Lusíadas de L. de Camões.*

97 Não cos manjares novos, & exquisitos  
Não cos passeos molles, & ouciosos,  
Não cos varios deleites, & infinitos  
Que afeminão os peitos generosos,  
Não cos nunca vencidos apetitos  
Que a fortuna tem sempre tão mimosos  
Que não soffre a nenhũ q̃ o passo mude,  
Pera hũa obra heroyca de virtude.

98 Mas com buscar co seu forçoso braço  
As honras, que elle chame proprias suas,  
Vigiando, & vestindo o forjado aço,  
Soffrendo tempestades, & ondas cruas:  
Vencendo os torpes frios no regaço  
Do Sul, & regiões de abrigo nuas,  
Engulindo o corrupto mantimento  
Temperado com hum arduo sufrimêto.

99 E com forçar o rostro que se enfia,  
A parecer seguro, ledo inteiro,  
Pera o pilouro ardente, que assouia  
E leua a perna, ou braço ao cópanheiro:  
Destarte o peito hum calor honroso cria  
Desprezador das honras & dinheiro,  
Das honras & dinheiro, que a ventura  
Forjou, & não virtude justa, & dura.

Destá

Canto sexto. 112

100 Destarte se esclarece o entendimento,  
Que experiencias fazem repousado  
E fica vendo, como de alto assento,  
O baixo trato humano embarçado,  
Este onde tiuer força o regimento,  
Direito, & não de affectos occupado,  
Subira (como deue) a illustre mando,  
Contra vontade sua, & não rogando.

F I M.



Chega  
A casa de riquezas abundante.

*Os Lusíadas de L. de Camões.*

¶ CHEGA GAMA A CALECÚ,  
Cabeça do Reino do Malabar, cujo sitio &  
descripçam se refere: faz sabedor ao Rei de  
sua chegada, o qual informandose de  
Monçaide, Mouro criado em  
Affrica, que gente he a Lusitana,  
vay visitar sua armada.



CANTO SEPTIMO



A SE VIAM CHE  
gados junto a terra,  
Que desejada ja de tan-  
tos fora,  
Que entre as correntes  
Indicas se encerra,

E o Ganges, que no ceo terreno mora:  
Ora sus gente forte que na guerra  
Quereis levar a palma vencedora,  
Ja sois chegados, ja tendes diante  
A terra de riquezas abundante.

A VOS

- 2 Avos ô geraçam de Luso digo,  
Que tam pequena parte fois no mundo:  
Não digo ainda no mûdo, mas no amigo  
Curral de quem gouerna o ceo rotundo:  
Vos, aquem não samente algum perigo  
Estorua conquistar o pouo immundo,  
Mas nem cobiza, ou pouca obediencia  
Da madre q̄ nos ceos esta em essencia.
- 3 Vos Portugueses poucos, quanto fortes,  
Que o fraco poder voffo não peçais,  
Vos, que á custa de voffas varias mortes  
A ley da vida eterna dilatais:  
Assi do ceo deitadas sam as sortes,  
Que vos por muito poucos que sejaes,  
Muitos façaes na senta Christandade,  
Que tâto ô Christo exaltas a humildade
- 4 Vedelos Alemãos soberbo gado,  
Que por tam largos campos se apacenta,  
Do successor de Pedro rebelado,  
Nouo pastor & noua Scepta inuenta,  
Vedelo em feas guerras occupado,  
Que inda co cego error se não contêta,  
Não contra o superbilissimo Otomano:  
Mas por sayr do jugo soberano.

*Os Lusíadas de L. de Camões.*

- 5 Vedelo duro Ingles que se nomea  
Rey da velha & sanctíssima cidade,  
Que o torpe Ismaelita senhorea,  
(Quê vio honra tam longe da verdade)  
Entre as Boreas neues se recrea,  
Noua maneira faz de Christandade,  
Pera os de Christo tem a espada nua,  
Não porto nar a terra que era sua.
- 6 Guardalhe por entanto hum falso Rey  
A cidade Ierosolima terrestre,  
Em quanto elle não guarda a santa ley,  
Da cidade Ierosolima celeste:  
Pois de tí Gallo indigno que direy?  
Que o nome Christianíssimo quiseste,  
Não pera defendelo, nem guardalo  
Mas pera ser contra elle, & derriballo.
- 7 Ahas que tés direyto em senhorios  
De Christãos, sendo o teu tá largo, è táto  
E não contra o Cynifio & Nilo rios,  
Inimigos do antigo nome santo,  
Ali se ham de prouar da espada os fios,  
Em qué quer reprouar da igreja o cáto,  
De Carlos, de Luis, o nome & a terra  
Erdaste, & as causas não da justa guerra?  
Pois

- 8 Pois que direy daquelles que em delicias,  
 Que o vil ocio no mundo traz consigo,  
 Gastão as vidas. logrão as diuicias,  
 Esquecidos de seu valor antigo:  
 Nacem da tyrania inimicias,  
 Que o pouo forte tem de si enemigo,  
 Contigo Italia fallo ja sumersa  
 Em vicios mil, & de ti mesma aduersa.
- 9 O miseros Christãos polla ventura  
 Sois os dentes de Cadmo desprazidos,  
 Que hús aos outros se dão a morte dura  
 Sendo todos de hum vètre produzidos?  
 Nam vedes a diuina sepultura  
 Possuída de cães, que sempre vnidos  
 Vos vem tomar a vossa antiga terra  
 Fazendose famosos pella guerra:
- 10 Vedes que tem por vso, & por decreto,  
 Do qual sam tão inteiros obseruantes,  
 Ajuntarem o exercito inquieto,  
 Cõtra os pouos q̃ são de Christo amâtes  
 Entre vos nunca deixa a fera Aleto  
 De semear cizanias repugnantes,  
 Olhay se estais seguros de perigos,  
 Que elles & vos, sois vossos inimigos.

*Os Lusíadas de L. de Camões.*

- 11 Se cobiça de grandes fenhórios  
Vos faz yr conquistar terras alheas,  
Nam vedes que Pactolo & Hermo rios  
Ambos voluem auríferas areas?  
Em Lidia, Afsiria lauram d'ouro os fios  
Affrica esconde em si luzentes veas,  
Mouauos ja se quer riqueza tanta,  
Pois moueruos não pode a casa sancta.
- 12 Aquellas inuenções feras & nouas,  
De instrumentos mortaes da artilharia,  
A deuem de fazer as duras prouas,  
Nos mouros de Bizancio, & de Turquia:  
Fazey que torne la às siluestres couas,  
Dos Caípios montes, & da Scytia fria,  
A Turca geração que multiplica  
Na pulicia da vossa Europa rica.
- 13 Gregos, Traces, Armenios, Georgianos,  
Bradando vos estam, que o pouo bruto  
Lhe obriga os charos filhos aos profanos  
preceptos do Alcorão (duro tributo)  
Em castigar os feitos inhumanos  
Vos gloriay de peito forte, & astuto,  
E nam queirais louuores arrogantes,  
De ferdes cõtra os vossos mui possantes.

Mas

- 14 Mas entanto que cegos & sedentos  
 Andais de vosso sangue, ô gente insana,  
 Não faltarão Christãos atreuimentos,  
 Nesta pequena caia Lusitana  
 De Affrica tem marítimos assentos,  
 He na Asia mais que todas soberana,  
 Na quarta parte noua os campos ara,  
 E se mais mundo ouuera la chegara.
- 15 E vejamos em tanto que acontece  
 A aquelles tão famosos nauagantes  
 Depois que a branda Venus enfraquece  
 O furor vão dos ventos repugnantes  
 Depois que a larga terra lhe aparece  
 Fim de suas perfiás tam constantes,  
 Onde vem semear de Christo a ley,  
 E dar nouo costume, & nouo Rey.
- 16 Tanto que à noua terra se chegaram,  
 Leues embarcações de pescadores  
 Acharam q' o caminho lhe mostraram  
 De Calecu, onde erão moradores.  
 Pera la logo as proas se inclinarão,  
 Porque esta era a cidade das milhores  
 De Malabar melhor onde vitia  
 O Rey, que toda a terra pessua.

*Os Lusíadas de L. de Camões.*

17 Alem do Indo Iaz & aquem do Gange,  
Há terreno muy grãde, & assaz famoso,  
Que pella parte Austral o mar abrange;  
E pera o Norte, o Emodio cauernoso:  
Jugo de Reis diuersos o constrange  
A varias leis, algũs o vicioso  
Maphoma, algũs os Idolos adorão,  
Algũs os animais, q̄ entre elles morão.

18 La bem no grande monte, que cortando  
Tão larga terra, toda Asia diucorre,  
Que nome tão diuersos vai tomando,  
Segundo as regiões por onde corre.  
As fontes saem, donde vem manando  
Os rios, cuja gram corrente morre  
No mar Indico, & cercão todo o peso  
Do terreno, fazendo o Chersoneso.

19 Entre hũ & o outro rio, em grande espaço  
Say da larga terra hũa longa ponta  
Quasi Pyramidal, que no regaço  
Do mar, com Ceilão insula confronta:  
E junto donde nace o largo braço  
Gangetico, o rumor antigo conta,  
Que os vizinhos da terra moradores  
Do cheiro sa mantem das finas flores.

- 20 Mas agora de nomes & de vfança  
 Nouos & varios sam os habitantes:  
 Os Delijs, os Patenes, que em possança  
 De terra & gente são mais abundantes!  
 Decanes, Oriás, que a esperança  
 Tem de sua saluação nas resonantes  
 Agoas do Gange, & a terra de Bengala,  
 Fertil de forte q̃ outra não lhe iguala
- 21 O Reino de Cambaya bellicoso  
 Dizem que foy de Poro Rei potente,  
 O Reino de Narsinga poderoso  
 Mais de ouro & pedras, q̃ de forte gente:  
 Aqui se enxerga la do mar vndoso  
 Hum monte alto, que corre longamente  
 Seruindo ao Malabar de forte muro,  
 Com que do Canara viue leguro.
- 22 Da terra os naturaes lhe chamão Gate,  
 Do pê do qual pequena quantidade  
 Se estê de hũa fralda estreita que cõbate  
 Do mar a natural ferocidade:  
 Aqui de outras cidades sem debate,  
 Calecu tem a illustre dignidade  
 De cabeça de Imperio rica & bella  
 Samorim se intitula o senhor della.

*Os Lusíadas de L. de Camões.*

- 23 Chegada a frota ao rico senhorio  
Hum Portuguez mandado logo parte  
A fazer saber or o Rei Gentio  
Da vinda sua a tam remota parte,  
Entrando o mensageiro pello rio,  
Que ali nas ondas entra a não vilita arte  
A cor, o gesto estranho, ou trajo nouo,  
Fez concorrer a velo todo o pouo.
- 24 Entre a gente que vello concurría.  
Se chega hum Mahometa, q̄ nascido  
Fora na regiam da Berberia,  
La onde fora Anteo obedecido  
Ou pella vezinhança ja teria  
O Reino Lusitano conhecido  
Ou foy ja assinalado de seu ferro,  
Fortuna o trouxe a tam longo desterro.
- 25 Em vendo o mensageiro com jocundo  
Rosto, como qué sabe a lingua Hispana  
Lhe disse, qué te trouxe a estoutro mudo  
Tam longe da tua patria Lusitana?  
Abrindo lhe responde o mar profundo,  
Por onde nunca veo gente humana  
Vimos buscar do Indo a gram corrente,  
Por onde a lay diuina se acrecente.

*Esantado*

- 26 Espantado ficou da grande viagem,  
O Mouro que Monçaide se chamaua:  
Ouuido as oppressões que na passagem  
Do mar, o Lusitano lhe contaua:  
Mas vêdo em fim q̃ a força da mensajê,  
So pera o Rey da terra releuaua,  
Lhe diz que estaua fora da cidade,  
Mas de caminho pouca cantidade,
- 27 E que em tanto que a noua lhe chegasse  
De sua estranha vinda, se queria  
Na lua pobre casa repoufasse,  
E do manjar da terra comeria:  
E despois que se hum pouco recreasse,  
Coelle pera a armada tornaria,  
Que alegria nam pode ser tamanha  
Que achar gête vezinha é terra estranha.
- 28 O Portugues aceita de vontade  
O que o lido Monçaide lhe offerece  
Como se longa fora ja amizade,  
Coelle come & bebe, & lhe obedece:  
Ambos se tornam logo a cidade,  
Pera a frota que o Mouro bem conhece,  
Sobem à capitaina, & toda a gente  
Monçaide recebeo benigna mente.

*Os Lusíadas de L. de Camões.*

29 O capitão o abraça em cabo ledo,  
Ouindo clara a lingua de Castella,  
Iunto de si o assenta, & própto & quedo  
Pella terra pergunta, & cousas della.  
Qual se ajútaua é Ro lope o aruoredos,  
So por ouir o amante da donzella  
Euridece, tocando a lyra de ouro,  
Tal agente se o junta a ouir o Mouro.

30 Elle começa ô gente que a natura  
Vezinha fez de meu paterno ninho,  
Que destino tam grande ou que vêtura,  
Vo trouxe a com terdes tal caminho:  
Não he sem causa nam oculta & escura,  
Vir do longico Tejo, & ignoto Minho,  
Por mares nunca doutro lenho arados  
A Reynos tam remotos & apartados.

31 Deos por certo vos traz, porque pretende  
Algum seruiço seu por vos obrado,  
Por isso so vos guia, & vos defende  
Dos inimigos do mar, do vento yrado:  
Sabey q̄ estais na India, onde se estende  
Diuerso pouo, rico & prosperado,  
De ouro luzente, & fina pedraria,  
Cheiro suaue, ardente especearia.

Esta

32 Esta prouíncia, cujo porto agora  
 Tomado tendes, Malabar se chama,  
 Do culto antigo os Idolos adora,  
 Que ca por estas partes se derrama:  
 De diuersos Reys he, mas dum so fora  
 Noutro tempo, segundo a antiga fama,  
 Saramà Perimal foy derradeiro  
 Rey q̄ este Reyno teue vnido & inteiro.

33 Porem como a esta terra entam viessem  
 De là do seyo Arabico outras gentes,  
 Que o culto Mahometico trouxessem,  
 No qual me instituiram meus parentes:  
 Succedeo que prègando conuertessem  
 O Perimal, de sabios & eloquentes  
 Fazemlhe a ley tomar com feruor tanto  
 Que profupos de nella morrer sancto.

34 Naos arma, & nellas inete curioso  
 Mercaderia que offereça rica,  
 Para yr nellas a ser religioso,  
 Onde Maphoma jaz, que a ley publica  
 Antes que parta, o Reyno poderoso  
 Cos seus reparte porque nam lhe fica  
 Herdeiro proprio, faz os mais aceitos  
 Ricos de pobres, liures de fogeitos.

*Os Lusíadas de L. de Camões.*

35 A hum Cochim, a outro Can nor,  
A qual Chale, a qual a Ilhada pimenta,  
A qual Coulião, a qual da Cranganor,  
E os mais, a qué os mais serue & cõtêta:  
Hum so moço, a qué tinha muito amor,  
Despois que tudo deu, selhe apresenta,  
Para este Calecu samente fica,  
Cidade ja por trato nobre & rica.

36 Esta llic da, co titulo excellente  
De Emperador, q̄ sobre os outros mãde,  
Isto feito se parte diligente,  
Para onde em sancta vida acabe & ande:  
E daqui fica o nome do potente  
Samorî, mais q̄ todos digno & grande  
Ao moço, & decendentes, donde vem  
Este, q̄ agora o Imperio manda & tem.

57 A ley da gente toda, rica & pobre,  
De fabulas compostas se imagina,  
Andão nús, & samente hum pano cobre  
As partes que a cubrir natura ensina:  
Dous modos ha de gente, porq̄ a nobre  
Naires chamados sam, & a menos digna  
Poleàs tem por nome, a quem obriga,  
A ley, nam misturar a casta antiga.

Porque

38 Porq̃ os q̃ vfarão sempre hũ mesmo officio  
 De outro não podem receber côforte,  
 Nem os filhos terão outro exercio,  
 Se não de seus passados até morte,  
 Para os Naires he certo grande vicio  
 Destes ferem tocados de tal sorte,  
 Que quãdo algũ se toca por ventura,  
 Com cerimonia mil se alimpa & apura,

39 Desta sorte o Iudaico pouo antigo  
 Não tocava na gente de Samaria,  
 Mais estranhezas inda das que digo  
 Nesta terra vereis de vfança varia,  
 Os Naires fos sam dados ao perigo  
 Das armas, fos defendem da contraria  
 Bãda o seu rey, trazêdo sêpre vfada (da  
 Na esquerda a adarga, è na direita a espa-

40 Bramenes sam os seus religiosos,  
 Nome antigo, & de grande preminencia  
 Obseruão os preceptos tam famosos  
 D'um q̃ primeiro pos nome à sciencia:  
 Não matam cousa viua, & temerolos  
 Das carnes, tem grandissima abstinencia,  
 Samente no venero ajuntamento  
 Tem mais licença, & menos regimento.

*Os Lsiadas de L. de Camões.*

41 Geraes sam as molheres, mas so nente  
Para os da geração de seus maridos,  
Ditosa condição, ditosa gente,  
Que nam sam de ciumes offendidos,  
Estes & outros costumes variamente  
Sam pelos Malabares admittidos,  
A terra he grossa é trato, em tudo aquilo  
Que as ôdas podê dar da China ao Nilo

42 Assim contava o Mouro, mas vagando  
Andava a fama ja pela cidade,  
Da vinda desta gente estranha, quando  
O Rey saber mandava da verdade:  
Ja vinham pelas ruas caminhando,  
Rodeados de todo sexo, & idade,  
Os principais, que o Rey buscar mádara  
O Capitão da armada que chegara.

43 Mas elle que do Rey ja tem licença  
Para desembarcar, acompanhado  
De nobres Portugueses sem detença,  
Parte de ricos panos adornado:  
Das cores a fermosa differença  
A vista alegre ao pouo aluoroçado,  
O remo compassado fere frio  
Agora o mar, depois o fresco rio.

Na praia

- 44 Na praya hum regedor do Reino estaua  
Que na sua lingua Catual se chama  
Kodeado de Naires que esperaua  
Com delusada festa o nobre Gama:  
Ia na terra nos braços o leuaua,  
E num portatil leito hũa rica cama  
Lhe offerre e em que va, costume vsado,  
Que nos hõbros dos homés he leuado,
- 45 Destarte o Malabar, destarte o Luso,  
Caminham la pera onde o rei o espera:  
Os outros Portugueses vão ao vfo  
Que infantaria segue, esquadra fera:  
O pouo que concorre vay confuso  
De ver a gente estranha, & bem quifera  
Preguntar, mas no tempo ja passado  
Na torre de Babel lhe foy vedado.
- 46 O Gama, & o Catual hiam fallando  
Nas cousas que o tempo lhe offerencia,  
Monçaide entre elles vay interpretando  
As palauras que de ambos entendia:  
Assi pela cidade caminhando,  
Onde hũa rica fabrica se erguia  
De hum sumptuoso templo ja chegauão  
Pelas portas do qual juntos entrauão.

*Os Lusíadas de L. de Camões*

- 47 Alli estam esculpidas as figuras  
Dos Idolos, em pao & em pedra fria,  
Varios de gestos varios de pinturas  
A segundo o demonio lhe fingia:  
Vemse as abominaueis esculpturas  
Qual a Chimèra em membros se varia,  
Espantamse os Christão da novidade  
Vituperando a vam Gentilidade.
- 48 Hum na cabeça cornos esculpidos,  
Qual Iupiter Amon em Lybia estaua,  
Outro num corpo rostos tinha vnidos,  
Bem como o antigo Iano se pintaua:  
Outro com muitos braços diuididos,  
A Briareo parece que imitaua,  
Outro fronte Canina tem de fora  
Qual Anubis Memphitico se adora.
- 49 Aqui feita do Barbaro Gentio  
A supersticiosa adoração,  
Dereitos vam sem outro algum desuio,  
Para onde estaua o Rey do pouo vão:  
Engrossandose vay da gente o fio,  
Cos que vem ver o estranho Capitão,  
Estam pelos telhados & janellas  
Velhos, & moços, donas, & donzellas.

50 Ia chegada perto, & não cõ passos lentos,  
Dos jardins odoriferos fermosos.  
Que em si escõdem os regios aposentos  
Altos de torres não mas sumptuosos,  
Edificãose os nobres seus assentos,  
Por entre os aruoredos deleitosos  
Assi viuem os reis daquella gente,  
No campo, & na cidade juntamente.

51 Pellos portaes da cerca a subtileza  
Se enxerga da Delea faculdade,  
Em figuras mostrando por nobreza  
Da India, a mais remota antiguidade:  
Afiguradas vam com tal viueza  
As historias daquella antigua idade,  
Que quem dellas tiuer noticia inteira  
Pella sombra conhece a verdadeira.

52 Estaua hum grande exercito que pisa  
A terra Oriental, que o Idaspe lava  
Rege o hum capitão de frente lisa  
Que com frondentes tĩrlos pelejaua  
Por elle edificada estaua Nisa,  
Nas ribeiras do rio que manaua  
Tão proprio, que se alli estiuer Semele  
Dira por certo, que he teu filho aquelle.

*Os Lusíadas de L. de Camões.*

- 83 Mais auante, bebendo seca o rio  
Mui grande multidão de Assyria gente,  
Subjeita a feminino senhorio,  
De húa tam bella como incontinente:  
Alli tem junto ao lado nunca frio,  
Eículpido o feroz ginete ardente,  
Com quem teria o filho competencia,  
Amor nefando, bruta incontinencia.
- 84 Daqui mais apartadas tremolauão  
As bandeiras de Grecia gloriosas  
Terceira Monarchia, & sojugauão  
Atè as agoas Gangeticas vndosas:  
Dum capitão mancebo se guiauão,  
De palmas rodeado valerosas,  
Que ja nam de Filipo, mas sem falta  
De progenie de Iupiter se exalta.
- 85 Os Portugueses vendo estas memorias,  
Dezia o' Catual ao Capitão,  
Tempo cedo virá que outras memorias  
Estas que agora olhais abaterão:  
Aqui se escreueram nouas histórias  
Por gentes estrangeiras que virão  
Que os nossos sabios magos o alcãçarão  
Quando o tempo futuro especularão.

E diz

- 56 Edizlhe mais a magica sciencia,  
Que para se euitar força tamanha,  
Nam valerá dos homens resistencia  
Que cõtra o ceo não val da gête manha:  
Mas tambem diz que a belica excellêcia  
Nas armas, & na paz, da gente estranha,  
Sera tal, que sera no mundo ouuido  
O vencedor, por gloria do vencido.
- 57 Assim falando entravaõ ja na sala  
Onde aquelle potente Emperador  
Nhũa camilha jaz, que nam se iguala  
De outra algũa no preço & no lauro:  
No recostado gesto se assinala  
Hum venerando & prospero senhor  
Hum pano de ouro cinge, & na cabeça  
De preciosas gemas se adereça.
- 58 Bem junto delle hum velho reuerente  
Cos joelhos no chão de quádo é quádo,  
Lhe daua a verde folha da erua ardête  
Que a seu costume estaua rumiando,  
Hum Bramene, pessoa preeminente  
Para o Gama vem com passo brando  
Para que ao grãde Principe o apresente,  
Que diante lhe acena que se assente.

*Os Lusíadas de L. de Camões.*

59 Sentado o Gama junto ao rico leito,  
Os seus mais afastados, prôpto em vista  
Estava o Samori no traço & geito  
Da gente, nunca de antes d'elle vista:  
Lançando a graue voz do sabio peito,  
Que grande authoridade logo aquista  
Na opinião do Rey, & do pouo todo  
O capitão lhe falla deste modo.

60 Hum grande Rey, de la das partes onde  
O ceo volubil com perpetua roda  
Da terra a luz solar co a terra esconde,  
Tingindo a que deixou de escura nodã,  
Ouvindo do rumor que la responde  
O ceo, como em ti da India toda  
O principado está, & a dignidade,  
Vinculo quer contigo de amizade.

61 E por longos rodeos ati manda,  
Por te fazer saber que tudo aquillo  
Que sobre o mar q̃ sobre as terras anda,  
De riquezas, de là do Tejo ao Nilo:  
E della fria plaga de Gelanda,  
Ate bem onde o Sol não muda o stilo,  
Nos dias sobre a gente de Ethiopia  
Tudo tem no seu reino em grãde copia.

E se

- 29 E se queres compactos & lianças  
De paz, & de amizade sacra & nua  
Comercio consentir das abundanças  
Da fazenda da terra sua, & tua,  
Porque creção as rendas, & abastanças  
Por quem a gente mais trabalha & sua,  
De vossos reinos, fera certamente  
De ti proueito, & delle gloria ingente.
- 30 E sendo assi, que o nô desta amizade,  
Entre vos firmemente permaneça,  
Estara prompto a toda aduersidade  
Que por guerra a teu Reino se offereça,  
Com gente armas, & naos de qualidade,  
Que por irmão te tenha, & te conheça.  
E da vontade em ti sobre isto posta  
Me des a mi certissima reposta.
- 31 Tal embaxada daua o capitão,  
A quem o Rey Gentio respondia,  
Que em ver embaixadores de nação  
Tão remota, gran gloria recebia,  
Mas neste caso a vltima tenção  
Com os de seu conselho tomaria,  
Informandose certo de quem era  
O Rei, & a gente, & terra que dissera

*Os Lusíadas de L. de Camões.*

65 E que em tanto podia do trabalho  
Passado ir repouçar, & em tempo breue  
Daria a seu despacho hum justo talho  
Com que a seu Rey reposta alegre leue:  
Ja nisto punha a noite o vsado atalho  
Aas humanas canseiras, porque ceue  
Do doce sono os membros trabalhados  
Os olhos occupando ao ocio dados.

66 Agasalhados foram juntamente,  
O Gama, & Portugueses, no aposento  
Do nobre regedor da Indica gente,  
Com festas, & geral contentamento:  
O Catual no cargo diligente  
De seu Rey, tinha ja por regimento  
Sa'ber da gente estranha donde vinha  
Que costumes, que ley, que terra tinha.

67 Tanto que os igneos carros do fermoso  
Mancebo Delio vio, que a luz renoua  
Manda chamar Monçaide, deseioso  
De poderse informar na gente noua:  
Ia lhe pergunta prompto & curiso,  
Se tem noticia inteira, & certa proua,  
Dos estranhos que sam, q' ouuido tinha,  
Que he gente de sua patria mui vezinha.  
Que

- 68 Que particularmente alli lhe desse  
 Informação muy larga, pois fazia  
 Nisso Seruiço ao Rey, porque foubesse  
 O que neste caso se faria:  
 Monçaide torna, posto que eu quisesse  
 Dizerte disto mais nam saberia,  
 Somête sei q̃ he gête la d'Esanha ( nha  
 Onde o meu ninho e o Sol no mar fa ba
- 69 Tem a ley d'um propheta, que gerado  
 Foy sem fazer na carne detrimento  
 Da mãy, tal que por baso està aprouado  
 Do Deos, q̃ tẽ do mundo o regimento:  
 O que entre meus antigos he vulgado  
 Delles, he o que o valor sanguinolento  
 Das armas, no leu braço resplandece  
 O que em nossos passados se parece.
- 70 Porque elles com virtude sobrehumana  
 Os deitaram dos campos abundosos  
 Do rico Tejo, & fresca Guadiana,  
 Com feitos memoraueis, & famosos:  
 E nam contentes inda, & na Affricana  
 Parte, cortando os mares procelosos  
 Não nos querem deixar viuer seguros,  
 Tomandonos cidades & altos muros.

## Os Lusíadas de L. de Camões.

71 Não menos té mostrado esforço & manha  
Em quaesquer outras guerras q̄ acôteção  
Ou das gentes beligeras de Espanha,  
Ou lá d'algũs que do Pirene deçao.  
Assi que nunca em fim cõ lança estrana  
Se tem, que por vencidos se conheçao,  
Né se sabe inda nam, te a firmo & assello  
Para estes Hambaes nenhum Marcello.

72 E festa informaçam nam for inteira,  
Tanto quanto conuem, delles pretende  
Informarte, que he gente verdadeira.  
A quem mais falsidade enoja & offende:  
Vai verlhe a frota, as armas, & a maneira  
Do fundido metal que tudo rende,  
E folgarás de veres a policia  
Portuguesa, na paz, & na milicia.

73 Ia com desejos o Idolatra ardia,  
De ver isto, que o Mouro lhe contaua,  
Manda esquipar bateis, q̄ ir ver queria  
Os lenhos em que o Gama nauegaua:  
Ambos partem da praya, a quem seguia  
A Naira geração que o mar coalhaua,  
Aa Capitaina sobem forte & bella.  
Onde Pau'o os recebe a bordo della.

- 74 Purpureos são os toldos, & as bandeiras,  
Do rico fio são que o bicho gera,  
Della estão pintadas as guerrairas  
Obras, que o forte braço já fizera:  
Batalhas tem campais aventureiras  
Dasafios crueis, pintura fera,  
Que tanto que ao Gentio se apresenta  
A tento os olhos nella apacenta.
- 75 Pello que ve pergunta, mas o Gama  
Lhe pedia primeiro que se assente,  
E que aquelle deleite que tanto ama  
A Sceita Epicurea, experimente:  
Dos espumantes vasos se derrama  
O licor que Noe mostrara à gente,  
Mas comer o Gentio nam pretende  
Que a Scepta que seguia lho defende.
- 76 A trombeta que em paz no pensamento,  
Imagem faz de guerra, rompe os ares,  
Co fogo o diabolico instrumento  
Sefaz ouuir no fundo la dos mares:  
Tudo o Gentio nota mas o intento  
Mostrava sempre ter nos singulares  
Feitos dos homens, que em tam breue  
Amuda Poesia alli descreue,

*Os Lusíadas de L. de Camões*

- 77 Alçase em pé, coelle os Gamas junto  
Coelho de outra parte, & o Mauritano  
Os olhos põe no bellico trasunto  
Dehú velho branco, alpeito venerando:  
Cujos nome nam pode ser defunto  
Em quâto ouuer no múdo tratovmano  
No trajo a Grega vfança está perfeita,  
Hum ramo por insignia na direita.
- 78 Hum ramo na mão tinha: mas ô cego,  
Eu que cometo infano, & temerario,  
Sê vos Nimphas do Tejo, & do Mõdego  
Por caminho tam arduo, lôgo, & vario?  
Vosso fauor inuoco, que nauego  
Por alto mar, com vento tam côtrario,  
Que senam me ajudais ey grande medo,  
Que o meufraco batel se alague cedo.
- 79 Olhay que ha tanto tempo, q̃ cantando  
O vosso Tejo, & os vossos Lusitanos  
A fortuna me traz peregrinando  
Nouos trabalhos vêdo, & nouos dânos:  
Agora no mar, agora esperimentando  
Os perigos Mauorcios inhumanos  
Qual Canace q̃ à morte se condena  
Nua mão sépre a espada, e noutra a pena  
Agora

80 Agora com pobreza auorrecida,  
 Por hospícios alheios degradado  
 Agora de esperança ja adquerida,  
 De nouo mais que nunca derribado:  
 Agora às costas escapando a vida,  
 Que dum fio pendia tam delgado,  
 Que nam menos milagre foy saluar-se,  
 Que pera o rey Iudaico acrecentar-se.

81 É ainda Nimphas minhas não bastaua  
 Que tamanhas misérias me cercassem:  
 Se não q̄ aquelles q̄ eu cantando andaua,  
 Tal premio de meus versos me tornasẽ,  
 A troco dos descansos que esperaua,  
 Das capellas de louro que me honrassem  
 Trabalhos nunca vsados me inuentarão,  
 Com q̄ em tão duro estado me deitirão,

82 Vede Nimphas que engenhos de senhores,  
 O vosso Tejo cria valerosos,  
 Que assi sabem prezar cõ taes fauores,  
 A quem os faz cantando gloriosos:  
 Que exemplos a futuros escriptores,  
 Pera e' pertar engenhos curiosos,  
 Pera porem as cousas em memoria,  
 Que merecerem ter eterna gloria.

*Os Lusíadas de L. de Camões*

83 Pois logo em tantos males he forçado  
Que so vosso fauor me nam faleça,  
Principalmente aqui, que sou chegado  
Onde feitos diuerfos engrandeça:  
Daimo vos soos, que eu tenho ja jurado  
q̃ não m'êpregue é que mo não mereça,  
Nem por lisonja louue algum subido  
Sobpena de nam ser agradecido.

84 Nem creais Nymphas nam, que fama dêsse  
A quem ao bem comum, & do seu Rey  
Anteposer seu proprio interesse,  
Imigo da diuina, & humana ley:  
Nenhum ambicioso que quisesse  
Subir a grandes cargos, cantarey,  
So por poder com torpes exercicios  
Vsar mais largamente de seus vicios.

85 Nenhum que vſede seu poder bastante  
Para seruir a seu desejo feyo  
E que por comprazer ao vulgo errante  
Se muda em mais figuras que Proteo:  
Nem Camenas tambem cuideis q̃ cante  
Que com habito honesto & graue veyo  
Por contentar o Rey no officio nouo,  
A despir & roubar o pobre pouo.

Nem

86 Nem quẽ acha q̃ he justo & q̃ he dereito  
Guardarse a ley do Rey feueramente  
E nam acha que he justo & bom respito  
Que se pague o fuor da feruil gente:  
Nẽ quẽ sempre cõ pouco xperto peito  
Razões aprende, & cuida que he prudẽte,  
Para taxar com mão rapace & escassa,  
Os trabalhos alheyos, que nam passa.

87 Aquelles fos direy que auenturarão  
Por seu Deos, por seu Rey, a amada vida  
Onde perdendoa em fama a dilatarão,  
Tambem de suas obras merecida:  
Apolo, & as Musas q̃ me acompanharão,  
Me dobraram a furia concedida  
Em quanto eu tomo alento descansado  
Por tornar ao trabalho mais folgado.

FINIS.

*Os Lusíadas de L. de Camões.*

O CAPITAM DA CONTA  
ao Mouro dos feitos dos Portugueses, &  
coufas do principio de Portugal. O Samor  
se começa de arruynar contra elles, orden  
dolhes treição. Prende ao capitão, o  
qual se resgatacô fazenda, & fazen  
dorecolher sua gente, se re  
tira pera a armada.



CANTO OCTAVO



A PRIMEIRA FI-  
gura se detinha.

O Catual, que vira estar  
pintada,

Que por diuísia hú ramo  
na mão tinha,

A barba branca, longa & penteada,

Quem era, & porque causa lhe cõuinha

A diuísia que tem na mão tomada,

Paulo responde cuja voz discreta

O Mauritano sabio lhe interpreta.

Estas

- 2 Estas figuras todás que aparecem,  
 Brauos em vista, feros nos aspeitos,  
 Mais brauos, & mais feros se conhecem  
 Pella fama, nas obras, & nos feitos  
 Antigos sam, mas inda resplandecem  
 Co nome, entre os engenhos mais perfei  
 Este q̄ ves he Luso donde a fama (tos,  
 O nosso reino Lusitania chama.
- 3 Foy filho & companheiro do Thebano,  
 Que tam diuersas partes conquistou,  
 Parece vindo ter ao Reino Hispano  
 Seguindo as armas que continuo vsou,  
 Do Douro, Guadiana, o campo vfano,  
 Ia dito Eliú, tanto o contentou,  
 Que ali quis dar aos ja cançados osos  
 Eterna sepultura, & nome aos nossos.
- 4 O ramo que lhes ves pera diuisa,  
 O verde Tyrso foy de Bacho vsado,  
 O qual à nossa idade amostra & auisa  
 Que foy seu cõpanheiro & filho amado:  
 Ves outro que o Tejo a terra pisa,  
 Despois de ter tam longo mar arado,  
 Onde muros perpetuos edifica.  
 E tẽplo a Palas, q̄ em memoria fica.

*Os Lusíadas de L. de Camões.*

- 5 Vlyxes he o que faz a rica casa  
A aquella que lhe da lingua facunda,  
Que se lã na Asia Troya insigne abraça,  
Ca em Europa Lisboa ingente funda:  
Quem sera estoutro ca que o câpo arrasa  
De mortos, com presença furibunda?  
Grandes batalhas tem desbaratadas  
Que as Agueas nas bãdeiras té pintadas.
- 6 Afsi Gentio diz, responde o Gama,  
Este que ves pastor ja foy de gado  
Viriato sabemos que se chama,  
Destro na lança mais qua no cajado:  
Injurizada tem de Roma a fama,  
Vencedor inuencibil afamado,  
Não tem coelle não, nem ter puderão  
O primor que com Pirro ja tiuerão.
- 7 Com força não, com manha vergonhosa,  
A vida lhe tirarão que os espanta,  
q̃ o grãde aperto em gête, inda q̃ hõrosa,  
Aas vezes leis magnanimas quebranta:  
Outro estã aqui, q̃ contra a patria iroso  
Degradado, com nosco se leuanta,  
Escolheo bem com quem se leuantesse,  
Pera que eternamente se illustrasse.

- 8 Vês comnosco tãbem vence as bãdeiras  
 Dessas aues de Iupiter validas,  
 Que ja naquelle tẽpo as mais guerreiras  
 Gentes de nos souberãõ ser vencidas:  
 Olha tam sotis artes & maneiras  
 Para adquirir os pouos tam fingidas,  
 A fatidica cerua que o auisa,  
 Elle he Sertorio, & ella sua diuisa.
- 9 Olha estroutra bandeira, & ve pintado,  
 O gram progenitor dos Reys primeiros  
 Nos Vngaro o fazemos, porein nado  
 Crẽ ser em Lothoringia os estrangeiros:  
 Despois de ter cos Mouros superado  
 Galegos & Leonezes caualleiros,  
 Aa casa sancta passa o sancto Enrique,  
 Porque o trõco dos Reys le sanctifique.
- 10 Quem he, me diz, estoutro q̃ me espanta,  
 Pergunta o Malabar, marauilhado  
 Que tantos esquadrões, que gente tanta  
 Com tam pouca, tam roto & destracado:  
 Tantos muros asperrimos quebranta  
 Tantas batalhas da. nunca cansado,  
 Tantas coroas tem por tantas partes,  
 A seus pès derribados, & estandartes.

## *Os Lusíadas de L. de Camões.*

11 Este he o primeiro Affonso, disse o Gama,  
Que todo Portugal aos mouros toma,  
Porquem no Estigio lago jura a fama  
De mais nam celebrar nenhũ de Roma,  
Este he aquelle zeloso aquem Deos ama  
Com cujo braço o duro imigo doma  
Pera quẽ de seu reino abaixa os muros  
Nada deixando ja pera os futuros.

12 Se Cesar, se Alexande Rey tiuerão,  
Tam pequeno poder, tam pouca gente,  
Contra tantos imigos quantos erão  
Os que desbarataua este exellente:  
Não creas que seus nomes estenderão  
Com glorias immortaes tam largamete,  
Mas deixa os feitos seus inexplicaveis,  
Ve que os de seus vassallos sam notaueis.

13 Este que ves olhar com gesto yrado,  
Pera o rompido alumno mal sufrido,  
Dizendolhe que o exercito espalhado  
Recolha, & torne ao campo defendido:  
Torna o moço do velho acompanhado  
Que vencedor o torna de vencido,  
Egas Monis se chama o forte velho  
Pera leaes vassallos claro espelho.

14 Vello ca vay cos filhos a entregar-se  
 Acorda ao colo, nú de seda & pano,  
 Porque não quis o moço fogeitar-se,  
 Como elle prometera ao Castelhanao:  
 Fez com siso & promessas levantar-se  
 O cerco que ja estaua soberano  
 Os filhos & molheres obriga à pena,  
 Pera que o senhor salue a si condena.

15 Não fez Consul tanto, que cercado  
 Foy nas forcas Caudinas de ignorante  
 Quádo a passar por baixo foy forçado  
 Do Samnitico jugo triumphante:  
 Este pello seu pouo injuriado,  
 Así se entrega so firme & constante,  
 Estoutro a si, & os filhos naturais  
 E a consorte sem culpa, que doe mais.

14 Ves este que saindo da cilada,  
 Da sobre o Rei, que cerca a villa forte,  
 Ia o Rei tem preso, & a villa descercada,  
 Illustre feito, digno de Mauorte,  
 Vello ca vay pintado nesta armada  
 No mar tábê aos mouros dando a morte,  
 Tomandolhe as galès, leuando a gloria,  
 Da primeira maritima victoria.

Os Lusíadas de L. de Camões

- 17 He Dom Fuaes Roupinho que na terra  
E no mar, resplandece juntamente  
Co fogo que acendeo junto da ferra  
De Abíla nas galês da Moura gente  
Olha como em tam justa & santa guerra  
De acabar pelejando está contente  
Das mãos dos Mouros étra a felice alma  
Triumphando nos ceos cõ justa palma.
- 18 Não vês hũ ajuntamento de estrangeiro  
Trajo, fair de grande armada noua,  
Que ajuda a combater o Rey primeiro  
Lisboa de si dando cõ esta proua:  
Olha Henrique famoso cavalleiro,  
A palma que lhe nasce junto à coua  
Por elles mostra Deos milagre visto  
Germanos sam os martyres de Christo.
- 19 Hum sacerdote vê brandindo a espada,  
Contra Arronches q̄ toma, por vingança  
De Leiria, que dantes foy tomada  
Por qué por Mã hamede enresta a lâça:  
He Teotonio Prior mas vê cercada  
Sanctarem, & veras a segurança  
Da figura nos muros que primeira  
Subindo ergueo das Quinas a bandeira.  
Vello

- 20 Vello ca donde Sancho desbarata  
 Os Mouros de Vandàlia em fera guerra  
 Os imigos rompendo, o Alferez mata,  
 E Hispalico pendão derrriba em terra:  
 Mem Monis he, q̄ em si o valor retrata,  
 Que o sepulchro do poy cos ossos cerra  
 Digno destas bandeiras pois sem falta  
 A contraria derriba, & a sua exalta.
- 21 Olha aquelle que dece pella lança  
 Com as duas cabeças dos vigias,  
 Onde a cilada esconde, com que alcança  
 A cidade por manhas & ousadias:  
 Ella por armas toma a semelhãça  
 Do caualleiro, que as cabeças frias  
 Na mão leuaua, feito nunca feito,  
 Giraldo sem pavor he o forte peito.
- 22 Não vês hum Castelhana, que agrauado  
 De Afonso nouo Rey, pello odio antigo  
 Dos de Lara, cos Mouros he deitado  
 De Pórtugal fazendo se enemigo?  
 Abrantes villa toma acompanhado  
 Dos duros infieis que traz consigo,  
 Mas vê q̄ hum Portugues, cõ pouca gête  
 O desbarata & o prende ousadamente.

*Os Lusíadas de L. de Camões.*

- 23 Martim Lopez se chama o caualeiro,  
Que destes letar pode a palma è o louro  
Mas olha hum Ecclesiastico guerreiro  
Que em lâça de aço torna o bago d'ouro  
Vello entre os duuidosos tam inteiro  
Em não negar batalha ao brauo Mouro,  
Olha o final no ceo que lhe aparece,  
Com q̃ nos poucos seus o esforço crece.
- 24 Vês vão os Reis de Cordoua & Seuilha,  
Rotos cos outros dous, & não de espaço  
Rotos: mas antes mortos, marauilha  
Feita de Deos, q̃ não de humano braço:  
Vês ja a villa de Alcacere se humilla,  
Sem lhe valer defesa, ou muro de aço  
A dom Matheus o Bispo de Lisboa,  
Que coroa de palma ali coroa.
- 25 Olha hum mestre, que dece de Castella  
Portugues de naçam: como conquista  
A terra dos Algarues, & ja nella  
Não acha que por armas lhe resista,  
Com manha, esforço, & benigna estrella  
Villas, castellos, toma a escalla vista:  
Vês Tauilla tomada aos moradores,  
Em vingança dos sete caçadores.

26 Vês com bellica astucia ao Mouro ganha  
 Silues, que elle ganhou cõ força ingente.  
 He dom Payo Correa, cuja manha  
 E grande esforço, faz enueja á gente:  
 Mas não passes os tres q̃ é Brãça & Espa-  
 Se fazê conhecer perpetua nête, (nha  
 Em desafios, justas, & torneos,  
 Nellas deixando publicos tropheos.

27 Vellos co nome vem de aventureiros  
 A Castella onde o preço sos leuarão  
 Dos jogos de Bellona verdadeiros,  
 Que com dano de algũs se exercitarão,  
 Vê mortos os soberbos caualeiros,  
 Que o principal dos tres desafiarão,  
 Que Gonçalo ribeiro se nomea,  
 Que pode não temer a ley Letea.

28 A tenta num que a fama tanto estende,  
 Que de nenhum passado se contenta,  
 Que a patria q̃ de hum fraco fio pende,  
 Sobre seus duros hombros a sustenta,  
 Não o ves tinto de ira, que reprende  
 A vil desconfiança inerte & lenta  
 Do pouo, & faz que tome o doce fr eyo,  
 De Rei seu natural, & não de alheyo.

*Os Lusíadas de L. de Camões.*

- 29 Olha por seu conselho & ousadia,  
De Deos guiada so, & de santa estrella.  
Se pode o que impossibil parecia  
Vencer o pouo ingente de Castella:  
Ves por industria, esforço & valentia,  
Outro estrago & victoria clara & bella  
Na gente, assi feroz como infinita,  
q̃ entre o Tarteo, & Guadiana habita.
- 30 Mas não ves quasi ja desbaratado  
O poder Lusitano, pella ausencia  
Do capitão deuoto, que a partado  
Orando inuoca a diuina essencia,  
Vello com pressa ja dos seus achado  
Que lhe dizem que falta resistencia  
Contra poder tamanho, & que viesse,  
Porque consigo esforço aos fracos desse.
- 31 Mas olha com quam sancta confiança  
Que inda não era tempo respondia,  
Como quem tinha em Deos a segurãça  
Da victoria, que logo lhe daria:  
Assi Pompilio, ouuindo que a possança  
Dos inimigos, a terra lhe corria  
Aquem lhe a dura noua estaua dando  
Pois eu (responde) estou sacrificando.

- 32 Se quẽ cõ tãto esforço em Deos se atreue,  
 Ouuir quẽseres como se nomea,  
 Portugues Scipiam chamar se d ue,  
 Mas mais de dõ Nuno Aluarez se arrea:  
 Ditosa patria que tal filho teue,  
 Mas antes pae, q̃ em quanto o Sol rodea  
 Este globo de Ceres, & Neptuno,  
 Sempre suspirarã por tal alumno.
- 33 Na mesma guerra vè que presas ganha,  
 Estoutro capitam de pouca gente,  
 Comendadores vence, & o gado apanha  
 Que leuauam roubado ouladamente:  
 Outra vez vè q̃ a lança em sangue bãha  
 Destes so por liurar com amor ardente  
 O preso amigo, preso por leal,  
 Pero Rodrigues he do Landroal.
- 34 Olha este deslealõ como paga  
 O perjuriõ que fez & vil engano  
 Gil Fernandez he de Eluas quẽ o estraga  
 E faz vir a passarõ vltimo dano:  
 De Xerex rouba o campo, & quasi alaga  
 Co sangue de seus donos Castelhano,  
 Mas olha Ruy Pereira, que co rosto  
 Faz escudo às galés, diante posto.
- Olha

*Os Lusíadas de L. de Camões.*

- 35 Olha que dezafete Lusitanos,  
Neste outeiro subidos se defendem  
Fortes de quatrocentos Castelhanos,  
Que em rededor pelos tomar se estédé:  
Porem logo sentíram com seus dannos,  
Que nam so se defendem,mas offendem  
Digno feito de ser no mundo eterno,  
Gráde no tépo antigo, & no moderno.
- 36 Sabese antigamente que trezentos  
Ia contra mil Romanos pelejarão,  
No tempo que os viris atreuimentos  
De Viriato tanto se illustrarão:  
E delles alcançando vencimentos  
Memoraueis, de erança nos deixarão,  
Que os muitos por ser poucos não tema  
Oq despois mil vezes amostramos (mos
- 37 Olha ca dous Iffantes, Pedro, & Hérique,  
Progenie generosa de Ioanne,  
Aquelle faz que fama illustre fique  
Delle é: Germania, cõ q̃a morte engane:  
Este, que ella nos mares o pubrique,  
Por seu descubridor, & desengane  
De Ceíta a Maura tímida vaidade,  
Primeiro entrando as portas da cidade:

- 38 Vès o Conde dom Pedro que sustenta  
Dous cercos contra toda Barbaria,  
Vès Outro conde està que representa  
Em terra Marte, em forças & ousadia:  
De poder defender se nam contenta  
Alcacere da ingente companhia,  
Mas do seu Rey defende a chara vida,  
Pondo por muro a sua alli perdida.
- 39 Outros muitos verias que os pintores  
Aqui tambem por certo pintarião,  
Mas faltalhe pincel, faltãolhe cores  
Hóra, premio, fauor que as artes crião:  
Culpa dos viciosos successores,  
Que degeneram certo, & se desuião  
Do lustre, & do valor dos seus passados,  
Em gostos, & vaidades atolados.
- 40 Aquelles pays illustres, que ja derão  
Princípio à geraçam que delles pende,  
Pella virtude entam muito fizerão,  
E por deixar a casa que descende:  
Cegos, que dos trabalhos que tuerão  
Se alta fama, & rumor delles se estende,  
Escuros deixam sempre seus menores,  
Com lhe deixar descansos corrutores.

*Os Lusíadas de L. de Camões.*

41 Outros também ha grandes & abastados  
Sem nenhũ tronco illustre dõde venhão  
Culpa de Reys, que às vezes a priuados  
Dá mais q̃ amil, q̃ esforço, è saber tenhão  
Estes os seus não querem ver pintados,  
Crendo q̃ cores vaãs lhe não cõuenhão  
E como a seu contrario natural  
Aa pintura que fallão querem mal.

42 Não nego que ha com tudo descendentes  
Do generoso tronco, & casa rica  
Que com costumes altos, & excellentes  
Sustentão a nobreza que lhe fica:  
E se ha luz dos antigos seus parentes,  
Nelles mais o valor nam claresca  
Não falta ao menos, nem se faz ecura  
Mas destes acaba poucos a pintura.

43 Assim està declarando os grandes feitos  
O Gama que alli mostrava a varia tinta  
Que a douta mão tão claros, tão pfeitos  
Do singular artifice alli pinta:  
Os olhos tinha promptos & dereitos  
O Catual na historia bem destinta,  
Mil vezes preguntava, & mil ouuia,  
As gostosas batalhas que alli via.

Mas

44 Mas ja a luz se mostraua diuídosa,  
 Porque a alampáda grande se escondia,  
 Debaixo do Orizonte, & luminosa  
 Leuaua aos Antipodas o dia:  
 Quando o Gentio, & a gente generosa  
 Dos Naires, dá nao forte se partia  
 A buscar o repouso que descansa,  
 Os lassos animais na noite mansa,

45 Entretanto os Aruspices famosos  
 Na falsa opinião, que em sacrificios,  
 Anteuem sempre os casos diuídosos:  
 Por sinais diabólicos, & indícios  
 Mandados do Rey próprio, estudiosos  
 Exercitauão a arte, & seus officios,  
 Sobre esta vinda desta gente estranha,  
 Que às suas terras vê da ignota Espanha.

46 Sinal lhe mostra o demo, verdadeiro  
 De como a noua gente lhe seria  
 Iugo perpetuo, eterno catiueiro,  
 Destruição de gente, & de valia:  
 Vaife espantando o attonito agoureiro,  
 Dizer ao Rey, segundo o que entendia,  
 Os sinais temerosos que alcançara,  
 Nas entranhas das victimas que olhara.

## Os Lusíadas de L. de Camões

- 47 A isto mais ajunta, que hum deuoto  
Sacerdote da ley de Maphamede,  
Dos odios concebidos nam remoto,  
Contra a diuina fè, que tudo exede:  
Em forma de Maphoma falso & noto.  
Que do filho da eícraua Agar procede,  
Bacho odioso em sonhos lhe aparece  
Que de seus odios inda se nam dece.
- 48 E dizlhe assi, Guardaiuos gente minha,  
Do mal que se aparelha pello inimigo  
Que pellas agoas humidas caminha  
Antes que esteis mais perto do perigo:  
Isto dizendo, acorda o Mouro asinha,  
Espantado do sonho: mas consigo  
Cuida que nam he mais que sonho vsado  
Torna a dormir quieto & sossegado.
- 49 Torna Bacho dizendo, Não conheces  
O gram Legislador, que a teus passados  
Tem mostrado o preceito a q̄ obedeces  
Sem o qual foreis muitos baptizados?  
Eu per ti rudo velho, & tu adormeces?  
Pois saberas que aquelles que chegados  
De nouo sam, seram mui grande danno  
Da ley q̄ eu dei ao necio pouo humano.

Em

50 Em quanto he fraca a força desta gente  
 Ordena como em tudo se resista,  
 Porque quando o sol sae facilmente  
 Se pode nelle por a aguda vista:  
 Porè despois que sobe claro & ardente,  
 Se agudeza dos olhos a conquista  
 Tam sega fiqua, quanto ficareis  
 Se rayzes eriar lhe nam tolheis.

51 Isto dito, elle & o sono se despede,  
 Tremendo fica o atonito Agareno:  
 Salta da cama lume aos seruos pede,  
 Laurando nelle o feruido veneno:  
 Tanto que anoua luz que ao sol precede  
 Mostrara rostro Angelico & sereno,  
 Conuoca os principaes da torpe ceita,  
 Aos quaes do q̃ sonhou da cõta estreita.

52 Diuerfos pareceres & contrarios  
 Alli se dam segundo o que entendião,  
 Astutas traiçõs, enganos varios,  
 Perfidias inuentauam & tecião:  
 Mas deixando conselhos temerarios,  
 Destruicãm da gente pretendião,  
 Por manhas mais sotis, & ardis milhores  
 Com peitas adquirindo os regedores.

*Os Lusíadas de L. de Camões.*

53 Com peitas, ouro, & dadiuas secretas  
Concilião da terra os principais,  
E com razões notaueis & discretas  
Mostrão ser perdição dos naturais:  
Dizendo que sam gentes inquietas  
Que os mares discurrendo Occidêtais  
Viuem so de Piraticas rapinas,  
Sê Rey, sem leys humanas, ou diuinas.

54 O quanto deue o Rey que bem gouerna  
De olhar q̃ os conselheiros ou priuados  
De consciencia, & de virtude interna  
E de sincero amor sejam dotados:  
Porque como estê posto na superna  
Cadeira, pode mal dos apartados  
Negocios, ter noticia mais inteira  
Do que lhe der a lingua conselheira.

55 Nem tam pouco direy que tome tanto  
Em grosso, a consciencia limpa & certa,  
Que se enleue nũ pobre e humilde máto,  
Onde ambição a caso anda encuberta:  
E quádo hũ bõ em tudo he justo & santo  
E em negocios do mundo pouco acerta,  
Que mal coelles poderã ter conta,  
A quieta innocencia em so Deos prõta.

Mas

56 Mas aquelles avaros Catuais,  
 Que o Gentilico pouo governauão,  
 Induzidos das penas infernais,  
 Ao Portugues despacho dilatauão:  
 Mas o Gama que nam pretende mais,  
 De tudo quanto os Mouros ordenauão,  
 Que leuar a seu Rey hum final certo  
 Do mundo que deixaua descoberto.

57 Nisto trabalha so, que bem sabia  
 Que depois que leuasse esta certeza,  
 Armas, naos, & gente mandaria,  
 Manoel, que exercita a summa alteza:  
 Com que a seu jugo & ley fometeria  
 Das terras & do mar a redondeza,  
 Que elle nam era mais que hũ diligente  
 Descubridor das terras do Oriente.

58 Fallar ao Rey Gento determina,  
 Porque com seu despacho se tornasse,  
 Que ja sentia em tudo da malina  
 Gente impedir lhe quanto desejasse:  
 O Rey que da noticia falsa & digna  
 Nam era despantar se fespantasse,  
 Que tam credulo era em seus agouros  
 E mais sendo affirmados pelos Mouros

*Os Lusíadas de L. de Camões.*

59 Este temor lhe e fria o baixo peito:  
Por outra parte a força da cobiça,  
Aquem por natureza estè fugeito,  
Hum desejo immortal lhe acêje & atica  
Que bem vê que grandissimo proueito  
Fara, se com verdade, & com justiça  
o contrato fizer por longos annos  
Que lhe comete o Rey dos Lusitanos.

60 Sobre isto com conselhos que tomava,  
Achava muy contrarios pareceres,  
Que naquelles, com quem se acõselhava  
Executa o dinheyro leus poderes:  
O gram Capitão chamar mandava,  
A quem chegado disse, se quizeres  
Confessarme a verdade limpa- & nua,  
Perdam alcanças da culpa tua.

61 Eu sou bem informado, que a embaxada  
Que de teu Rei me deste, que he fingida,  
Porque nem tu tês rey, né patria amada,  
Mas vagabundo vas passando a vida:  
Que qué da Hisperia vltima alongada  
Rey ou senhor de insania desmedida,  
Ha de vir cometer com naos & frotas  
Tam incertas viagês, & remotas?

62 E se de grandes Reinos poderosos  
 O teu Rey tem a Regia magestade,  
 Que presentes me trazes valerosos  
 Sinaes de tua incognita verdade?  
 Com peças de dões altos sumptuosos  
 Se liados reis altos a amizade:  
 Que final nem penhor não he bastante,  
 As palauras dum vago nauegante.

63 Se por ventura vindes desterrados,  
 Como ja foram homês d'alta iorte,  
 Em meu Reino sereis agasalhados,  
 Que toda a terra he patria pera o forte:  
 Ou se piratas fois ao mar vsados  
 Dizemo sé temor de infamia, ou morte  
 Que por se sustentar em toda idade,  
 Tudo faz a vital necessidade.

64 Isto assi dito, o Gama que ja tinha  
 Sospeitas das insidias que ordenaua  
 O Mahometico odio, donde vinha  
 Aquillo que tam mal o rei cuydaua:  
 Cúa alta confiança que conuinha  
 Com que seguro credito alcançaua,  
 Que Venus Acidalia lhe influia,  
 Taes palauras do sabio peito abria.

*Os Lusíadas de L. de Camões.*

- 65 Se os antigos delitos, que a malícia  
Humana cometeo na prisca idade,  
Não caularam, q̃ o vaso da iniquicia  
Açoute tam cruel da Chirstandade,  
Viera por perpetua inimicicia  
Na geração de Adam, co a falsidade  
O poderoso rey da torpesceita,  
Não conceberas tu tam mã sospeita.
- 66 Mas porque nenhum grande bê se alcança  
Sê grãdes o preiões, & em todo o feito  
Segue o temor os passos da esperança,  
Que em fuor viue sempre de seu peito,  
me mostras tu tam pouca confiança  
Desta minha verdade: sem respeito  
Das razões em contrario que acharias  
Se nam creffes a quẽ não crer deuias.
- 67 Porque se eu de rapinas fo viuesse  
Vndiuago, ou da patria desterrado,  
Como cres que tam longe me viesse  
Buscar assento incognito & apartado?  
Porque esperanças, ou porque interesse,  
Virla esprimentando o mar irado  
Os Antarticos frios, & os ardores  
Que sofré do Carneiro os moradores?

- 68 Secom grande presentes dalta estima  
 O credito me pedes do que digo  
 Eu ná ví mais q̄ a achar o estranho clima  
 Onde a natura pos teu Reyno antigo:  
 Mas se a fortuna tanto me sublima,  
 q̄ eu torne à minha patria, e reino amigo  
 Entam veras o dom soberbo & rico  
 Com que minha tornada certifico.
- 69 Se te parece inopinado feito,  
 Que Rei davlrima Hisperia a ti me mède  
 O coração sublime, o regio peito,  
 Nenhum caso possibil tem por grande,  
 Bê parece que o nobre & gram conceito  
 Do Lusitano spiritu demande  
 Mayor credito, & fe de mais alteza,  
 Que crea delle tanta fortaleza.
- 70 Sabe q̄ ha muitos annos que os antigos  
 Reys nossos, firmemente propuserão  
 De vencer os trabalhos & perigos  
 Que sêpre às grâdes cousas se opuserão:  
 E descobrindo os mares inimigos  
 Do quieto descanso, pretenderão  
 De saber que fim tinhão, e onde estauão  
 As derradeiras praya: que lauauão.

*Os Lusíadas de L. de Camões.*

71 Concepto digno foy do ramo claro  
Do venturoso Rey, que arrou primeiro  
O mar, por ir deitar do ninho caro  
O morador de Abila derradeiro:  
Este por sua industria, & engenho raro,  
Nũ madeiro ajuntando outro madeiro,  
Descubrir pode a parte, que fez clara  
D'argos, da Idra a luz, da lebre, & da Ara.

72 Crecendo cos successos bons primeiros  
No peito as ousadias, descobrirão  
Pouco & pouco caminhos estrangeiros,  
Que hũs succedẽdo aos outros pseguirão:  
De Affrica os moradores derradeiros  
Austrais, que nunca os sete flamas virão  
Foram vistos de nos, atras deixando  
Quantos estam os Tropicós queimado:

73 Assim com firme peito, & com tamanho  
Proposito vencemos à fortuna  
Atẽ que no teu terreno estranho  
Viemos pôr a vltima columna:  
Rompendo a força do liquido estanho,  
Da tempestade horrifica, & importuna,  
Ati chegamos, de quem so queremos  
Sinal, que ao nosso Rey de ti leuemos.

Esta

74 Esta he a verdade Rey, que nam faria  
Por tam incerto bem tam fraco premio  
Qual nam sendo isto assi, esperar podia  
Tam lógo, & tão fingido, e vão proemio:  
Mas antes descansar me deixaria  
No nunca descansado, & fero gremio  
Da madre Thetis, qual pirata iniquo  
Dos trabalhos alheyos feito rico.

75 Assi que, ô Rey, se minha gram verdade  
Tês por qual he, sincera, & não dobrada,  
Ajuntame ao despacho breuidade,  
Não me impidas o gosto da tornada:  
E se inda te parece falsidade,  
Cuida bem na razão que esta prouada,  
Que com claro juyzo pode verse,  
Que facil he a verdade de entenderse.

76 A tento estaua o Rey na segurança  
Com que prouaua o Gama o que dezia,  
Concebe delle certa confiança  
Credito firme, em quanto proferia:  
Pondera das palauras a abastança,  
Iulga na authoridade gram valia,  
Começa de julgar por enganados  
Os Catuais corrutos mal julgados.

*Os Lusíadas de L. de Camões.*

77 Juntamente a cobiça do proueito,  
Que espera do contrato Lusitano  
O faz obedecer, & ter respeito,  
Co Capitão, & nam co Mauro engano:  
Em fim ao Gama manda, que direito  
Aas naos se vâ, & seguro dalgum danno  
Possa à terra mandar qualquer fazenda,  
Que pella especiaria troque & venda.

78 Que mande da fazenda em fim lhe manda  
Que nos Reynos Gangetico, faleça,  
S'algúa traz idonea la da banda  
Dõde a terra se acaba, & o mar começa:  
Ia da Real presença veneranda,  
Se parte o Capitão, para onde peça  
Ao Catual, que delle tinha cargo,  
Embarcação, que a sua está de largo

79 Embarcação que o leue à nao lhe pede:  
Mas o mao Regedor, que novos laços  
Lhe machinaua, nada lhe concede  
Interpondo tardanças & embaraços:  
Coelle parte ao caez, porque o arrede  
Longe quanto poder dos Regios paços,  
Onde sem que seu Rey tenha noticia  
Faça o que lhe ensinar sua malícia.

La bem

80 La bem longe lhe diz que lhe daria  
 Embarcação bastante em que partisse  
 Ou para a luz crastina do dia  
 Futuro, sua partida differisse:  
 Ia com tantas tardanças entendia  
 O Gama, que o Gento consentisse  
 Na ma tẽção dos Mouros, torpe, & fera  
 O que delle atè li nam entendera.

81 Era este Catual hum dos que estauão  
 Corrutos pela Maumetana gente,  
 O principal por quem se gouernauão  
 As cidades do Samorim potente:  
 Delle samente os Mouros esperauão  
 Efeito a seus enganostorpeamente,  
 Elle, que no concerto vil conspira  
 De suas esperanças nam delira.

82 O Gama com instancia lhe requere  
 Que o mède pôr nas rias, & não lhe val  
 E que assi lho mandára lhe refere  
 O nobre successor do Perimal:  
 Porque razão lhe impede, & lhe differe  
 A fazenda trazer de Portugal,  
 Pois aquillo q os Reys ja tê mandado  
 Não pode ser por outrem derogado

*Os Lusíadas de L. de Camões.*

- 83 Pouco obedece o Catual corruto  
Atais palavras, antes reuoluendo  
Na fantasia alguma sutil. & astuto  
Engano diabolico, & estupendo,  
Ou como banhar possa o ferro bruto  
No sangue auorrecido estaua vendo,  
Ou como as naos em fogo lhe abraçasse,  
Porque nenhũa à patria mais tornasse
- 84 Que nenhum torne à patria so pretende  
O conselho infernal dos Maumetanos,  
Porque nam saiba nunca onde se estende  
A terra Eoa o Rey dos Lusitanos:  
Não parte o Gama em fim, q̃ lho defende  
O Regedor dos Barbaros profanos  
Nem sem licença sua ir se podia,  
Que as almadias todas lhe tolhia.
- 85 Aos brados & razões do Capitão,  
Responde o Idolatra, que mandasse  
Chegar à terra as naos, que longe estão  
Porque melhor dali fosse, & tornasse:  
Sinal he de inimigo & de ladrão  
Que la tam longe a frota se alargasse,  
Lhe diz, porque do certo & fido amigo  
He nam temer do seu nenhum perigo.  
Nestas

86 Nestas palauras o discreto Gama  
 Enxerga bem, que as naos deseja perto  
 O Catual porque com ferro & flama  
 Lhas assalte por odio descuberto:  
 Em varios pensamentos se derrama  
 Fantasiando està remedio certo  
 Que desse a quanto mal se lhe ordenaue  
 Tudo temia, tudo em fim cuidaue,

87 Qual o reflexo lume do polido  
 Espelho de aço, ou de cristal fermoso,  
 Que do rayo solar sendo ferido,  
 Vay ferir noutra parte luminoso,  
 E sendo da ociosa mão mouido  
 Pella casa do moço curioso  
 Anda pellas paredes, & telhado,  
 Tremulo, aqui & ali, & deffossegado.

88 Tal o vago juyzo fluctuana  
 Do Gama preso, quando lhe lembrara  
 Coelho, se por caso o esperaua  
 Na praya cos bateis, como ordenara  
 Logo secretamente lhe mandaua  
 Que se tornasse à frota, que deixara,  
 Não fosse salteado dos enganos,  
 Que esperaua dos feros Maumetanos.

*Os Lusíadas de L. de Camões.*

- 89 Tal ha de ser, quem quer co dom de Marte,  
Imitar os illustres & igoalalos  
Voar co pensamento a toda parte,  
Adeuinhar perigos, & euitalos:  
Com milatar engenho, & sutil arte,  
Entender os inimigos, & enganallos,  
Crer tudo em fim, que nunca louuarey  
O capitão que diga, Não cuídey.
- 90 Insiste o Malabar em telo preso,  
Senam manda chegar à terra a armada,  
Elle constante, & de ira nobre aceso,  
Os ameaços seus nam teme nada:  
Que antes quer sobre si tomar o peso,  
De quanto mal a vil malicia ouçada  
Lhe anda armando, que por em ventura  
A frota de seu Rey, que tem segura.
- 91 Aquella noite esteue alli detido,  
E parte do outro dia, quando ordena  
De se tornar ao Rey, mas impedido  
Foy da guarda que tinha nam piquena:  
Comete-lhe o Genticio outro partido  
Temendo de seu Rey, castigo, ou pena,  
Se sabe esta malicia, a qual asinha  
Sabera, se mais tempo alli o detinha.

- 92 Dizlhe que mande vir toda a fazenda  
 Vendibil que trazia para a terra,  
 Para que de vagar se troque & venda  
 Que quẽ não q̃r comercio busca guerra:  
 Posto que os maos propositos entenda,  
 O Gama, que o dannado peito encerra  
 Consente, porque sabe por verdade  
 Que compra coa fazenda a liberdade.
- 93 Concertamse que o negro mande dar  
 Embarcações idoneas com que venha  
 Que os seus bateis nam quer auenturar,  
 Onde lhos tome o inimigo, ou lhos dete-  
 Partem as almadias a buscar (nha:  
 Mercadoria Hispana que conuenha  
 Escreue a seu irmão que lhe mandasse  
 Fazenda com que se resgataffe.
- 94 Vem a fazenda a terra, aonde logo  
 A agasalhou o infame Catual,  
 Coella ficão Alvaro & Diogo,  
 Que a podessem vender pelo que val:  
 Se mais que obrigação, q̃ mando & rogo  
 No peito vil o premio pode & val,  
 Bem o mostra o Gentio a quẽ o entenda  
 Pois o Gama soltou pola fazenda.

*Os Lusíadas de L. de Camões*

95 Por ella o solta, crendo que ali tinha  
Penhor bastante, donde recebesse  
Interesse mayor do que lhe vinha  
Se o Capitam mais tempo detiuesse:  
Elle vendo que ja lhe não conuinha  
Tornar a terra porque não podesse  
Ser mais retido, sendo às naos chegado,  
Nellas estar se deixa descansado.

96 Nas naos estar se deixa vagaroso,  
Atè ver o que o tempo lhe descobre,  
Que nam se fia ja do cobiçoso  
Regedor corrompido, & pouco nobre,  
Veja agora o juyzo curioso  
Quanto no rico, así como no pobre  
Pode o vil interesse, & sede imiga  
Do dinheiro, que a tudo nos obriga.

97 A polidoro mata o Rey Treycio,  
Só por ficar senhor do gran thesouro,  
Entra pello fortissimo edificio,  
Com a filha de Acrisio achuaa douro:  
Pode tanto em Trapeya auoro vicio,  
Que a troco do metal luzente, & louro,  
Entrega aos imigos a alta torre,  
Do qual quasi afogada em pago morre.

Este

98 Este rende munidas fortalezas,  
Faz tredores & falsos os amigos,  
Este a mais nobres fazer vilezas,  
E entrega capitães aos inimigos:  
Este corrompe virginaes purezas,  
Sé temer de hõra, ou fama algũs perigos  
Este depraua as vezes às sciencias  
Os juizos cegando, & as consciencias.

99 Este interpreta mais que sutilmente  
Os textos. este faz desfazer leys,  
Este causa os perjurios entre a gente,  
E mil veses tyrannos torna os Reys:  
Atè os que a Deos omnipotente  
Se dedicão, mil vezes ouuireis,  
Que corrõpe este encâtador, & illude,  
Mas nam sem cor com tudo de virtude.

F I M.

T

M O N.

Os Lusíadas de L. de Camões.

M O N Ç A I D E A V I S A A O  
Capitão, como os Malabares procurão de-  
struillo, o que entendido, determina par-  
tir-se, fazendo presa em algũs Malabares que  
tomou na armada. Sabido pello Samori,  
largalhe os dous Portugueses, com toda a  
fazenda que estaua em terra. Partese a  
armada, & toma a ilha de santa He-  
lena, onde descança dos  
trabalhos pas-  
fados.

CANTO NONO.



I V E R A M longamen-  
te na cidade  
Sem venderse a fazêda os  
dous feitores,  
Que os infieis por manha  
& falsidade

Fazê, q̃ não lha cõprem mercadores:  
Que todo seu proposito & vontade  
Era, deter alli os descobridores  
Da India, tanto tempo que viessem  
De Meca as naos, que as suas desfizessem.

La no

2 La no seyo Eritreo, onde fundada  
Arsinoe foy do Egyptio Ptholomeo,  
Do nome da irmaã sua alsí chamada,  
Que despois em Suez se conuerteo:  
Nam longe, o porto jaz da nomeada  
Cidade Meca, que se engrandeceo  
Com a superstição falsa, & profana,  
Da Religiosa agoa Maumetana.

3 Gidà se chama o porto, onde o trato  
De todo o roxo mar mais florecia,  
De que tinha proueito grande, & grato  
O Soldão que esse Reyno possuya:  
Daquí os Malabares, por contrato  
Dos infieis, fermosa companhia  
De grandes naos, pelo Indico Occeano,  
Especiaria vem buscar cada anno.

4 Por estas naos Mouros esperauão,  
Que como fossem grandes & possantes,  
Aquellas, que o comercio lhe tomauão,  
Com flammabrasassem crepitantes:  
Neste socorro tanto confiauão,  
Que ja não querem mais dos nauegãtes  
Senam que tanto tempo allí tardassem  
Que da famosa Meca as naos chegassem.

*Os Lusíadas de L. de Camões.*

- 5 Mas o gouernador dos ceos & gentes,  
Que para quanto tem determinado,  
De lóge os meios da conuenietes,  
A effecto do que tem predestinado:  
Influo piadosos accidentes  
De afeição em Monçaide, que guardado  
Estaua para dar ao Gama auiso,  
E merecer por isso o parayso.
- 6 Este de qué se os Mouros não guardauão,  
Por ser Mouro como elles, antes era  
Participante em quanto machinauão,  
A tenção lhe descobre, torpe & fera:  
Muitas vezes as naos que longe estauão,  
Visita, & com piedade considera  
O danno sem razão, que se lhe ordena,  
Pela maligna gente Sarracena.
- 7 Informa o cauto Gama das armadas  
Que de Arabia Meca vem cadanno,  
Que agora lam dos seus tam desejas,  
Para ser instrumento deste danno:  
Dizlhe que vem de gente carregadas  
E do trouões horrendos de Vulcano,  
E que pode ser delles aprimido,  
Segundo estaua mal apercebido.

8 O Gama que tambem considerava  
 O tempo, que para a partida o chama  
 E que despacho ja nam esperava  
 Melhor do Rey, q os Maumetas ama:  
 Aos feitores que em terra estão mádua  
 Que tornem às naos: & porque a fama  
 Desta subita vinda, os nam impida  
 Lhe manda que a fizessem escondida.

9 Porem nam tardou muito que voando  
 Hum rumor nam soasse co n verdade  
 Que forão presos os feitores quando  
 Foram sentidos virse da cidade:  
 Esta fama as orelhas p netrando  
 Do sabio Capitão, com breuidade  
 Faz represaria nús, que às naos vierão  
 A vender pedraria que trouxerão.

10 Eram estes antigos mercadores  
 Ricas em Calecu, & conhecidos,  
 Da falta delles logo entre os millores  
 Sentido foy, que estão no mar retidos:  
 Mas ja nas naos os bós trabalhadores,  
 Vluem o cabrestante, & repartidos  
 Pelo trabalho, hús puxão pela amarra,  
 Outros quebrão co peito duro a barra.

*Os Lusíadas de L. de Camões.*

81 Outros pendem da verga & ja desatão  
A vella que com grita se soltaua,  
Quão com mayor grita ao Rey relatão  
A pressa com que a armada se leuaua:  
As molheres & filhos que se matão  
Da quelles que vam presos, onde estaua  
O Samorim, se aqueyxão que perdidos  
Húa tem os pais, as outras os maridos.

82 Manda logo os feitores Lusitanos  
Com toda sua fazenda liuremente,  
A pesar dos ímigos Maumetanos,  
Porque torne a sua presa gente:  
Desculpas manda o Rei de seus enganõs  
Recebe o Capitão de melhormente  
Os presos, que as desculpas, & tornando  
Algũs negrõs, se parte as vellas dando.

83 Partese costa a baxo, porque entende  
Que em vão co Rey Genthio trabalhaua  
Em querer delles paz, a qual pretende  
Por firmar o commercio que trataua:  
Mas como aquella terra que se estende  
Pella Aurora sabida ja deixaua  
Com estas nouas torna à patria cara,  
Certos sinaes leuando do que achara.

- 14 Leua algũs Malabares, que tomou  
Por força dos que o Samorim mandára  
Quando os presos feitores lhe tornou,  
Leua pimenta ardente que comprara,  
A feça flor de ban la nam ficou,  
A noz & o negro crauo, que fez clara  
A noua ilha Maluco, coa canella,  
Com que Ceilão he rica, illustre, & bella.
- 15 Isto tudo lhe ouuera a diligencia  
De Monçaide fiel, que tambem leua,  
Que inspirado de Angelica influencia,  
Quer no liuro de Christo q se escreua,  
O ditoso Affricano, que a clemencia  
Diuina assi tirou de escura treua  
E tão longe da patria achou maneira,  
Pera subir a patria verdadeira.
- 16 Apartadas assi da ardente costa,  
As venturosas naos, leuando a proa  
Pera onde a natureza tinha posta  
A Meta Austrina da esperança boa:  
Leuando alegres nouas, & reposta,  
Da parte Oriental pera Lisboa  
Outra vez cometendo os duros medos,  
Do mar incerto, timidos, & ledos,

*Os Lusíadas de L. de Camões.*

- 17 O prazer de chegar à patria clara,  
A seus penates caros, & parentes  
Para contar a peregrina, & rara  
Nauegação, os varios ceos & gentes  
Vir a lograr o premio que ganhara  
Por tam longos trabalhos, & accidentes,  
Cada hum tem por gosto tam perfeito  
Que o coração para elle he vaso estreito.
- 18 Porem a bella Cypria, que ordenada  
Era para fevor dos Lusitanos,  
E la decima por bom genio dada  
Que sempre os guia ja de longos annos:  
A gloria por trabalhos alcançada,  
Satisfação de bem sufridos annos,  
Lhe andaua ja ordenando, & pretendia  
Darlhe nos marestrites, alegria.
- 19 Depois de ter hum pouco reuoluido  
Na mente, o largo mar que nauegarão  
Os trabalhos que pelo nascido,  
Nas Amphioneas Thebas se causarão:  
Ja trazia de longe no sentido,  
Para premio de qu'nto mal passarão,  
Buscarlhe algum deleite, algum descanso,  
No reino de crystal, liquido, & manso.  
Algum

20 Algum repouso em fim, com que pudesse  
Refucilar a lassa humanidade,  
Dos nauegantes seus, como interesse  
Dos trabalhos, q̃ incurta a breue idade:  
Tudo quanto pretende lhe parece  
Nam poder igualar sua vontade,  
Ao muito que deseja festejalos  
E em seguio porto agasalhalos.

31 Isto bem reboluido determina  
De lhe ter aparelhada la no meyo  
Das agoas alguma insula diuina,  
Ornada de esmaltado & verde arreyo:  
Que muitas tem no reyno que confina  
Da primeira co terreno seyo,  
A fora as que possue soberanas  
Para dentro das portas Herculanias.

22 Ali quer que as aquaticas donzellas,  
Esperem osfortilissimos varões,  
Todas as que tem titulo de bellas,  
Gloria dos olhos, dor dos corações:  
Com danças & coroas porque nellas  
Influirá secretas afeições,  
Para com mais vontade trabalharem  
De contentar a quem se afeiçãoarem.

*Os Lusíadas de L. de Camões.*

- 23 Tal manha buscou ja pera, pera q̄ aquelle  
Que de Anchises pario bem recebido  
Fosse no campo que abomina pelle  
Tomou de espaço, por sutil partido:  
Seu filho vay buscar, porque fò nelle  
Tem todo seu poder, fero Cupido  
Que a ssi como naquella empresa antiga  
A ajudou ja, neitoutra a ajude, & siga.
- 24 No carro ajunta as aues, que na vida  
Vão da morte as obsequias celebrando,  
E aquellas em que ja foy conuertida  
Peristera, as boninas apanhando,  
Em derredor de Venus ja partida,  
Alegres passatempos vão tomando,  
E la por onde passa o ar & o vento  
Serenoz faz, com brandoz mouimento.
- 25 Ia sobre os Idalos montes pende,  
Onde o filho frecheiro estaua então  
A juntando outros muitos, que pretêde  
Fazer hũa famosa expedição  
Côtra o mundo reuelde, porq̄ emende  
Erros grandes, que ha dias nelle estão  
Amando cousas que nos foram dadas  
Não pera ser amadas, mas vsadas.

- 26 **V**ia Acteon na caça tão austero.  
 De cego na alegria bruta, insana  
 Que por seguir hum feio animal fero,  
 Foge da gente, & bella gente humana:  
 E por castigo quer doce & sereno,  
 Mostrarlhe a fermosura de Diana,  
 E guardese não seja inda comido,  
 Desses cães q̄ agora ama, & consumido.
- 27 **E** vê do mundo todo os principaes  
 Que nenhum no bem publico imagina,  
 Vê nelles, que nam tem amor a mais  
 Que a si semente, & a que Filaucia é fina  
 Vê que esses que frequentam os reaes  
 Paços, por verdadeira & saã doutrina,  
 Vendem adulação, que mal consente  
 Mondar-se o nouo trigo florecente.
- 91 **Vê** que aquelles que deuem à pobreza  
 Amor diuino, & ao pouo charidade,  
 A mão semente mandos, & riqueza,  
 Simulando justiça & integridade,  
 Dafea tyrania, & de aspereza  
 Fazem direito, & vaã seueridade:  
 Leis em fauor do Rei se estabalecem  
 As em fauor do pouo so perecem.

*Os Lusíadas de L. de Camões.*

29 Vê em fim que ninguém ama o que deue,  
Senam o que somente mal deseja,  
Nam quer tanto tempo se releue  
O castigo que duro & justo seja:  
Seus ministros ajunta, porque leu:  
Exercitos conformes à peleja,  
Que espera ter coa mal regida gente  
Que lhe nam for agora obediente.

30 Muitos destes mininos voadores,  
Estam em varias obras trabalhando,  
Huns amolando ferros passadores,  
Outros asteas de setas delgaçando:  
Trabalhando, cantando estão de amores  
varios casos em verso modulando  
Melodia sonora & concertada,  
Suaue a letra, Angelica a toada.

31 Nas fragoas immortais, onde forjauão  
Para as setas as pontas penetrantes,  
Por lenha corações ardendo estauão,  
Viuas entranhas inda palpitantes:  
As agoas onde os ferros temperauão,  
Lagrimas sam de miseros amantes,  
A viua flamma, o nunca morto lume,  
Desejo he so, q̄ queima, & nam consume.

Alguns

- 32 Alguns exercitando a mão andauão  
Nos duros corações da plebe ruda,  
Crebros sopiros pelo ar soauão,  
Dos que feridos vão da seta aguda:  
Fermosas Nymphas sam as que curauão  
As chagas recebidas, cuja ajuda,  
Nam tomente dà vida aos mal feridos,  
Mas põe em vida os inda nam nacidos.
- 33 Fermosas sam algúas, & outras feas,  
Segundo a qualidade for das chagas,  
Que o veneno espalhado pelas veas,  
Curamno às vezes asperas triagas,  
Alguns ficão ligados em cadeas  
Por palauras sutis de sabias magas  
Isto acontece às vezes, quando as setas  
Acertão de levar cruas secretas.
- 34 Destes tiros assi desordenados,  
Que estes moços mal destros vão tirádo  
Nacem amores mil desconcertados,  
Entre o pouo ferido misarando:  
E tambem nos heroes de altos estados  
Exemplos mil se vem de amor nefando,  
Qual o das moças Bibli, & Cyrenea,  
Hum mancebo de Afsyria, hũ de Iudea.

*Os Lusíadas de L. de Camões.*

- 35 E vos ô poderosos por pastoras  
Muitas vezes ferido o peito vedes  
E por baixo, & rudos vos senhoras  
Tambê vos tomão nas Vulcanias redes:  
Huns esperando andais nocturnas horas,  
Outros subis talliados, & paredes,  
Mas eu creio que deste amor indigno  
He mais a culpa da mãy, q̃ a do menino.
- 36 Mas ja no verde prado o carro leue,  
Punhão os brancos Cisnes mansamête,  
E Dione, que as rosas entre a neve  
No rosto traz, decia diligente,  
E o frecheiro, que contra o ceo se atreue  
A recebella vem, ledo, & contente  
Vem todos os Cupidos seruidores,  
Beijar a mão à Raynha dos amores.
- 37 Ella porque não gaste o tempo em vão,  
Nos braços tendo o filho, confiada  
Lhe diz, amado filho em cuja mão  
Toda minha potencia está fundada:  
Filho em quê minhas forças sêpre estão,  
Tu que as armas Tifeas tens em nada,  
A focorrer me à tua potestade,  
Me traz especial necessidade.

38 Bem ves as Lusitanicas fadigas  
Que eu ja de mnito longe fauoreço,  
Porque das Parcas sei minhas amigas  
Que me hão de venerar, & ter em preço:  
E porque tanto imitão as antigas  
Obras de meus Romanos, me offereço  
A lhe dar tanta ajuda em quanto posso,  
A quanto se estender o poder nosso.

39 E porque das insidias do odioso  
Bacho, foram na India molestados,  
E das injurias los do mar vndoso,  
Poderam mais ser mortos, q̄ cansados:  
No mesmo mar, que sempre temeroso  
Lhe foy, quero que sejam repousados  
Tomado aquelle premio, & doce gloria  
Do trabalho que faz clara a memoria.

40 Para isso queria que feridas  
As filhas de Nereo, no ponto fundo  
Damor dos Lusitanos encendidas  
Que vem de descobrir o nouo mundo:  
Todas nua ilha juntas & subidas,  
Ilha que nas entranhas do profundo  
Oceano terey aparelhada,  
De dões de Flora, & Zefiro ornada.

*Os Lusíadas de L. de Camões*

- 41 Alli com mil refrescos, & manjares,  
Com vinhos odoríferos, & rosas,  
Em crystalinos paços singulares,  
Fermosos leitos, camas muy cheirosas:  
Em fim com mil deleites nam vulgares,  
Oesperem as Nymphas amorosas,  
Apercebidas para lhe entregarem  
Quanto de suas terras cubiçarem.
- 42 Quero que aja no Reyno Neptunino  
Onde eu naci, progenie forte & bella,  
E tome exemplo o mundo vil maligno,  
Que contra tua potencia se rebella:  
Porque entendão q̄ muro adamantino,  
Nem triste hipocresia val contra ella,  
Mal auera na terra quem se guarde,  
Se teu fogo immortal nas agoas arde:
- 43 Assim Venus propos, & o filho iniquo  
Para lhe obedecer ja se apercebe,  
Manda trazer o arco eburneo rico,  
Onde as setas de ponta douro e nbebe,  
Com gesto leão a Cypria, & impudico,  
Dentro no carro o filho seu recebe,  
A redea alarga às aues, cujo canto  
A Phaetontea morte chorou tanto

- 44 Mas diz Cupido, que era necessaria  
 Hũa famosa, & celebre terceira,  
 Que posto que mil vezes lhe he cõtraria  
 Outras muitas a tem por companheira:  
 A Nimpha Gigantea temeraria,  
 Iactante, mentirosa, & verdadeira,  
 Que cõ cem olhos ve, & por onde voa  
 O que vê com mil bocas apregoa.
- 45 Vão a buscar, & mandãna diante,  
 Que celebrando va com tuba clara  
 Os louvores da gente nauegante,  
 Mais do q̃ nunca os doutrem celebrara:  
 Ia murmurando a fama penetrante,  
 Pellas fundas cauernas se espalhara  
 Fala verdade auida por verdade,  
 Que junto a fama traz credulidade.
- 46 O louuor grande o rumor excellente  
 No coração daquelles que indinados  
 Forão por Baco contra a illstre gente  
 Mudado os fez hum pouco afeiçoados:  
 O peito femenil que levemente  
 Muda quaesquer propositos tomados,  
 Ia julga por mac zelo & por crueza  
 Desejar mal a tanta fortaleza.

*Os Lusíadas de L. de Camões.*

- 47 Despede nisto, o fero moço as setas  
Hũa apos outra, geme o mar cõs tiros,  
Direitas pellas ondas inquietas,  
Algũas vão, & outras fazem giros:  
Caem as nímphas, lanção das secretas  
Entranhas ardentíssimos fospiros,  
Cae qualquer, sem ver o vulto que ama,  
Que tanto como a vista pode a fama.
- 48 Os cornos ajuntou da eburnea Lúa,  
Com força o moço indomito excessiua,  
Que Thetis quer ferir mais que nenhũa  
Porque mais q̃ nenhũa lhe era esquiua:  
Ia não fica na aljaua seta algũa,  
Nem nos Equereos cápos nimpha viua,  
E se feridas índa estam viuendo,  
Sera pera sentir que vão morrendo.
- 49 Daí lugar altas & ceruleas ondas  
Que vedes Venus traz a medicina,  
Mostrando as brancas vellas, & redõdas,  
Que vem por cima da agoa Neptunina:  
Tu reciproco guarte não respondas  
Ardente amor à flama femenina  
Que não he bem q̃ a pudicícia honesta,  
Faça o que lhe Venus amoesta.

- 50 Ia todo o bello coro se aparelha  
 Das Nereidas, & junto caminhaua  
 Em coreas gentis, vfança velha,  
 Para a ilha, a que Venus as guiaua:  
 Alli a bella nimpha lhe aconselha  
 O que ella fez mil vezes quando amaua  
 Ellas que vão do doce amor vencidas,  
 Estão a seu conselho offrecidas.
- 51 Contando vão as naos a larga via  
 Do mar ingente, pera a patria amada,  
 Desejando prouerse de agoa fria  
 Pera a grande viagem prolongada  
 Quando juntas com subita alegria  
 Ouuerão vista da ilha namorada,  
 Rompendo pelo ceo a mãe fermosa  
 De Menonio, suaue, & deleitosa.
- 52 De longe a ilha virão fresca & bella,  
 Que Venus pellas ondas lha leuaua,  
 Bem como o vento leua a branca vella,  
 Pera onde a forte armada se enxergaua,  
 Que porque não passassem, sem q̄ nella  
 Tomassem porto como desejava,  
 Pera onde as naos nauegão a mouia  
 A Acidalia, que tudo em fim podia.

*Os Lusíadas de L. de Camões.*

53 Mas firme a fez & imobil, como vio  
Que era dos Nautas vista, & demandada  
Qual ficou Delos, tanto que pario  
Latona Phebo, & a Nimpha â caça vsada  
Pera lalogo a proa o mar abrio,  
Onde a costa fazia hũa enseada  
Curua, & quieta, cuja branca area  
Pintou de ruiuas conchas Cyterea.

54 Tres fermosos outeiros se mostrauão,  
Erguidos com soberba graciosa,  
Que de gramineo esmalte se adornauão  
Na fermosa ilha alegre, & deleitosa:  
Claras fontes & limpidas manauão  
Do cume, que a verdura tam viçosa  
Por entre pedras aluas se diriua,  
A sonora Limpha fugitiua.

55 Num valle ameno, que os outeiros fende,  
Vinhã as claras agoas a juntarse,  
Onde hũa mesa fazem, que se estende  
Tão bella quanto pode imaginar-se:  
Aruoredo gentil sobre ella pende,  
Como que prompto està pera afeitar-se,  
Vendo se no cristal relplandecente,  
Que em si o està pintando propriamête.

- 96 Mil arvores estão ao ceo subindo,  
Com pomos odoríferos & bellos,  
A Larangeira tem no fruto lindo  
A cor que tinha Daphne nos cabellos:  
Encoftase no chão, que está caindo  
A cidreira cos pesos amarelos,  
Os fermosos limões ali cheirando,  
Estão virginaes tetas imitando.
- 97 As arvores agrestes, que os outeiros  
Tem cõ frondente coma ennobrecidos  
Alemos sam de Alcides, & os Loureiros  
Do Louro d' Apolo amados & queridos  
Muitos de Cyterea, cos Pinhieros  
De Cybele por outro amor vencidos  
Està apontado o agudo Cypariso  
Pera onde he posto o Etereo paraíso
- 98 Os dões que da Pomona, alli natura  
Produze diferentes nos sabores,  
Sem ter necessidade de cultura,  
Que sem ella se dão muito melhores:  
As cereijas purpuraes na pintura  
As amoras, que o nome tem de amores,  
O pomo que da patria Persia veyo,  
Milhor tornado no terreno alheyo.

*Os Lusíadas de L. de Camões.*

59 Abre a Romão, mostrando a rubicunda  
Cor, com que tu Rubi teu preço perdes,  
Entre os braços do vimeiro stã a jocũda  
Vide, cũs cachos roxos, & outros verdes  
E vos se na vossa aruore facunda  
Peras pyramidaes, viuer quiserdes,  
Entregaiuos ao dano que cos bicos  
Em vos fazem os passaros inicos.

60 Poıs a tapiceria bella & fina,  
Com que se cobre o rustico terreno,  
Faz ser a de Achemenia menos dina  
Mas o sombrio valle mais ameno,  
Alli a cabeça a flor Cyfisia inclina,  
Sobolo tanque lucido & sereno,  
Florece o filho & neto de Cyniras  
Por quẽ tu Paphia bella inda sospiras.

61 Para julgar difficil cousa fora,  
No ceo vẽdo, & na terra as mesmas cores  
Se daua às flores cor a bella Aurora,  
Ou se lha dão a ella as bellas flores:  
Pintando estaua allı Zefiro, & Flora  
As violas da cor dos amadores,  
O Lyrio roxo, a fresca rosa bella,  
Qual reluze nas faces das donzella

A candida

- 62 A candida Cecem dam Matutinas  
 Lagrimas ruciada, & a Manjarona  
 Vense as letras nas flores Hyacintinas,  
 Tam queridas do filho de Latona:  
 Bem se enxerga nos panos & boninas,  
 Que competia Cloris com Pomona,  
 Pois se as aues no ar cantando voão,  
 Alegres animaes o chão pouoão.
- 63 A longo da agoa o niueo Cisne canta,  
 Respondelhe do ramo Philomela,  
 Da sombra de seus cornos não se espãta,  
 Acteon nagoa crystalina, & bella:  
 Aqui a fugace Lebre se levanta  
 Da espessa mata, ou tímida Gazella,  
 Alli no bico traz ao caro ninho,  
 O mantimento ô leue passarinho.
- 64 Nesta frescura tal desembarcauão  
 Ia das naos os segundos Argonautas  
 Onde pella floresta se deixauão  
 Andar as bellas nimphas como incautas,  
 Algúas doces Cytaras toçauão,  
 Algúas Arpas, & sonoras frautas,  
 Outras cos arcos de ouro se fingião  
 Seguir os animaes que nam seguião.

*Os Lusíadas de L. de Camões.*

65 Assimho aconselhara a mestra experta,  
Que andassem pellos campos espalhadas  
Que vista dos barões a presa incerta,  
Se fizessem primeiro desejadas  
Algũas que na forma descuberta  
Do bello corpo estauão confiadas,  
Posta a artificio à fermosura,  
Nuas lauar-se deixão na agoa pura.

66 Mas os fortes mancebos, que na praya  
Punhão os pès, de terra cobizofos  
Que não ha nenhũ delles, que não sayã  
De acharem caça agreste de ejofos:  
Não cuidão que sem laço, ou redes caya  
Caça naquelles montes deleitosos,  
Tam suauè domestica & benina,  
Qual ferida lha tinha ja Ericina.

67 Algũs que em espingardas & nas bestas  
Peta ferir os ceruos se fiauo,  
Pellos sombrios matos, & florestas  
Determinadamente se lançauão:  
Outros nas florestas, q̃ de as altas festas  
Defendem a verdura, passeauão  
Ao longo da agoa que suauè, & queda  
Por suas pedras corre à praya leda.

Começão

68 Começão de enxergar subitamente  
 Por entre verdes ramos varias cores,  
 Cores de quem a vista julga, & sente,  
 Que não erão das rosas ou das flores,  
 Mas da lã fina & seda differente  
 Que mais incita a força dos amores  
 De que se vestem as humanas rosas,  
 Fazendose por arte mais fermolas.

69 Da Veloso espantado hum grande grito,  
 Senhores caça estranha disse he esta  
 Se inda dura o Gentio antigo rito  
 A nimphas se dedica esta floresta:  
 Mais descobrimos do q̃ humano sp̃rito  
 Desejou nunca, & bem se manifesta  
 Que sam grandes as cousas, & excellêtes  
 Que o m̃ido encobre aos homês impru  
 (dêtes.

70 Sigamos estas nimphas, & vejamos,  
 Se fantasticas sam se verdadeyras,  
 Isto dito, veloces mais que Gamos,  
 Se lançam a correr pellas ribeyras:  
 Fugindo as ninfas vão por être os ramos  
 Mas mais industriosas que ligeyras,  
 Pouco & pouco furrindo, & gritos dando  
 Se deixão yr dos galgos alcançando.

*Os Lusíadas de L. de Camões.*

71 Qual cão de caçador, sagaz & ardido,  
Vfado a tomar na agoa a aue ferida,  
Vendo rosto o ferro cano erguido,  
Pera a Garcenha, ou pata conhecida  
Antes que soe o estouro, mal sofrido  
Salta n'agoa, & da presa nam duuida  
Nadando vay, & latindo, assi o mancebo  
Remete à q̃ não era irmão de Phebo.

72 Leonardo soldado bem desposto,  
Manhoso, caualleiro, & namorado,  
A quem amor não dera hum so desgosto  
Mas sempre fora d'elle maltratado:  
E tinha ja por firme profuposto  
Ser com amores mal afortunado,  
Porem nam que perdesse a esperança,  
De inda poder seu fado ter mudança.

73 Quis aqui sua ventura que corria  
A pos Ephyre, exemplo de belleza,  
Que mais caro que as outras dar queris  
O que deu pera darse a natureza,  
Ja cansado correndo lhe dezia,  
O fermosura indigna de Alpereza,  
Pois desta vida te concedo a palma  
Espera hũ corpo de quem leuas a alma.

Todas

74 Todas de correr cansam, Nympha pura,  
 Rendendose à vontade do enemigo  
 Tu so de mi so foges na elpeffura?  
 Quem te disse que eu era o que te figo?  
 Se to tem dito ja aquella ventura,  
 Que é toda a parte sempre anda comigo  
 O não creas, porque eu quando a cria,  
 Mil vezes cada hora me mentia.

75 O nam me fujas, así nunca o breue  
 Tempo fuja de tua fermosura,  
 Que so com refrear o passo leue,  
 Venceràs da fortuna a força dura:  
 Que Emperador, que exercito se atreue  
 A quebrantar a furia da ventura,  
 Que em quâto desejey me vay seguindo  
 O que tu so faras nam me fugindo?

76 Pões te da parte da desdita minha?  
 Fraqueza he dar ajuda ao mais potente,  
 Leuas me hum coração que liure tinha?  
 Soltamo, & correras mais levemente:  
 Não te carrega essa alma tam mezquinha  
 Que nesses fios de ouro reluzente  
 Atada leuas? ou despois da presa  
 Lhe mudaste a ventura, & menos pesa.

*Os Lusíadas de L. de Camões.*

77 Nesta esperança fo te vou seguindo,  
Que ou tu nam sofrerás o peso della,  
Ou na virtude de teu gesto lindo,  
Lhe mudarás a triste & dura estrella:  
E se se lhe mudar, nam vas fugindo,  
Que amor te ferirá gentil donzella,  
E tu me esperarás, se amor te fere,  
E se me esperas, nam ha mais que esperê.

78 Ia nam fugia a bella Nympha, tanto  
Por se dar cara ao triste que a seguia,  
Como por ir ouuindo o doce canto,  
As namoradas magoas que dezia:  
Mouida em fim do amoroso pranto  
Toda banhada em riso, & alegria,  
Cair se deixa aos pès do vencedor  
Que todo se desfaz em puro amor.

79 Destarte em fim conformes ja as fermosas  
Nymphas, cos seus amados nauegantes,  
Os ornão de capellas deleitosas,  
De louro, & de ouro, & flores abúdantes:  
As mãos aluas lhe dauão como esposas  
Com palauras formais, & stipulantes,  
Se prometem eterna companhia  
Em vida & morte, de honra & alegria.

80 Húa dellas maior, a quem se humilha  
 Todo o choro das Nymphas, & obedece  
 Que dizem ser de Celo, & Vesta filha,  
 O que no gesto bello se parece:  
 Enchédo a terra, & o mar de marauilha,  
 O Capitão illustre que o merece,  
 Recebe alli com pompa honesta & Regia  
 Mostrádo-se senhora grande, & egregia.

81 Que despois de lhe ter dito quem era,  
 Cum alto exordio de alta graça ornado,  
 Dandolhe a entender que alli viera  
 Por alta influência do immobil fado:  
 Para lhe descobrir da vnida esphera,  
 Da terra imensa, & mar nam nauegado,  
 Os segredos por alta prophecia,  
 O que esta sua nação só merecia.

82 Tomando pela mão a leua & guia  
 Para o cume dum monte alto, & dino  
 No qual húa rica fabrica se erguia,  
 De crystal toda, & de ouro puro & fino:  
 A mayor parte aqui passam do dia,  
 Em doces jogos, & em prazer contino,  
 Ella nos paços logra seus amores -  
 As outras pelas sombras entre as flores.

*Os Lusíadas de L. de Camões.*

83 Assim a fermosa & forte companhia  
O dia quasi todo estam passando  
Nua alma doce, incognita alegria,  
Os trabalhos tam longos cmopassando:  
Porque dos feitos grandes da ousadia  
Forte, & famosa, o mundo está guardado  
O premio la no fim bem merecido  
Cõ fama grande, & nome alto, & subido.

84 Que as Nymphas do Oceano tão fermosas  
Thetis & a ilha angelica pintada,  
Outra cousa nam he, que as deleitosas  
Honras, que a vida fazem sublimada:  
Aquellas preminencias gloriosas,  
Os triumphos, a fronte coroada  
De palma, & louro, ag loria & marauilha  
Estes sam os deleites desta ilha.

85 Que a immortalidade que fingia  
A antiguidade, que os illustres ama,  
La no estellante Olimpo a quem subia,  
Sobre as asas inclitas da fama:  
Por obras valerosas que fazia,  
Pelo trabalho immenso, que se chama,  
Caminho da virtude, alto & fragoso,  
Mas no fim doce, alegre, & deleitoso.

86 Não erão senam premios, que reparte  
 Por feitos immortais & soberanos,  
 O múdo, cos varões, que esforço & arte  
 Diuinos os fizeram sendo humanos:  
 Que Iupiter, Mercurio, Febo, & Marte,  
 Eneas, & Quirino, & os dous Tebanos  
 Ceres, Palas, & Iuno, com Diana,  
 Todos foram de fraca carne humana.

87 Mas a fama, trombeta de obras tais,  
 Lhe deu no múdo nomes tam estranhos  
 De altos lemedioses immortais  
 Indigetes, Eroicos, & de magnos:  
 Por isso, ô vos que as farnas estimais,  
 Se quizerdes no mundo ser tamanhos,  
 Despertay ja do sono do ocio ignauo  
 Que o animo de liure faz escravo.

88 E ponde na cobiça hum freio duro,  
 E na ambição també, que indignamente  
 Tomais mil vezes, & no torpe, & escuro  
 Vicio da tyrania infame, & vrgente:  
 Por q̃ essas honras vaás, esse ouro puro,  
 Verdadeiro valor não dão à gente:  
 Melhor he merecelos sem os ter,  
 Que possuillos sem os merecer.

*Os Lusíadas de L. de Camões.*

79 Ouday na paz as leys iguais constantes,  
Que aos grandes não dão dos piquenos,  
Ou vos vesti nas armas rutilantes,  
Contra a ley dos inimigos Sarracenos:  
Fareis os Reynos grandes, & possantes  
E todos tereis mais, & nenhum menos.  
Possuireis riquezas merecidas,  
Com honras que illustrão tanto as vidas

80 E fareis claro o Rey que tanto amais,  
Agora cos conselhos bem cuidados,  
Agora coas espadas, que immortais  
Vos forão, como os vossos ja passados:  
Impossibilidades nam façais,  
Que que quis sempre pode, & umerados  
Sereis entre os herois esclarecidos,  
E nesta ilha de Venus recebidos.

F I M.

NESTE

NESTE CANTO DECIMO  
& vltimo, se referem os dileites & passa-  
tempos, que os Portugueses tiuerão na Ilha  
de S. Helena, pellos quaes se entende as hõ-  
ras & remunerações de seus trabalhos.

Cõta sumariaméte as cousas da India  
& os Visoreis que succederão. Des-  
creue todas as partes da India  
que os Portugueses  
descobrirão.

## CANTO DECIMO



AS IA O CLARO  
a mador da Larisea  
Adultera, inclina os a-  
nimaes,  
La pera o gråde lago  
q̃ rodea  
Temistitão nos fins  
Occidentaes:

O grande ardor do Sol Fauonio enfrea,  
Co sopro, que nos tanques naturaes  
Encreiipa a agoa serena. & despertaua,  
Os Liros, & Iazmins, q̃ a calma agraua.

## Os Lusíadas de L. de Camões.

- 2 Quando as fermosas Nymphas cos amâtes  
Pella mão ja conformes & contentes,  
Subião pera os paços radiantes,  
E de metais ornados reluzentes:  
Mandados da Rainha, que abundantes,  
Mesas daltos manjares excellentes,  
Lhe tinha aparelhados, que a fraqueza  
Restaurem da cansada natureza.
- 3 Alli em cadeyras ricas crystalinas,  
Se assentão dous, & dous, amâte & dama  
Noutras à cabeceira douro finas,  
Estaua coa Rainha o claro Gama:  
Deigoarias suaves & diuinas,  
A quem não chega a Egipcia antiga fama  
Se accumulão os pratos de fuluo ouro  
Trazidos la do Atlantico tesouro.
- 4 Os vinhos odoriferos que acima  
Estam, não so do Italico Falerno,  
Mas da Ambrosia, q̃ Ioue tanto estima,  
Com todo o ajuntamento sempiterno:  
Nos vasos onde em vão trabalha a lima,  
Crespas escumas erguem q̃ no interno  
Coração mouem subita alegria,  
Saltando coa mistura dagoa fria.

5 Mil praticas alegres se tornauão,  
 Risos doces, sutis, & argutos ditos,  
 Que étre hũ è outro májar se leuátauão,  
 Despertando os alegres apetitos,  
 Musicos instrumentos nam faltauão,  
 Quaes no pfundo reino, os nus espiritos  
 Fizerão descansar da eterna pena  
 Cua voz dhua dulcíssima Syrena.

6 Cantaua a bella Nimpha, & os accentos  
 Que pellos altos paços vão soando  
 Em consonancia igual, os instrumentos  
 Suaues vem a hum tempo conformando  
 Hum subito silencio enfrea os vent os,  
 E faz yr docemente murmurando  
 As agoas, & nas casas naturaes  
 Adormecer os brutos animaes.

7 Com doce voz está subindo ao ceo  
 Altos varões q̄ estão por vir ao mundo,  
 Cujas claras Ideas vio Protheo,  
 Num globo vão, diafano rotundo  
 Que Iupiter em dom lhe concedeo  
 Em sonhos & depois no reino fundo  
 Vaticinando o disse, & na memoria;  
 Recolheo logo a Nimpha a clara historia.

*Os Lusíadas de L. de Camões.*

8 Materia he de Coturno, & não de Soco  
A q̃ a nimpha aprendeo no immêso lago  
Qual Yopas não soube, ou Demodoco  
Entre os Pheaces hũ outro em Carthago  
Aqui minha Caliope te inuoco.  
Neste trabalho extremo porq̃ em pago,  
Me tornes do q̃ screno, & é vão pretêdo,  
O gosto de escreuer que vou perdendo.

9 Vão os annos decendo, & ja do Estio  
Ha pouco que passar até o Otono,  
A fortuna me faz o engenho frio,  
Do qual ja não me jacto nem me abono:  
Os desgostos me vão leuando ao rio  
Do negro esquecimento, & eterno sono,  
Mas tu me da q̃ cumpra, ô gram Rainha,  
Das Musas co q̃ quero à nação minha.

10 Cantava a bella Tetis que virião  
Do Tejo pello mar que o Gama abrira,  
Armadas que as ribeiras vencerião,  
Por onde o Oceano Indico sospira:  
E que os gentios Reis, que não darião  
A ceruz sua ao jugo, o ferro & yra  
Prouarião do braço duro & forte,  
Até renderse a elle, ou logo á morte.

11 Cantava dhum que tem nos Malabares  
Entre todos a Regia Magestade,  
Que fo por nam quebrar cos singulares  
Varões, os nòs que dera damizade:  
Sofrerà suas cidades & lugares,  
Com ferro, incendios, & crueldade,  
Ver destruyr do Samorim potente  
Que tais odios tera coa noua gente.

12 E canta como la se embarcaria  
Em Bethlem o remedio deste danno  
Sem saber o que em si ao mar traria  
O gram Pacheco, Achilles Lusitano:  
O peso sentirão quando entraria  
O curuo lenho, & o feruido Oceano,  
Quão mais nagoa os troncos q̃ gemerẽ,  
Contra sua natureza se meterem.

13 Mas ja chegado aos fins Orientais,  
E deixado em ajuda do Genticio  
Rey de Cochim, com poucos naturais,  
Nos braços do salgado & curuo rio:  
Desbaratará os Naires infernais  
No passo Cambalão, tornando frio  
Despanto o ardor imenso do Oriente,  
Que vera tanto obrar tam pouca gente.

*Os Lusíadas de L. de Camões.*

- 34 Chamàra o Samorim mais gente noua:  
Virão Reis de Bipur, & de Tãnor,  
Das ferras de Narsinga, que alta proua  
Estarão prometendo a seu senhor:  
Fara que todo o Naire em fim se moua,  
Que entre Calecú jaz, & Cananor,  
Dambas as leis inimigas, pera a guerra,  
Mouros por mar, Genticos polla terra.
- 35 E todos outra vez desbarotando  
Por terra & mar, o grã Pacheco oufado,  
A grande multidão que irá matando,  
A todo o malabar terá admirado:  
Cometerà oua vez não dilatando  
O gentio os combates apressado,  
Injuriando os seus, fazendo votos  
Aos Idolos seus vãos, surdos, è immotos.
- 36 Ia não defendera somente os passos,  
Mas que imarlheha lugares, tēplos, casas,  
Aceso de ira o cão não vendo lassos  
Aquelles que as cidades fazem rasas,  
Fara que os seus de vida pouco escassos,  
Cometam o Pacheco que tem asas  
Por dous passos num tempo, mas voado  
Dhū noutro, tudo hira desbaratando.

- 17 Virà o Samorim, porque em pessoa  
 Veja a batalha, è os seus esforce, è anime  
 Mas hum tiro que com zonido voa,  
 De sangue o tingirà no andor sublime:  
 Ia não verà remedio, ou manha boa,  
 Nem força que o Pacheco muito estime  
 Inuentarà treições, & vãos venenos  
 Mas sempre (o ceo querèdo) farà me nos
- 18 Que tornarà a vez septima, cantaua  
 Pelejar co inuisto & forte Luso,  
 A quem neniũ trabalho pesa, & agrana,  
 Mas com tudo este so o fara confuso:  
 Trará pera a batalha horrenda & braua,  
 Machinas de madeiros fora de vso,  
 Pera lhe abalroar as carauellas,  
 Que ateli vão lhe fora cometellas.
- 19 Pella agoa leuarà ferras de fogo  
 Pera abrafarlhe quanta armada tenha  
 Mas a militar arte, & engenho, logo  
 Fara ser vãa a braueza com que venha:  
 Nenhum claro barão no Marcio jogo  
 Que nas asas da Fama se sostenha,  
 Chega a este que a palma a todos toma,  
 E perdoeme a illustre Grecia, ou Roma,

*Os Lusíadas de L. de Camões.*

- 20 Porque tantas batalhas sustentadas  
Com muito pouco mais de cê soldados,  
Com tantas manhas & artes inuentadas  
Tantos cães nam imbelles profligados:  
Ou parecerão fabulas sonhadas  
Ou que os Celestes Coros inuocados  
Deceram a ajudallo, & lhe darão  
Esforço, força, ardil, & coração:
- 21 Aquelles que nos campos Maratonios  
O gram poder de Dario estructure, & rende  
Ou quem cõ quatro mil Lacedemonios  
O passo de Termopilas defende:  
Nem a mancebo Cocles dos Auſonios,  
Que com todo o poder Tusco contende  
Em defenſa da ponte, ou Quinto Fabio,  
Foy como este na guerra forte & sabio.
- 22 Mas neste tempo a Nympha o som canoro  
Abaxando, faz roaco, & entristecido,  
Cantádo em baxa voz enuolta em choro  
O grande esforço mal agradecido,  
O Belisario disse, que no coro  
Das Musas leras sempre engrandecido,  
Se em tí viste abatido o brauo Marte,  
Aqui tens com quem possas consolarte.
- Aqui

23 Aqui tês companheiro, assi nos feitos  
Como no galardam injusto & duro  
Em ti & nelle veremosaltos peitos,  
A baixo estado vir, humilde & escuro:  
Morrer nos hospitaís em pobres leitos  
Os que ao Rey, & á ley serué de muro,  
Isto fazem os Reys, cuja vontade  
Manda mais que a justiça, & q̃ a verdade

24 Isto fazem os Reys, quando embebidos  
Núa apparencia branda, que os contenta,  
Dão os premios de Aiace merecidos,  
Aa língoa vaã de Vlisses fraudulenta:  
Mas vingome que os bês mal repartidos  
Por quem so doces sombras apresenta,  
Senam os dam a sabios caualleiros,  
Dãos logo a auarentoslisongeiros.

25 Mas eis outro cantaua, intitulado  
Vem co nome Real, & traz consigo  
O filho, que no mar fera illustrado  
Tanto como qualquer Romano antigo:  
Ambos darão com braço forte armado,  
A Quíloa fertil, aspero castigo,  
Fazendo nella Rey leal, & humano,  
Deitando fora o perfido tyranno.

*Os Lusíadas de L. de Camões.*

26 Também faram Mombaça, que se arrea  
De casas sumptuosas, & edificios,  
Co ferro, & fogo seu, queimada & fea,  
Em pago dos passados maleficios:  
Despois na costa da India, andando chea  
De lenhos enemigos, & arteficios,  
Cõtra os Lusos, com vella, & cõ remos,  
O mancebo Lourenço fara estremos.

27 Das grandes naos do Samori potente,  
Qu'encherão todo o mar coa ferrea pele  
Que sae com trouão do cobre ardente,  
Fara pedaços leme, masto, & vella:  
Despois lançando arpeos ousadamente  
Na capitaina imiga, dentro nella  
Saltando, a fara so com lança, & espada,  
De quatrocentos Mouros despejada.

28 Mas de Deos a escondida prouidencia,  
Que ella so sabe o bem de que se ferue,  
O porã onde esforço nem prudencia  
Poderã auer, que a vida lhe reserue:  
Em Chaul, onde he sangue & resistencia  
O mar todo com fogo & ferro ferue,  
Lhefaram que com vida se nam saya  
As armadas de Egypto, & de Cambaya.

29 Alli o poder de muitos inimigos  
Que o grande esforço fo com força réde,  
Os ventos que faltarão, & os perigos  
Do mar, que sobejarão, tudo o offen de:  
Aqui refurjão todos os antigos,  
A ver o nobre ardor que aqui se apréde  
Outro Sceua varão, que espedaçado  
Não sabe ser rendido nem domado.

30 Com toda húa coxa fora, que em pedaços  
Lhe leua hum cego tiro, que passara,  
Se ferue inda dos animosos braços,  
E do gram coração que lhe ficara:  
Atè que outro pelouro quebra os laços  
Com que coa alma o corpo se liara,  
Ella solta voou da prisam fora,  
Onde subíto se acha vencedora.

31 Vaite alma em paz da guerra turbulenta,  
Na qual tu mereceste paz serena,  
Que o corpo em pedaços se apresenta  
Quem o gerou vingança ja lhe o rdena:  
Que eu ouço retubar a gram tormenta  
Que vem ja dar a dura & eterna pena,  
De esperas, basiliscos, & trabucos  
A Cambaicos crueis, & Mamelucos.

*Os Lusíadas de L. de Camões.*

- ¶ Eis vem o pay com animo estupendo  
Trazendo furia & magoa por antolhos,  
Com q̃ o paterno amor lhe está mouêdo  
Fogo no coração, agoa nos olhos,  
A nobre ira lhe vinha promentendo  
Que o sangue fara dar pelos gíolhos  
Nas inimigas naos, sentiloaha o Nylo,  
Podeloha o Indo ver, & o Gáge ouuilo.
- 33 Qual o Touro ciofo, que se enfaça  
Para crua pelleja, os cornos tenta  
No tronco dum carualho, ou alta faya,  
E o ar ferindo, as forças esprimenta:  
Tal, antes que no seyo de Cambaya  
Entre Francisco irado na opulenta  
Cidade de Dabul, a espada afia,  
Abaxandolhe a tumida oufadia.
- 34 E logo entrendo fero na enseada  
De Dio illustre em cercos & batallas,  
Fara espalhar a fraca & grande armada,  
De Calecu, que remo tem por malhas:  
A de Melique Yaz acautelada,  
Cos pelouros que tu Vulcano espalhas,  
Para ir ver o frio & fundo assento,  
Secreto leito do humido elemento.

Mas

- 35 Mas ha de Mir Hocem, que abalroando  
A furia espererà dos vingadores,  
Vera braços & pernas ir nadando,  
Sem corpo, pelo mar, de seus senhores:  
Rayos de fogo iram representando,  
No cego ardor os brauos domadores  
Quanto alli sentiram olhos & ouvidos,  
E fumo, ferro, flamas, & alaridos.
- 36 Mas ah, que desta prospera victoria,  
Com que despois vira ao patrio Tejo,  
Quasi lhe roubarà a famosa gloria,  
Hum successo que triste & negro vejo:  
O Cabo Tormentorio, que a memoria  
Cos ossos guardará: nam tera pejo  
De tirar deste mundo aquelle espirito,  
Que nam tiraram toda a India, & Egito.
- 37 Alli Cafres saluagens poderão,  
O que destros inimigos nam podêrão  
E rudos paos tostados sos farão,  
O que arcos & pelouros nam fizerão:  
Occultos os juyzos de Deos sam,  
As gètes vaãs que nam nos entederão  
Chamandolhe fado mau, fortuna escura  
Sendo so prouidencia de Deos pura.

*Os Lusíadas de L. de Camões.*

- 38 Mas ô que luz tamanha que abrir sinto,  
Dezia a Nympha, & a voz aleuantaua,  
La no mar de Melinde em sangue tinto,  
Das cidades de Lamo, de Oja, & Braua:  
Pello Cunha tambem, q̃ nunca extinto  
Sera seu nome em todo o mar que laua  
As ilhas do Austro, è prayas, q̃ se chamáo  
De S. Lourêço, & é todo o Sul se afamáo
- 39 Esta luz he do fogo, & das luzentes  
Armas, cõ q̃ Alboquerque irá amásando,  
D'Ormuz os Parfeos, por seu malvalêtes  
Que refusáo o jugo honoroso, è brando:  
Alli veram as setas estridentes  
Reciprocarse, a ponta no ar virando,  
Contra quem as tirou, que Deos peleja  
Porquem defende a fe da madre igreja
- 40 Alli do sal os montes nam defendem  
De corrupção os corpos no combate,  
Que mortos pella praya, & mar sestedé,  
De Gerum, de Mazcate, & Calayate:  
Atè que a força so do braço aprendem  
A abaxar a ceruiz, onde se lhe ate  
Obrigaçáo de dar a Reyno ínico  
Das pedras de Barem, tributo rico.

- 41 Que gloriosas palmas tecer vejo,  
Com que victoria a fronte lhe coroa,  
Quádo sem sóbra vaá de medo ou pejo  
Toma a ilha illustrissima de Goa:  
Despoi obedecendo ao duro encejo  
A deixa, & occasião espera boa,  
Cõ q̃ a torne a tomar, q̃ esforço, & arte  
Véceráo a fortuna, & o proprio Marte
- 42 Eis ja sobrella torna, & vay rompendo  
Por muros, fogos, lanças, & pelouros,  
Abrindo cõ a espada o espesso, e horrêdo  
Esquadrão de Gentios, & de Mouros:  
Iram soldados inclitos fazendo  
Mais que liões famelicos, & touros,  
Na luz que sempre celebrada & dina,  
Sera da EGYPCIA sancta Catherina,
- 43 Nem tu menos fugir poderas deste  
Posto que rica, & posto que assentada,  
La no meyo da Aurora, onde nasceste,  
- Opulenta Malaca nomeada:  
As setas venenosas que fizeste,  
Os Crises com que ja te vejo armada,  
Malaios namorados, Iaos valentes,  
Todos faras ao Luso obedientes.

*Os Lusíadas de L. de Camões.*

44 Mais estanças cantâra esta Sirena  
Em louvor do illustrissimo Alboqrque,  
Mas lembroulhe hũa ira q̃ o condena,  
Posto que a fama sua o mundo cerque:  
O grande Capitão, que o fado ordena  
Que cõ trabalhos gloria eterna merque,  
Mias ha de ser hum brando cõpanheiro  
Pera os seus, que juiz cruel, & inteiro.

45 Mas em tempo que fomes & asperezas  
Doenças, frechas, & trouões ardentes,  
A fazem, & o lugar fazem cruezas  
Nos soldados a todo obedientes:  
Parece de seluaticas brutezas,  
De peitos inhumanos & insolentes,  
Dar extremo suplicio pella culpa  
q̃ a fraca humanidade & amor desculpa.

46 Nam sera a culpa abominoso incesto  
Nem violento stupro em virgem pura,  
Nem menos adulterio defonesto,  
Mas cũa escraua vil, lasciuva, & escura:  
Se o peito ou de cioso, ou de modesto,  
Ou de vsado a crueza fera & dura,  
Cos seus hũa ira insana nam refrea,  
Põe na fama alua, nodã, negra & fea.

- 47 Vio Alexandre Apeles namorado  
 Da sua Compaspe, & deulha alegremête,  
 Não sendo seu soldado esperimentado,  
 Nem védose num cerco duro & vrgête  
 Sentio Cyro que andaua ja abrasado  
 Araſpas de Pantea em fogo ardente,  
 Que elle tomara em guarda, & prometia  
 Que nenhum maõ desejo o venceria.
- 48 Mas vendo o illustre Persa, que vencido  
 Fora de amor, q̃ em fim não té defenſa,  
 Leuemente o perdoa, & foy seruido  
 Delle num caso grande em recompensa,  
 Por força de Iudita foy marido  
 O ferreo Balduuino, mas dispensa  
 Carlos pay della, posto em cousas grãdes  
 Que viua, & pouoador seja em Frãdes.
- 49 Mas profeguindo a nimpha o longo cãto,  
 De Soares cantaua, que as bandeiras  
 Faria tremolar, & por espanto,  
 Pellas roxas Arabicas ribeiras:  
 Medina abominabil teme tanto,  
 Quando Meca, & Gidà, co as derradeiras  
 Prayas de Abasia: Barbora se teme,  
 Do mal de que o Emporio Zeila geme.

*Os Lusíadas de L. de Camões.*

- 90 A nobre ilha também de Taprobana,  
Ja polo nome antigo tam fermosa,  
Quanto agora soberba & soberana  
Pella cortiça calida cheirosa:  
Della dara tributo à Lusitana  
Bandeira, quando exelsa, & gloriosa  
Vencendo se erguerà na torre erguida,  
Em Colúbo, dos próprios tam temida.
- 51 Também Sequeira as ondas Eritreas  
Díuidindo abrirà nouo caminho  
Para ti grande Imperio, que te arreas  
De feres de Candace, & Sabà ninho:  
Maquà com cisternas de agoa cheas  
Verà, o porto Arquico alli vezinho,  
E fara descobrir remotas ilhas,  
Que dão ao mundo nouas maravilhas.
- 52 Vira despois Meneses, cujo ferro  
Mais na Africa, que cà tera prouado,  
Castigara de Ormuz soberba o erro  
Com lhe fazer tributo dar dobrado:  
Tambem tu Gama, em pago de desterro  
Em que estàs, & seras inda tornado,  
Cos titulos de Conde, & dhóras nobres,  
Viras mandar as terras que descobres.

33 Mas aquella fatal necessidade,  
De qué ningué se exime dos humanos  
Illustrado coa Regia Magestade,  
Te tirará do mundo, & seus enganós:  
Outro Meneses logo, cuja idade  
He mayor na prudencia que nos annos,  
Gouernará, & fara o ditoso Enrique,  
Que perpetua memoria delle fique.

34 Nam vencerá samente os Malabares,  
Destruindo Panane, com Coulete,  
Cometendo as bombardas, que nós ares  
Se vingão so do peito que as comete:  
Mas com virtudes certo singulares  
Vence os inimigos dalma todos sete,  
De cobiça triumphá, & incontinencia,  
Que em tal idade he sumade excellência.

35 Mas despois que as estrellas o chamarem,  
Succederá ô forte Mazcarenhas,  
E se injustos o mando te tomarem,  
Prometote que fama eterna tenhas:  
Para teus inimigos confessarem  
Teu valor alto, o fado quer que venhas  
A mandar mais de palmas coroados,  
Que de fortuna justa acompanhado

*Os Lusíadas de L. de Camões.*

- 56 No Reino de Bintão, que tantos danos  
Terá a malaca muito tempo feitos  
Num só dia as injúrias de mil annos  
Vingarás, co valor de illustres peitos,  
Trabalhos & perigos inhumanos  
Abrolhos ferreos mil, passos estreitos  
Tranqueiras, baluartes, lanças, setas,  
Tudo fico que rompas & fometas
- 57 Mas na India cubiça & ambição  
Que claramente põe aberto o rosto  
Contra Deos, & justiça, te farão  
Vituperio nenhum, mas só desgosto:  
Quem faz injuria vil, & sem rezão  
Com forças & poder, em que está posto  
Não vence, que a vitória verdadeira  
He saber ter justica nua, & inteira
- 58 Mas com tudo não nego que Sampaio  
Será no esforço illustre, & assinalado,  
Mostrandose no mar hum fero rayo  
Que de inimigos vil verá qualhado:  
Em Bacanòr fara cruel ensayo  
No Malabar, pera que amedrontado  
Despois a ser vencido delle venha  
Cutiale, com quanta armada tenha.

- 23 E não menos de Dio a fera frota  
 Que Chaul temerá de grande & ousada  
 Fara coa vista so perdida & rota  
 Por Hector da Silueira, & destrocada:  
 Por Hector Portugues de quem se nota  
 Que na costa Cambaica sempre armada,  
 Será aos Guzarates tanto dano  
 Quáto ja foy aos Gregos o Troiano.
- 24 A Sampayo feroz sucederá  
 Cunha, que longo tempo tem o leme,  
 De Chale as torres altas erguerá  
 em quanto Dio illustre delle treme  
 o forte Bacaím se lhe dará,  
 Não sem sangue porem, que nelle geme  
 Melique porque, a forza so de espada  
 ▲ tranqueira soberba ve tomada.
- 25 Tras este vem Noronha, cujo auspicio  
 De Dio os Rumes fortes afugenta,  
 Dio, que o peito & bellico exercicio  
 De Antonio da Silueira bem sustenta:  
 Fara é Noronha a morte, o vsado officio,  
 Quádo hú teu ramo, o Gama se exprime  
 No gouerno do Imperio, cujo zelo, (ta  
 Com medo o roxo mar fará amarelo.

*Os Lusíadas de L. de Camões*

- 62 Das mãos de teu Esteuão vem toma,  
As redeas hum que ja sera illustrado  
No Brasil, com vencer & castigar,  
O pyrata Frances ao mar vñado:  
Despois Capitão mór do Indico mar,  
O muro de Dãmão soberbo & armado,  
Escala, & primeiro entra a porta aberta,  
Que fogo & frechas mil terão cuberta.
- 63 A este o Rey Cambaico soberbíssimo  
Fortaleza dará na rica Dio,  
Porque contra o Mogor poderosíssimo  
Lhe ajude a defender o senhorio:  
Despois irá co peito esforçadíssimo  
A tolher que nam passe o Rey Gentio  
De Calecu, que assi com quantos veyo,  
O fará retirar de sangue cheyo.
- 64 Destruirá a cidade Repelim,  
Pondo o seu Rey cõ muitos em fugida:  
E despois junto ao Cabo Comorim  
Hũa façanha faz esclarecida:  
A frota principal do Samorim,  
Que destruir o mundo nam duuida,  
Vencerá co furor do ferro & fogo,  
Em si verá Beadala o Marcio jugo,

Tendo

- 65 Tendo assi limpa a India dos inimigos,  
Virà de pois com cetro a governala,  
Sem que ache resistencia, nem perigos,  
Que todos tremem delle, & nenhū fala:  
So quis prouar os asperos castigos  
Baticalà, que virà ja Beadala,  
De sangue & corpos mortos ficou chea,  
E de fogo & trouões desfeita & fea.
- 66 Este sera Martinho, que de Marte  
O nome tem coas obras diriuado,  
Tanto em armas illustre em toda parte,  
Quáto em cōselho sabio & bẽ cuidado:  
Sucederlheha alli Castro, que o estãdarte  
Portugues terà sempre leuantado,  
Conforme successor ao succedido,  
q̃ hū ergue Dio, outro o defêde erguido.
- 67 Persas feroccs, Abaisês, & Rumes  
Que trazido de Roma o nome tem,  
Varios de gestos, varios de costumes,  
Que mil nações ao cerco feras vem:  
Farão dos ceos ao mundo váos q̃ixumes  
Porque hūs poucos a terra lhe detem,  
Em sangue Portugues jurão descridos  
De banhar os bigodes retorcidos.

*Os Lusíadas de L. de Camões.*

- 98 Basiliscos medonhos & Liões,  
Trabucos feros, mínas encubertas,  
Sustenta Mazcarenhas cos barões  
Quetam ledos as mortes té por certas;  
Ate que nas mayores opressões  
Castro libertador, fazendo offertas  
Das vidas de seus filhos, quer que fique  
Cõ fama eterna, & a Deos se sacrifique.
- 69 Fernando hum delles, ramo de alta práta,  
Onde o violento fogo com ruído,  
Empedaços os muros no ar leuanta,  
Sera alli arebatado, & ao ceo subido:  
Aluaro quando o inuerno o múdo espáta  
E tem o caminho humido impedido  
Abrindo, vence as ondas, & os perigos,  
Os ventos, & despois, os inimigos.
- 70 Eis vem despois o pae, q̃ as ondas corta,  
Co restante da gente Lusitana,  
E com força & saber que mais importa,  
Batalha dà felice, & soberana:  
Hús paredes subindo escusam porta,  
Outros a abrem na fera esquadra insana  
Feitos foram tam dinos de memoria,  
q̃ não caibão em verso, ou larga historia.
- Este

71 Este despois em campo se apresenta,  
Vencedor forte & intrepido, ao possáte  
Rei deCambaya, & a vista lhe amedrêta  
Da fera multidam pradrupedante,  
Nam menos suas terras mal sustenta  
O Hydalcão, do braço triumphante,  
Que castigando vay Dábul na costa,  
Nem lhe escapou Pódá no sertão posta.

72 Estes & outros barões por varias partes,  
Dinos todos de fama & marauilha,  
Fazendose na terra brauos Martes,  
Virão lograr os gostos desta Ilha:  
Varrendo triumphantes estandartes  
Pellas ondas, que corta a aguda quilha,  
E acharão estas nimphas, & estas mesas,  
q̃ gloria & hōras são d'arduas empresas.

73 A sicantava a Nimpha, & as outras todas  
Com sonoro aplauão vozes dauão,  
Com que festejão as alegres vodas,  
Que com tanto prazer se celebravão:  
Por mais que da Fortuna andê as rodas,  
Nhũa consona voz todas soauão:  
Não vos hão de faltar gente famosa,  
Honra, valor, & fama gloriosa,

Despois

*Os Lusíadas de L. de Camões.*

- 74 Despois que a corporal necessidade  
Se satisfez do mantimento nobre  
E na harmonia, & doce suauidade,  
Virão os altos feitos que descobre,  
Thetis de graça ornada, & grauidade,  
Pera que com mais alta gloria dobre  
As festas deste alegre & claro dia,  
Pera o felice Gama así dezia,
- 75 Fazte merce barão a Sapiencia  
Suprema de cos olhos corporais  
Veres, o que não pode a vã sciencia  
Dos errados & miseros mortais:  
Segueme firme & forte, com prodencia  
Por este monte espesso, tu cos mais.  
Assi lhe diz, & o guia por hum mato  
Arduo, difficil duro a humano trato.
- 76 Não andão muito que no erguido cume  
Se acharão, onde hū campo se esmaltaua  
De Esmeraldas, Rubis tais que presume  
A vista, que diuino chão pisaua:  
Aqui hum globo vem no ar que o lume  
Clarissimo, por elle penetraua,  
De modo que o seu centro está euidete  
Como a sua superficie claramente

Qual

- 77 Qual a meteria seja, não se enxerga,  
 Mas enxergase bem que está composto  
 De varios orbes, que a diuina verga  
 Cópôs, & hū centro a todos sotē Posto:  
 Voluendo, ora se abaxe, ora se erga,  
 Nūca sergue, ou se abaxa, è hū mesmo ro  
 Por toda a parte té, & è toda a parte (sto  
 Começa e acaba, em fim por diuina arte.
- 78 Vniforme, perfeito, em si softido,  
 Qual em fim o Archetipo que o criou,  
 Vendo o Gama este globo, comouido  
 De espanto, & de desejo alli ficou,  
 Dizlhe a Ninfa: O trasumpto reduzido  
 Em pequeno volume aqui te dou,  
 Do mūdo aos olhos teus, pera que vejas  
 Por onde vas, & irás, & o que desejas.
- 79 Ves aqui grande machina do mundo,  
 Eterea, & elemental, que fabricada  
 Assim foy do saber alto, profundo,  
 Que he sem princio, & meta limitada,  
 Que cerca em deredor este rotundo  
 Globo: & sua superficie tá limada, (de,  
 He Deos, mas o q̄ he Deos ningé o entê-  
 q̄ atáto o engenho humano nã se estêde  
 Este.

*Os Lusíadas de L. de Camões.*

10 Este orbe que primeiro vay cercando  
Os outros mais piquenos, que em si tem,  
Que esté cõ luz tam clara radiando,  
Que a vista cega, & a mente vil tãbem:  
Empyreo se nomea, onde gozando  
Pura almas estão, de aquelle bem  
Tamanho, q̃ elle so entende, & alcança,  
De quem nam ha no mundo semelhãça.

11 Aqui so verdadeiros gloriosos  
Sãtos estão, porq̃ eu, Saturno, & Iano  
Iupiter, Iuno, fomos fabulosos,  
Fingidos de mortal & cego engano:  
So pera fazer versos deleitosos  
Seruimos: & se mais o trato humano  
Nos pode dar, he so, que o nome nosso  
Nestas estrellas pos o engenho vosso.

12 Em fim, q̃ o summo Deos, q̃ per segundas  
Causas obra no mundo, tudo manda:  
E tornando a contarte das profundas  
Obras, da mão diuina, veneranda:  
Debaixo deste circulo, onde as mundas  
Almas diuinas: gozão, que nam anda,  
Outro corre tam leue, & tam ligeiro,  
q̃ não se enxerga: he o mobile primeiro.  
Com

83 Com este rapto, & grande movimento  
Vam todos os que dentro tem no seyo  
Por obra deste o Sol andando atento  
O dia & noite faz com Curso alheyo:  
Debaixo deste leue, anda outro lento  
Tam lento, & sojugado a duro freyo,  
Que em quãto Febo, de luz nũca escasso,  
Dozentos cursos faz, da elle hum passo.

84 Olha estoutro debaixo, que esmaltado  
De corpos lisos anda, & radiantes,  
Que tambem nelle tem curso ordenado  
E nos seus axes correm scintilantes:  
Bem ves como se veste, & faz ornado  
Co largo cinto douro, que estellantes  
Animais doze traz afigurados,  
Aposentos de Phebo, limitados.

85 Olha por outras partes a pintura,  
Que as estrellas fulgentes vam fazendo,  
Olha a carreta, atenta a Cinofura,  
Andromeda, è seu pai, è o drago horrêdo:  
Vã de Cassiopea a fermosura,  
E do Oriente o gesto turbulento,  
Olha o Cisne morrendo, que sospira,  
A Lebre, & os cães, a Nao, è a doce Lyra.  
Debaxo

*Os Lusíadas de L. de Camões.*

86 Debaxo deste grande firmamento  
Vês o Ceo de Saturno, tam antigo  
Iupiter logo faz o mouimento,  
E Marte debaxo bellico enemigo:  
O claro olho do ceo no quarto assento,  
E Venus, que os amores traz consigo  
Mercurio de eloquencia soberana,  
Com tres rostos debaixo vay Diana.

87 Em todos estes orbes, differentes  
Curso veras, nús graue, & noutro leue,  
Ora fogem de centro longamente,  
Ora da terra estam caminho breue:  
Bem como quis o padre omnipotente  
Que o fogo faz, & o ar, o vento, & neue,  
Os quaes veras que jazem mais adentro  
E tem co mar terra por seu cêtro.

88 Neste centro, poufada dos humanos,  
Quenão samente ousados se contentão  
De soffrerem da terra firme os dannos  
Masinda o mar instabil esprimentão:  
Vera as varias partes que os insanos  
Mares diuidem, onde se apousentão  
Varias nações, que mandão varios Reys,  
Varios costumes seus, & varias leys.

89 Ves Europa Christãa, mais alta & clara  
Que as outras em policia & fortaleza:  
Ves Affrica dos bês do mundo auara  
Inculta, & toda chea de bruteza,  
Co Cabo que atequi se vos negara  
Que assentou pera o Austro a natureza,  
Olha essa terra toda que se habita  
Dessa gente sem lei, quasi infinita

90 Vê do Benomotapa o grande Imperio  
De seluatica gente, negra, & nua.  
Onde Gonçalo morte & vituperio  
Padecerà pella fee sençta sua.  
Nace por este incognito Hemisperio  
O metal porque mais a gente lãa  
Vê que do lago donde se derrama  
O Nylo, tambem vindo estã Cuama.

91 Olha as casas dos negros, como estã  
Sem portas, confiados em seus ninhos,  
Na justiça Real, & defensam  
E na fidelidade dos vezinhos:  
Olha delles a bruta multidão (nhos,  
Qual bando espesso & negro de estorni-  
Combaterà em Sofala a fort. leza  
Que defenderà Nhaya com destreza.

Olha

*Os Lusíadas de L. de Camões*

- 92 Olha la as lagoas donde o Nilo  
Nace, que nam souberam os antigos  
Velo rega, gerando o Crocodilo,  
Os pouos Abalsis de Christo amigos:  
Olha como sem muro (nouo estilo)  
Se defendem melhor dos enemigos,  
Vè Meroe, que ilha foy de antiga fama,  
Que ora dos Naturais Nobà se chama.
- 93 Nesta remota terra hum filho teu  
Nas armas contra os Turcos sera claro,  
Ha de ser Dom Christouão o nome seu,  
Mas contra o fim fatal nam ha reparo:  
Vè ca a costa do mar onde te deu  
Melinde hospicio gasalhofo, & charo,  
O rapto rio nota, que o Romance  
Da terra, chama Obi, entra è Quilmance.
- 94 O cabo vè, ja Aromãta chamado,  
E agora Guardafũ dos moradores,  
Onde começa a boca do afamado  
Mar Roxo, que do fundo toma as cores,  
Este como limite està lançado,  
Que diuide Asia de Affrica, è as milhores  
Pouoações, que a partè Affrica tem,  
Maçua sam, Arquico, & Suamquem.

95 Ves o extremo Suez, que antigamente  
Dizem que foy dos Heroas a cidade  
Outros dizê que Arsinoe, & ao presente  
Tem das frotas do Egypto a potestade:  
Olha as agoas, nas quais abrio patente  
Estrada o gram Moyfes na antiga idade  
Asia começa aqui, que se apresenta  
Em terras grande, em Reynos opulentâ:

96 Olha o monte Sinay, que se ennobrece  
Co sepulchro de sancta Catherina,  
Olha Toro, Gidà, que lhe falece  
Agoa das fontes doce & crystalina:  
Olha as portas do estreito, que fenece  
No Reyno da seca Adem, que confina  
Com a ferra Darzira, pedra viua,  
Onde chuua dos ceos se nam diriuâ.

97 Olha as Arabías tres, que tanta terra  
Tomão, todas de gente vaga & baça,  
Donde vem os cauallos para a guerra,  
Ligeiros, & feroces, de alta raça:  
Olha a costa que corre até que cerra  
Outro estreito de Persia, & faz a traça  
O cabo, que co nome se apelida,  
Da cidade Fartaque allí subida.

*Os Lusíadas de L. de Camões.*

98 Olha Dofar infigne porque manda  
O mais cheiroso encenso pera as aras:  
Mas atenta ja destoutra banda  
De Roçalgate, & prayas sempre auaras,  
Começa o reino Ormuz, q̃ todo se anda  
Pellas ribeiras, que inda serão claras  
Quãdo as galês do Turco, & fera armada  
Virem de Castelbranco nua a espada.

99 Olha o Cabo Afaboro, que chamado  
Agora he Monçadão dos nauegantes,  
Por aqui entra o lago que he fechado  
De Arabia, & Perſias, terras abundantes.  
Atenta a ilha Barem, q̃ o fundo ornado  
Tem das ſuas perlas ricas, & imitantes  
A cor da Aurora: & vê na agoa ſalgada  
Ter o Tigris & Eufratres hũa entrada.

100 Olha da grande Perſia o Imperiõ nobre  
Sempre poſto no campo, & nos cauалlos  
Que ſe injuria de uſar fundido cobre,  
E de não ter das armas ſempre os calos:  
Mas ve a ilha Gerum como deſcobre  
O que fazem do tempo os interuallos,  
Que da cidade Armuza, que alli eſteue  
Ellà o nome deſpois, & a gloria teue.

Aquí

101 Aquí de dom Philippe de Meneſes  
Se mostrará a virtude em armas clara  
Quando cõ muito poucos Portugueſes  
Os muitos Parſeos vencerá de Lara  
Virão prouar os golpes & reueſes  
De dom Pedro de Souſa que prouára  
Ia ſeu braço Ampaza, que deixada  
Terá por terra a força ſo da eſpada.

102 Mas deixemos o eſtreito, & o conhecido  
Cabo de Iaſque dito ja Carpella,  
Com todo o ſeu terreno mal querido  
Da natura, & dos dões vſados della  
Carmania teue ja por apelido:  
Mas vê o fermoso Indo, que daquella  
Altura nace, junto à qual tambem  
Doutra altura, correndo o Gange vem.

103 Olha a terra de Vicinde fertiliffima,  
E de Iaqueta a intima enſeada,  
Do mar a enchente ſubita grandiffima;  
E a vazante que foge aprefurada  
A terra de Cambaya ve riquiffima  
Onde do mar o ſeo faz entrada,  
Cidades outras mil, que vou paſſando  
A voſotros aqui eſtão guardando.

*Os Lusíadas de L. de Camões.*

- 104 Ves corre a costa celebre Indiana  
Para o Sul, até o Cabo Comori  
Ia chamado Cori, que Taprobana  
(Que ora he Ceilão) de fronte tem de si:  
Por este mar a gente Lusitana,  
Que com armas virá despois de ti,  
Terá victorias, terras, & cidades  
Nas quais ham de viuer muitas idades.
- 105 As prouincias q̃ entre hum & outro rio  
Ves com varias nações, sam infinitas  
Hú Reyno Mahometa, & outro Gentio,  
A quem tem o demonio leys escriptas:  
Olha que de Narsinga o senhorio  
Tem as reliquias sanctas, & benditas,  
Do corpo de Thome, varão sagrado,  
Que a Iesu Christo teue a mão no lado.
- 106 Aqui a cidade foy que se chamaua  
Meliapor, fermosa grande, & rica,  
Os Idolos antigos adoraua,  
Como inda agora faz a gente inica:  
Longe do mar naquelle tempo estaua,  
Quando a fe que no mundo se publica,  
Thome vinha prégando, & ja passara  
Prouincias mil do mundo, que ensinara.  
Chegado

- 107 Chegado aqui prègando, & junto dando  
A doentes faude, a mortos vida,  
A caso traz hum dia o mar vagando  
Hum lenho de grandeza desmedida:  
Deseja o Rey que andaua edificando  
Fazer delle madeira não duuida  
Poder tiralo a terra com possantes  
Forças d'homês, de engenhos d'Alifâtes.
- 108 Era tam grande o peso do madeiro  
Que so para abalar-se nada abasta,  
Mas o nuncio de Christo verdadeiro,  
Menos trabalho em tal negocio gasta:  
Ata o cordão que traz por derradeiro  
No tronco, & facilmete o leua & arrasta  
Para onde faça hum sumptuoso templo,  
Que ficasse aos futuros por exemplo.
- 109 Sabia bem que se com se formada  
Mandar a hum môte surdo que se moua,  
Que obedecerá logo a voz sagrada,  
Que assi lho ensinou Chro, è elle o proua:  
A gente ficou disto aluoroçada,  
Os Bramenes o tem por cousa noua,  
Vendo os milagres, vendo a sanctidade,  
Hão medo de perder a autoridade.

## *Os Lusíadas de L. de Camões.*

110 Sam estes sacerdotes dos Gentios,  
Em quem mais penetrado tinha enueja  
Buscão maneiras mil, buscam desuios  
Cõ q̃ Thome não se ouça, ou morto seja:  
O principal, que ao peito traz os fios,  
Hum caço horrêdo faz. q̃ o mundo veja,  
Que inimiga ha tam dura & fera,  
Como a virtude falsa da syncera.

111 Hum filho próprio mata, & logo acusa  
De homicídio Thome, q̃ era innocente,  
Da falsas testemunhas, como se vĩa  
Condenarãono a morte breuemente  
O sancto que não vê melhor escusa,  
Que appellar pera o Padre omnipotente  
Quer diante do Rey, & dos senhores,  
Que se faça hum milagre dos mayores.

112. O corpo morto manda ser trazido  
Que resuscite, & seja preguntado  
Quem foy seu matador, & sera crido  
Por testemunho o seu mais aprouado  
Viram todos o moço viuo erguido  
Em nome de Iesu crucificado,  
Dã graças a Thome que lhe deu vida,  
E descobre seu pay fer homicida.

113 Este milagre fez tamanho espanto,  
Que o Rey se banha logo na agoa santa  
E muitos a pos elle, hum beja o manto,  
Outro louuor do Deos de Thome cáta:  
Os Bramenes se encherão de odio tanto  
Com feu veneno os morde enueja tanta  
Que persuadindo a isso o pouo rudo  
Determinão matalo em fim de tudo.

114 Hum dia que pregando ao pouo estaua,  
Fingirão entre a gente hum arruido  
Ia Christo neste tempo lhe ordenaua,  
Que padecendo fosse ao Ceo subido  
A multidão das pedras que voaua,  
No sancto da ja a tudo offerecido.  
Hũ dos maos, por fartase mais de pressa,  
Com crua lança o peito lhe atrauessa

115 Choráte Thome, o Gange & o Indo,  
Choroute toda a terra que pisaste,  
Mais te chorão as almas, que vistindo  
Se hião da santa fee q̃ lhe ensinaste:  
Mas os anjos do ceo cantando, & rindo,  
Te recebem na gloria que ganhaste  
Pedimos te, que o Deos ajuda peças  
Com que os teus Lusitanos fauoreças.

*Os Lusíadas de L. de Camões,*

116 Mas passo esta materia gloriosa  
E tornemos à costa debuxada  
Ja com esta cidade tão famosa,  
Se faz curua a Gangetica enseada,  
Corre Narsinga rica, & poderosa,  
Corre Orixa de roupas abastada,  
No fundo da enseada o illustre rio  
Ganges vem ao salgado senhorio.

117 Ganges, no qual os seus habitadores  
Morrem banhados, tendo por certeza,  
Que inda que sejam grandes peccadores,  
Esta agoa sancta os lava, & da pureza:  
Vé Chatigão cidade das milhores  
De Bengala prouincia, que se preza  
De abundante mas olha que está posta  
Pera o Austro daqui vîrada a costa,

118 Olha o reino Arrancão, olha o assento  
De Pegu, que ja môstros prouoarão,  
Môstros filhos do feo ajuntamento  
Dhũa molher & hú cão, q̃ fos se acharão:  
Aqui soante arame no instrumento  
Da geração costumão, o que vsarão  
Por manha da Rainha, q̃ inuentando  
Tal vso, deitou fora o error nefando.

Olha

120 Olha Taury cidade, onde começa  
De Sião largo o imperio tem produzido  
Tenassarî, Quedà, que he so cabeça  
Das que pimenta alli tem produzido  
Mais auante fareis que se conheça  
Malaca por Imperio ennobrecido,  
Onde toda a prouíncia do mar grande,  
Suas mercadorias ricas mande.

121 Dizem que desta terra coas possantes  
Ondas o mar entrando diuidio,  
A nobre ilha Samatra, que ja dantes  
Juntas ambas a gente antiga vio:  
Chersonezo foy dita, & das prestantes  
Veas douro, que a terra produzio,  
Aurea por epytheto lhe ajuntarão,  
Algũs que fosse Ophir imaginarão.

122 Mas na ponta da terra Cingapura  
Veràs, onde o caminho às naos se estreita,  
Daqui toruando a cofta à Cynofura  
Se encurua, & pera a Aurora se é dereita  
Ves Pam, Patane, reinos, & a longura  
De Sião, q̃ estes & outros mais fogeita,  
Olha o Rio Menam, que se derrama  
Do grande lago q̃ Chiamay se chama.

*Os Lusíadas de L. de Camões.*

123 Ves neste grão terreno os diferentes  
No mes de mil nações nunca sabidas,  
Os Laos em terra & numero potentes:  
Auàs, Bramal, por serras tam compridas:  
Vè nos remotos montes outras gentes  
Que Gueos se chamão de seluages vidas,  
Humana carne comem, mas a sua  
Pintam com ferro ardente, v lança cruz.

24 Ves passa por Camboja Mecom rio,  
Que capitão das agoas se interpreta  
Tantas recebe doutro so no estio,  
Que alaga os campos largos, & inquieta:  
Tem as enchentes quaes o Nilo frio,  
A gente delle crè como indilcreta,  
Que pena & gloria té despois de morte.  
Os brutos animaes de toda sorte.

125 Este recebera placido & brando,  
No seu regaço os cantos, que molhados  
Vem do naufragio triste, & miserando,  
Dos procelosos baxos escapados:  
Das fomes, dos perigos grandes, quando  
Serà o injusto mando executado,  
Naquelle cuja Lyra sonora,  
Sera mais afamada que ditosa.

Ves.

126 Ves corre a costa que Champà se chama,  
Cuja mata he do pao cheiroso ornada,  
Ves Cauchichina està de escura fama,  
E de Ainao ve a incognita enseada,  
Aqui o soberbo imperio, que se a fama  
Com terras, & riqueza nam cuidada,  
Da China corre, & ocupa o senhorio  
Desdo Tropico ardente ao Cinto frio,

127 Olha o muro, & edificio nunca crido,  
Que ètre hũ imperio & outro se edifica,  
Certissimo final, & conhecido,  
Da potencia Real, soberba, & rica:  
Estes o Rey que tem não foy nacido  
Príncipe, nem dos paes aos filhos fica,  
Mas elegem aquelle que he famoso,  
por caualairo sabio & virtuoso.

128 Inda outra muita terra se te esconde,  
Atè que venha o tempo de mostrar-se,  
Mas nam deixes no mar as ilhas, onde  
A natureza quis mais afamar-se:  
Està mea escondida que responde  
De longe à China donde vem buscar-se,  
He Iapão, onde nace a prata fina,  
Que illustrada fera coa a ley diuina

*Os Lusíadas de L. de Camões.*

- 129 Olha ca pelos mares de Oriente  
As infinitas ilhas espalhadas,  
Vé Tidore, & Tarnate, co feruente  
Cume, que lança as flammas ondeadas:  
As aruores veras do crauo ardente  
Co sangue Portugues inda compradas,  
Aqui ha as aureas aues, que nam decem  
Nunca à terra, & so mortas aparecem.
- 130 Olha de Bandá as ilhas, que se esmaltão  
Da varia cor, que pinta o roxo fruto  
As aues variadas que alli saltão  
Da verde noz tomando seu tributo:  
Olha tambem Borneo, onde nam faltã o  
Lagrímas, no licor qualhado, & enxuto,  
Das aruoras, q̄ Càmphora he chamado  
Com que da ilha o nome he celebrado.
- 131 Ali tambem Timor, que o lenho manda  
Sandalo salutefero, & cheiroso  
Olha a Sunda tam larga, que húa banda  
Esconde para o Sul difficuloso:  
A gente do sartão que as terras anda,  
Hum rio diz que tem miraculoso,  
Que por onde elle so sem outro vae,  
Conuerte em pedra o pao que nelle cae.

132 Vê naquella que o tempo tornou ilha,  
Que tambem flammastremulas vapora,  
A fonte que o oleo mana & a maravilha,  
Do cheiroso licor, que o tronco chora:  
Cheiroso mais que quanto estila a filha  
De Cynaras, na Arabia onde ella mora,  
E vê que tendo quanto as outras tem,  
Branda seda, & fino ouro da tambem.

133 Olha em Ceilão, que o môte se aleuanta  
Têto, q̃ as nuuês passa, ou a vista engana  
Os naturais o tem por cousa sancta  
Polla pedra onde està a pegada humana,  
Nas ilhas de Maldíua nace a pranta  
No profundo das agoas soberana,  
Cujopomo contra o veneno vrgente  
He tido por Antidoto excellente.

134 Verà de frente estar do roxo estreito  
Socotorà co amaro Aloe famosa,  
Outras ilhas no mar tambem fogueito  
A vos na costa de Affrica arenosa,  
Onde sae do cheiro mais perfeito  
A massa ao mundo occulta, & preciosa,  
De S. Lourenço ve a ilha afamada  
Que Madagascar he dalgús chamada.

*Os Lusíadas de L. de Camões.*

135 Eis aqui as nouas partes do Oriente,  
Que vossoutros agora ao mundo dais  
Abrindo a porta ao vasto mar patente,  
Que com tam forte peito nauegais:  
Mas he tambem razão, que no Ponente  
Dhum Lusitano hum feito inda vejaís,  
Que de seu Rey mostrandose agrauado,  
Caminho ha de fazer nunca cuidado,

136 Vedes a grande terra que continúa  
Vay de Calisto ao seu contrario Polo  
Que soberba a fará a luzente mina  
Do metal, que a cor té do louro Apolo  
Castella vossa amiga sera dina  
De lançarlhe o colar ao rudo colo  
Varias prouincias tem de varias gentes  
Em ritos & cultumes diferentes.

137 Mas ca onde mais se alarga alli tereis  
Parte tambem, co pao vermelho nota,  
De santa Cruz o nome lhe poreis,  
Descobrírlaha a primeira vossa frota  
Ao longo desta costa que tereis  
Irà buscando a parte mais remota  
O Magalhães no feito com verdade  
Portugues, porem não na lealdade.

Desquo

138 Desque pafar a via mais que mea,  
Que ao Antartico polo vay da linha,  
Dhúa eftatura quasi Gigantea  
Homés verà, da terra allí vizinha:  
E mais auante o Estreito, que se arrea  
Co nome delle agora; o qual caminha  
Pera outro mar & terra que fica onde  
Com suas frias affas o Austro a efeode.

139 Atequi, Portugiefes, concedido  
Vos he fabeiores os futuros feitos,  
Que pello mar, que ja deixais sabido,  
Virão fazer barões de fortes peitos:  
Agora, pois que tendes aprendido  
Trabalhos que vos fação ser aceitos,  
Aas eternas esposas, & fermosas,  
Que coroas vos tecem gloriosas,

140 Podeisvos embarcar que tendes vento  
E mar tranquillo pera a patria amada:  
Assi lhe disse, & logo mouimento  
Fazem da Ilha alegre, & namorada:  
Leuam refresco, & nobre mantimento,  
Leuão a companhia desejada,  
Das Nimphas q̄ hão de ter eternamente,  
Por mais tempo q̄ o Sol o mūdo aquēte.

Assi

*Os Lusíadas de L. de Camões.*

141 Assim foram cortando o mar sereno,  
Com vento sempre manso & nunca yrado  
Até que ouuerão o vista do terreno  
Em que nacerão, sempre desejado:  
Entrarã pella foz do Tejo ameno  
E a sua patria, & Rey temido & amado  
O premio & gloria dam, porque mādou  
E com titulos novos se illustrou.

141 No mais Musa, no mais que a Lira tenho  
Destemperada, & a vos enrouquecida.  
E não do canto, mas de ver que venho  
Cantar agente surda, & endurecida:  
O fauor cõ q̃ mais se acende o engenho,  
Não o dà a patria não, que esta medida  
No gosto da cubiça, & na rudeza  
Dhũa austera, pagada, & vil tristeza.

143 E não sey porque influxo de destino  
Não tẽ hũ ledo orgulho, & geral gosto,  
Que os animos leuanta de continuo,  
A ter pera trabalhos ledo o rosto  
Por isso vos ò Rey, que por diuino  
Conselho estais no regio solio posto,  
Olhay que sois (& vede as outras gêtes)  
Senhor so de vassallos excellentes.

Olhay

*Canto decimo.*

144 Olhai que ledos vão por varias vias,  
Quaes rôpentes Liões & beruos uoio;  
Dando os corpos a fomes & vigias,  
A ferro, a fogo, a setas & pilculos.  
A quentes regiões: a plagas frias.  
A golpes de idolatras, & de Mouios,  
A perigos incognitos do mundo,  
A naufragios, a pexes, ao profundo.

145 Por vos servir a todo aparelhados,  
De vos tão longe sempre obedientes,  
A quaesquer vossos asperos mandados,  
Sem dar resposta promptos & contêtes,  
So com saber que sam de vos olbados,  
Demonios infernaes negros & ardentes,  
Cometerão conuusco, & não duuido  
Que vencedor vos fação, não vencido.

146 Fauoreceyos logo, & alegrayos.  
Com a presença & leda humanidade,  
De rigurosas leis desaliuzayos,  
Que assi se abre o caminho à sanctidade:  
Os mais esprimentados leuantayos,  
Se com a experiencia tem bondade,  
Pera vosso conselho, pois que sab m  
O como, o quádo, & onde as coulas cabê.

*Os Lusíadas de L. de Camoës.*

- 147 Todos fauorecei em seus officios,  
Segundo tem das vidas o talento,  
Tenhão religiosos exercicios  
De rogarem por vosso regimento,  
Com jejús, disciplina, pellos vicios  
Comuns, toda ambição terão por vêtô,  
Que o bom religioso verdadeiro,  
Gloria vaã não pretêde, nem dinheiro.
- 148 Os caualeiros tende em muita estima.  
Poís cõ seu sangue íntrepido & feruête,  
Estendem não fomite a ley de cima,  
Mas índa vosso imperio prèminente,  
Poís aquelles que a tão remoto clima  
Vos vão servir com passo diligente,  
Dous inimigos vencem, hũs os viuos,  
(E o q̃ he mais) os trabalhos excessiuos.
- 149 Fazey senhor que nunca os admirados  
Alemães, Galos, Italos, & Ingleses  
Possam dizer que sam pera mandados.  
Mais que pera mandar os Portugueses:  
Tomai conselho so de esprimentados,  
Que virão largos annos, largos meses,  
Que posto que em cientes muito cabe,  
Mais em particular o experto sabe

*Canto decimo.*

150 De Phormião philosopho elegante  
Vereis como Anibal escarnecia:  
Quando das artes bellicas diante  
Delle com larga vos trataua & lia:  
A disciplina militar prestante  
Não se aprende senão na fantasia  
Sonhando imaginando, ou estudando,  
Senão vendo, tratando, & pelejando.

151 Mas eu que falo humilde, baxo, & rudo,  
De vos não conhecido, nem sonhado?  
Da boca dos pequenos sey com tudo,  
Que o louuor fae às vezes acabado,  
Nem me falta na vida honesto estudo,  
Com longa experiencia misturado,  
Nem engenho, que aqui vereis presente,  
Cousas que juntas se achão raramente.

152 Pera ser uos braço às armas feito,  
Pera cantar uos mente às musas daua:  
Soo me falece ser a vos aceito,  
De quem virtude deue ser prezada,  
Se me isto o ceo cõcede, & o vosso peito  
Diana empresa tomar da ser cantada,  
Como a presaga mente me vaticina,  
Olhando a vossa inclinação diuina,

*Os Lusíadas de L. Camões.*

153 Ou fazendo que mais que a de Medusa,  
A vista vossa tema o monte Atlante,  
Ou rompendo nos campos de Ampelusa,  
Os muros de Marrochos & Trudante,  
A minha já estimada & leda Musa,  
Fico que em todo o mundo de vos cáte,  
De sorte que Alexandro em vos se veja  
Sem à dita de Achiles ter enueja.

**F I M.**

Anotações  
AOS LUSIADAS  
de Luis de Camões.

*Anotações do primeiro Canto.*

**S**TANCIA primeira. *Trapobana*. He a ilha de Seilão, que está pera o Sul do cabo do Comorim, chamauase así antigamente, agora como digo se chama Seilão.

Stancia 2. *Africa & Asia*. A segunda & terceira parte do mundo.

Stan. 3. *O sabio Grego*. He Ulixes, do qual Homero poeta Grego escreveu. *O Troyano*. He Aeneas, de quem Virgilio escreveu, o liuro que se chama Eneidas.

*Alexandro Magno*, foy filho de Phelippe Rey de Macedonia, foy senhor da mayor parte do mundo. *Trajano*. Foy Emperador dos Romanos, & foy Espanhol. *Neptuno* tinham os antigos por Deos do mar, & a *Marte* tinham por Deos da guerra.

Stan. 4. *Tagides*. Nymphas do Tejo. *Phebo* tinham os antigos por Idolo da sabedoria. *Hipocrene*, era húa fonte no monte Parnaso, dedicada aos poetas.

## Anotações.

Stan. 6. Dirige a obra a el Rey dom Sebastião. *Da pequena Christandade.* Porque Portugal em comparação da Christandade, he húa pequena parte.

Stan. 7. *A victoria ja passada.* Por el Rey dom Afonso Enriquez primeiro Rey de Portugal, onde venceo no campo d'Ourique cinco Reys Mouros, & dali se tomou os cinco escudos das armas de Portugal, que representão as cinco chagas de Christo que lhe alli apreçeram.

Stanc. 8. *O Sol logo em nascendo.* Diz pollo Oriente *Hemispherio*, he meyo mundo. *Ismaelita Caualleiro*, diz pellos Mouros, que procedem de Ismael filho de Abraham. *Sançto rio*, pello rio Iordão.

Stan. 12. *Nuno Fero.* Pello Conde dom Nuno Alvarez Pereira primeiro Condestable de Portugal. *Hum Egas.* Por Egas Muniz, ayo del Rey Dom Afonso Anriquez. *Dom Euas Roupinho.* Primeiro Capitão do mar Portuguez. *Os doze de Inglaterra.* Por doze caualleiros Portuguezes que foram sustentar a honra das damas Ingresa. *Gama.* Por dom Vasco da Gama, que descobrio a India, de quem o autor trata por estenso nesteliuro.

Stancia 13. *Carlos Rey de França.* O Empe-  
rador

## Anotações.

perador Carlos Magno. *Casar.* Por Iulio Cæsar primeyro Emperador dos Romanos, *Primeyro Afonso*, por el Rey Dom Afonso Anriquez, *Dom Ião primeiro*, que venceu a batalha de Algibartota. *Dom Ião Segundo*, & *Dom Afonso seu pay* que em Africa alcançaram grandes victórias.

Stancia 14. *Reynos da Aurora.* Pello Oriete *Pacheco*, por Duarte Pacheco Capitão da India. Dom Francisco de Almeida primeyro Visorrey da India: & dom Lourenço de Almeida seu filho. Afonso de Alburquerque, o segundo Visorrey da India. Dom Ião de Castro, tábé Visorey da India, este descercou Dio.

Stan. 15. *Oriente.* He húa das quatro partes do mundo.

Stan. 16. *Tetis.* Filhá de Nereo, máy de Achilles, molher de Peleo, tomase pello mar.

Stan. 17. *Olimpica.* pello Olímpico monte de Tefalia muy alto, que dizem que passa as nuuens, que os poetas tomam pello ceo. *Dos dous auós*, polla paz, el Rey Dom Ioam terceiro da parte de seu pay, & polla guerra o Emperador Carlos Quinto da parte de sua máy.

Stan. 18. *Salso argento.* He metaphora, que significa o mar, argento significa prata & falso

## Anotações.

Salgado: *Argonautas*, a primeira nao chamada Argos, que nauegou pello mar, & por metafora sam os Portuguezes assi chamados.

Stan. 19. *Proteo*. Hera Idolo marinho, filho do Oceano, & de Thetis, apacenta no mar as baleas, que aqui diz pello gado.

Stan. 20. *Via latea*. Caminho por onde os Idolos hião a conselho. *Tonante* por Iupiter pay de Mercurio. *Neto gentil*, por Mercurio filho de Iupiter, & de Maya.

Stan. 21. *Arcturo*. He o Norte. *Austro*, o Sul. *Aurora* pollas partes do Oriente.

Stan. 22. *Estaua o padre*. Entendese per Iupiter. *Vulcano* fingem os poetas ser Idolo dos ferreiros, & dizem que faz os rayos que Iupiter lança ao mundo.

Stan. 24. *Estalifero polo*. Polos sam dous pontos, Norte & Sul. *Assiria* he regiã de Asia menor, agora se chama Turquia. *Persia*, he região da India, chama-se assi do nome de hũ seu Rey Perse.

Stan. 26. *Romulo*. q̄ edificou Roma, & sua gête pellos Romanos. *Variato* Capitão Portugues que alcanço victorias contra os Romanos. *Sertorio* Romano, Capitão de Portuguezes, porq̄ melhor lhe obedecesse seus soldados tinha hũa cerua brãca q̄ fingia ser seu oraculo, & o q̄ elle mandava era por sua ordem. *Ausiogelio lib. 15.*

## Anotações.

Stan. 27. *Africo & Noio.* São dous ventos, Noto pelo Sul.

Stan. 28. *A roxa entrada.* Entendese aqui pol lo cabo de Guardafum, que está na entrada do mar Roxo.

Stan. 30. *Bacho.* Foy filho de Iupiter, & Semele sua máy, fingese Idolo do vinho.

Stan. 31. *Doris.* Filha de Thetis & Oceano, casada cõ seu irmão Nereo, tomase aqui pelo mar *Nisa* he hũa cidade na India, onde foy criado Bacho, chamada así do amo Nisso q̃ o criou.

Stan. 32. *Indo.* He hũ rio na India, do qual tomou nome a India. *Parnaso,* he hum monte dedicado às Musas, fingem os poetas que Letes era hum rio o qual quem bebia nelle, se esquecia de tudo quanto tinha passado, & por isto diz da agoa do esquecimento.

Stã 33. *Tingitana.* Por Tágere cidade d' Africa.

Stan. 34. *Cytherea.* He Venus, chamase Cytherea da ilha Cythera, onde seu nome era celebrado. *Parcas,* fingem os antigos que erão tres Cloto, Lachesis, Atropos, as quais diz Cicero que erão filhas da noyte, & rio Erebo.

Stan. 35. *Austro & Boreas.* Dous ventos, Norte, & Sul.

Stan. 41. *Nectar.* Era hũa beberagem que bebião os falsos deoses, q̃ os poetas fingẽ, & fingẽ

## Anotações.

que comião hũ manjar chamado Ambrosia.

Stan. 42. *Os conuertidos em peixes.* Foram Venus & Copido, que estando junto do rio Eufrates viram o Gigante Tyfeo, & de temor delle se meteram na agoa, & tomaram figura de peixes, os quais depois Iupiter posentre os doze signos do Zodiaco, & pera dizer q̄ entrava o Sol no signo de Pices a onze de Fevereiro, vza desta frasis. *Tifeo* foy grádissimo de corpo & sahiam dos seus hõbros cẽ cabeças de dragões, & desafiou a Iupiter, & em paga deste atreuimento o confundio Iupiter com hum rayo, & o pos debaixo do môte Etna, que està em Cicilia.

Stan. 43. *Ethiopia.* He a Cafraria toda, chama se Ethiopia de Ethiopio filho de Vulcano que nella Reynou.

Stan. 46. *Phaetonte.* Como fingem os poetas, foy filho do Sol, & de Climene. este nam sabendo governar o carro do pay, abrasou toda Ethiopia. pello qual lhe deitou Iupiter hũ rayo & o matou, & cayo no rio Pado. Lampetusa irmaã de Phaetan chorando por elle, se conuerteo em alamo branco.

Stan. 49. *Lico.* Era chamado Bicho, & o licor tomase pello vinho.

Stancia 51. *Antarctico.* He o quarto circulo do

## Anotações.

do ceo, contrario ao Arctico, chama se o Sul: & Calisto húa estrella. Acheronte fingem os poetas que era húa alagoa dos infernos.

Stancia 52. *Pbocas*. Sam huns peixes como bois marinhos, parem em terra como gado, sam cubertos de pelle & de cabello, juntamse pera gerarem a maneira de cães, berrão como bezerros, & em terra vem a buscar o pasto.

Stancia. 53. *O claro descendente de Abraham*. Por Mafoma, filho de Abdala Gentio, & de Imila Ebreá, naceo anno de 568.

Stancia 56. *Phebo*. He o mesmo que Apolo, foy filho de Iupiter, & Latona, toma se pello Sol, & sua irmaã pella Lúa.

Stan. 59. *Aurora*. He nome proprio de húa moça, tomase pela menhá, *Hipirioneo* pelo Sol.

Stanc. 60. Como os Turcos vieram dos montes Caspios de Scítia, imaginauão estes, que os Portugueses fossem Turcos. gente odiosa aos Mouros.

Stá. 61. *Não usado licor*. Pello vinho não usado dos Mouros neste tempo.

Stá. 73. *O gram Tbebano*. Por Bachó filho de Iupiter & Proserpina, & fingem os poetas q̄ foy nacido de húa coxa de Iupiter se u pae.

St. 75. *O filbo de Philippo*. Por Alexádre Magno

## Anotações.

Emperador dos Romanos. Pello Macedonio, o proprio Alexandre Magno, que foy Rey de Macedonia. Pello Romano, entendese per Iulio Cæsar.

Stan. 84. *O rayo Polineo.* Toma se pello Sol di riuado de Apollo. *Montes Nabateos* sam os q estão na região Nabathea na India, o qual nome veo de Nabath filho primeiro de Ismael.

Stan. 89. *A plumbea.* metal de chumbo, toma se aqui pellos pelouros.

Stan. 92. *Pangaios.* São embarcações cõpri- das & estreitas, de que vsm naquellas partes.

Stan. 96. *Amphitrite.* Molher de Neptuno, & filha de Nereo Idolo do mar, os nomes de suas filhas sam Nisea, & Cymothoe Nymphas do mar.

Stan. 98. *Sinon.* Foy hum Grego que persuadio, & enganou aos Troyanos, a meter o caual lo de madeira em Troya, que foy causa de sua struição: *Phrigios* diz pellos Troyanos, do nome de húa filha de Cleope chamada Phrigia, q foy antes de Dardano, & de seu filho Troe, de donde se chamou Troya.

Stá. 100. *Cytbere.* Ilha õe Venus era celebrada

## Anotações do segundo Canto.

Stan.

## Anotações.

Stan. primeira. *O lucido Planeta.* Pello Sol, *Meta* significa o fim de qualquer cousa, diz lenta por ser no mar. *Erebo* fingem os poetas ser Idolo da noute.

Stan. 10. Diz isto por Bacho, que sempre tẽ a mocidade no rosto, porque o pintauão os Romanos sem barba, diz que naceo de duas mãis, porque foy cõcebido no ventre, & depois por sua morte fingem os poetas que seu pae o metteo na sua coxa, onde depois naceo.

Stan. 12. *Na Pancaya.* He terra fertilissima onde nace o balsamo, & encenso, & outras flores, aromaticas, *Tyoneo*, he nome de Bacho, diriuase de hum vocabulo Grego.

Stan. 13. *Amoça de Titão.* He a Aurora, foy Titão irmão de Saturno, & marido de Aurora, filho do Ceo & de Vesta.

Stan. 18. *Ericina.* Erix Filho de Botey & de Venus, foy morto por Hercules, & enterrado em hum monte de Cícilia chamado Erix, no qual Æneas edificou hum templo a Venus, & delle se chama Erisina.

Stan. 19. *Cerulea companbia.* Diz pollas Nymphas do mar: chama ao mar Ceruleo, porque tudo aquillo que he da cor do ceo azul se chama Ceruleo. *No salgado mar naceo.* Diz por Venus, que dizem alguns poetas auer nacido da escu-

## Anotações.

escuma do mar.

Stan. 20. *Cloto, Nise, Nixine.* Nymphas do mar, filhas de Nereo, *Nereidas* as mesmas nymphas.

Stan. 27. *Tritão.* Fingem os poetas ser Deos do mar, filho de Neptuno, & de Salacia Nympha marinha, *Dione.* He Venus, chamada assi do nome de sua máy.

Stá. 27. *Licia gente.* Diz que indo Latona fugindo de Iuno, a Licia achegou a querer beber de hũa lagoa, & huns pastores Licios lhe turbarão a agoa, por onde ella pediu a Iupiter que alli ficassem, & Iupiter os conuerteo em raás. Ouuidio Matamorphosio, libro 6.

Stancia 35. *Ulixes.* Capitão Grego, perigrinou vinte annos, atee chegar à sua terra, & na ilha Ogigia o teue Calipso sete annos namorada d'elle, atee que o soltou por Mercurio, *Antenor Troyano*, fundou a Veneza, *Iliricos*, he nome diriuado de Iliria, região que confina com Epiro chegada a Italia. *Timauro*, he hum rio junto de Aquilcia, *Scila & Caribdes*, eram dous baixos muy perigosos, que estauam no mar de Sicilia.

Stan. 43. *Leucate.* Era hum mar que se mette no mar Epiro. *Guerras Actras*, entende as guerras

## Anotações.

guerras que Augusto teve no mar com Marco Antonio onde o venceu com Cleopatra. *Nilo* he hum rio de Egypto. *Batra*, he Prouíncia de Scítia, chama se Batra, do rio Batro, os pouos desta prouíncia chamam se Baurianos, cujo Rey foy Zoroastes, inuentor da arte magica. *Scitico*, diz por Scítia, região do Norte, chama se de Scítia filho de Hercules, nace nelle muito ouro, em cuja guarda estam hums grifos: nesta região dizem que ha homens de hum soo olho.

Stancia. 44. *Chersonezo*. He ilha Samatra, que estaa defronte do Reyno de Malaca.

Stancia 45. *Gangetico mar*. Pello rio Ganges muy grande, de Bengala. *Gatidano*, outro rio ao Occidente. *Boreas*, diz pollas partes do Norte, atee o estreito de Magalhães, diz *agruado*, porque se foy a Castella agrado del Rey de Portugal, por nam lhe acrescentar a moradia. Contao Ioão de Bayros na terceyra Decada, libro quinto, capitulo 8. 9. & 10.

Stan. 46. *Filho de Maya*. Por Mercurio, filho de Iupiter, & Maya, que os poetas, fingem Emperador.

St. 47. *O Cillneo*. Veua diz pello mesmo Mercurio

## Anotações.

curio, decida o poeta finge pintando o com as insignias que lhe dão os poetas.

Stan. 15. *Diomedes*. Foy Rey de Tracia muy deshumano & cruel, o qual apacentava seus cavallos com as carnes dos hospedes que lhe vinhão a casa, mas despois Hercules o matou, & o deu a seus cavallos que o comessem. *Busiris* Rey de Egypto, auendo no seu Reyno grande esterilidade foy lhe dito pellos seus agoureiros que sacrificasse todos os hospedes que viessem a sua casa, mas por derradeiro foy morto por Hercules, *Immolar* propriaméte he matar pera sacrificio.

Stan. 56. *Lince*. He hum animal de varias cores, de costas pintadas, & de vista muy aguda.

Stá. 61. *Cilneo*. He Mercurio, como ja fica dito, porque foy criado no monte Cilino de Arcadia, ou porque o criou a Nympha Cilena.

Stá. 62. *O roubador de Europa*. He o signo de Tauro, quando Phebo q̄ he o Sol, entra neste signo, que he a dez de Abril. *Flora* foy hũa molher que veneraão os Romanos Gentios, por deosa das flores. *Amaltea* he a Cornucopia que foy hũa molher que criou a Iupiter. *O selo pos* entendese que era este dia, dia de Pascoa da Resorreição de Christo.

Stan. 68. *Pallas*. Tomase aqui polla eloquécia  
aquena

## Anotações.

aquem os Gentios fingiam ser deosa da ciencia

Stan. 72. *O perdido Itaco.* He Vlixes da ilha Itaca, onde naceo Alcino, achando a Vlyxes pedindo esmola, escapando do naufragio que se auia perdido na nao que lhe dera Calipso, & auendo Neptuno destruido porque cegou a Polifemo seu filho, auendo dô Alcino delle, por rogos de hũa sua filha, lhe deu matalotagé para se tornar pera a sua terra.

Stan. 80. *Os Tremulos.* São os foguetes, os cometas sam hūs rayos que se gerão na região do ar, das exalações da terra. *Sicoples* sam hūs Gigantes de Cicilia, que tem hum so olho na testa, dizem os poetas que sam ferreiros, & ministros de Vulcano ao pé do monte Etna, e stão fazendo rayos & curiscos a Iupiter.

Stan. 82. *A mãy de Menon.* Entêdesse polla Aurora, que he a menhaã, que foy molher de Titon de quem ouue a Menon.

Stan. 89. *O Murice.* He hum bicho, do qual se faz a tinta pera a escarlata fina. *Da bella Nympha* he Iris, q̄ comūmête chamão arcoda velha.

Stan. 93. *Speridas.* Forão filhas de Atlante, cujos nomes eram Egle, Arethusa, Therpetusa, dizem os poetas que em Africa tiuerão hũa horta, em que auia maçaãs de ouro, das quais estaua em guarda hum dragão, o qual matou

Hercules

## Anotações.

Hercules, & trouxe as maçaás de ouro a el Rey Eristeo.

Stanc. 95. *Eollos*. Foy filho de Iupiter senhor das Ilhas, Eolias, fingirão os poetas que era Rey dos ventos, porque foi o primeiro que teve delles noticia.

Stanc. 98. *Esperia vltima*. diz por Italia, chamada así de Hespero irmão de Atalante.

Stanc. 102. Antigamente fingem os poetas q̄ pelejarão os Gigantes com os fingidos deuses, E pera os botarem do ceos, tomarão tres montes os maiores do mundo, que foram, *Osa*, *Pindo*, & *Olimpo* & pôdo hũ sobre outro, pera subirem ao ceo, & vendo Iupiter sua soberba, cõ hũ rayo os destruyo, *Peritos*, filho de Inſion, & *Teseo*, filho de Egeo, decerão aos infernos à furtar a Proſerpina molher de Plutão.

Stanc. 103. *Tesiphonio*, grande architector, *Horſtrato*, queimou o templo de Diana; hũa das sete marauillas do mundo: por ficar memoria delle.



*Anotações.*

ANOTACÕES DO  
*terceiro Canto.*

Stane. 1. *Caliope*. hũa das noue musas. O claro inuentor da medicina, foi Apollo, Orfeo foy seu filho. E de Caliope, inuentor da musica, *Daphne*, filha do rio Peneo, a qual querendoa enforçar Apollo, fingem os Poetas que foy cõuertida em Louro, *Clicie*, *Leucobõe*, forão Nymphas amadas de Apollo.

Stancia. 2. *Aganipe* fonte de Beecia, dedicada às Musas dizem os Poetas, que os que bebem desta fonte se tornão sabios, *Pindo*, monte de Thesalia, dedicado a Apollo, & aas musas.

Stancia. 6. nesta Stancia faz descripção das partes do mundo: diuidem os Astrologos o Ceo em cinco Zonas, as duas do cabo por frias, não se abitão, como a do meio por que te:as que ficão são as duas temperadas, hũa chamada Cancro, que senhorea à Europa, & à outra chamada de Capicornio onde estão os nossos Antipodas.

Stancia. 7. O rio que dos montes Rifeos vai correndo, he o Rio *Tanais*, os montes Rifeos são de Scitia, *Meotis*, he hũa alagoa de Scitia que está pera o norte, casi sempre esta cõ o frio

## Anotações

congelada, diz pello mar Helesponto. *Troya* segundo Seruio, he região de Asia menor, onde esteve a fortaleza de Ilioo, & os paços de Priamo.

Stan. 8. *Hyperboreos*. São huns montes de Scitia, diz Feito que viuem estes homens muito tempo mais que os outros, porque sam os ares muy sadios, & os ventos q̄ respirão, muy to bons. *Eolo* tomase aqui por estes ventos.

Stan. 9. *Ponos de Scitia* os quais forão muito esforçados, porq̄ desbaratarão a Dario querendo elle fogeitalos: tiuerão grandes guerras com Quiro Rey de Egypto, de que aqui falla o poeta.

Stan. 10. *A Lapia fria*. He húa ilha muy fermosa onde Reynou Perito, os moradores della forão despois pouoar Pindo. *Eotbris*, montes de Tesalia. *Noruega* he região de Europa, està dabanda do Norte contra o mar Oceano de Alemanha, *Escandenaui*, he húa ilha do mar pera o Norte. *Sarmacia*, he húa região apar do Danubio, contra a alegoa Meotis, da qual o seu mar toma o nome Sarmatico, Brusio, Suecío.

Stan. 11. *Tanais*. Rio de Scitia, diuide Asia de Europa. *Rutenos* pouos de França. *Moscós* pouos de Asia contra o Norte. *Hircinia* he hú bosque de Alemanha, que nam se pòde andar

## Anotações.

em menos de 209 dias, & isto de largo. *Marcomanos*, poucos de Alemanha que acompanharam a Ariouisto Rey, naquella guerra em que Cesar o desbaratou. *Polonios*, poucos de Polónia, *Saxones*, região de Europa, alem do Danubio, *Reno*, rio de França que corre do pico dos Alpes, & se mete no mar Oceano. *Danubio*, rio de Scitia chamado Isther, nasce no cume de Sarnobe, monte de Alemanha & recolhendo em si sesenta rios, metese no mar. *Albis*, rio de Boemia, diuide Morauia de Boemia.

Stan. 12. *Istro*, o Danubio. *Hele*, era húa Nimpha que indo fogindo sobre o velocino douro, caio no meo do mar onde perdeu a vida, & ficou ao mar o nome de Elefponto, de Elle. *Hemo*, & *Rodope*, montes de Tracia.

Stan. 13. *Macedonia*, he húa região assí chamada de Macedo filho de Iupiter, tem hum rio muito nomeado de que aquí falla o poeta que se chama, *Axio*.

Stan. 14. *Dalmatas*, são poucos de Dalmacia. Onde *Antenor* ja muros leuanto, diz por Padua cidade de Italia.

Stan. 15. Os montes *Apeninos*, são os que diuidê Francia de Italia. O *porteiro*, tem diuino por são Pedro.

Stan. 16. *Galia* he França, Cesar a fez tribu-

## Anotações.

taria ao pouo Romano. *Sequana*, *Rodano*, *Garuna*, *Reno*, sam os principaes rios de França. Os montes *Pyreneos*, da Nimpha *Pirene* que esta nelles sepultada. Diuidem Espanha de França. Stan. 18. *Tingitana*, he a cidade de Tangere em Africa. O mar Mediterraneo, he todo o mar do estreito de Gibraltar pera dentro. *Tebano*, he Hercules nacido em Tebas. Este chegou ao Estreito de Gibraltar, & com suas forças abrio os montes, & deu caminho ao mar se metesse polla terra dentro.

Stan. 19. *Partenope*, he a cidade de Napoles, assi chamada de hũa Nimpha q̃ ali foi enteriada.

Stan. 21. *Os incolas primeiros*, Habitantes da provincia Lusitana.

Stan. 22. *O pastor*, entende Variato que véceo as forças dos Romanos. *O velho*, entende o tempo, que veio a fazer de Lusitania Reino.

Stan. 23. *Affonso*, ElRei dom Affonso Enriquez primeiro Rei de Portugal. *Sarracenos*, sam os Mouros, de Scrra molher de Abraham. *Agarenos*, de Agar sua escrava. *Herculano Calpe*, por Gibraltar. *Caspia*, serra de Scitia.

Stan. 27. *Hierosolima* polla cidade de Hierusalem. *Iordam* rio de Iudea: chamase Iordam de duas fontes donde nasce, chamadas *Ior*, & *Dam*. Neste rio bautizou S. Ioão Baptista a Christo.

## Anotações.

*Gofredo*, foi capitão geral da conquista da terra santa. *Iudea*, prouincia de Palestina.

Stan. 29. *Hymineo*, quer dizer casamento.

Stan. 32. *Progne*, foi filha delRei dos Athenienses, casada com Tereo Rei de Tracia. Esta matou seu próprio filho, & o deu a comer a seu marido, porq̄ forçou a sua irmãa *Philomela Medea*, matou seu irmão indo fugindo cō Iasam. porque o pae q̄ a seguia se detiuesse a recolher os mémbros de seu filho & assi se escapou. *Sila*, filha de Niso matou a seu pae por amor delRei Minos, com quem cuidaua casarse.

Stan. 39. *Scinis*, foi hum ladrão famoso junto a Corinto, & de tão grandes forças que abaxaua as pontas dos arvores ao chão, & nellas ataua os que roubaua pera os despedaçar. *Perillo*, este prometendo a Falaris Rei muito cruel hū nouo tormento pera atormentar os homés, q̄ foi hum touro de metal, com hūa arte que metido hum homem dentro, & pondo brasas por baixo, o fazia acabar com berros como touro: de que espantado o tyranno, o mandou meter dentro porque pagasse a crueldade que auia inuentado pera os outros.

Stan. 41. *Dario* Rei dos Persas tendo cercado a Babylonia, Zopiro seu graude privado se cor

## Anotações.

tou os narizes, & beiços, & entrou na cidade fingindo fugir pera os Babilonios, pelo qual Dario tomou a cidade por astucia deste feito, mas depois o mesmo Dario dixe muitas vezes que mais quizera saõ o seu Zopiro, que ter tomado vinte Babilonias.

Stan. 44. *Tremodonte*, he hum rio de Capadocia, junto do qual antiguamente viuerão as Amazonas, cuja Raynha na boca deste rio edificou hũa cidade a que chamou Tremiseira.

Stan. 47. *Moloso*, toma pelo cam, porque os cães de Moloso sam os melhores.

Stan. 51. *Os cauallos de Neptuno*, porque Neptuno dando com o seu tridente na terra sayo hum cauallo.

Stan. 55. *Escabelicastro*, por Santarem, nome antigo.

Stan. 56. *Nayadas*, sam Nimphas das fontes, & diz isto porque he muy viçosa de fontes.

Stan. 57. Lisboa, que foy tomada aos mouros que foy edificada per Vlixes, com ajuda de hũa armada de Inglaterra, chamalhe partes Boreais, como se dixesse das partes do norte.

Stanc. 58. *Albis*, he *Reno*, ja atras fica dito.

Stan. 60. *Ibero*, rio de Espanha, chamase assi del Rey Iberio, *Betbis*, outro rio de Espanha.

*Vandalia*, região de Europa contra o norte, to

## Anotações.

ma o nome do rio Vandalo, que o rega.

Stan. 62. *Terras Transaganas*, por Alem Tejo. Ceres tinham os Gentios por Deosa da sementeira, por ser a primeira q̄ inuentou a lauoura,

Stan. 63. Diz por Euora, *O rebelde Sertorio*, por que se conjurou contra a patria, & levantou se com a cidade de Euora, & matou o capitão della, & fez seu assento na cidade. *As agoas nittidas*, polla agoa da prata, que vem por canos à cidade. *Giraldo*, foy hum Portugues, que a tomou aos Mouros.

Stan. 70. Estando em Badajoz foi nella cercado de dom Fernando Rei de Lião seu genro, porque tendo a mae presa em ferros, lhe lançou maldiçam que em ferros se lhe quebrassem as pernas, & así foi, que saindo pera a batalha a cavallo, deu com a perna em hum ferrolho da porta, donde a quebrou.

Stan. 71. Pompeo foi desbaratado por seu sogro Iulio Cæsar. *Nemesis* tinham os Gétios por deosa da discordia. *Fasis*, he hum rio grande de Colchos. *Siene*, he húa cidade que está sobre Alexandria, debaixo do Tropico do Cancro. O que o poeta diz que pera nenhum cabo a sombra inclina, he porque ao meodia em Siene nenhúa sombra faz húa pessoa, nem outra qualquer cousa. *Beotes*, he o Setestrello,

## Anotações.

entendese a linha frigida do Polo Arctico.

Stan. 72. *Eniocos* sam pouos da ilha Eni, a qual ilha segundo Ptolomeo está apar do Seo Arabico. Estas terras todas que o poeta refere, sam as q̄ venceo Pôpeo. *Colchos*, he hũa região apar do Ponto, onde estava o veo dourado.

*Capadoces*, sam os pouos de Capadocia. *Sofenos* sam hūs pouos mui mimosos de Armenia maior. *Silicios*, se chamão de Silis rio de Veneza, o qual em nascendo se mete em hũa lagoa. *Armenia* Região de Asia.

Stan. 73. *Mar Atblante*, he o que se mete em Lybia & ilhas Fortunadas, que agora sam as Canarias. *T 4 o*, monte mui alto, que se levanta do mar Indico. Hum está em Scitia, & outro em Armenia deste mesmo nome.

*Campo Amathio*, da regiam Amathia que esta em Macedonia.

Stan. 74. *O sacro promontorio*, pollo cabo de S. Vicente.

Stan. 77 *Atblas* foi Rei da Mauritania primeiro inuentor da Astrologia, por isso dizem os poetas que tem o ceo na sua cabeça. Este mostrando a Perseo a cabeça de Medusa, o converteo em pedra. Antes foi filho de Neptuno, & da terra, gigante mui grande: teve hum castello em Africa, na parte onde chamão Lybia.

*Tinge*

## Anotações.

*Tinge*, lugar em Africa, onde o proprio Anteo tinha sua sepultula. *Iuba* foi Rei de Africa.

Stan. 79. *Trabuco*, & *Ariete*, sam instrumétos de guerra.

Stan. 83. *Palida*, quer dizer amarella. *Libitina*, fingião os Gentios ser hũa Deosa que tinha hũ templo da morte, onde se vendião as cousas necessarias pera as obsequias dos enterramentos. Tomase tambem pola tumba.

Stan. 84. *Echo*, he a voz que ouuimos nos valles retumbar.

Stan. 86. *Foi das valentes gentes ajudado*, porque foi ajudado de Philippe Conde de Frandes primeiro do nome, casado cõ sua irmã dona Teresa, quando vinhão da conquista de Hierusalẽ.

Stan. 92. *Nero*, foi Emperador Romano, o mais cruel homem que ouue no mundo. Este mandou abrir sua mãe pera ver as entranhas donde andara, & mandou por fogo à Cidade de Roma, porque diz que folgaua de a ver arder. *Helto Gabalo*, cruelissimo Emperador.

*Sardanapalo*, foi o derradeiro Rei dos Assyrios, foi mui dado a sensualidades & carnalidades.

Stan. 93. *Sicilia*, Ilha de Italia, chamada Sicilia de Siculo filho de Neptuno. *Phalaris*, ja fica dito atras.

## Anotações.

Stan. 97. *Minerva*, fingirão os poetas deosa e fabedoría. *Helicon*, monte de Boecia, dedicado às Mulas. *Musas* fingirão os poetas q̄ erão filhas de Iupiter: erão noue, q̄ em Latim quer dizer canto, donde a arte do canto se chamou Musica. Morauão no monte Parnaso de Helicon. *Mondego*, rio famoso q̄ passa por Coimbra. *Athenas*, cidade de Grecia, onde antigualmente floreceram as letras. *Bacharo*, raiz de hũa erua muito cheirosa. Desta erua & do louro se coroauão os poetas.

Stan. 98. *Atropos*, he hũa das Parcas, as quaes fingem os poetas, que tinham poderio na vida dos homês, & por isso se toma tambem polla morte, como o poeta o toma aqui.

Stan. 100. *Semiramis*, Rainha dos Assyrios, mo lher del Rei Nino, conquistou grande parte da India. *Hidaspicos campos*, sam os campos de Hidaspe rio da India. Aqui trouxe Semiramis grande copia de gente. *Atila*, foy hum da casta dos Scitas, o qual destruyo grande parte de Italia. *Goticos*, sam hũs pouos muí belicosos da região de Europa. confinam com Dacia.

*Tartessos*, pollos campos de Tarifa, onde se achou el Rei dom Afonso de Portugal em ajuda doutro dom Afonso Rei de Castella, que chamão a batalha do Salado, q̄ foi ano de 1340.

Stan.

## Anotações.

Stan. 105. *Muluca*, he hum rio piqueno em Africa, que he tamanha sua corrente, que muitas vezes se não passa.

Stan. 111. Compara a historia de David, que teue com o Gigante Philisteo.

Stan. 115. *Thetis*, tomase polo mar. por ser delle Rainha. Fingião os poetas quando o sol se punha se recolhia no mar. *Vespero* he hũa estrela que se chama Venus, aparece sempre depois do sol posto, por isso se toma pola tarde.

Stan. 117. *Mario*, que se leuantou com o Império Romano contra Scila nas guerras ciujs. Depois foi vencido por Scila. Depois tendo o Consulado mandou degolar à espada todos os que acompanharão a Scila, & depois se matou com suas mãos, por seus inimigos nam tomarem vingança delle. *Peno asperissimo*, por Hannibal, que matou na batalha de Canas tantos Romanos, que mandou a Cathago tres alqueires de ancis, que so os caualeiros illustres os trazião.

San. 118. *Cocito*, he hum rio do inferno. que corre do rio Stigio, & daqui se chama Plutão Cocito. O Emperador Tito, que destruyó Hierusalem. *Vates* pollos Profetas.

Stan. 126. *A mae de Nino*, foy Semíramis que dizem que a criaram hũas pombas.

## Anotações.

Os irmãos que Roma edificarão, forão Romulo, & Remo, que os criou hũa loba.

Stan. 131. *Policena*, filha de Priamo & Ecuba, de quê se namorou Achilles, & por ella o matarão. *Tyrro*, foi filho de Achilles, q̄ em vingança da morte de seu pae matou despois Policena.

Stan. 133. *Thyestes*, foy filho de Pelope & Hipodamia, irmão de Atreu. Foi cruelissimo, da uia de comer aos hospedes carne humana. Vindo o Sol, & vendo a crueldade deste, dizem os poetas que tornou o carro atras, porque vio estar comendo seus proprios filhos, que lhos daua seu irmão Atreu.

Stan. 136. *Que com Lepido, & Antonio, &c.* diz porque quá lo se fizerão os concertos nas guerras ciujs, se concertarão de matar a Bruto & a Calsio matadores de Cæsar, & a outros muitos: & o mesmo diz se fez de Gaspar Coelho, de quem o poeta falla.

Stan. 137. *Alcides ou Theseo*. Alcides he Hercules, chamase Alcides de Alces sen auô *Theseo*, este & o mesmo Alcides matarão muitos ladrões, s. a Caco, Sciron, Procusto, Sciemes, Creonte, & Minotauro.

Stan. 140. *Helena*, foi Rainha de Grecia muito fermosa, à qual furtou Paris cõ outros Troianos. Apio Claudio Romano roubou a Virgínia,

## *Anotações.*

nia. Tarquino por Lucrecia, David por Berfabeo Tribu de Benjamin, pola molher do Leuita, & Pharao por Sarra molher de Abrahão. Sichern por Dina filha de Iacob.

Stan. 141. *Omphale*, Rainha de Lidia, de quem se namorou Hercules em tanto extremo que o fez fiar & vestir como donzella. *Peno* chama a Hannibal Carthagines, por se afeiçoar tanto a hũa moça vil que vïo na Pulia, que he em Calabria, de que lhe resultou grande dano.

Stan. 142. *Vulto de Medusa*, ja fica dito. canto 3. Stan. 77.

## *Anotações do Canto quarto.*

**S**TAN. 5. *Astyanas*, foy filho del Rei Priamo de Troya, que de pois de destruida, Vlysses porq̃ não ficassem reliquias de Priamo, que de pois pudessem tomar vingança, tomou este Astianas que era minino, & feito em pedaços o deitou de hũa torre, & assi o fez o vulgo a dom Martinho Bispo de Lisboa.

Stan. 6. *Mario & Scila*, ja fica dito, no can. 5. Stan. 137.

Stan 8. *Brigo* entendese por Castella a velha que era o nome do quarto Rei q̃ veo gouernar a Espanha antes dos Godos, que segundo autores antigos, se chamaua Castilla Brigia: & Brigo

## Anotações.

em lingua Armenica significa alcaide, de donde se diriuou que a terra que governaua el Rei Brigo se chamou Brigia. *Fernando & Rodrigo*, he o Conde Fernão Gonçaluez, & o Cid Rui Diaz.

Stan. 9. *A ilha dos Tyrios*, diz por Cadiz.

Stan. 12. *Sansom* tinha a força em hũa guedelha de cabellos, os quaes lhe cortou Dalida, pelo qual foi vencido dos Philisteos.

Stan. 21. *Publio Cornelio*, Mancebo Romano depois da batalha de Canas, estando Roma pera se entregar a Hannibal se offreceo a sostentar a patria, & fez o que aqui dom Nuno Alurez.

Stan. 24. *Xerxes*, foy Rey dos Persas, passou a Grecia com tam grande exercito, que dizem os historiadores serem dezasete vezes cẽ mil homens.

Stan. 27: *Ceres*, la atras fica dito ser deosa das sementeiras. *Austrea* he o signo de Virgo.

Stã. 31. *Sertorio Coriolano Catilina*, Todos estes tres forão Romanos levantados contra a patria & o principal foi Coriolano, & assi apertou tanto que foi necessario sair a elle sua mae mulher & filhos a aplacalo em nome da cidade. De Catilina escreue Salustio, de Sertorio Plutarco de Coriolano Valerio Maximo.

O *Reino de Sumano*, tomase polo inferno, de *Sumano*,

## Anotações.

mano marido de Proserpina.

Stan. 40. *Stigio* lago do inferno.

Stan. 41. *Trifauce*, he o Cáocerbero porteiro do inferno, chamão-lhe Trifauce porque tinha tres cabeças.

Stan. 47. *A paz desejada*, Diz porque casou el Rei dom Ioão de Portugal com dona Philipa, & dom Anrique filho del Rey dom Ioam de Castella com dona Caterina, filhas do duque de Alencastro, com que ouue pazes entre Portugal & Castella.

Stan. 48. Este Rei dom Ioão passou a Africa, & tomou a cidade de Ceita.

Stan. 49. O conde dom Iulião pae da Caua, polla cidade de Ceita deu entrada aos Mouros em Espanha. Das mais cousas conteudas nesta estancia fica dito atras em muitas partes.

Stan. 53. *Codro*, Rei dos Atenienfes, como na guerra Peloponense disse o oraculo que vencerião se matasem seu proprio Rei Codro, o qual sabido por elle se pose em trajos vjs, & desconhecido começou a deshonrar hús soldados, & assi lhe deu occasião pera o matarem. *Regulo* nam se quis resgatar leuandolhe seu resgate por bem de sua patria. *Curcio*, foi hū Romano que se lançou em hūa abertura que auia em Roma, a morrer por libertar a patria.

## Anotações.

*Decios* foram tres pae & filho & neto, que se offerecerão à morte por amor da patria.

Stan. 55. *Tirintio* diz por *Hercules*, que era o que guardava as maçãs d'ouro em Africa como a tras fica dito. Diz que el Rei dom Afonso colheu estas maçãs, porque passou a Africa.

Stan. 62. *Mar alto Syculo*, polo mar de Sicilia. *As ribeiras*, diz pelas de Alexandria no Egypto. *Memphis* a propria cidade no Egypto, onde estiverão os pyramides. hũa das sete marauillas do mundo. *Ethiopia* sobre Egypto, he o preste João, & por isso diz que guardão os ritos dos Christãos.

Stan. 63. *Ondas Erytreas* he o deserto. q̃ faz ondas de area como de agoa. *Serras Nabateas*, he Arabia, de Nabathe filho de Ismael. *A mae de Adonis* foi Mirrha. *As tres Arabias*, sam Felix, Petreia, & deserta.

Stan. 64. *O Estreito Persico*, he o q̃ vay ter de Baçora a Ormuz, & nelle entrão os dous rios Tigris & Eufrates, & hũ delles passa por Babilonia. O Emperador Trajano passou com seu exercito a Babilonia, & chegou a Baçora, & daqui não ousou passar, ainda que sua tenção era passar à India.

Stan. 65. *Carmania & Gedrosia* região de Asia maior, da qual escreue Pomponio Mela.

## Anotações.

Stã. 68. *Morfeo*, fingirão os poetas q̄ era Deos do sono, & se mudaua em varias figuras.

Stan. 72. *Aretusa*, Nimpha, a qual fugindo dos braços de Alfeio rio, se conuerteo em fonte, & oje tem o proprio nome, & esta em Sicilia, & por isso diz em Siracusa.

Stan. 80. Hercules filho de Iupiter & Alcmena foi perseguido de Iuno sua madrastra, & por ordê de Euristeo Rei de Grecia o mādou pera q̄ morresse à cõquista destes môstruos. O *Leão*, q̄ andaua destruindo as terras de Cleone. As *Arpias*, q̄ erã hũas aues muí feroces. O *porco de Erimanto*, q̄ trouxe às costas, cõ cuja medonha vista se escondeo Euristeo. A *serpe*, chamada a *Hidra* de sete cabeças. O *Cancerbero* dos infernos, q̄ tãbem trouxe, & outras auenturas que lhe ficarão dos doze trabalhos. *Dite*, tomase aqui por Plutão Rei dos infernos.

Stan. 83. *Mynias*, capitão dos que forão a conquistar o vellocino dourado na nao de Argos q̄ foi a primeira que nauegou no mundo. Chamase fatidica, porq̄ foi fadada por Minerva.

Stan. 85. *Argos*, era hum pastor q̄ tinha cem olhos na cabeça: foi morto por Mercurio.

Stan. 87. O *mosteiro*, diz por Belem porq̄ anti guamente se embarcauão os que hião pera a India naquella parte.

## Anotações.

Stan. 98. Fingirão os poetas que ouue quatro <sup>idades</sup> idades: a primeira chamarão de ouro, porque entam os homês nam sabião mal nenhum: & desta diz o poeta que nos priuou o Ceo polo peccado.

Stan. 103. *Prometeo*, filho de Iapeto, fingem os poetas que fez hum homem de barro, & vendoo tam fermoso vio que lhe faltaua calor, por onde foi ao ceo, & furtádo fogo lho meteo no peito, pollo qual foi castigado, que nos infernos as Harpias lhe estiuessẽ comendo os bofes.

Stan. 104. *O moço miserando*, era Faetom, que atras fica dito sua fabula. *O Architector & o filho*, era Dedalo & Icaro, que inuentou o engenho das asas pera voarem, & o filho cahio no rio poronde se afogou, & o pae passou a saluo.

## Annotações do Canto quinto.

**S**TAN. 2. *Lume eterno*, chama ao Sol. *Animal Nemeo*, entende o Leão que Hercules matou na mata Nemea, no qual signo entra o Sol cõmunmẽte aos catorze dias do mes de Junho. *Na seista idade andaua enfermo & lento*, O mundo està repartido em seis idades, & esta em que oje estamos he a seista.

*Enfermo*

## Anotações.

*enfermo* porque he velho, *lento*, porque anda va-  
garoso. Declara o poeta, que partio Vasco da  
Gama no anno de 1497.

Stan. 4. Dom Anrique, filho del Rey dom  
Ioão primeiro, com sua industria fez descobrir  
toda a costa de Guine, & as ilhas do corpo san-  
cto, & da Madeira: *Terra que Anteo*, por Africa  
onde esta enterrado Anteo.

Stan. 5. *Sipro, Gido, Pafos & Cithera*, ilhas, & ci-  
dades, onde Venus hera celebrada.

Stan. 6. *Azanegues*, prouincia de Guine em  
Africa, terra esteril onde ha muitas Hemas, que  
saõ huas aues que desistem ferro.

Stan. 7. *O filho de Cimine*, he o Sol, & *aquem  
nega a cor* he aos negros que viuem naquela re-  
gião, *Sornaga* he hu rio. *Arfinario*, nome antigo  
do cabo Verde: chamoule Arfinario, de huã mo-  
ça chamada Arfinaria, que ali governou.

Stan. 10. terras, & rios de Guine, *Mandinga*, rio  
de Guine aonde se acha o ouro, o qual rio se vai  
meter no rio Gábea, & vão a meterse no mar  
Athalantico.

Stan. 11. *As Dorcadas* sam junto do cabo Ver-  
de. *Asimãs*, que se feruião de hu olho, sam Medu-  
sa, & suas irmaãs a qual fabula fica ja dita atras.

Stan. 12. Escreue nesta estancia, como hião  
correndo a costa de Africa, sempre com a proa

## Anotações.

pera o Sul, demandando o Cabo de Boa esperança. Nomea a ilha de S. Thome, porque se descobriu em dia de S. Thome.

Stan. 13. *Zayre* rio de Guine. *Calisto*, ja fica dito atras, canto 1. Stan. 51. *O meo do mundo he limitado*, he a linha Torrida, que corta em direto a Ilha de Santome.

Stan 14. Diz nesta stancia, que passando a linha logo se perde o Norte, & antes de chegar a ella algũs graos. Mas descobrese o polo Antartico. *Polo fixo* chama-se o Antartico, porque he onde o eixo dos ceos se sustenta, & não se move como as outras estrellas. As terras alem do cabo de boa esperança não sam ainda descobertas, & por isso diz que se nam sabem.

St. 15. *Apollo*, quer dizer sol: passa duas vezes por estas regiões, q̄ estão entre o Equinocial. O Tropico do Cancro té dous verões & dous inuernos. *Visas* sam as duas guardas do Norte.

Stan. 24. *O planeta q̄ no Coo primeiro*, he a lãa. Escreue cinco lãas novas, que quer dizer cinco meses, como costumão os poetas cõtar o tẽpo.

Stan. 25. *Astrolabio* he hum instrumento de metal, com que se toma o sol.

Stã 27. *Semicapro peixe*, he hũ dos doze signos celestes, meo peixe meo cabra, chega tè a linha tẽperada. A que chama circulo gelado, he esta  
linha

## Anotações.

linha, entre as quaes duas linhas conuê a saber a frígida & tēperada, da banda do Sul esta o cabo de boa esperança, que elles hão demãdar.

Stan. 28. *Polifemo*, foi hū gigãte dos Sicoles, q̄ tinha hū so olho na testa. *A pella rica*, he o brocado, que se faz na região de Colchios.

Stan. 37. 38. 39. 40. nestas quatro stancias cõta artificialmente o descubrimento do cabo de boa esperança, fingindo apparecerlhe na forma que aqui pinta.

Stan. 40. *Colosso* foi hūa estatua mui grandissima de metal, q̄ estaua em Rodas, contada por hūa das sete marauilhas do mundo.

Stan. 45. Falla de dō Francisco Dalmeida primeiro Visorei q̄ destruyo a armada do Camo rim, & a dos Turcos: & vindo triumphante para o Reino, o matarão os Cafres no Cabo de boa esperança, saindo a fazer agoada.

Stac. 46. Manoel de Sousa, q̄ vindo no galeão S. Ioão cõ sua molher & filhos, se perdeu nesta paragem, cuja historia se sabe.

St. 50. *Promontorio* o cabo de boa esperãça, onde sempre ha tormentas. *Ptolomeo Igitio Pannonio Mela, Strabo, & Plinio*, grandes Astrologos & Mathematicos escreverão historyas, & inquirirão todas as partes do mūdo, & nūca alcançarão noticia deste cabo de boa esperança.

## Anotações.

Stan. 51. *Egeo*, nome de hum Gigante. *Briareo*, outro Gigante irmão deste *Egeo*. Tinha cem mãos porque centimano quer dizer cousa que tem cem mãos. *O que vibra os rayos de Vulcano*, entendese por *Iupiter*.

Stan. 52. *A esposa de Peleo*, entendese por *Thethis* Rainha do mar.

Stan. 60. Escreue o nome dos quatro cavallos do Sol, que sam, *Pblegon*, *Pirois*, *Eous* *Etbou*.

Stan. 62. *Tytiro*, he hum pastor que introduze *Virgilio* nas suas ecglogas. *Camenas*, tomase por musica amena ou deleitosa.

Stan. 67. Declara o dia de Natal em que Christo nosso senhor naceo, em que tomarão este porto, donde se chamou a terra do Natal.

Stan. 74. Nesta stancia declara como acharão aqui alguns sinaes da India, por onde lhe chamarão Rio dos bõs sinaes.

Stan. 79. *Ramnusia*, he Deosa das vinganças, húa das tres furias infernaes.

Stan. 86. *O que bebo da agoa Aonia*, entendese por *Homero* poeta Grego. *Aonia*, região de *Tracia*, chamada assi de *Aonia* Rei filho de *Neptuno*, onde està o môte *Parnaso* que tem em si húa fonte que tambem se chama *Aonia*. *Rodes* *Smirna* *Colofonia*, *Athenas*, *Yes*, *Argos*, *Salamina*, sam cidades de *Grecia*, cujos moradores ti-

## Anotações.

ueram entre si grande cõtenda despois da morte de Homero, pretendẽdo cada cidade destas auelo por seu natural. *Essoutro que esclarece toda Ausonia*, he Virgilio Príncipe dos poetas, q̄ foy natural de Mantua em Italia. Ausonia tomase por Italia. *Mincio*, he hum rio em Veneza. *Tybre* he outro rio em Italia.

Stan.87. *Magas* quer dizer feiticeiras. *Circes* foi hũa feiticeira, que mudou os companheiros de Vlyxes em porcos. *Polyfemo* era hum mostro ferocissimo, de que ja falamos. *Sirenas*, erãõ hũas nimphas do mar de Sicilia, que encantauam com a sua musica. *Cicones*, os habitadores da Ilha Ismaria, que Vlyxes venceo. *Loto*, he hũa aruore que tinha hum fructo que quem o comia não se acordaua mais tornar a sua patria. *O piloto*, entendese por Palinuro piloto de Eneas, que cahio hũa noite no mar.

Stan.88. Os ventos que Vlyxes trazia fechados em odres, que lhe dera Eolo Rei dos ventos. *Calipsos*, ja dissemos que eram as Harpias, filhas da terra & de Neptuno, hũas aues muito feroces.

Stan.90. *Delio*, entendese o Sol, irmão de Lápecia. *Phaetom* filho do Sol, irmão de Lampecia, & doutras duas moças, que se conuerterão em aruores.

## Anotações.

Stan. 92. *Alexandro* chegando à sepultura de *Achilles*, sabendo quem nella estava disse, que nam tinha tanta enueja ao esforço de *Achilles*, como a dita que teue em alcáçar *Homero* por escriptor de seus feitos.

Stan. 94. *Marco Antonio* era amigo de cópor veiros, & ouuilos: auia hũa molher em Roma chamada *Glafira* grãde musica & poeta, & muitas vezes *Marco Antonio* por ouuila deixaua a conuersaçam de *Fluua* sua molher.

Stan. 97. *Pio Aeneas*, chamalhe piadoso, porq̃ quando ardeo a cidade de *Troya*, tirou a seu pae do fogo às costas.

## Anotações do Canto seixto.

**S**TAN. 1. *Donde Hercules, &c.* O Estreito de *Gibraltar*, q̃ dizẽ auer rôpido *Hercules*.

Stan. 2. *Lagcia* por *Cleopatra*.

Stan. 6. *Tyoneo*, chama a *Bacho*.

Stan. 10. Escreue os quatro elementos pintados à porta de *Neptuno*, como *Ouid.* no principio do 2. lib. *Met.*

Stan. 11. O fogo elemental, temse sem materia algũa, & he innisiuel. Diz que nada està vazio, porque aomenos està cheo de ar. A fabula de *Prometeo* ja a temos dito atras, no canto 4.

Stan. 103.

Stan.

## Anotações.

Stan 13. A fabula do gigante Tyfeo & do monte Etna ja fica contada atras. can 1. stan. 42.

Sobre quem seria celebrado em Atenhas ouue differença entre Pallas & Neptuno: determinou se que aquelle que desse algũa cousa mais proueitosa, esse aceitarão. Deu Pallas hũa oliueira, Neptuno hũa cauallo, & porq̃ a oliueira he dedicada às letras, & o cauallo à guerra, aceitará a oliueira, & ficou recebida Pallas, & mais onrada em Athenas, q̃ he o mesmo q̃ Miuerua.

Stan. 19. *Dardania*, Troya se chamou así anti guamête, q̃ foi destruida polos Gregos, de Dardado Rei, filho de Iupiter & de Electra.

Stan. 20. *Proteo* filho do Oceano.

Stan. 21. *A linda esposa*, he Thetis filha de Ce-lo & de Vesta molher de Neptuno.

Stan. 22. *Amphitriti*, Nimpha de Neptuno, a qual mandandolhe Neptuno muitos mēfageiros a requerella, ella de nenhum se venceo, senão do Delphim, pollo qual fingem os poetas que o subio ao ceo.

Stan. 23. *A gigante Atamante*, veo cõtra Pano-pea nimpha, de qué ella tinha ciumes pera a matar. Panopea fugindo cõ seu filho Miliferta ate chegar às praias, se lançou no mar, & quis antes morrer nelle q̃ às mãos da gigãta. E Thetis cõ paixão della a conuerteo em nimpha marinha.

## Anotações.

Stan. 24. *E aquella que num tempo &c.* Glauco era amado de Circes filha do Sol, a qual de ciúmes de Scila que elle amava, fez taes encantamentos, que o conuertes em peixe. Fingem os poetas que de peixe foi despois conuertido em hum dos Deoses do mar.

Stan. 25. *Thebano*, por Bacho nacido em Thebas. *A rica maça que no mar nace* he o ambre.

Stan. 30. *De hum vassallo meu*, diz por Luso, donde decendem os Lusitanos.

Stan. 31. *Mynias* he Iafon neto de Climene, & de Minia, foy capitam dos que foram a conquistar a Colehos o vellocino douro na nao de Argos, que forão os primeiros que nauegarão no mar.

Stan. 43. *Erines*, fingem os poetas ser Deosa da discordia, filha da noite, & de Erebo.

Stan. 52. Nesta estancia diz que se embarcaram na cidade do Porto, donde tomou origem o nome de Portugal.

Stan. 60. *Do Tejo ao Batro*, de Ponente a Oriente polos dous rios tam famosos, o nosso Tejo, & o Batro no Oriente.

Stan. 63. *O animal de Hele*, He o vellocino douro, & pera dizer que se vestio de ouro. Vsa o poeta desta metafora.

Stan. 68 *Tito Manlio*, venceo em desafio húa

hum

## Anotações.

hum famoso Frances, & lhe tirou hum colar d'ouro, que em Latim se chama *Torquis*, d'onde lhe ficou o apelido de *Torquato*: o mesmo fez Maximo Valerio tendo hum coruo sobre seu capacete, que lhe ajudava, & delle se chamou *Coruino*.

Stan. 77. *Aleyone* filha de *Eolo*, & *Egiala* vendo seu marido *Ceyx* morto no mar, se lançou nelle, onde foy conuertida com seu marido em aues do mar, que sam as *gayuotas*.

Stan. 79. *O gran ferreiro*, por *Vulcano*. *O enzeado*, por *Anchises*. *Tonante*, por *Iupiter*, de q' tudo fica dito atras. *Os dous que as gentes em pedras conuerterão* foram *Pyrrha* & *Deucaliom* marido & molher, que fingem os poetas que ficarão sos despois do deluuiio, & tomarão as pedras, & deitandoas pera tras, as que deitaua *Pyrrha* se conuertião em mulheres, & as que deitaua *Deucaliom* se tornauão homens.

Stan. 82. *Agoas Erytreas* & *Sirtes arenosas*, ja fica dito atras. *O pouoador do alagado mundo*, foi *Noe* com seus filhos & molher, na arca do diluuiio.

Stan. 83. *Scila* & *Caribdis* & *Sirtes*, baixos perigosos, que ja ficam nomeados atras. Canto 2. Stan. 35.

Stan. 86. *Oriente*, fingem os poetas que sen-

## Anotações.

do hospedados Iupiter, Mercurio, & Neptunel  
del Rei Briseo, & trazendo Mercurio hum cou  
ro de boi que ourinarão nelle, de q̄ naceo hum  
filho que chamarão Orion, o qual querêdo des  
pois violar a Diana, foi della morto, & Iupiter  
o sobio ao ceo, & por ser mal afortunado em  
seus amores, anda sempre fugindo o rosto a  
Venus.

Stan. 91. *Galatea* nimpha do mar, namorada  
do vento Noto.

Stan. 96. *Animais de Moscouia Zebelinos*, sam  
as martas.

## Anotações do canto septimo.

Stan. 4. 5. 6. fala contra os Luteranos, & ou  
tras erroneas com que viuem os infieis que se  
levantam contra a Christandade.

Stan. 7. *Cinifro*, rio de Africa. *Nylo*, rio de Egi  
pto, tão conhecido por suas sete bocas.

Stan. 9. *Cadmo*, depois que matou a serpente  
q̄ na fonte lhe matara seus cõpanheiros, semeã  
do os dentes della, nacerão homêes armados, os  
quaes logo entre si travando guerra, se matará  
hũs aos outros.

Stan. 10. *Alecto*, hũa das tres fúrias infernaes.

Stan. 11. *Pactolo*, rio de Lydia. *Hermo*, rio na  
frigia Lydia, celebrados pollo ouro q̄ nelles se  
tira.

## Anotações.

tira *Lydia* & *Assyria*, regiões de Asia mayor.

Stan. 17. Entre os dous rios Indo & Ganges, está a a India: & *Modio* he hum môte junto da India. Escreue a varia gente que ha na India, conuem a saber, os Mouros que adorão a Mafoma, & Gentios que adorão Idolos, & outros animaes.

Stan. 20. *Delis*, sam aquelles que agora chama mos Mogores. *Patanes*, sam os Bengalas, casta dos mais fidalgos. *Decanes*, sam pouos de Bizzapor, fogeitos & vassallos do Hidalção. *Orias*, pouos do Pipilpatão, cidade porto de mar.

Stan. 21. *Cãbaya*, reino cujos pouos principaes sam os Mogores *Canaras*, pouos de Bissnagar.

Stan. 29. *Rodope* môte de Tracia onde Orfeo marido de Euridice tangêdo fazia mouer os arvores & penedos, juntado em roda a ouuilo.

Stan. 37. *Poleas* he nação tão baixa, q̃ se algum Naire andando pola rua acerta de tocar nelles se vay logo a lauar antes que entre em casa.

Stan. 45. Diz na torre de Babel porq̃ na torre de Babylonia se espalharão as lingoas.

Stan. 47. *Chimera* era hũ monstro que tinha cabeça de Dragão, da qual cabeça faya muito fogo.

Stan. 48. Indo Bacho por Africa cõ falta de agoa, lhe appareceo hũ carneiro, q̃ lhe mostrou

hũa

## Anotações.

húa fonte, & Bacho entendendo ser Iupiter a-  
quelle carneiro, lhe fez hum templo ali chama-  
do Amon polla area.

*Deus roſtos tinha vnidos*, era Iano, cujo templo  
estaua em Roma, q̄ se abria em tempo de guer-  
ra, & se fechaua em tempo de paz. *Briareo*, Gi-  
gante de cem mãos & cem braços, como ja fi-  
ca dito atras. canto. 5. ſtan. 51.

*Anubis* quer dizer cam, em cuja figura adora-  
uão a Mercurio na cidade de Memphis em  
Egypto.

Stan. 51. *Dedalea*, he por Dedalo grande Ar-  
chitector, que laurou o labyrintho de Creta.

Stan. 52. Bacho filho de Simele conquistou  
grande parte da India.

Stan. 53. *Tam bella como incontinente*, diz por  
Semiramis Rainha dos Afsyrios, que conqui-  
stou grande parte da India. Era tão deshonesto  
que ninguem lhe parecia bem no seu campo,  
com quem nam durmisse, & logo o mataſſe,  
& tendo ajuntamento com seu filho, & temen-  
do o filho que o mataſſe como fazia aos mais  
a matou elle a ella.

Stan. 54. Alexandro Emperador famoso, ja-  
stauaſe ser filho de Olympia & de Iupiter, &  
nam de Philippo.

Stan. 58. A folha da crua ardente he o Brete,  
que

## Anotações.

que he boa pera confortar o estamago. E traz se na boea chupando o çumo.

Stan.60. Diz o Gamma que he mádado de hum Reí que reína em húa terra, na qual quando he de noite, na do Comori he de dia, a que chamáo Antipodas.

Stan.61. *Gelanda*, ilha dos estados de Frádes, linha Torrida, onde sam os dias iguaes no inuerno & veram.

Stan.67. *O mancebo Delio*, o sol, porque naceo na ilha chamada Delos.

Stan.71. Hannibal andou por Italia catorze annos destruindoa, sem nũa os Romanos lhe poderem fazer agrauo algum: samente Marco Marcello o pos em tão grande aperto, que temendose Hannibal morrer a suas mãos, quis antestomar peçonha com que acabou que vir a suas mãos.

Stan.75. *Os Philosophos Epicureos* que tinham toda a bemauenturança no deleite de comer & beber. Noe foi o primeiro que inuentou vinho de uvas.

Stan.79. *Canace* filha de Eolo, namorada de ser irmão Macareo, escreuendolhe húa carta, tinha na mão esquerda húa espada, & na direita húa pena, pera em acabando de escreuer com a pena matarse com a espada.

## Anotações.

Stan. 85. *Proteo*, como atrás fica dito, se mudava em varias formas.

### Anotações do oitavo canto.

STAN. 4. *Vlyxes*, vindo perdido de Troia se meteo polo Tejo, & edificou Lisboa, q̄ dedicou a Pallas.

Stan. 6. *Variato*, foi capitão de Portuguezes, desbaratou muitos exercitos dos Romanos, mas por derradeiro por engano dos seus proprios foi morto. *Pyro*, Rei dos Epirotas indo contra os Romanos, querêdo os seus proprios entregalo por treição, não cõsentirão os Romanos q̄ morresse à treição tão esforçado capitão.

Stan. 8. Este q̄ se levantou cõtra a patria, foi Sertorio, o qual como fica dito atrás, tinha húa cerua tão domestica, que lhe vinha muitas vezes falar a orelha, com a qual industria veo a adquirir muitos pouos.

Stan. 9. Dom Enríque veo de Lotharingia, cidade de Alemanha.

Stan. 15 O *Consul* foi Posthumo Romano, q̄ foi vencido dos Samnitas com todo seu exercito na cidade de Caude, & dos q̄ se renderão nam quiserão os Samnitas tomar mayor vingança, que sem armas nem roupas nus os fizeram

## Annotações

ram passar por baixo de hūas forças, donde se chamarão forças Candinas, & desta maneira os mandarão viuos pera Roma.

Stan. 18. *O ajuntamento estrangeiro*, diz polos Ingreses, que ajudarão a el Rei dom Afonso Enriquez a tomar Lisboa. *Anrique famoso caualeiro*, foi hū caualeiro Ingres, que morreu naquelle cerco, & foi enterrado na igreja de sam Vicēte de fora, onde despois se vio nacer hūa palma na sua coua.

Stan. 21. *Aquelle que dece polla lança*, foy hum Portugues, que andaua leuantado fora da graça del Rei, & foi à cidade de Euora sendo de Mouros, & por manha matou em hūa torre ao Rei Mouro, & a hūa sua filha, & se deceo à cidade com as cabeças, dando sinal aos de fora, por onde foi tomada aos Mouros.

Stan. 25. Estaua a mayor parte dos Algarues conquistada aos Mouros, & estando Tauilla pollos Mouros, com quem os Portugueses tinham tregoa, sayrão hum dia sete Portugueses a caçar ao campo, & armando he os Mouros hūa cilada, os matarão. Sabendo isto os mais que estauão de paz, em vingança deste feito entrarão polla cidade, matando & destruindo, & desta maneira foi tomada a cidade de Tauilla aos Mouros.

## Anotações.

Stan. 26. *Mas não passes os tres &c.* Estes tres sam dos doze Portugueses que tiuerão a batalha em Inglaterra pollas damas, como ja fica dito atras. Canto. 1. Stan. 12.

Stan. 27. *O rio Letes* a quem bebia de suas agoas fazia esquecimento do passado, & por isso diz que nam temera a lei Letea.

Stan. 31. Pompilio Manlio estava sacrificado & vierão lhe nouas que estauão os inimigos senhores do cápo. Elle respondeo, se está o inimigo vencedor, eu estou sacrificando. E depois foi & os desbaratou.

Stan. 32. *O globo de Ceres & Neptuno*, entende-se o mar & a terra. Ceres era Deosa das sementeiras, por onde se toma polla terra. Neptuno tomase pollo mar.

Stan. 44. Nesta stancia diz q se punha o sol. *Antipodas*, sam os que ficam no Emispherio q está debaixo de nos.

Stan. 45. *Aurispices*, sam os agoureiros, que adeuinbão pello voo das aues.

Stan. 64. *Acidalia* he Venus. de húa fonte q está em Boecia. que foi dedicada a Venus.

Stan. 67. *O carneiro*, he hum dos signos, o primeiro do Zodiaco.

Stan. 71. *De Argos, da Hydra, a luz da Lebre, & da Ara*, quer dizer, que descubrirão a parte Meri-

## Anotações

Meridional adiante da torrida Zona.

Stan. 72. *As sete flamas*, entende-se o Setentrão, que he o nosso norte, ao artico.

Stan. 97. *Polidoro filho de Priamo, Rei de Troia* foi morto por Treycio. *Acrisio*, foi filho de Abãte Rei dos Argiuos, & pai de Danae. *Trapeia*, filha de hũ alcaide Romano, aqual entregou aos Sabinos as chaues da torre per hũs barceletes douro, & empago daquella treição os mesmos Sabinos a matarão.

## Anotações do Canto. 9.

**S**TAN. 2. *Seio Eritreo*, he o mar roxo, Chama do Eritreo del Rei Eritreo, filho de Andromada, esta entre o mar da India, & de Tio-  
pia, & no fim que he á parte do ponente a cidade de Sues. *Arfinoe*, foi filha de Ptholomeo, foi casada com Lisimacho Rei de Macedonia, de cujo nome Ptholomeo Filadelpho irmão de Arfinoe edificou hũa cidade na região Sirenaica na qual cidade, dis que foi ella mudada: porque no principio se chamou esta cidade Arfinoe, & despois Sues, *Meca*, he das principais cidades que esta dentro na boca do mar roxo.

Stan. 18. *A bella Cypria*, por Venus chamada

## Anotações.

Assim da ilha de Cipro onde hera celebrada, *Genio*, dizião os Gentios que em nascendo o homem, nacia logo com elle dois Genios, bom & mau: ha que interpretão virtude & vicio.

Stancia. 19. Somente se entende por *Baccho*, que foi nacido na Cidade de Thebas. *Amphionea*, por *Amphião* que ha cercou, trazendo as pedras a harmonia de sua suauíssima musica.

Stancia. 22. *As portas Herculanias*, diz pelo estreito de Gibaltar.

STANCIA. 23. *Eneas*, foy filho de *Anchises*, & de *Venus*: vindo perdido de *Troya* achegou a *Carthago*, onde foi recebido da rainha *Dido*, & mercou aos *Cartaginezes* terra pera edificar hũa cidade de espaço de hũ couro de Boi feito em tiras se pude se cercar. *Virgilio*, libro primeiro nas *Eneidas*.

STANCIA. 24. *As aues*, os *Cisnes*, que celebrão a sua morte cantando, & assim como *Iuno* tem no seu carro *Pauois*, assim *Venus* tem no seu carro *Cisnes*. *Peristera*, hera hũa donzela que ajudou apanhar boninas a *Venus* a profia com seu filho *Copido*, pelo qual, *Copido* a conuerteo em pomba, & *Venus* a tomou em sua companhia.

STANCIA. 25. *Idalos montes*, he b...  
ba...

## Anotação.

bosque em Chipre dedicado a Venus, pelo qual se chamou Veuus Idalia.

STANCIA. 26. *Anteon*, andando a caça foi ter a hum bosque muito secreto, onde se estava vanhando em hũa fonte Diana, a qual vendo se núa, & que hera vista de Anteon, por que não fosse publicar o que tinha visto, o conuerteo em cão.

Stan. 27. *Filancia*, he amor próprio.

Stan. 34. *Bibli*, foi hũa donzella que namorou seu irmão *Canno*, pelo qual se matou, *Mira*, foi filha de Cinaras Rei de Egipto, requereo a seu pai de amores, do qual naceo Adonis, & de *Cinaras*, se chamou Cirínea. O mácebo de Alsiria foi, *Nino*. que conheceo sua mái Semiramis & logo a matou. O moço de Iudea, foi *Amon* que amando a sua irmáa *Tamar*, & aborreceo.

Stancia. 35. *Vulcanias redes*, são nas que tomou Vulcano a Venus sua molher com Marte.

Stanc. 37. *Tifeas*, pelo gigante *Tifeo*, que tambem foi namorado.

STANCIA. 43. *Cigno*, foi hum mancebo amigo de Phaethon, & chorando sua morte, foi conuertido em Cisne, que são aquellas aues que leua Venus tirando no seu carro.

## Anotações.

Stan. 44. Entendesse pella fama, fingirá os Poetas que era Giganta, porque assi como o Gigante he inuefual, assi a fama dura perpetuamente, & por isso a pintarão com muitos olhos, & bocas & com alas nos pes.

Stan. 48. Galantemente escreue o Camões, este tiro com força, chama Lua ao arco porque he de feição de Lua.

Stan. 51. Amai fermosa, pella menhaã, que he a aurora de que m naceo Menonio, como ja fica dito canto. 2. st anc. 82.

Stanc. 53. Delos, he a ilha na qual Latona pario de hũ parto a Phebo & a Diana, na qual ilha antes que nella Latona parisse hera mouibel, mas depois ficou firme, por Cyterea Venus, como ja fica dito.

Stanc. 54. Pinta a qui a Ilha de Santa Elera, & a fermosura de suas arucres, que tão conhecida he de todas. A sonora Limpha fugitiua, dispolla agua que a rega com muita suauidade.

Stan. 57. Aremos, são de Alcides, porque são os alamos dedicados a Ercoles que he Alcides, O Louro, he dedicado a Apollo, porque Dafne a quem Apollo amou se conuerteo em Louro, Mirtos, são dedicados a Venus Cyterea, Atis, sendo amado de Cibele nimpha, não querendo elle amala, porque andaua namorado de outra.

## Anotações.

nimpha que Cibele mudou em pinheiro, *Cypariso*, he nome de hum moço, filho de Telepho, que foi conuertido em Cipreste: crece direito ao ceo em redondo.

Stan. 58. *Pomona*, a quem erão dedicadas as frúitas, As amoras fingem os poetas que erão brancas, & com a morte de Piramo & Tisbe, que foi ao pe de húa amoreira se tornarão de cor de sangue, *Opomo*, pello pecego que veo de Persia deitado ca por peçonha, & com as influencias do sol se fizerão bõs.

Stan. 60. *Achemenia*, he húa região da Persia, chamada assi de Achimenes primeiro Rei dos Persas, O filho do neto de Ciniras, he Adonis, o qual foí morto no câpo de hũ porco mõtes, & Venus por ser namorada delle sintio sua morte, *Paphia*, tomase por Venus.

Stan. 62. *Hiasinto*, foi hũ mancebo, sobre o qual teue o vento Zefiro contenda com Apollo, fingem os poetas, que andando Apollo com Hiasinto jugando à barra ventou muito riço o vento Zefiro, & tornando atras a barra deu cõ ella na cabeça do moço & matou, & caindo deu hũ ay ao qual acodindo Apollo, & vèdo morto o mudou em flor, aquãl té duas letras gregas. A. y, que he o ay que deo, *Cloris*, foí húa nimpha casada com o vento Zefiro, & porque

## Anotações.

Zefiro cri a as flores lhe pediu ella em dote, q̄  
tiuesse poder sobre as flores: & quer dizer o Ca  
mões q̄ a profia estaua *Cloris* Rainha das flo  
res com *Pomona* Rainha das fruias a quem  
auia de produzir mais.

Sta. 63. *Philomela*, foi forçada por *Tereo*, &  
cortoulhe a lingua, & foi mudada em *Rusinol*,  
como fingē os poetas, *Anteam*, feito *Ceruo* por  
que vio a *Diana* nua.

Stan. 66. *Ericina*, por *Venus*, pola mata, *Eri  
cina*, onde hera celebrada como ja temos dito,  
cant. 2. stan. 18.

Stan. 71. A que não era casta como *Diana*.

Stan. 86. *Quirino*, se chamou *Romulo*, funda  
dor de *Roma*, os dous *Tebanos*, por *Hercules*,  
& *Bacho* nacidos em *Tebas*, dos mais ja fica di  
to em muitas partes.

## Anotações do. X. canto.

STAN. 1. Fingē os poetas, que quando o *Sol*  
se poē se vai a meter nos braços de *Tetis*, a  
qual chama o poeta *Larisea*, por q̄ pario *Achiles*,  
em *Larisa* & por esta rezá chama *Virgil.* a *Achi  
les Larileo*, os animais, chama aos caualos de  
*Febo*, O grão lago, entende o mar *Occano* nas  
par

## Anotações.

partes de Nouaespanha, onde está a Prouíncia de *Timistão*, Os tanques naturais, toma pellas aguas que naturalmente nace[m] sem serem fabricadas por industria dos homens.

St. 4. *Falerno*, he hũ môte em cápania em Italia dõde se da muí bõ vinho, por esta rezão se toma pello vinho, *Ambrosia*, tinhão os gentios por mantimento do seus idolos.

STANCIA. 8. *Coturno*, he hum calçado que vsauam quem auia de representar tragedias, tomase aqui por materia graue, *Soco*, he hũa maneira tambem de calçado que se vsaua em comedias, tomase por estylo baixo, *Topas*, musico excelente, cantou no banquete que em Carthago Dido deu a Encas, *Demondoco*, outro excelente musico, que cantou no banquete que Alciuo Rei dos Pheaces deu a Ulixes.

STANC. II. *Pello Rei de Cochim*, o qual se vio casi todo destruydo por defender os portugueses que lhe mando pedir o Camorim.

Stancia. 14. *Bipur*, & *Tanor*, fortalezas da costa do Malauar, a baixo de Calecut, quarenta leguas de Cochim.

Stan. 17. *Diz isto*, porque conhecêdo Duarte Facheo o Camorim, lhe tirou hum tiro

## Anotações.

& lhe matou hũ negro que lhe estaua dando a folha do betre que elle comia, & com o sangue o tingiu.

Stan. 18. *Fes o Camorim*, hũs castellos de madeira que vinhão por mar contra o Pacheco.

Stan. 21. *Campos Maratonios*, são os campos de Maraton, campo de Atica cidade que esta tres leguas de Atenas, muito nomeados pella honra que nelles ganhou Melciades, quãdo desbaratou cem milhomés do exercito de Dario Rei dos Persas *Leonidas Espertano*, com quatro mil soldados defendeo o passo no monte Trímopilas a Xerxes, que trazia hũ milhão de homés, & tres mil velas, *O mancebo Cocles*, he Horacio Cocles q̄ vndo Porcena Rei dos Etruscos a meter a Traquino na posse do seu Reino elle fò lhe defendeo a entrada de hũa pôte ate que os Romanos por detras a quebrarão. *Quinto Fabio Ditador*, com industria desfez as forças de Anibal.

Stan. 22. *Fase comparação*, dos desagra decimentos de Duarte Pacheco & o pouco galardão q̄ lhe derão com, *o Capitão Belisario*, o qual foi hũ famoso capitão do Emperador Iustiniano de Constantinopla o qual vêceo aos Persas & aos Africanos estando reuelados, & outras espantosas vitorias, que na sua historia se contão, o

## Anotações.

qual sendo emuejado, lhe mandou o Emperador tirar os olhos, & pedia esmola de porta em porta (com estas palauras) dai esmola aquê fez illustre a virtude: & cegouo a inueja.

Stan. 24. *Aiace*, (segundo conta Ouidio lib. 13. dos *Metamorphosios*) contendeo com *Vlixes* sobre as armas de *Achiles*: *Vlixes* como sagaz & prudente, & de muitas rezões, & com ellas roubou a rezão & dereito que *Aiace* tinha nas ditas armas.

Stan. 29. *Marco Sceur*, foi hũ Romano aquê *Cesar* lhe tinha encomendado hũ Castello em França, o qual estando cercado dos inimigos, & tendo ja perdido hũ olho, & o escudo quebrado, & pello corpo cento & vinte feridas nunca se quis render, & assi gardou o Castello.

Stan 32. 33. 34. *dis os feitos* que dom Francisco de Almeida fes na india, & vindo pera o Reino saio na terra do Natal, que he junto do cabo de Boaesperança, & sobre tomar agoa, foi ali morto pelloos cafres.

Stan 42. *Diz isto*, porque foi tomada Goa a segunda vez em dia de saucta Caterina, em cuja memoria todos os dias se guarda, & se faz hũa p. o. Não muito grande.

Stan. 43. *Crises*, são hũas armas de que vsam os Iaos como adagas, são eruadas, os quaes vierã

## Anotações.

com grande' armada a restituyr Malaqua contra os portuguezes , & foram desbaratados.

Stancia. 44.45. 46. *Trata de como*, Afonso de Albuquerque mando enforcar a hum Rodrigo Diaz, por tratar amores com hũa escrava que elle tinha com outras pera casar com portuguezes , pera pouoar a cidade de Goa; cousa que foi tida de todos por muy grande crueldade.

Stan. 47. *Apelles*, foi hum famoso pintor o qual pintando por mandado de Alexandro Magno a Campaspe hũa dama aquem o dito Alexandro queria bem , o Apelles vendo sua figura ficou tam rendido, que Alexandro vstando de sua graudeza lhadeo por mulher, *Panthea*, foy mulher de *Abradotee*, almocreue de Susion, foi castissima tinhaa en seus paços *Ciro*, dada em guarda de hum seu vasallo chamado *Axaspas*.

STANCIA. 48. *Baldouino*, sendo vasallo de Carlos Conde de Frandes, & tendo hũa filha vnica, passando por hũa rua onde a Princesa hia, foi tan aceso em seu amor que arremeteu a ella, & lhe deu hum beijo na face, vendo seus caualeiros tamanho atreuimen-

## Anotações.

to o quizeram logo ali matar, mas leuando  
diante de seu pay della ele lhes dixe se nos ma-  
tamos a quem nos quer bem que faremos a  
quem nos quiser mal, & o casou com sua fi-  
lha, & lhe deu em dote todos seus esta-  
dos.

STANCIA. 49. *Lopo Soares*, cheganço a  
India com sua frota de treze naos, o anno de  
mil & quinhentos & quatro, queimou a Ci-  
dade de Cangranor, que era de Calicut pera  
fuir ao encontro a armada que o Soldam man-  
daua, & baixô a Zocotora & a Aden, & destru-  
yo a Zeylan.

STANCIA. 50. A ilha de *Trapobana*,  
tambem lhe chamam *Samatra*, tem sete Rey-  
nos a principal Cidade, se chama *Colum-  
ba*.

STANCIA. 51. *Diego Lopez de Sequei-  
ra*, governador da India este leuou a *Ma-  
theos Embayxador* do Preste Ioam a Ilha  
*Maçua*, & descobrio o Imperio dos *Abefis*  
que dizem hauer fundado a Rainha *Saba*  
*Acandace* ama do *Enuco*, que ensinou a  
*Sam Phelippe*, & lhe declarou a profezia de  
*Isaias*.

Stancia. 52. *Dom Duarte de Meneses*, filho  
maior

## Anotações.

maior de dom João de Menezes conde de Tarroca, capitão de Tanager, *dom Vasco da Gama*, quando tornou a India segunda vez, feito Coude Daudigueira, & Almirante do mar.

Stan. 53. *Por morte de dom Vasco da Gama*, succedeu dom Anrique de Menezes, monteiro maior del Rei dom João terceiro, irmão de dom Duarte que aua sido Viforey.

Stan. 54. *Panane*, cidade del Rei de Calcut, queimo, & saqueou & tomou cincoenta & tantas vellas que estauão no porto, & o mesmo fez em Coulete, onde tomou hú mouro cofeiro, o qual daua por seu resgate trinta mil cruzados, & elle não os quis afeitar: mas antes o enforcou.

Stan. 55. *dom Pedro Mascarenhas*, que não governou mais que seis meses.

Stan. 56. *O Reino de Bitam*, he terra firme de Malaca, os abrolhos são de pontas triunculadas de ferro, metense no chão cubertos nos pasos estreitos pera q os inimigos se metão por elles.

Stan. 59. *Gazarates*, são pouos de Cambaia, homens muito ricos, & de grande trato na India, *Entende Eitor*, que saindo sò fazia fugir todos os Gregos: por Eitor da Silueyra.

Stan. 60. *Chale*, fortaleza do Malauar. *Bacaim*, Cidade do norte doze legoas de Chaul, *Meli-*

## Anotações.

que Rei das terras que confinão cõ Chaul.

Stan. 61. *Esteuãe da Gama*, filho do Almirante dom Vasco da Gama.

Stan. 65. *Baticala*, fortaleza do Malauar.

Stan. 66. *Socedeo a dom Martinho*, dom João de Crasto que defendeo Dio, daquelle cerco tã nomeado.

Stan. 67. *Rames* por serem valentes, são chamados Romanos dos Indios, & são grãdes homens de bigodes retorcidos.

Stan. 70. *dom João de Crasto*, sabendo a morte dos filhos, foi em pessoa a socorrer a Dio.

Stan. 71. *O Hidalcam*, Rei das terras, que confinão com Goa *Ponda*, cidade do Hidalcam.

Stan. 76. *Quer dizer*, q̃ era o *Globo*, todo trausparente, & tão claro que tam facilmente se via o que estaua dentro como de fora.

Stan. 80. *Pello Ceo Impirio*, onde estão os bemaventurados.

Stan. 81. *Aqui da o Camões a entender*, que quanto falou de fabulas, & chamou Deoses, aos infernaes, não hera porque assí fosse verdade mas pella necessidade do verso.

Stan. 82. *Desse circulo*, entende o Ceo Impirio debaixo do qual estam dez. O Ceo Impirio, não se moue, mas o outro mais abaixo moue se com muita força, & soo a força deste Ceo

## Anotações.

faz mouer todos os outros a baixo, & por isto & chamado primo mobile.

STANCIA. 83. Os ceos, que vão debaixo comparão os philosophos a húa cebola, cuja casca de cima tem as outras debaixo, porque o primo mobile, se moue com mouimento violento, & com sua força faz mouer os outros, *Lento*, quer dizer vagaroso: o ceo estrelado, onde estam as estrellas, o qual se moue muito de vagar.

STANCIA. 84. *Chama Cinto*, ao Zodiaco, porque assim como o cinto cinge o home, assi o circulo do Zodiaco tem os ceos cercados, tem em si os doze signos, pellos quais entra o sol cada mes chamase de ouro, porque assim como o ouro he claro, assim este circulo com os signos esta muito fermoso, *Chama aos signos*, animais porque se pintam em figuras de animais, os quais tem a natureza do sol, *Limitado*, diz porque nam pode pasar o Sol alem do Zodiaco.

STANCIA. 85. Entre as mais estrellas que fazem figuras no Ceo he húa que he a vria mayor chamada *Calisto*, alguns lhe chamão o carro, *Cinasura*, he a vria menor

## Anotações.

*Andromeda* filha de Cifeo & Casiopea sendo dada a hũa Vallea pera ser comida a liurou Prefeo & a ella & a seu pay a subio Iupiter ao Ceo, *Drago*, o que guardou as maçãs douro o leuou a o Ceo Iupiter, *Casiopea*, era tam fermosa que se antepos às Nereydas do mar do qual enojado Neptuno deysou em terra hũa Vallea que lhee destruyse o Reino se lhe nam daua a sua filha *Andromeda*, *Orien*, ja fica dito atras, canto 6. stancia. 86. O *Cisne*, he porque namorado Iupiter de Nemesis, como não a podesse alcançar, fez a Venus que tomasse figura de Aguia & elle a tomou de Cisne, que fugindo da agoa o acolheo Nemesis no seu regaço & dormindo assim com ella ficou prenhê, & por isso fingem os poetas que pos Iupiter o Cisne entre as Estrellas A *Lebre*, & os Cães *Anao*, & a doce *Lyra* vay relatando o nome de estas Estrellas que por este firmamento estão, & estas sam as mais notaueis.

STANCIA. 86. O *firmamento*, se chama o Ceo que esta sobre os dos sete planetas, Saturno he o primeiro planeta dos sete Ceos, despois que ecreueo dos Ceos

## Anotações.

*S. Impirio, Primomobile Crystalino Tacario*, escreve agora dos outros ceos, dos planetas, que são, *Saturno, Iupiter, Venus, Mercurio y Lua*, o claro olho entende o *Sol* com tres rostos, *Diana*, são *Proserpina* no inferno, *Diana*, nos bosques, *Lua*, no ceo.

Stanc. 90. *Vai descorrendo*, o que compreende *Africa, Menomotapa* região da *Cafreia* de muitas minas de ouro que tem em si, *Onde Gonçalo* foi dom Gonçalo, padre da *Companhia de I E S V* que foi pregar a estas partes, onde padecio martyrio. Nesta região de *Menomotapa* esta hū lago donde procede o rio *Nilo*.

Stan. 92 *Cocodrilos*, são hūs lagartos grandes: que engolem hū homem inteiro, & criamse na goa, tem quatro pès: nasce muito pequeno, & crece mal que todos os outros animais: porque do tamanho de hū ovo vem a ser de vinte & dous couodos, nos quatro meses do inverno não comem não tem lingua como os lagartos de agoa doce, *Meroe*, ilha do *Nilo* foi edificada por *Cambises*, & poshe o nome de sua irmã porque tomando todo o *Egipto*, como trouxesse consigo a *Meroe* moreo ella neste lugar onde edificou a cidade, & do nome de sua irmã a chamou: chamase agora *Noba*.

Stan. 93. *dom Christouão da Gama*, filho de

## Anotações.

Vasco da Gama morreo na terra dos Abexis peleijando com os Turcos.

Stancia. 94. *O cabo de Gardafu*, que esta na entrada do mar roxo, da pronincia do Egipto, daqui partem as frotas do Turco, cuja prouincia he agora, & nauegão todo o mar roxo &, saem a o mar Indico, assi pera a guerra como pera o trato.

Stancia. 96. *Este monte*, he na prouincia de Arabia no principio, & nella jaz o corpo da gloriosa sancta Catherina, *Toro, Gida*, aqui começa o poeta a dar volta pola outra costa do mar roxo, que he costa de Arabia vai descorrendo pelas cidades. *s. Gida, & Toro*, as quales são terras muito faltas de agoa.

Stancia. 98. *No fim desta costa*, de Arabia pol la banda do mar da India esta o cabo de Rosal gate, *Nuno Vas de Castello Bramco*, a primeira vez que Vrmuz foi ganhada fez coufas famosas, por mar & por terra.

Stancia. 99. *A boca do ceo Pereico*. que tem da banda do norte a Persia, & do Sul a Arabia, & a boca ao leuante, & o principio ao ponente. onde entran os dous rios famossos, Tigris, & Eufrates: en esta étrada esta a cidade de Basora:

Stancia. 105. *Toda a bistoria*, de Santome, como a conta aqui Luis de Camõis, & a refere

Eu      Ião

## Anotações

João de Bairros tirada de todas as informações que dom Duarte de Meneses mandou a el Rey.

Stancia. 106. *Meliapor*, chamão ao pauão por fermoso, & por o ser esta cidade lhe chamão assi.

Stancia. 118. A *declaração*, desta outaua contra João de Bairros Capitulo. 4. Liuro. 3. del. 3.

Stancia 120 *Siam*, he Reino diante de Pegu para o Sul, que confina com o Reyno de Malaca.

Stancia. 121. *Samatra*, he a grande ilha, & tem diuersos Reis, & diuersas nações, esta defronte de Malaca, antigamente se chamou Aurea Cherionelo.

Stancia. 122 *Toda esta costa*, temos relatado faz outra vez volta para o nordeste, pello mar que chamão da china, & esta costa desta vanda vai ter ao Reino de Sião: & nelle estam os Reinos, que o Camões nomea: tem de cumprimento, da enseada de Bengala ate o cabo de Singapura quinhentas legoas de largo. 400. no cauo, & 100. no principio.

Stancia. 123. *Vay agora*, prosiguiendo esta costa que endereita para o norte, & vay ter a China nella estam diuersas nações, & a  
mais

*Anotações.*

mais principal são estes Laos, a qual gente he muito polida & guerreira: vestem de ouro & seda trazem o cabello comprido, tomado todo na coroa da cabeça, atado a hum torno de ouro o u prata, o pao segundo a calidade de cada hum.

STANCA. 124 *Ves* passa por Cambaya, em esta costa esta o Reino de Cambaya, que tambem & grande & nobre, & por elle passa o Rio Mecom, do qual se conta, que quando enche cobre os campos do Sertam, de maneira que naos podem nauegar por cima de grandes aruoredas.

STANCA. 125. *Neste verso*, diz o poeta que a este Reino veo ser perdido da viagem que fez à China como os versos o de clarão.

STANCA. 128. Depois que o poeta acabou de fazer demonstraçam das tres partidas do mundo começa a fazer das ilhas mais notaveis: Relatando as cousas mais estranhas que nellas ay, a qual vay contando ate a estancia. 34.

STANCA. 135. *Ate aqui*, fez demonstraço das partes do oriente pelios Portuguezes faz agora descobrimento do mundo nouo

## Anotações.

que esta na parte de Occidente, de *bnm Lusitano* diz por Magalhães de qué tomou nome o estreito que elle descobriu.

Stanc. 136. *Terra que fala*, he do nouo mundo do Peru & noua Espanha.

Stanc. 137. *Neste nouo mundo*, tem Portugal as terras do Brasil, que tem de comprido. 550. legoas, a qual descobriu a segunda frota que partiu pera a india, esta terra começa muito estreita & alargase muito pella terra dentro.

Stanc. 138. *A via mais que meia*, he a linha equinocial, & vay continuando o poeta o caminho que fez o Magalhães, & dis que despois de passada a linha nauegando pera o Sul, pella costa do brasil achou homens de estatura de Gigantes, os quaes abitam no Sertam do Rio de janeiro.

Stanc. 139. *Finge o poeta*, que aqui diz a nimpha ao Gama, & a seus companheiros, que o que lhe foi mostrado ate agora lñe he concedido saber o qual ha de soceder de seu descobrimento, & com isto os despede polo modo que se vee nas seguintes Rimas.



F I M.

Cam  
1163

